

Kleber Maia Marinho

*In The President We Trust: uma análise da concepção religiosa na esfera política dos EUA presente nos discursos de George W. Bush*

São Paulo  
2006

Kleber Maia Marinho

*In The President We Trust: uma análise da concepção religiosa na esfera política dos EUA presente nos discursos de George W. Bush*

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação do Professor Doutor Frank Usarski.

São Paulo  
2006

Kleber Maia Marinho

*In The President We Trust: uma análise da concepção religiosa na esfera política dos EUA presente nos discursos de George W. Bush*

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

*Ao meu avô Marcolino B. Maia, in memoriam, a quem muito devo por conseguir ter chegado até aqui e à Fabiana, uma alma especial que veio trazer amor, dedicação, generosidade e alegria à minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Doutor Frank Usarski pela orientação e confiança a mim depositada.

Aos Professores Doutores Fernando Londoño e Steven Engler pelas primorosas sugestões e indicações apresentadas por ocasião da qualificação, e à humanidade a mim conferida nos momentos finais desta dissertação.

Ao professor Dr. Gilberto Gorgulho e professora Dra. Denise Gimenez Ramos pelo especial compartilhamento do saber durante o período de convivência na PUC.

Aos demais professores e professoras do programa, que, cada qual a sua forma, contribuiu ao trabalho, e à secretária Andréa pela paciente acolhida.

À CAPES pelo apoio financeiro da bolsa parcial de Mestrado e ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pelo auxílio prestado.

A todos os amigos com quem convivi na PUC que prefiro não citar para não incorrer em risco de perder um nome da memória neste momento e assim, cometer uma injustiça.

A todos meus amigos de convivência, mais distante do que próxima, que tanto entendem minha eterna ausência física nos diversos momentos em que deveria estar presente, mas faltei.

A todos que fazem parte de minha família, seja por laços de sangue ou afetividade; pelo amor, paciência e compreensão que tiveram com a escolha do meu caminho.

E, em especial, à minha companheira de jornada, Fabiana, por conseguir fazer com que o encantamento da vida nunca cesse; por sua capacidade de preencher e renovar minha alma, por tolerar tanta ausência física em momentos cuja partilha se fazia mais do que necessária; pelo amor, carinho, acolhimento, compreensão e paciência, muita paciência...

*Todo orador é um parlapatão.*

Rei Henrique V  
Ato V – cena II: Rei Henrique  
William Shakespeare

## RESUMO

Em termos gerais, a presente dissertação localiza-se na confluência da religião com a política. A inserção da religião na esfera política dos EUA fez-se presente desde o início de sua fundação e desde então, ambas permaneceram imbricadas constituindo um complexo sistema de convívio, cuja influência foi determinante nos desígnios da nação. Embora o debate acerca do amálgama entre religião e política nos EUA nunca ter cessado entre os mais diferentes setores de informação e pesquisa na sociedade nacional e internacional, foi, todavia, a partir da posse de George W. Bush e, após os atentados de 11 de setembro, que tal assunto ganhou repercussão mundial como talvez jamais antes na história.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como propósito analisar os fatos histórico-culturais, sociológicos e psicológicos na análise de eventos político-religiosos, mais precisamente, relativos à política internacional representada aqui pelos EUA. Por essa via, o objeto de investigação em questão refere-se à análise da presença da concepção religiosa encontrada nos discursos do presidente George W. Bush durante o período de seus dois mandatos de governo.

Em termos específicos, esta dissertação debruçou-se sobre o estudo de fenômenos arraigados na cultura estadunidense que foram preponderantes na sustentação da política de Bush. Assim, buscou-se avaliar até que ponto o 11 de setembro serviu de ênfase na retórica religiosa do discurso de Bush, servindo de meio instrumentário para legitimar a guerra no Iraque, seu *modus operandi* político e, eventualmente, ajudá-lo na reeleição.

Concluimos que fatores ético-morais e religiosos profundamente incutidos na cultura estadunidense ao longo do processo histórico, aliados ao trauma do 11 de setembro, foram facilitadores para a adesão à política de Bush. Para tanto, valemo-nos, como procedimento teórico, da metodologia hermenêutica, construída em cima de uma linha teórico-bibliográfica ancorada por três frentes: sociológica, filosófico-lingüística e psicológica. A primeira embasa-se no conceito de Religião Civil inicialmente desenvolvida por Robert Bellah e, depois, ampliada por outros teóricos; a segunda pauta-se na teoria da Nova Retórica de Chaïm Perelman e a última, no conceito de Arquétipo de C. G. Jung.

## ABSTRACT

As a whole, the present dissertation lies at the intersection between religion and politics. Religion was embedded in the political scenario of the US at the onset of the nation and, since then, religion and politics have been intertwined into a complex system of coexistence that has strongly influenced the country's destiny. Although the debate regarding the amalgam between religion and politics in the US has been ongoing among the most diverse sectors of information and research, both locally and internationally, it was after the inauguration of George W. Bush and the attacks on 9/11, that such issue gained global repercussion, at a level never before seen in history.

In this regard, the present work intends to analyze the relation of historical-cultural, sociological and psychological facts on the political-religious events, particularly those related to the international political scenario, which is hereby represented by the US. Thus, the subject of this investigation focuses on analyzing the presence of religious concepts as found in the speeches of President George W. Bush, during his two terms in office.

More specifically, this dissertation examines the phenomena that are deeply rooted in the culture of the United States and have played a key role in supporting Bush's political actions. In this way, it evaluates the degree to which the events on 9/11 served as a bulwark for the religious rhetoric in Bush's discourse and became a tool to legitimate the war against Iraq, his political *modus operandi* and, ultimately, lead him to reelection.

It is therefore concluded that, the ethical, moral and religious factors, deeply set in the culture of the United States throughout its history, together with the trauma caused by the events on 9/11, contributed to the acceptance of Bush's political decisions. The theoretical basis for the work is the hermeneutic methodology, built on a theoretical and bibliographic tripartite design that is sociological, philosophical-linguistic as well as psychological. The first line of investigation is based on the concept of Civil Religion, first developed by Robert Bellah and later expanded by other theoreticians; the second one follows Chaïm Perelman's theory of the New Rhetoric, and the third rests on C. G. Jung's Archetype.



## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	i
<b>ABSTRACT</b> .....	ii
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 “É A HISTÓRIA DA AMÉRICA...”</b> .....	14
1.1 O VELHO MUNDO: AS MARCAS DE UM POVO.....	15
<b>1.1.1 Em gestação: Inglaterra</b> .....	16
<b>1.1.2 No parto: rumo à América</b> .....	19
1.2 O NOVO MUNDO: A ORIGEM DE UMA NAÇÃO .....	21
<b>1.2.1 Nasce América</b> .....	21
1.2.1.1 O pacto entre os pais.....	22
1.2.1.2 Uma cidade sobre a colina.....	27
1.3 NOVOS TEMPOS: A DIREITA RELIGIOSA .....	34
<b>1.3.1 O despertar em fases</b> .....	35
<b>1.3.2 A reação fundamentalista</b> .....	36
<b>1.3.3 Com o diabo não se brinca</b> .....	39
<b>1.3.4 Da euforia à depressão</b> .....	42
1.4 TEMPOS MODERNOS: COM A PALAVRA, O EVANGELHO .....	45
<b>1.4.1 Evangélicos no ar</b> .....	46
<b>1.4.2 A reorganização política da Direita Religiosa</b> .....	48
<b>1.4.3 Nem tudo que é sólido desmancha no ar</b> .....	54
1.5 TEMPO DE VIRADA: TODOS A BORDO!.....	56
<b>1.5.1 O quarteto religioso</b> .....	57
1.5.1.1 Foco na Família .....	57
1.5.1.2 Mulheres Envolvidas pela América.....	58
1.5.1.3 Conselho de Pesquisa da Família .....	59
1.5.1.4 A Coalizão Cristã .....	60
<b>1.5.2 O Salto para um novo milênio</b> .....	61
1.6 UM BALANÇO .....	64

<b>2 “PRESIDENTE CLINTON, ILUSTRES CONVIDADOS E MEUS CONCIDADÃOS...”</b> .....	68
2.1 O GOVERNO BUSH .....	70
<b>2.1.1 Uma eleição conturbada: em meio ao turbilhão... enfim, a posse</b> .....	70
<b>2.1.2 Ano 2001: uma tragédia anunciada</b> .....	72
<b>2.1.3 Ano 2002: a virada pós 11 de setembro</b> .....	77
<b>2.1.4 Ano 2003: rumo à reeleição</b> .....	80
2.2 APRESENTAÇÃO DE EXCERTOS DE DISCURSOS DE GEORGE W. BUSH .....	84
<b>2.2.1 Diferentes discursos, uma só fala</b> .....	84
<b>2.2.2 Um único discurso, a mesma fala</b> .....	89
<b>2.2.3 Um ciclo, o mesmo discurso</b> .....	94
2.2.3.1 Discurso de Posse em 20 de janeiro de 2001 .....	94
2.2.3.2 Declaração na noite de 11 de setembro de 2001 .....	97
2.2.3.3 Discurso sobre o Estado da União em 29 de janeiro de 2002 .....	98
2.2.3.4 Pronunciamento à nação após um ano do 11 de setembro .....	100
2.2.3.5 Discurso sobre o Estado da União em 28 de janeiro de 2003 .....	102
2.2.3.6 Discurso sobre o Estado da União em 20 de janeiro de 2004 .....	104
2.2.3.7 Discurso de posse em 20 de janeiro de 2005 (2º mandato) .....	106
2.3 APENAS 16 PALAVRAS .....	108
<b>2.3.1 Bush is not beating around the bush</b> .....	111
<b>3 “VIVEREI E GOVERNAREI POR ESSES PRINCÍPIOS...”</b> .....	112
3.1 A ARTE DA RETÓRICA .....	112
3.2 A NOVA RETÓRICA DE PERELMAN .....	114
<b>3.2.1 Os auditórios</b> .....	116
<b>3.2.2 Convencimento e Persuasão</b> .....	117
<b>3.2.3 As premissas</b> .....	118
<b>3.2.4 Técnicas argumentativas</b> .....	120
3.2.4.1 Os argumentos quase-lógicos .....	120
3.2.4.2 Os argumentos baseados na estrutura do real .....	122
3.2.4.2.1 As ligações de coexistência .....	122
3.2.4.3 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real .....	126
<b>3.2.5 Uma ponte sobre o hiato</b> .....	127
<b>3.2.6 O arquétipo de Jung</b> .....	128
<b>3.2.7 A religião civil de Bellah</b> .....	132

3.2.7.1 A religião popular .....	134
3.2.7.2 A religião universal transcendente .....	134
3.2.7.3 Nacionalismo religioso .....	134
3.2.7.4 A fé democrática.....	135
3.2.7.5 A devoção cívica protestante.....	136
3.2.7.6 Considerações finais sobre a religião civil .....	136
<b>4 “DEUS ABENÇOE A TODOS VOCÊS E DEUS ABENÇOE A AMÉRICA” .....</b>	<b>138</b>
4.1 A RETÓRICA DE BUSH .....	139
<b>4.1.1 Três pontos de captura: o chamado, a promessa e a missão .....</b>	<b>139</b>
<b>4.1.2 O auditório .....</b>	<b>141</b>
<b>4.1.3 Aplicação dos argumentos quase-lógicos.....</b>	<b>142</b>
<b>4.1.4 Aplicação dos argumentos baseados na estrutura do real.....</b>	<b>146</b>
<b>4.1.5 Aplicação dos argumentos que fundamentam a estrutura do real .....</b>	<b>150</b>
<b>4.1.6 As diversas facetas da liberdade .....</b>	<b>152</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>185</b>

## INTRODUÇÃO

“17 de setembro do ano de *Nosso Senhor* de 1787.”<sup>1</sup>

Assim foi, então, datado e em seguida assinado, o documento da Constituição dos EUA que, simbolicamente, naquele ato, por meio da data, legava uma marca religiosa impressa no próprio tempo; marca que seria repetida com exaustão no cenário político daquele país, delineando um amálgama entre política e religião que lenta e gradualmente se configuraria decisivo e presente na história política dos EUA.

Já havia ali, desde a elaboração daquele que historicamente viria a ser o primeiro documento legal de peso, o qual definitivamente regularia e nortearia os rumos da nação estadunidense, indícios de que a esfera religiosa permearia a esfera política. E, além disso, quiçá por uma ironia do destino, foi justamente no bojo da própria Constituição, mais precisamente na primeira emenda, que se aventou promover um caráter laico ao Estado, ou que seja, uma possível intenção de separar igreja e Estado, fato esse que na verdade nunca aconteceu na prática, ficando tal tarefa apenas relegada ao esboço daquilo que poderia ser uma tentativa de um desejo teórico, como notamos adiante:

O Congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo o livre exercício dos cultos; ou cerceando a liberdade de palavra, ou de imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente, e de dirigir ao Governo petições para a reparação de seus agravos.<sup>2</sup>

Uma das primeiras provas dessa junção não demoraria sequer dois anos para voltar em cena, conforme observamos no primeiro discurso de posse dos EUA, proferido pelo presidente à época, George Washington, em 30 de abril de 1789:

[...] seria particularmente impróprio omitir, neste primeiro ato oficial, minhas ferventes súplicas ao Ser Onipotente que reina sobre o universo, que preside nos conselhos das nações, e cuja assistência providencial supre a todas as falhas humanas, que Sua bênção consagre às liberdades e felicidades do povo dos Estados Unidos um governo instituído por ele

---

<sup>1</sup>EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *A Constituição dos Estados Unidos da América*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=643&submenu=106&itemmenu=110>>. Acesso em: 10 jun. 2004. (grifo nosso)

<sup>2</sup> *Ibid.*, loc. cit.

mesmo com esses propósitos essenciais, e permita a cada instrumento empregado em sua administração que execute com êxito as funções que lhe foram cometidas.

[...] Tendo-vos assim comunicado os sentimentos que me foram despertados pela ocasião que ora nos reúne, agora despeço; mas não sem recorrer, mais uma vez, ao benigno *Pai da Raça Humana* em humilde súplica para que, assim como foi *Ele* servido de ensinar ao povo americano oportunidades para deliberar com perfeita tranquilidade e disposição de decidir com unanimidade sem paralelo sobre uma forma de governo para a segurança da união e o progresso da sua felicidade, assim possa ser *Sua* divina bênção igualmente *conspícua*<sup>3</sup> nas opiniões dilatadas, nas consultas temperadas e nas medidas sábias, das quais dependerá o êxito desse governo.<sup>4</sup>

Mais de 215 anos separam a distância do tempo daquele momento dos dias atuais e, no entanto, ao longo desse extenso período os discursos políticos não se esgotaram, ao contrário, continuaram a carregar a religião em seu corpo; episódio que curiosamente não ficara somente legado aos chefes de estados e a política dita oficial, mas teve também participação significativa em outras instâncias políticas, como ocorreu, por exemplo, no famoso discurso de Martin Luther King, conhecido pelo bordão “eu tenho um sonho”, pronunciado durante a Marcha em Washington em 28 de agosto de 1963. Um discurso, sem sombra de dúvidas, marcante na história dos EUA, que trazia na voz de um líder político popular a representatividade de toda uma parcela oprimida e discriminada da população estadunidense.

Martin Luther King era um pastor e, conseqüentemente, poderia haver motivos óbvios para que seu discurso estivesse repleto de passagens e menções religiosas. Porém, como justificar a abrangência, o alcance, a repercussão, a conquista e a expressividade política e emocional que tais palavras obtiveram naquele momento e que, todavia, até hoje perduram na memória do povo, tornando-se, inclusive, orgulho e referência para a nação?

É praticamente impossível encontrar um presidente dos EUA que não tenha incorporado um *corpus* religioso em suas palavras, gestos ou em parte da administração presidencial. Direta ou indiretamente, Deus sempre esteve invocado por algum instante na política dos EUA, especialmente na presidência.

Não muito diferente desse panorama surge, atualmente, a repetição do fenômeno religioso em questão, evidenciado na fala do atual presidente George W. Bush, que freqüentemente o coloca em meio aos seus discursos, chegando a ponto de dividir o mundo, por assim dizer, em termos maniqueístas, utilizando para tal fim os conceitos bíblicos do bem e do mal; tema que rendeu a inscrição em um dos mais famosos livros do mundo: o dicionário

---

<sup>3</sup> Grifo do autor.

<sup>4</sup> SYRETT, H. C. (Org.). *Documentos históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 101-3. (grifo nosso)

Oxford de citações, que publicou a notável frase sobre o “eixo do mal”, que, segundo Bush, era formado por Estados patrocinadores do terror, a saber<sup>5</sup>:

Estados [Iraque, Irã e Coréia do Norte] como esses e seus aliados terroristas constituem um *eixo do mal*, armando-se para ameaçar a paz no mundo. Ao buscarem armas de destruição em massa, esses regimes representam perigo sério e crescente. Podem fornecer armas a terroristas, propiciando-lhes os meios para dar vazão a seu ódio. Podem atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer desses casos, o preço da indiferença poderá ser catastrófico.<sup>6</sup>

Desse modo, o interesse da presente dissertação, a princípio, origina-se da tentativa de alinhar fatos históricos, culturais, sociológicos e psicológicos na análise de eventos político-religiosos, mais precisamente referentes à política internacional, aqui representada pelos EUA.

A política em geral, especialmente a internacional, sempre foi um “local” de especulação fértil para a pesquisa acadêmica em virtude de haver uma notória ligação e intervenção entre o campo político e o núcleo social influenciando o cotidiano de todos os cidadãos. Entretanto, é a partir da percepção da influência que os fatos políticos exercem no núcleo social que nasce este projeto que, no caso, volta-se à observação do período do governo de George W. Bush, mais especificamente na primeira parte de seu mandato, tendo sob foco os eventos de 11 de setembro.

Os ataques do 11 de setembro não foram significativos somente para os Estados Unidos e seu povo, mas também para a política global e o mundo como um todo, pois os estilhaços da derrocada espalharam-se por todos os continentes.

Afinal de contas, talvez não haja até hoje na sociedade global um fato de natureza tão peculiar que, em um só tempo, tenha ganhado tamanha ênfase como os ataques às torres gêmeas, ícones simbólicos do modelo capitalista ocidental. Apesar disso, vale acrescentar que os eventos de 11 de setembro apresentaram a particularidade de terem suas imagens exibidas repetidas vezes em todo o planeta e todos os detalhes puderam ser acompanhados em tempo real, ao vivo e em cores. Aliás, tão rápido quanto às imagens do colapso daquelas estruturas, aparentemente sólidas e incólumes, foram as conseqüências daquele dia para uma sociedade globalizada como a nossa.

---

<sup>5</sup> Na verdade, a frase ‘eixo do mal’ foi cunhada pelo porta-voz David Frum, cuja raiz remonta o ‘império do mal’ de Reagan. Cf. HOW I create the axis of evil. *The Guardian*, Manchester, 28 Jan. 2003. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/iran/story/0,12858,890310,00.html>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

<sup>6</sup> EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Presidente concentra-se na guerra contra o terrorismo, segurança interna e empregos*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=455>>. Acesso em: 10 jun. 2004. (grifo nosso)

Os impactos do 11 de setembro demonstram ter afetado desde áreas de grande amplitude – cuja visibilidade apresenta-se mais óbvia como a economia, a segurança global ou até mesmo o preconceito e a (in)tolerância religiosa – até fatos aparentemente menores, pertinentes à individualidade, que dizem respeito aos fatos simbólicos, à subjetividade e ao inconsciente de cada cidadão do universo, seja nos EUA, *in loco* ou alhures. Poder-se-ia até dizer que, desde então, um marco contemporâneo eclodiu e, doravante, o mundo ficou demarcado entre uma linha imaginária de tempo: antes e depois de 11 de setembro.

Assim, procurar-se-á avaliar até que ponto o 11 de setembro serviu de ênfase na retórica religiosa do discurso de Bush, agindo como: um meio instrumentário ou, ao menos, um centro catalisador para legitimar a guerra no Iraque; um facilitador ao *modus operandi* político do Governo Bush; e, eventualmente, mais uma ferramenta para alavancar sua reeleição.

Em termos ainda mais específicos, esta dissertação pretende estudar fenômenos arraigados na cultura estadunidense que possam ter contribuído e, mais do que isso, dado sustentação, à política do atual presidente dos EUA, George W. Bush.

## 1 “É A HISTÓRIA DA AMÉRICA...”

“Os povos guardam sempre as marcas da sua origem. As circunstâncias que acompanharam o seu nascimento e serviram ao seu desenvolvimento influem sobre todo o resto da sua existência.”<sup>7</sup>

Para chegar, a essa premissa, Tocqueville - ao discorrer sobre a origem da *América*<sup>8</sup> primeiramente trava uma analogia entre o desenvolvimento humano em interação com o mundo e a constituição das nações.

Não parece estranho conceber a idéia de que por trás do que somos hoje há *marcas*<sup>9</sup> que nos foram legadas por uma raiz, a qual acompanha e influencia nossas ações desde sempre. Do mesmo modo, é plausível observar que, embora dinâmico e mutável, o processo de consolidação de uma nação nunca deixará de conter em si certa matriz que, paralelamente ao desenvolvimento de sua história, far-se-á muito presente em seu bojo.

<sup>7</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. 2. ed. São Paulo: Itatiaia, 1977. p. 29.

<sup>8</sup> Doravante, o grifo na palavra *América* e em seus derivados servirão para destacar a apropriação lingüística do termo, que, conforme o historiador Tota designa: “[...] desde os primórdios, um desejo inconsciente, que se traduziria na idéia do ‘destino manifesto’ [...]” Cf. TOTA, A. P. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 36.

<sup>9</sup> Por *marcas* compreendemos características biopsicossociais.

Se tivermos acesso ao estágio de formação de uma criança e acompanharmos seu crescimento e interatividade no mundo, com certeza, ao vê-la adulta, verificaremos que há muito da presença daquele tempo prematuro compreendido no resultado de seus valores, atitudes, hábitos, costumes e, em um sentido mais geral, na sua cosmovisão. Resguardadas as diferenças e sem pretensão de tratar uma nação como um indivíduo, caberia a metáfora se percebêssemos o vínculo existente entre o nascimento, a formação de colonização de uma nação e seu desenvolvimento futuro.

### 1.1 O VELHO MUNDO: AS MARCAS DE UM POVO

No caso dos EUA, as marcas da origem, as circunstâncias que envolveram a busca pelo Novo Mundo e todo o caminho trilhado a partir dali, aos poucos, foi delineando um corpo, assim como um rio que, ao receber o deságüe por seu leito, vai formando, lenta e gradativamente, sulcos na terra, os quais, apesar de estarem encobertos pelo vasto volume de água, acabam por determinar o curso da corrente. Uma dificuldade que amiúde impede uma análise substancialmente mais acurada nessa relação é a lacuna ou imprecisão do registro do passado, isto é, de como tudo foi originado de tempos mais remotos até o princípio; no entanto, esse não foi o caso da *América*.

Temos o registro histórico dos estágios iniciais da fundação dos EUA, que remonta desde as fracassadas tentativas<sup>10</sup> ao final do século XVI até o êxito, a partir do século XVII. Sabemos quais eram as expectativas e anseios que homens e mulheres daquele tempo depositavam no Novo<sup>11</sup> Mundo, o que de fato lá encontraram e como se deu tal desenvolvimento. Também temos conhecimento dos ideais, dos valores, das concepções e enfim, de todos os aspectos sociopolíticos, culturais e religiosos que envolviam aquela época.

A formação do que ainda viria a ser chamado de Estados Unidos da América teve uma particularidade que Tocqueville descreveu da seguinte forma: “A América é o único país onde se pôde assistir ao crescimento natural e tranqüilo de uma sociedade e no qual foi possível distinguir precisamente a influência exercida pela origem sobre o futuro dos Estados.”<sup>12</sup> Para esse autor, a origem do povo explicaria muito do que ali seria configurado:

---

<sup>10</sup> Referimo-nos às primeiras expedições do Sir Walter Raleigh (1584, 1585 e 1587) durante o reinado de Elizabeth I. Cf. SELLERS, C. et al. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia a potência imperial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 20.

<sup>11</sup> Tal adjetivo já denota *per se* uma expectativa.

<sup>12</sup> TOCQUEVILLE, op. cit., p. 30.



Quando, depois de termos atentamente estudado a história da América, examinamos com cuidado o seu estado político e social, sentimo-nos profundamente convencidos desta verdade: não há sequer uma opinião, sequer um hábito, sequer uma lei, poderia dizer mesmo sequer um acontecimento, que não possa ser explicado sem dificuldade pela origem do povo.<sup>13</sup>

### 1.1.1 Em gestação: Inglaterra

Para que se entenda a origem do povo que colonizou o Novo Mundo é necessário regressar à Inglaterra.

No alvorecer da idade média (séc. V ao X), o poder da ilha encontrava-se fragmentado, sem qualquer centralização. Durante todo esse período, o que ali reinava era a instabilidade.

A isso se seguiu uma época de incessantes batalhas, dentre as quais se destaca a mais longa da história, a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), cujo tempo ultrapassou a medida do próprio nome. Naquele momento, diante do confronto com um inimigo de outra nacionalidade (França), um novo sentimento de pertença começou a fazer sentido ao povo inglês, o que, por sua vez, possibilitou que laços ainda não constituídos entre os cidadãos fossem atados.

No entanto, para o infortúnio da paz e da ordem dos ingleses, mal acabara essa longa guerra, outra irrompia: a Guerra das Rosas (1455-1485). Dessa vez, uma guerra civil sanguinária entre duas famílias que disputavam o trono da Inglaterra: a família York e a família Lancaster. Essa guerra não somente resolveu a disputa dinástica pelo trono inglês, como também marcou o fim da ordem medieval.<sup>14</sup>

Enquanto a primeira disputa fortalecia o sentimento de união ao povo inglês, a segunda os dividia. E a seqüência de ambas contribuía para o esmorecimento da nobreza e para o anseio de todos por um poder unificado, tempos de paz, calma e prosperidade.

Era, portanto, um terreno fértil para o surgimento de um poder centralizado e foi o que aconteceu. A dinastia da família Tudor<sup>15</sup>, vitoriosa na Guerra das Rosas, consolidou-se sem muita dificuldade ou oposição. Por um lado, os burgueses ávidos por retomarem suas atividades comerciais, abaladas pela sucessão das guerras, buscavam estabilidade e, para isso,

---

<sup>13</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>14</sup> Cf. HALLIDAY, F. E. *England: a concise history*. New York: Thames & Hudson, 1980. p. 62 et seq.

<sup>15</sup> Os Tudors lutaram na Guerra das Rosas ao lado da família Lancaster. Henrique VII (Tudor) vence a Batalha de *Bosworth Field* (1485) contra Ricardo III (York) e, na seqüência, desferindo um hábil golpe político, casa-se com a herdeira da família rival, Isabel de York. Assim, coloca um ponto final na guerra e, conseqüentemente, torna-se o primeiro rei (1485-1509) da dinastia dos Tudors. Dava-se o início de um poder centralizado que arava o terreno para o absolutismo na Inglaterra. Cf. MACKIE, J. D. *The earlier Tudors: 1485-1558*. Oxford: Clarendon Press, 1952. p. 8-9.

um poder sólido e centralizado viria a calhar. Por outro lado, os nobres quase sem voz ativa, em virtude das seqüelas sofridas pelas batalhas, não tinham muita opção, senão aceitar aquilo que o destino lhes oferecia.<sup>16</sup>

Aliado a todos esses fatores, a Reforma religiosa (século XVI) de Henrique VIII – um fato vultoso na história da Inglaterra – trazia ainda mais poder aos Tudors. Era o início de uma ligação político-religiosa cujos nós aos poucos atariam um pacto cada vez mais evidente.<sup>17</sup>

Usando como álibi a negativa do consentimento de Papa Clemente VII<sup>18</sup> ao pedido de divórcio de casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão – a qual, já aos 42 anos, não havia dado ao rei seu tão almejado herdeiro varão –, aliado ao desejo de se casar com sua amante – a jovem e bela dama de honra da rainha, Ana Bolena<sup>19</sup> –, o rei Tudor, excomungado pelo papa, consegue passar dois atos pelo Parlamento (1534): um negava a autoridade papal na Inglaterra e, o outro, o Ato de Supremacia, tornava o rei o chefe da igreja inglesa: a Igreja Anglicana.

Com a morte de Henrique VIII, seu único herdeiro varão, Eduardo VI<sup>20</sup>, de inclinação calvinista, com apenas nove anos assume o trono, naturalmente, assistido por um conselho de regência. Portador de uma saúde débil desde a infância, morre precocemente. Não obstante o

---

<sup>16</sup> O imaginário do povo inglês dessa época foi absorvido pela literatura – que sempre consegue captar muito bem a subjetividade do momento – por meio do livro *Utopia* (1516) de Tomás Morus, escrito durante o reinado de Henrique VIII (1509-47). Embora influenciado por sua convicção católica, a obra não deixa de ser uma crítica à Inglaterra e o deflagre de um anseio que descreve uma ilha imaginária que possui uma sociedade ideal. Morus foi executado (1535) por não apoiar a anulação do casamento do rei com Catarina de Aragão e o rompimento com Roma Cf. HUISMANN, D. *Dicionário das obras filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 562.

<sup>17</sup> Henrique VIII, um dos mais significativos monarcas ingleses (1485-1547) e grande responsável pelo absolutismo na Inglaterra; utilizou seu poder, aliado ao profundo conhecimento teológico, para sobrepujar o poder da igreja por duas vezes: deturpou a Lei Levítica ao casar com a cunhada – primeira de suas seis esposas –, Catarina de Aragão, viúva do infante príncipe Arthur (irmão mais novo do rei) e, posteriormente, ao tentar anular esse casamento que lhe deu cinco filhos, dos quais a única adulta sobrevivente foi Maria I cujo reinado estendeu-se de 1553 até sua morte em 1558. Cf. BUCHOLZ, R.; KEY, N. *Early modern England...* Oxford: Blackwell, 2004. p. 64 et seq.

<sup>18</sup> Papa Clemente VII não aceita a alegação de que o casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão poderia ser anulado por sua esposa ser viúva de seu irmão, até porque havia muita pressão da poderosa família católica da rainha sobre o Papa, com quem, certamente, não gostaria de se indispor. Além disso, tal fato nada interessava a política de Roma. Cf. *Ibid.*, loc. cit.

<sup>19</sup> O casamento de Bolena com Henrique VIII foi secretamente celebrado antes mesmo da dissolução oficial do primeiro matrimônio do rei. Tudo indica que tamanha pressa fora motivada pela gravidez de Ana Bolena, pois o rei, ansioso por um sucessor varão, não poderia arriscar ter um filho ilegítimo. No entanto, o que ele não sabia é que no ventre de sua amada estava Elisabeth I que reinou entre 1558-1603. Ana Bolena acabou por ter um fim trágico na Torre de Londres (1536), onde foi decapitada, a mando do próprio marido, que a acusou de adultério, incesto e feitiçaria. Cf. WEIR, A. *The six wives of Henry VIII*. New York: Grove Press, 2002. p. 143 et seq.

<sup>20</sup> Eduardo VI foi fruto do terceiro casamento de Henrique VIII. Sua mãe, a rainha Joana Seymour, era aia das duas rainhas anteriores. Foi considerada, por sua discricão e atos comedidos, a antítese da rainha executada, Ana Bolena. Cf. WILLIAMS, N. *A royal history of England: the Tudors*. Berkeley: University of California Press, 2000. p. 32 et seq.

curto período de regência (1547-1553), foi uma época de desenvolvimento do protestantismo<sup>21</sup> na Inglaterra.

Em uma manobra política, o rei adolescente, sem prole, tenta passar o bastão a uma sucessora protestante<sup>22</sup>, com intenção de evitar que Maria I<sup>23</sup>, sua irmã mais velha, subisse ao trono e difundisse sua forte convicção católica na ilha. Mas, sem muita demora, Maria I torna-se rainha e faz jus ao temor de seu falecido irmão, fato que lhe conferiu a popular alcunha de Maria, a Sanguinária (*Bloody Mary*<sup>24</sup>), fama conquistada por perseguir e executar protestantes durante seu fervoroso intento de resgate do catolicismo. Para tanto, casou-se com o príncipe Filipe II de Espanha<sup>25</sup>, de linhagem católica de grande influência política. A união era um projeto que visava unir Espanha e Inglaterra em uma sonhada aliança católica de poder político-religioso.

Após a morte de Maria I, a ilha respira aliviada e, com alegria, comemora a chegada de sua meia-irmã, Elizabeth I, ao reinado (1558-1603). Era a chamada “idade de ouro” da Inglaterra – época de Shakespeare. A “Rainha Virgem” definitivamente consolida o governo de seu pai com punhos de aço e nutre o nacionalismo inglês à medida que, inesperadamente, triunfa sobre a Invencível Armada<sup>26</sup> da temerosa Espanha católica de Filipe II; amplia os mercados internacionais para os produtos ingleses; e sobretudo, afirma o anglicanismo como religião da Inglaterra.

---

<sup>21</sup> Houve substituição de rituais católicos, a edição de uma nova Bíblia com pareceres críticos ao catolicismo, aprovação no Parlamento de uma lei de execução, que visava atingir os católicos, entre outras mudanças.

<sup>22</sup> Trata-se da bisneta de Henrique VIII, Joana Grey, também conhecida por Lady Jane Grey, uma jovem de educação protestante que, indicada por conselheiros de Eduardo VI, foi rainha por apenas nove dias. Ao morrer, Eduardo VI, passando por cima do Ato de Sucessão de 1544, deixou exclusas ao direito à monarquia as duas futuras rainhas: Maria I e Elizabeth I. Cf. *Ibid.*, loc. cit.

<sup>23</sup> Maria I, antes considerada filha ilegítima por consequência da anulação do casamento de sua mãe (Catarina de Aragão) consegue a reconciliação com seu pai por intermédio da última esposa do rei, Catarina Parr. Desse modo, é reconhecida como sucessora pelo Parlamento em 1544. Por essa via, contando com o apoio populacional que a via como injustiçada, destrona sua prima, manda prendê-la e, depois, executá-la na Torre de Londres em 1554. Cf. *Ibid.*, p. 68 et seq.

<sup>24</sup> Um exemplo simbólico da força da memória da rainha pode ser representado por meio da bebida alcoólica *Bloody Mary*, de cor vermelha, que ficou nacional e internacionalmente consagrada, perdurando até os dias de hoje em vários estabelecimentos do mundo afora.

<sup>25</sup> Filipe II de Espanha era filho de Carlos V e Isabel de Portugal. Em 1554, casa-se com Maria I e torna-se rei da Inglaterra, mas, com a morte da rainha (1558) e sem filhos, teve seu projeto de união das nações frustrado. Sua maior fama ficou por conta do grande fiasco da derrota da Invencível Armada contra os ingleses – liderados por Charles Howard e os habilidosos corsários Francis Drake e John Hawkins – quando tentava dominar a Inglaterra e impor o catolicismo ao país rival. Cf. PHILIP II. In: *ENCYCLOPAEDIA Britannica Online*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993. Disponível em: <<http://www.britannica.com/eb/article-9059673?query=PHILIP%20II&ct=>>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

<sup>26</sup> Era a esquadra mais poderosa do mundo, composta por 130 naus equipadas com grande potencial de artilharia e 30000 homens. Em 1588, o rei Filipe II da Espanha envia a frota à inimiga Inglaterra a fim de definitivamente conquistar a ilha, impor o catolicismo e demonstrar ao mundo a supremacia naval ao domínio dos mares. Contudo, a habilidade e a estratégia dos ingleses vencem a batalha. Cf. *Ibid.*, loc. cit.

Em suma, o século XVI, na Inglaterra, foi marcado por significativas mudanças de caráter político-religioso, uma era sem ordem, unidade e referência; oposto ao que acontecia na Espanha, nação que, a cada dia, ganhava mais unidade em torno do catolicismo.

Hoje, em tempo tão distante da realidade daqueles dias, é difícil imaginar o significado, a importância e a influência que a religião exercia na vida daquelas pessoas. Seguramente, não era tarefa nada simples romper com o poder de Roma, passar por cima da autoridade papal e, principalmente, estabelecer uma nova religião em um local de heterogeneidade religiosa. Com isso, Henrique VIII inaugurava, por assim dizer, uma nova concepção de mundo, isto é, firmava um insólito posicionamento que sobrepuja o desejo individual a toda uma tradição sólida e respeitada por todos.

Aliado a esses fatos há o advento da teologia protestante, que embasada em uma ética voltada ao espírito individual muito colaborou para o nascimento de um espírito individualista e empreendedor da classe média, que se misturava ao patriotismo, ao fanatismo religioso protestante e ao estímulo da política elisabetana. Foi o resultado disso que gestou as viagens ao Novo Mundo.

O poder da nobreza feudal, já muito fragilizado pela Guerra das Duas Rosas, acabou por ser assolado ao passar pelo reinado dos dois primeiros reis Tudors. O desenvolvimento de um Estado centralizado estabelecido por esses monarcas estimulou a aparição de uma classe média formada por mercadores, negociantes e agentes em busca de modernidade que, após passarem por um curto período de terror com Maria I, descobriram em Elizabeth um retorno próspero à expansão das aspirações modernizadoras. É dessa classe que saem os primeiros financiamentos das viagens além-mar, uma iniciativa privada que vislumbrava oportunidade, aventura e opulência, pois, no final do século XVI, quando as primeiras embarcações começavam a rumar ao encontro do Novo Mundo, o tesouro da rainha não tinha fundos para bancar tais aventuras.

### **1.1.2 No parto: rumo à *América***

Desse modo, Sir Walter Raleigh obteve permissão da rainha Elizabeth I para, em conjunto com colonos, lançar-se ao mar em busca da *América*. Porém, suas expedições (1584, 1585, 1587) não trouxeram ouro, prata e tampouco descobriram uma rota para o Pacífico. Em vez disso, os primeiros colonos encontraram frio, fome e índios nada amistosos. Em 1590, uma expedição de ajuda foi enviada à ilha de Roanoke (atual Carolina do Norte), onde os colonos foram deixados, não havendo sinal de uma única alma para contar a história do fim de

seus dias. A única coisa que ali restou foi o nome de batismo Virgínia, dado por Sir Walter Raleigh àquele local, uma homenagem a Elizabeth I, a rainha Virgem.<sup>27</sup>

Iniciava-se o século XVII e, com o falecimento da rainha Elizabeth em 1603, a Dinastia Tudor chegava ao fim, dando lugar a uma outra, de linhagem escocesa, a Dinastia Stuart, cujo primeiro representante foi o rei Jaime I. A Inglaterra passava por significativas mudanças socioeconômicas, principalmente no tocante à política agrícola. O sistema de terras comuns entra em processo de cercamento (*Enclosure Acts*), uma ação de privatização, isto é, a transformação do campo em propriedade capitalista.

Os proprietários começaram a cercar as terras comunais, fonte de sustento dos camponeses, para explorar lã com a criação de ovelhas.<sup>28</sup> A decadência da vida no campo foi inevitável e as conseqüências foram êxodo rural, aumento populacional das cidades e empobrecimento dessa classe trabalhadora. Resultou daí um grande fluxo emigratório de pessoas pobres que almejavam dias melhores na *América*.

Enquanto os Tudors haviam promovido um anglicanismo de tendências calvinistas que beneficiaram a burguesia, os Stuarts, por sua vez, voltando-se ao interesse da aristocracia, valorizaram a forma católica do anglicanismo. Não deixava de ser uma maneira política arguta que pretendia justificar o poder absoluto do monarca, o qual seguia o tradicional princípio de que o rei era um enviado de Deus para governar os homens na terra. Desse modo, Jaime I tenta constituir prerrogativas reais pautando-se em uma monarquia absoluta baseada no direito divino. Diferentemente dos predecessores Tudors, o rei Jaime I não se deu por satisfeito em ter para si o poder de fato, já que também desejava o poder de direito e, para conquistá-lo, o poder real teria de ser considerado um atributo divino, tal como ocorria na França.

Assim, o rei Jaime I trava uma briga com o Parlamento – virtualmente burguês – e, por vezes, tenta dissolvê-lo. Concomitantemente, face à sua dedicação em erradicar o anglicanismo, o rei persegue grupos religiosos de oposição, especialmente os puritanos calvinistas e os católicos.

---

<sup>27</sup> Cf. SELLERS, op. cit., p. 17-31.

<sup>28</sup> Esse processo teve início já no século XVI.

## 1.2 O NOVO MUNDO: A ORIGEM DE UMA NAÇÃO

A Inglaterra era uma ilha em crise: econômica, política, social, cultural e religiosa. Diante de tudo isso, não faltavam justificativas para que a emigração ao Novo Mundo fosse uma alternativa de vida melhor. Vale ressaltar que a própria particularidade insular do território, de certa maneira, isolava-a do resto da Europa, o que intensificava ainda mais a vivência dos processos internos do país.

É verdade que desde o início do reinado de Jaime I algumas embarcações já tinham rumado ao Novo Mundo<sup>29</sup>; contudo, a colonização só começou de fato a obter êxito quando houve uma mudança nas políticas<sup>30</sup> das companhias que financiavam as viagens. À medida que uma política tipicamente capitalista voltada ao desenvolvimento comercial era implementada, a colonização começava a dar certo, visto que os colonos sem posse eram atraídos pela oportunidade de desenvolver projetos individuais e serem livres em uma terra nova.

### 1.2.1 Nasce *América*

Nasce, nesse contexto, Virgínia, a primeira colônia inglesa fundada na *América* e transformada em um grande centro de produção de tabaco. Os trabalhadores rurais pobres, sem terra e perspectiva, não tinham muito a hesitar e aventuravam-se para a *América* como serviçais, por tempo determinado, de alguém que lhe custeasse a viagem. A servidão contratual, embora severa, tinha prazo para acabar, pois o trabalho era caro e as terras no Novo Mundo muito baratas. Logo, em menos de dez anos, alguns emigrantes conseguiam comprar fazendas e passar de serviçal a especulador, dono de terra. Dessa maneira, originavam-se ao sul colônias com maior ênfase na exploração.<sup>31</sup>

Sem desconsiderar as diferenças, sob todos os aspectos, que existiam entre os emigrantes e também entre seus propósitos, muitas eram, todavia, as características comuns que os colocavam em situação de paridade, e cuja identificação mútua só os unia por laços de afinidade, sendo a língua um dos aspectos mais importantes de todos: “O laço representado

---

<sup>29</sup> Em 1607, James I concede cartas régias a duas companhias a fim de que colonizassem a Virgínia. De pronto houve uma expedição com 144 colonos: *Sarah*, *Constant*, *Goodspeed* e *Discovery*. Ao chegar, com 105 sobreviventes, fundam *Jamestown*, o primeiro povoamento inglês constituído no Novo Mundo. Cf. *Ibid.*, p. 21.

<sup>30</sup> A política das Companhias de Londres e Plymouth voltou-se ao desenvolvimento do comércio por perceber que aquelas terras não possuíam os sonhados atalhos ocultos para o Pacífico e tampouco o metal precioso – que os galeões Espanhóis traziam do Peru e do México – que enchiam tanto os olhos quanto os navios piratas ingleses. A partir disso, em 1618, deu-se início ao direito de primazia, que consistia em dar 25 hectares de terra a qualquer um que custeasse a viagem de um colono que, por sua vez, pagaria um *quitrent* (foro) de um xelim à companhia. Cf. *Ibid.*, loc. cit.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 25-31.

pela língua é, talvez, o mais forte e o mais durável que pode unir os homens. Todos os imigrantes falavam a mesma língua; eram todos filhos de um mesmo povo.”<sup>32</sup>

Entretanto, no outono de 1620, mais ao norte, um outro tipo de colonização (povoamento) acontecia nas costas da Nova Inglaterra. A *América*, consagrada terra de oportunidades, tornava-se também um refúgio aos religiosos perseguidos. Foi sob esse desígnio que um notório grupo<sup>33</sup> de peregrinos lançou-se ao mar a bordo do navio Mayflower e, após enfrentar uma tempestade, chegou em Cape Cod, estabelecendo-se nas proximidades de Plymouth sob a liderança dos separatistas John Robinson<sup>34</sup>, William Brewster<sup>35</sup> e William Bradford.<sup>36</sup>

### 1.2.1.1 O pacto entre os pais

Aportaram a 200 quilômetros mais ao norte do destino planejado e, portanto, fora dos territórios da Companhia. Assim, a fim de dar valor legal à chegada na costa *americana*, bem como buscar proteção mútua, redigiram, ainda a bordo do navio, o Pacto do Mayflower, um documento assinado por 41 adultos e considerado a primeira “Constituição” dos EUA. Tratava-se de um acordo de autogoverno, inspirado em idéias puritanas radicais. Consoante o documento, os colonos constituíam um corpo político civil que governaria todos conforme a vontade da maioria e, todavia, prometia toda a devida submissão e obediência a leis justas e iguais.<sup>37</sup>

Como se não bastasse o enfrentamento da árdua viagem a bordo de um navio rudimentar, os Pais Peregrinos (*Pilgrim Fathers*) ainda tiveram de encarar rigoroso inverno, desnutrição e doenças ao longo do primeiro ano, fato que fez com que praticamente metade deles não conseguisse resistir até o inverno seguinte para comemorar o primeiro Dia de Ação

---

<sup>32</sup> TOCQUEVILLE, op. cit., p. 30.

<sup>33</sup> Grupo composto por homens, mulheres e crianças com certa heterogeneidade entre si. Havia 35 presbiterianos profundamente religiosos que buscavam um lugar para viver em paz conforme suas convicções religiosas, sendo 87 passageiros separatistas ou pertencentes a famílias dessa origem. Os demais se encaixavam na jornada à procura de fortuna, oportunidade e aventura. Cf. BEALE, D. *The Mayflower Pilgrims: roots of Puritan, Presbyterian, Congregationalist, and Baptist heritage*. Greenville: Ambassador-Emerald, 2000. p. 107 et seq.

<sup>34</sup> John Robinson, homem de educação erudita, tornou-se um pastor separatista e, por conta das perseguições religiosas, buscou refúgio na Holanda antes de ingressar na viagem ao Novo Mundo. Cf. *Ibid.*, op. cit., 09 et seq.

<sup>35</sup> Reverendo William Brewster, antes refugiado na Holanda, tornou-se líder religioso na colônia Plymouth até 1629. Cf. *Ibid.*, op. cit., 09 et seq.

<sup>36</sup> Em virtude de John Carver – eleito o primeiro governador de Plymouth – falecer poucos meses após a chegada ao Novo Mundo, William Bradford foi escolhido como sucessor e, portanto, reconhecido como o primeiro governador – reeleito 30 vezes – daquelas terras, até sua morte em 1657. Cf. *Ibid.*, op. cit., 22 et seq.

<sup>37</sup> Cf. *Ibid.*, loc. cit.

de Graças<sup>38</sup> com o chefe dos Wampanoags, Massasoit, e outros noventa membros de sua tribo. Um episódio que nos faz lembrar as palavras de Turner:

Quando um grupo social, qualquer que seja, família, clã, cidade, nação, congregação ou igreja, celebra um evento particular ou ocasião, como um nascimento, colheita ou independência nacional, ele está celebrando a si próprio.<sup>39</sup>

No entanto, para esses peregrinos havia um significado maior que a um só tempo alentava as esperanças e justificava todo o sofrimento por que passavam: eles acreditavam que refaziam a jornada à Terra Prometida. Por esse motivo, sentiam-se tal qual o povo eleito, no caso, a caminho da fundação de uma nova Canaã, “[...] uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel [...]”.<sup>40</sup> E, sem titubear, teciam comparações bíblicas enlaçando semelhanças entre os hebreus fugidos do Egito – “Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra [...]”<sup>41</sup> – e a perseguição contra eles na Inglaterra, entre a provação da travessia do deserto do Sinai e a sofrida viagem deles pelo oceano Atlântico, além das indicações divinas que os levariam a uma nova terra. Dessarte, imbuídos dessas inspirações firmaram o Pacto do Mayflower. Haja vista o comentário da historiadora Junqueira sobre o assunto:

Esses puritanos, ao atravessarem o oceano numa viagem difícilíssima e a bordo de uma embarcação precária, colocavam-se como um povo eleito. Referiam-se a si próprios como os novos hebreus que atravessavam o Atlântico em direção à Terra Prometida. Eles afirmavam que, tal qual o povo eleito do velho testamento bíblico, libertavam-se da tirania. Com uma diferença: agora se libertavam da tirania inglesa e das amarras da Igreja Anglicana que não lhes permitira exercerem a sua fé religiosa como queriam. Segundo a historiadora Elise Marientras, atravessar o Oceano era uma espécie de travessia para um outro tempo – o tempo mítico, no qual o mundo começaria do zero, tendo o protestantismo como centro e o asceticismo moral como objetivo de uma vida virtuosa. Ainda a bordo da embarcação, os

<sup>38</sup> Em inglês, *Thanksgiving Day*, criado por George Washington (1789) e nacionalmente proclamado por Lincoln (1863), tornou-se feriado legal nos EUA em 1941. É uma data religiosa comemorativa celebrada na última quinta-feira do mês de novembro que simboliza o agradecimento a Deus por uma graça alcançada – a primeira colheita – em meio a um tempo de muita dificuldade. Embora haja alguma dúvida quanto à real existência da comemoração do primeiro *thanksgiving*, no ano seguinte à chegada dos puritanos, o fato é que se tornou um feriado especial rodeado por mitos e lendas para a maioria dos cidadãos dos EUA, remetendo-os às dificuldades vividas pelos Pais Peregrinos. Ver: PHILBRICK, N. *Mayflower: a story of courage, community, and war*. New York: Penguin, 2006. p. 104 et seq. No prelo.

<sup>39</sup> TURNER, V. *Celebration: studies in festivity and ritual*. Washington D. C.: Smithsonian Institution Press, 1982. p. 16. (Doravante, todas as traduções deste capítulo serão nossas.)

<sup>40</sup> Êxodo. Português. In: *A Bíblia de Jerusalém*. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 83.

<sup>41</sup> *Ibid.*, loc. cit.



peregrinos fizeram uma espécie de acordo, chamado de Pacto do Mayflower.<sup>42</sup>

Um outro autor, Robert Bellah, ao discorrer sobre a origem do mito da *América*, aventa que, atrelado à concepção de Novo Mundo, existia um sentido de novidade cujo significado remetia a um valor maior do que poderia ser suposto:

A novidade, que era um atributo tão memorável daquilo que foi chamado de ‘novo’ mundo, não foi compreendida somente como uma novidade para seus descobridores e exploradores europeus, mas como uma novidade em um sentido primitivo e absoluto: novidade das mãos de Deus. Aquele sentido de novidade indelével que, sendo uma benção e uma maldição ao longo da nossa história, não evaporou até hoje.<sup>43</sup>

Ademais, o Novo Mundo, desde o princípio, mostrava-se um campo fecundo para projeções<sup>44</sup> como, por exemplo, a relação dual que oscilava entre a representação do paraíso e do deserto, tal como acontecia na versão bíblica, colocada por Bellah da seguinte forma:

A novidade da América, tão memorável na consciência dos primeiros observadores europeus, e que ainda não amadurecemos por completo, apesar de estar próximo de 500 anos<sup>45</sup> desde que Colombo (do ponto de vista da Europa) ‘descobriu’ a América, teve uma outra consequência importante. Para os primeiros exploradores, e certamente para aqueles na Europa que liam os primeiros relatórios, a especificidade e o detalhamento da fauna e flora nativa da América e, sobretudo, as culturas indígenas nativas, que em 1492 já tinha completado uma longa e distinta história neste hemisfério, foram absorvidas em um sentimento generalizado de novidade que substituiu aquela especificidade e detalhamento com a tela em branco de um pretenso ‘estado de natureza’. Sobre essa tela projetaram certas fantasias, sonhos e pesadelos há tempos trazidos na bagagem da tradição européia, mas que raramente antes disso encontrara um objetivo correlato tão vívido e concreto. Assim, a América passou a ser imaginada como um paraíso e um deserto, com todas as ricas associações dos termos nas tradições cristãs e bíblicas, ou, mais simplesmente, desse modo, os europeus imaginaram a América tanto como céu quanto inferno.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> JUNQUEIRA, M. A. O discurso de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano. *Revista Margem: humanismo e barbárie*, São Paulo, n. 17, p. 166, jun. 2003.

<sup>43</sup> BELLAH, R. *The broken covenant: American Civil Religion in time of trial*. 2th ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. p. 5-6.

<sup>44</sup> Utilizamos o conceito de projeção conforme o conceito de Carl Gustav Jung, que a define “como uma transferência inconsciente, isto é, imperceptível e involuntária de um fato psíquico e subjetivo para um objeto exterior”. Cf. VON FRANZ, Marie-Louise. *Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 10.

<sup>45</sup> A primeira publicação deste livro de Bellah é de 1975.

<sup>46</sup> BELLAH, loc. cit.

Mais adiante, sobre o mesmo assunto, porém desta vez referindo-se aos peregrinos, Bellah afirma:

Para todos os novos habitantes europeus da América, a tradição cristã e bíblica proporcionava imagens e símbolos para interpretar as vastas esperanças e temores neles despertados em virtude da nova situação, como já sugeri ao usar os termos 'paraíso' e 'deserto'. Os colonos ingleses, especialmente na Nova Inglaterra, tinham uma versão particular dessa interpretação, a qual continha uma relação dialética entre deserto e paraíso. Essa dialética deve ser compreendida diante do panorama de um vasto cenário mítico que começou a manifestar na Europa – providencialmente, o pensamento dos pais puritanos – logo após a descoberta do Novo Mundo. Essa conjuntura era a Reforma Protestante, um acontecimento inspirador não somente de origem dos puritanos na Nova Inglaterra, mas da maioria dos colonizadores do centro, bem como do sul. A idéia de reforma é bem mais velha do que a Reforma sendo, de fato, central ao cristianismo propriamente dito. Está relacionado à idéia de conversão, da mudança do mau para bom [*Evil to good*] do eu para Deus, que está próxima à mensagem bíblica nos dois testamentos.<sup>47</sup>

Como vemos, todos os aspectos que giram ao redor dessa viagem não somente constituem um episódio marcante na história dos EUA, mas também fazem parte do imaginário dos cidadãos dos EUA, um fato cuja relevância representativa só pode ser avaliada quando analisamos, por exemplo, quanto da imagem dos peregrinos, da difícil viagem e de tudo que envolve aquela época, via de regra, é utilizado por políticos, pela mídia e personalidades públicas como um todo. Nas palavras da historiadora Mary A. Junqueira:

Ainda que os Estados Unidos tenham sido colonizados por uma diversidade grande de grupos, foram os peregrinos e os seus textos sobre a travessia do oceano Atlântico, o pacto do Mayflower e as dificuldades encontradas no início da colonização que permaneceram mais fortemente no imaginário daquele país. Assim, os peregrinos se transformaram em heróis e a "saga" da travessia do Atlântico, em mitologia. Ainda hoje, a idéia de povo eleito – (re)construída pelos peregrinos a partir da Bíblia – é recuperada freqüentemente e tornou-se essencial para entender o imaginário norte-americano. Isto não quer dizer que todos os norte-americanos concordem com tal visão, mas sim, que eles concordam que a idéia de povo eleito – constantemente revisitada por políticos, escritores e pela mídia – é uma criação da cultura norte-americana. Textos e sermões dos peregrinos são lembrados ainda hoje, pois encontram ressonância na sociedade norte-americana. Foram utilizados tanto por conservadores, como foi o caso de Ronald Reagan, quanto pela resistência, como foi o caso de Martin Luther King Jr. no período da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>48</sup> JUNQUEIRA, M. A. Representações políticas do território latino-americano na revista *Seleções*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 332-333, 2001.

Poder-se-ia afirmar que a importância dos pais peregrinos reside no fato de que, a despeito da diversidade dos tipos de colonos que ali desembarcaram – seja pelo aspecto cultural, social, econômico, religioso, racial ou qualquer outro –, não há como negar que aqueles primeiros desbravadores acabaram tornando-se uma referência, um modelo de luta, garra, determinação e orgulho a ser seguido por muitos cidadãos dos EUA. Afinal de contas, criou-se um universo imagético indelével em torno daqueles pioneiros. Mesmo que aqueles peregrinos sejam considerados os pais de apenas uma parcela da população dos EUA, conhecida por *WASP*<sup>49</sup>; ainda assim, foram eles, de certa maneira, os fundadores do que hoje conhecemos como Estados Unidos da América. Deve-se ressaltar, contudo, que não é apropriado criar generalizações que considerem os peregrinos protestantes como o padrão dos EUA, pois fazer isso é incorrer em um erro histórico crasso e, obviamente, não é esse o caso.

Contudo, nota-se que não se trata de uma história qualquer. É a história de um povo que, análogo a um conto de fadas ou um mitologema<sup>50</sup>, foi contado e recontado por gerações de distintas tradições familiares, louvado e ensinado na escola, repetido e ecoado no meio sociocultural e político. Desse modo, de história factual passa a ser um símbolo<sup>51</sup>, que, como tal, sempre carrega energia e emoção; forças que atraem a sensibilidade humana, à medida que produzem mobilidade e promovem transformação “[...] na totalidade do ser humano, tanto no nível fisiológico como no nível psicológico”.<sup>52</sup> O símbolo não é apreendido por uma única via, seja esta mental, emocional ou visceral; ao contrário, ele consegue mobilizar concomitantemente vários sistemas no organismo e, entre outras razões, é por isso que se diz que, caso um símbolo seja identificado, este não é símbolo, mas sinal. Ao ver uma placa de trânsito ou uma bandeira, por exemplo, sabemos seu significado, isto é, o que representa; diferentemente, o símbolo transcende um significado, até porque ele é uma coisa em si mesma, dinâmica e viva.

Nesse sentido, compreende-se por que a imagem e representação dos Pais Peregrinos parecem indissociáveis da formação dos EUA. E, como vimos, a isso também foi agregado o pacto do Mayflower, uma situação político-religiosa igualmente inseparável, como transmitem as palavras de Junqueira:

---

<sup>49</sup> *White anglo-saxon protestant*: branco, anglo-saxão e protestante.

<sup>50</sup> “Mitologema é a soma dos elementos antigos transmitidos pela tradição.” Cf. BRANDÃO, J. de Souza. *Mitologia grega*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 38, v. 1.

<sup>51</sup> Mais uma vez, entende-se símbolo conforme o conceito junguiano.

<sup>52</sup> RAMOS, D. G. A vivência simbólica no desenvolvimento da consciência. In: BRITO, E. J. da Costa; GORGULHO, G. da Silva (Org.). *Religião ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 65.

Terminadas as guerras de Independência e procurando construir uma identidade, uma unidade para aquelas treze colônias, os norte-americanos afirmavam-se como descendentes diretos dos pais peregrinos. Primeiro porque eles haviam rompido com a Inglaterra; e segundo porque aquela comunidade religiosa do século XVII era um grupo que tinha como projeto princípio da congregação, firmado no Pacto do Mayflower. Se, antes, só os puritanos se viam como povo eleito, agora todos os Estados Unidos se colocavam como herdeiros dos hebreus. Aos poucos foi se criando uma versão da história norte-americana, na qual alguns temas foram selecionados e outros relegados ao segundo plano. Por exemplo, essa versão que escolhe os puritanos da Nova Inglaterra como centrais na formação da cultura norte-americana exclui a contribuição do Sul dos Estados Unidos na formação da nação.<sup>53</sup>

Assim, o Pacto do Mayflower inaugura a organização de um corpo político civil que se mistura ao religioso, isto é, “[...] uma espécie de congregação com o objetivo de obter alguns consensos nas decisões e com a finalidade de construir uma sociedade em termos religiosos”.<sup>54</sup> Algo igualmente notado por Tocqueville: “o puritanismo, como já disse antes, era uma teoria política quase tanto uma doutrina religiosa.”<sup>55</sup>

#### 1.2.1.2 Uma cidade sobre a colina

No entanto, somente anos mais tarde (1630), com a chegada de um outro grupo de peregrinos, sob a liderança de John Winthrop<sup>56</sup>, essa prática político-religiosa seria de fato definida. Era o gérmen de uma história de autonomia cujas sementes estavam sendo aspergidas na *América* pelas mãos religiosas desse líder, que se tornou o primeiro governador de Massachusetts, também conhecido como o fundador da Nova Inglaterra.

Winthrop acreditava que todas as nações tinham um pacto com Deus e, por esse motivo, os puritanos deveriam renunciar à Inglaterra, visto que lá o pacto havia sido rompido. Teriam de purificar a Igreja Anglicana de todas as influências herdadas da igreja católica e, para isso, era necessário criar um novo pacto com Deus, como o povo de Israel; desse modo,

<sup>53</sup> JUNQUEIRA, M. A. O discurso de George W. Bush... *Revista Margem: humanismo e barbárie*, São Paulo, n. 17, p. 167, jun. 2003.

<sup>54</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>55</sup> TOCQUEVILLE, op. cit., p. 35.

<sup>56</sup> John Winthrop foi eleito primeiro governador da colônia da Baía de Massachusetts em 1629, antes mesmo de partir de Yarmouth, Isle of Wight, Inglaterra, rumo à *América*. Sob seu comando havia uma expedição de 11 embarcações composta por cerca de 700 pessoas, quase todos puritanos. Os colonos, financiados pela Companhia da Baía de Massachusetts, primeiro chegaram a Salem, depois passaram por Charlestown e, em busca de água fresca e melhores condições, dirigiram-se a Shawmut (Boston), onde fixaram povoamento. Ver: BREMER, F. J.; BOTELHO, L. A. *The world of John Winthrop: essays on England and New England, 1588-1649*. Charlottesville: University Press of Virginia, 2005.

fundariam um exemplo de modelo religioso a ser seguido por simpatizantes dessa causa no Velho Mundo.

Muito mais do que uma fundação, os puritanos tinham como idéia constituir uma comunidade baseada em uma nova ordem eclesiástica e política, onde pudessem viver em liberdade conforme suas aspirações religiosas. E, talvez, o que melhor expresse esse desejo esteja refletido nas palavras do famoso sermão *A Model of Christian Charity*, que Winthrop pregou aos seus companheiros puritanos antes<sup>57</sup> de embarcar no navio *Arbella*. O pequeno trecho a seguir ilustra quais eram os anseios do governador para aquele lugar conhecido como *Wilderness*<sup>58</sup>:

Devemos sustentar juntos um comércio familiar com toda obediência, gentileza, paciência e generosidade, devemos aprazer-nos mutuamente; fazer da condição do outro a nossa própria, regozijar-nos juntos, prantear juntos, trabalhar e sofrer juntos, tendo sempre presente no espírito a missão de nossa comunidade, na qual todos devem ser membros de um mesmo corpo. Desse modo, devemos manter o espírito unido em um laço de paz. O Senhor será nosso Deus, e alegre em ficar conosco, como parte de nós, abençoar-nos-á em todos nossos caminhos. [...] Vamos descobrir que o Deus de Israel está entre nós, quando dez de nós conseguirmos resistir a mil de nossos inimigos [...] Por isso devemos ponderar que seremos como uma cidade sobre uma colina<sup>59</sup>, os olhos de todo mundo se voltarão para nós, de modo que se agirmos com traição ao nosso Deus nesta missão que estamos incumbidos, e isso faça com que ele [sic] retire sua [sic] presente ajuda de nós, seremos tornados história e um provérbio no mundo todo [...] <sup>60</sup>

Caso não considerássemos esse sermão como uma ilustração daquilo que decisivamente simboliza “as marcas da origem” de um povo, algo que acompanharia e influenciaria os cidadãos dos EUA ao longo de sua história, então a que atribuiríamos a

<sup>57</sup> Historiadores sempre alegaram que o sermão se deu a bordo do navio, pouco depois deste aportar no Novo Mundo; porém, pesquisas mais recentes apontam que o evento foi dado pouco antes do embarque, na Inglaterra. Cf. CRAIN, C. The Puritan dilemma. *The New York Times*. New York, 21 Sept. 2003. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9C06E2D6103BF932A1575AC0A9659C8B63&pagewanted=1>>. Acesso em: 29 jan. 2005.

<sup>58</sup> A palavra *Wilderness*, muito atribuída ao Novo Mundo, carrega a particularidade de possuir vários significados e aspectos subjetivos, pessoais e simbólicos; alguns exemplos: deserto, natureza, mato, floresta, mata virgem, ermo, solidão, região inculta, imensidão, entre outras acepções. No *Êxodo*, *wilderness* é o caminho que Moisés percorreu do Egito até Canaã. Também “é considerado um dos elementos básicos da construção da identidade e do nacionalismo norte-americano [...] da matéria-prima do *wilderness* físico os norte-americanos construíram sua cultura, conferindo-lhes identidade e significado desde os primeiros colonos”. Cf. JUNQUEIRA, M. A. Representações políticas... *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 326, 2001.

<sup>59</sup> Esta parte do sermão é baseada em *Mateus 5:14*: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte.” Cf. Evangelho segundo São Mateus. Português. In: *A Bíblia de Jerusalém*. Trad. Theodoro Henrique Maurer Jr. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 1288.

<sup>60</sup> WASHINGTON STATE UNIVERSITY. *A model of Christian charity*. Disponível em: <<http://www.wsu.edu/~campbell/damlit/winthrop.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2005.

utilização desse sermão – e toda a representação que ele carrega – em tantos momentos relevantes da história dos EUA?

Um considerável número de pessoas, cada uma a seu modo, fez com que aquelas idéias continuassem a retumbar nos ouvidos estadunidenses em algum instante, fossem presidentes, políticos, militares ou líderes populares, fossem de raças, ideologias, convicções religiosas e posicionamentos políticos antagônicos entre si. Entre alguns nomes, podemos citar: os presidentes John Adams, Abraham Lincoln, John F. Kennedy, Lyndon B. Johnson, Ronald Reagan, George H. W. Bush, Bill Clinton e George W. Bush; políticos e candidatos à presidência como John F. Kerry, Wesley Kanne Clark e Howard Dean; o então general (futuro presidente) Dwight D. Eisenhower e o líder popular Martin Luther King, entre outros.

Na realidade, o que existe por trás dessa repetição é a criação de um mito; por isso, perpassa o tempo sem detenção; por isso, ecoa, faz sentido e, bem aproveitado, é reproduzido por políticos que naturalmente não desprezam tal importância. De história, passa a referência e, por conseguinte, torna-se um mito. Sobre a conexão e importância dos indivíduos em relação aos mitos, Campbell afirma:

Muitas histórias se conservam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar.<sup>61</sup>

Esse pode ser o início de uma pista que nos relata uma faceta concreta da relevância do mito, isto é, um povo precisa de referência, de memória, de um ponto de partida, de um *locus* que aponte qual caminho deve ser seguido. Mito, do grego *Mythos*, deriva de dois verbos: o primeiro *mytheo* significa contar, narrar, falar algo para outros, enquanto que o segundo, *mytheo*, de raiz similar, pode ser traduzido por conversar, contar, anunciar, nomear ou designar. Na antiga Grécia, o mito era narrado a ouvintes crédulos que aceitavam o que recebiam como uma história de origem testemunhada. Parece que esse é outro ponto de partida que ajuda a entender o que Byington elucida a respeito do mito:

Os pais ensinam aos seus filhos como é a vida, relatando-lhes as experiências pelas quais passaram. Os mitos fazem a mesma coisa num sentido mais amplo, pois delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao Inconsciente Coletivo. [...] além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem através da história como marcos referenciais

---

<sup>61</sup> CAMPBELL, J. *O poder do mito*. 21. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003. p. 4.

através dos quais a Consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar. [...] são, por isso, os depositários de símbolos tradicionais no funcionamento do Self Cultural, cujo principal produto é a formação e a manutenção da identidade de um povo.<sup>62</sup>

Junqueira, de forma mais direta, toca no ponto fulcral do mito que envolve o povo estadunidense:

O mito de que os norte-americanos são um povo excepcional, um país fadado ao sucesso – especialmente o econômico – e que são, de alguma forma, condutores da humanidade não é recente. Ele foi elaborado durante o século XIX. É um mito fundador da identidade e nacionalidade norte-americana e que permeia a cultura daquele país. Os mitos são representações da realidade, construções culturais que evocam a memória, a nostalgia e reavivam crenças, além de oferecerem modelos de conduta. Os mitos fornecem acima de tudo, um sentimento de unidade, criando assim uma atmosfera de identidade nacional. O historiador inglês Philip John Davies, afirma que na História dos Estados Unidos – mais do que em qualquer outra sociedade ocidental – realidade, mitos e lendas se sobrepõem, configurando uma versão épica, grandiosa, da sociedade norte-americana. Reforça-se a representação de que aquele ‘povo unido construiu um mundo como nenhum outro’.<sup>63</sup>

Foi então, nessa cadência, que se deu praticamente uma década de intenso fluxo emigratório para a Nova Inglaterra; no geral, eram puritanos ávidos pela busca de liberdade religiosa. Ao passo que na Inglaterra a briga pelo poder entre Rei e Parlamento, seguia cada vez mais insustentável.<sup>64</sup> O segundo Rei da Dinastia Stuart, Carlos I, a exemplo do predecessor, insistia em governar de olhos fechados ao Parlamento.<sup>65</sup> As tensões sociais, por sua vez, davam continuidade à desordem, ao aumento populacional (estima-se que, em 1640, a Nova Inglaterra contava com cerca de 20.000 habitantes), ao desemprego e à pobreza.<sup>66</sup> A situação na Ilha assemelhava-se a um daqueles filmes de suspense cujo enredo, sem intenção de ludibriar o olhar do espectador atento, antecipa o epílogo já previsível e, ainda assim, consegue causar perplexidade a partir da própria obviedade. Nesse caminho, o que dali sucedeu foi o regicídio, um episódio histórico marcante que frearia o processo imigratório ao Novo Mundo.

<sup>62</sup> BYINGTON apud BRANDÃO, op. cit., p. 9-10.

<sup>63</sup> JUNQUEIRA, M. A. *Estados Unidos: a consolidação de uma nação*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 11-12.

<sup>64</sup> Cf. KARNAL, L. *Estados Unidos: a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 24.

<sup>65</sup> É bem verdade que Carlos I, em 1640, tentando suavizar as tensões geradas, abre concessões ao Parlamento, mas já se fazia tarde.

<sup>66</sup> Ao passo que uma parte da classe média progredia, a velha aristocracia continuava em declínio.

O significado da figura de o rei perder a cabeça e tê-la exposta em público, especialmente naqueles dias, ultrapassa a compreensão contemporânea. O adágio *Deo rex, a rege lex*<sup>67</sup> era levado a sério e, até aquele momento, um rei nunca havia sido executado após julgamento. É deveras importante entender esse marco, pois ele simbolizava o nascimento de um desejo político moderno, o qual coloca a figura suprema de um governo a serviço do povo, algo “natural” aos dias atuais, mas jamais imaginado à época.

Acontecimentos importantes decorrem disso. O primeiro deles demonstrava concretamente que a Inglaterra enfrentava dificuldades para dirimir seus problemas domésticos; portanto, não tinha como controlar o processo de colonização, tendo realmente que deixá-lo a cargo da empresa privada. Em segundo lugar, não havia mais sequer um ínfimo sinal de porto seguro na ilha para os grupos religiosos: face ao que aconteceu ao rei, o que dizer de um ordinário mortal que vislumbrasse sobrepor qualquer expressão da vontade divina ao desejo particular? Assim, configurava-se a primeira revolução burguesa da Europa, que, depois, culminou na Declaração de Direitos. A partir daí, o impacto do puritanismo na Inglaterra aquietou e, conseqüentemente, abrandou a imigração para o Novo Mundo, sendo retomada posteriormente, a partir da primeira revolução dos EUA.

Em suma, todos os fatos até aqui expostos tiveram reflexo na formação dos EUA, que começou com treze colônias<sup>68</sup> compartilhando uma mesma terra, composta por imigrantes de procedências, religiões, propósitos e ideologias distintas, cada qual guiada por um governo próprio, independente e construída a sua maneira possível.

O eclodir de uma sucessão de guerras no fim do século XVII e durante todo o século XVIII incitaram o processo de independência das treze colônias, principalmente após o desfecho da Guerra dos Sete Anos (1756-63), o que colocou um ponto final ao temor iminente de os colonos terem sua abençoada terra invadida pelos franceses, levando-os, por conseguinte, a julgar desnecessário seguir com a proteção militar da Coroa. Porém, contrariando as expectativas, a Inglaterra manteve ali um exército permanente e, ainda por cima, enviou a “conta” à colônia em forma de aumento de impostos. Aliado a isso, ao findar a guerra, a Inglaterra ganha estabilidade política; tal fato culmina no processo de Revolução

---

<sup>67</sup> O rei vem de Deus, a lei vem do rei.

<sup>68</sup> Basicamente havia uma divisão em três partes: ao sul, sob o sistema de *plantation*, exploração agrícola que utilizava mão-de-obra escrava, estavam as colônias da Geórgia (1733), Carolina do Sul (1670), Carolina do Norte (1653), Virgínia (1607) e Maryland (1634); mais acima, ao Norte, com imigração européia heterogênea e voltadas à exploração agrícola, pecuária, pesca e comércio, encontravam-se as colônias intermediárias Delaware (1638), Pensilvânia (1681), Nova Jersey (1664) e Nova York (1613); e, por fim, ao norte destas, com uma economia parecida e formada, em grande parte por puritanos, situavam-se Connecticut (1653), Rhode Island (1636), Massachusetts (1620-30) e Nova Hampshire (1623). Cf. JUNQUEIRA, op. cit., p. 16.



Industrial e faz da *América* uma boa fonte de matéria-prima para a indústria têxtil, bem como um possível mercado de consumo.

O mal-estar frente à política implementada pela Inglaterra na colônia era generalizado. Os colonos, em luta na guerra, haviam adquirido prática militar, além da experiência do sentimento de poder e do tênue sentido de unidade na batalha contra um inimigo comum. Desse modo, embasados na proposta iluminista do filósofo Locke de um Estado de base contratual que assegura os direitos naturais do homem (a liberdade, a felicidade e a prosperidade), os colonos conquistam a independência em 1776, “[...] um fenômeno branco, predominantemente masculino e latifundiário ou comerciante”<sup>69</sup>. Logo depois, elaboram a Constituição dos EUA (1787). Surgia, entre tão diminuta distância de tempo, dois grandes legados e importantes referenciais da história dos EUA: um texto que, paradoxalmente, mescla idéias racionais<sup>70</sup> com uma ideologia religiosa e a imagem de uma nova identidade construída em cima dos *Founding Fathers*<sup>71</sup>, um grupo de homens cujo feito e obra extrapolaram os limites de formação e consolidação da nação<sup>72</sup>:

Para grande parte dos norte-americanos, os homens que fizeram a independência, pensaram a Constituição e se tornaram os seus primeiros presidentes não eram homens comuns, mas pessoas excepcionais como nunca houvera outros. Na verdade, foi criada uma galeria de *heróis* que passou a ser reverenciada pelos norte-americanos. [...] São verdadeiros ídolos públicos que contribuem para dar aos norte-americanos um sentimento de comunidade.<sup>73</sup>

Mais do que homens, tornaram-se ícones nacionais que, a um só tempo, por intermédio de seus atos, conseguiram promover a liberdade à nação, criar um sentido de comunidade e união, instituir a lei e a ordem, legitimar a moral e, sobretudo, resignificar a imagem do povo peregrino em um processo de construção identitária, desta vez, sobre os *Founding Fathers*, heróis que constituíam a continuidade de um mito *americano*.

<sup>69</sup> KARNAL, op. cit., p. 89.

<sup>70</sup> Idéias influenciadas pelo pensamento iluminista de Locke.

<sup>71</sup> Pais Fundadores – os principais nomes são: Alexander Hamilton, Benjamin Franklin, George Washington, Gouverneur Morris, James Madison, James Wilson, John Adams, John Hancock, John Jay, Patrick Henry, Roger Sherman, Samuel Adams, Thomas Jefferson e Thomas Paine.

<sup>72</sup> Um exemplo da representatividade dos Pais Fundadores pode ser avaliado em um portal do Serviço de Cidadania e Imigração que ensina os novos cidadãos imigrantes (ou pretendentes) o que se deve saber e como proceder ao se tornar um *americano*. Lá, entre várias informações pertinentes ao que tratamos aqui, temos que: “O General George Washington liderou as forças militares da Revolução Americana e ficou conhecido como o ‘Pai de Nosso País’.” Cf. SERVIÇO DE CIDADANIA E IMIGRAÇÃO. *Aprendendo sobre os Estados Unidos*. Disponível em: <[http://uscis.gov/graphics/citizenship/learning\\_p.htm](http://uscis.gov/graphics/citizenship/learning_p.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2005.

<sup>73</sup> JUNQUEIRA, op. cit., p. 28. (grifo nosso)

De modo simples e sucinto, Campbell define um herói como: “[...] alguém que deu a vida por algo maior que ele mesmo.”<sup>74</sup>, que em seu ato heróico carrega o objetivo moral:

[...] de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma idéia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa. Mas, de outro ponto de vista, é claro, você poderia dizer que a idéia pela qual ele se sacrificou não merecia tal gesto. É um julgamento baseado numa outra posição, mas que não anula o heroísmo intrínseco da proeza praticada.<sup>75</sup>

O herói está a serviço de uma sociedade porque esta “[...] tem necessidade de uma constelação de imagens suficientemente poderosa para reunir, sob uma mesma intenção, todas essas tendências individuais [...] a nação necessita, de algum modo, de uma intenção, a fim de atuar como um poder uno”.<sup>76</sup>

Sob essas condições, os atores principais da fundação dos EUA tornaram-se perenes através da história e, por esse motivo, tiveram suas imagens estampadas em notas de dólar, na TV, no cinema, em jornais, nos livros escolares; também seus nomes preencheram as placas das cidades, ruas, praças, escolas públicas ou foram reproduzidos em homenagem, dados aos nomes próprios de vários meninos. E, talvez, o tamanho de toda essa manifestação simbólica esteja refletido na imensa imagem de quase 20 metros de altura dos quatro presidentes, esculpidas em Mount Rushmore, na Dakota do Sul.<sup>77</sup>

O comentário de Junqueira sintetiza bem a expressão do mito dos pais fundadores:

Os pais fundadores eram vistos como herdeiros diretos dos peregrinos e assim estabeleceu-se uma espécie de ‘mito da América’. O mundo que surgia após a independência era novo, moralmente sólido e com extraordinárias perspectivas pela frente. Como se os anos após a independência fossem anos de um recomeço, como se a História tivesse se iniciado do ponto zero; era uma ruptura histórica, pois o mundo que construíam ali seria o oposto da Europa, exclusivo. Um povo eleito por Deus mostraria para a humanidade como criar um país a partir de princípios éticos e moralmente virtuoso: essa seria sua missão providencial. Tal qual um farol para o mundo, aqueles homens acreditavam que estavam não só criando um sistema inédito, mas de alcance universal.<sup>78</sup>

<sup>74</sup> CAMPBELL, op. cit., p. 131.

<sup>75</sup> Ibid., p. 135.

<sup>76</sup> Ibid., p. 142.

<sup>77</sup> A escultura encontra-se nas montanhas de *Black Hills*, uma antiga reserva dos índios Sioux, considerada por estes sagrada. Gutzon Borglum começou os trabalhos em 1925 e levou 14 anos para completar a escultura dos quatro presidentes dos EUA: Washington (1930), Jefferson (1936), Lincoln (1937) e Roosevelt (1939). Cf. JUNQUEIRA, op. cit., p. 29.

<sup>78</sup> Ibid., p. 34.

### 1.3 NOVOS TEMPOS: A DIREITA RELIGIOSA

Desvelar quando, de fato, a história da Direita Cristã<sup>79</sup> começou nos EUA não é tarefa fácil, visto que esse movimento descende de uma antiga raiz que remonta o início do século XX, cuja influência, de certa maneira, liga-se aos puritanos.<sup>80</sup>

Nesse sentido, o sociólogo Martin sucintamente tece uma espécie de linha do tempo para demonstrar a tessitura entre política e religião desde o Pacto do Mayflower até os dias de hoje:

Essa combinação de pensamento pactual, convicção de missão divina e profunda consciência da falibilidade humana marcaram as instituições políticas *americanas* e movimentos desde o Pacto do Mayflower até a declaração da independência e a Constituição, passando pelo *New Deal*<sup>81</sup>, *New Frontier*<sup>82</sup> e *Great Society*<sup>83</sup> até o eclodir da *Moral Majority*<sup>84</sup>, da *Christian Coalition*<sup>85</sup> e a construção do contrato<sup>86</sup> de 1994 do Partido Republicano com a América.<sup>87</sup>

Muito por conta dessa inegável relação entre política e religião no centro da alma *americana*, surge a Direita Cristã: um movimento social que tem por ambição mobilizar evangélicos protestantes e outros cristãos mais ortodoxos a aderir a uma política de ação

<sup>79</sup> O movimento também é conhecido por Nova Direita Cristã. Todavia, adiante mencionaremos que há outros nomes que se referem ao mesmo movimento, sendo que as diferenças entre as denominações giram em torno de discussões ideológicas. Portanto, adotaremos o nome de Direita Cristã sem maiores considerações particulares.

<sup>80</sup> Cf. MARTIN, W. *With God on our side: the rise of religious right in America*. New York: Broadway Books, 2005. p. 1. (Todas as traduções que seguem serão nossas.)

<sup>81</sup> Política de recuperação econômica implementada no governo de Roosevelt.

<sup>82</sup> Um *slogan* usado por Kennedy para descrever sua política, no qual comparava a atitude dos *americanos* no limiar do século XIX aos novos desafios a serem enfrentados no século XX, i.e., a conquista de igualdade e oportunidade para todos. Cf. NEW Frontier. In: THE DICTIONARY of cultural literacy. 3rd ed. Boston: Houghton Mifflin, 2002. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/59/12/newfrontier.html>>. Acesso em: 01 fev. 2005.

<sup>83</sup> Termo referente às políticas domésticas de Lyndon Johnson anunciadas em seu primeiro discurso do Estado da União.

<sup>84</sup> “Maioria Moral”: grupo de ação política, composto por conservadores e cristãos fundamentalistas, fundado em 1979 e dissolvido em 1989, foi liderado (1979-87) pelo evangélico James Falwell. Exerceu grande influência nas eleições de 1980, conquistando apoio da maioria da ala conservadora, e atuou no *Lobby* político para conseguir inserção da oração e a volta do criacionismo nas escolas públicas, ao passo que se opunha à Emenda de Direitos Iguais [sobre a equidade para as mulheres], aos direitos dos homossexuais, do aborto e do Acordo para Limitação de Armas Estratégicas (*U.S. – Soviet SALT Treaties*). Cf. MORAL majority. In: THE COLUMBIA encyclopedia. 6th ed. New York: Columbia University Press, 2005. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/65/e/E-MoralMajo.html>>. Acesso em: 01 fev. 2005.

<sup>85</sup> Organização – na maioria, membros evangélicos protestantes republicanos – fundada para desenvolver um programa político e social conservador e preservar o que julgavam serem os valores *americanos* tradicionais. Fundada por Pat Robertson (1989) após perder a eleição primária presidencial do partido republicano em 1988. Cf. WILCOX, C. *Onward Christian soldiers?: the religious...* Colorado: Westview Press, 2000. p. 61-64.

<sup>86</sup> “Contrato com a América” foi um documento, divulgado pelo partido republicano seis semanas antes das eleições do Congresso, cujo teor continha o detalhamento da linha de ação do partido, uma promessa a ser cumprida caso ganhasse maioria na Câmara dos Deputados dos EUA. O documento representou a vitória do republicano Newt Gingrich, eleito porta-voz da Câmara e, conseqüentemente, do movimento conservador. Cf. MARTIN, op. cit., p. 340.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 2. (grifo nosso)

conservadora.<sup>88</sup> Entretanto, há de se ressaltar que muitos líderes da DC preferem o nome de Direita Religiosa, uma vez que desse modo “[...] englobariam todas as ‘pessoas de fé’, incluindo judeus ortodoxos e possivelmente muçulmanos”.<sup>89</sup> E, ainda não a contento, Ralph Reed<sup>90</sup>, por exemplo, preferia o termo Conservador Cristão. Por esses meandros, cada líder defende uma visão particular ideológica. Porém, a despeito das particularidades, o programa de ação da maioria dos grupos da DC entrecruza interesses prioritários comuns, tais como aborto, direitos de homossexuais e educação, assuntos que “[...] muitos americanos interessam-se arduamente e sobre os quais o público está bem dividido”.<sup>91</sup> No entanto, para que todo o processo de evolução da DC seja mais bem-esclarecido, seria de bom tom retroceder um pouco no tempo.

### 1.3.1 O despertar em fases

Embora a influência do puritanismo tenha se alastrado pelas colônias desde o início, a radicação puritana, um fenômeno essencialmente firmado na Nova Inglaterra, com o esvaír dos anos, teve um quê de seu fervor e devoção abrandados em virtude da diversidade e divergências religiosas. É somente em 1730, a começar por New Jersey, que nasce um profundo reavivamento religioso, conhecido como o Primeiro Grande Despertar (*Great Awakening*: 1730-40), o qual é amplamente difundido pelas colônias. Acontece que, sem muito tardar, na última metade do século XVIII, a revolução abre caminho e, ao seu lado, o progressivo racionalismo e otimismo do período iluminista assumem um papel preponderante no pensamento da maioria dos Pais Fundadores, e são incorporados na dinâmica da prática religiosa e vice-versa. A comunidade cristã perseverava, mas já não era a mesma:

Em vez de treinamento formal e sagacidade teológica, o teste de liderança tornou-se a habilidade de arrebatar o coração, incitar homens e mulheres a buscar salvação e uma vida transformada. Os pregadores conseguiam autoridade e poder de modo democrático direto das pessoas que os ouviam e com liberdade escolhiam aceitar ou rejeitar o que escutavam.<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 5.

<sup>89</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>90</sup> Ex-diretor-executivo da Coalizão Cristã (1989-97), presidente do Partido Republicano da Geórgia (2001) e atual candidato (2006) ao cargo de vice-governador de Geórgia, esteve envolvido em uma história polêmica revelada pelo jornal *The New York Times* em 2002, a qual relata que Karl Rove, fiel e influente conselheiro político de Bush Jr., sugerira Reed para um rentável trabalho de consultoria na Enron. A indicação seria uma “moeda de troca”, que fez com que Bush Jr., com o apoio de Reed, vencesse a eleição primária do partido republicano para concorrer à presidência. Cf. BERKE, R. L. Enron’s collapse... *The New York Times*, New York, 25 Jan. 2002. Section C, p. 1.

<sup>91</sup> Ibid., p. 9.

<sup>92</sup> MARTIN, op. cit., p. 3.

Um novo século irrompe e, ao mesmo tempo, uma outra experiência de reavivamento: o Segundo Grande Despertar (1790-1821), uma segunda fase, que “[...] chegou notavelmente perto de conseguir o sonho evangélico de transformar a América em uma nação cristã”.<sup>93</sup>

Novamente uma grande expectativa milenarista tornou-se presente, principalmente no norte, onde houve um grande esforço de propagar uma campanha para acabar com a guerra, os vícios, a escravidão, a submissão da mulher, a prostituição, a pobreza, a profanação, o descomprometimento com o *Sabbath* e tudo que estivesse à contramão da conquista de uma dita sociedade perfeita. O sul permanecia devoto à bíblia, fiel à piedade, à pureza e à inabalável dedicação em converter as almas perdidas, uma das principais missões do reavivamento.

### 1.3.2 A reação fundamentalista

Ao aproximar-se do fim do século XIX, os Estados Unidos amparavam a pluralidade religiosa nos moldes da lei, mas o que acontecia na prática era diferente. Embora a primeira emenda da Constituição *americana* impedisse o reconhecimento de uma religião oficial única, a esmagadora maioria que ali vivia era protestante.<sup>94</sup> Contudo, uma série de eventos fez com que a cristandade evangélica começasse a se desentender nessa época.

Batistas, metodistas e presbiterianos assumem posicionamentos antagônicos a respeito da escravidão, um tema marcante que dividiu e abalou fortemente a nação com a passagem da Guerra de Secessão (1861-65) e o período posterior da Reconstrução. Somado a isso, o advento imigratório, composto notadamente por católicos, judeus e cristãos ortodoxos; a rápida industrialização da economia e, conseqüentemente, o decorrente processo de urbanização, trouxeram à baila mudanças e problemas da modernidade.

Delineava-se um novo cenário divisor de águas, sobretudo em razão da imigração, que acabou por romper a relativa homogeneidade religiosa e coesão social existentes, dando lugar à formação de múltiplas subculturas divididas por etnia, linguagem, raça, nacionalidade e religião. Assim, com a entrada dessa diversidade de imigrantes, o núcleo protestante perdia força e controle da situação. Ademais, o processo de urbanização como um todo gerou a aparição de um fantasma até então pouco imaginado, a secularização.

Diante de tantas mudanças, ainda havia, para o infortúnio dos evangelistas, dois outros grandes pesadelos tirando-lhes o sono. Um era a teoria da evolução de Darwin, que colocava

---

<sup>93</sup> Ibid., p. 4.

<sup>94</sup> Cf. BEYER, P. *Religion and globalization*. London: Sage Publications, 1997. p. 118.

em cheque um dos alicerces da cristandade *americana*: o polêmico assunto da criação, sobre o entendimento tanto da natureza como do destino humano. O outro, a influência de uma construção crítica histórica da academia Alemã<sup>95</sup> sobre toda a obra bíblica, que foi parar nos seminários e púlpitos. A discussão científica e histórica ultrapassava os muros da universidade, entrava no *lôcus* religioso e abalava as estruturas do cristianismo.

Pautado nesse caminho, funda-se o “Novo Cristianismo”; movimento que acolhe as novas mudanças e caminha na direção liberal e ecumênica, inclusive aceitando, com certo limite, católicos e judeus. Entretanto, em reação a esse novo modelo religioso surgiam os precursores da DC.

Muito em razão dessa rivalidade é que, incontinenti, imbuídos de um espírito de combate ao modernismo, Lyman e Milton Stewart – dois irmãos abastados, proprietários da *Union Oil Company*<sup>96</sup> e co-fundadores da Universidade de Biola – financiaram a publicação de uma coleção de doze volumes, intitulada *The Fundamentals: A Testimony of the Truth*<sup>97</sup>, elaborada por renomados estudiosos ortodoxos sob orientação do evangelista A. C. Dixon.<sup>98</sup> Talvez, o que os dois irmãos não imaginavam era que naquele momento estariam cunhando a origem do termo “fundamentalismo”, bem como dando o pontapé inicial a um movimento organizado fundamentalista que veio a surgir com a fundação da WCFA<sup>99</sup> em Filadélfia (1919), onde estiveram presentes 6.000 pessoas lideradas por notáveis evangelistas como Billy Sunday, John Roach Straton, Paul Rader e William Bell Riley.<sup>100</sup>

É nesse ínterim, entre o fim do século XIX e começo do XX, que se desenvolvem duas correntes dissidentes dentro do protestantismo dos Estados Unidos: a primeira ficou conhecida por “fundamentalista”<sup>101</sup> e a segunda por “modernista”<sup>102</sup>. A diferença central entre

<sup>95</sup> Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e Albrecht Ritschl, (1822-89), ambos influenciados pelas idéias iluministas de Kant, são alguns exemplos de nomes importantes que muito contribuíram para a formação do liberalismo. Enquanto o primeiro colocou o *lôcus* da religião no sentimento, no afeto e nas emoções do homem – e, desse modo, inseriu Deus e religião no reino do sentido da experiência – o segundo opôs-se ao subjetivismo de seu antecessor e fundamentou o cristianismo na história, investindo no resgate do Jesus histórico, sendo que para ele Deus não era um objeto a ser julgado teoricamente. Cf. GOUVÊA, R. Q. A morte e a morte da modernidade: quão pós-moderno é o posmodernismo? *Revista Fides Reformata*, São Paulo, v. 1, n. 2, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/teologia/fides/vol01/Ricardo.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

<sup>96</sup> Empresa de exploração de petróleo hoje, sob o nome de *Unocal Corporation*. Controlada pelo grupo *Chevron*, é uma das maiores distribuidoras de derivados de petróleo dos EUA e detentora da marca *Texaco*.

<sup>97</sup> Os Fundamentalistas: Um Testemunho à Verdade.

<sup>98</sup> A obra, publicada entre 1910-15 e contendo 30 ensaios da Bíblia e tópicos correlatos, teve cerca de três milhões de cópias impressas e distribuídas.

<sup>99</sup> *World's Christian Fundamentals Association*: Associação Fundamentalista Cristã Mundial.

<sup>100</sup> Em seguida, esses líderes espalharam-se pelos EUA e Canadá pregando seus ideais em mais de 100 conferências. Cf. WILCOX, op. cit., p. 26.

<sup>101</sup> O tripé central da doutrina fundamentalista era basicamente composto de três idéias: pré-milenarismo, dispensacionalismo e criacionismo. Cf. *Ibid.*, p. 26-7.

<sup>102</sup> A corrente modernista, também conhecida por “cristianismo liberal ou progressista”, foi um movimento religioso que tentou conciliar o cristianismo histórico com as descobertas da ciência moderna e a filosofia.

ambas fixava-se em torno da interpretação bíblica. Para os fundamentalistas, a Bíblia, uma obra de Deus transmitida aos seres humanos, tinha de ser interpretada *ipsis litteris*; portanto, inseri-la em um contexto histórico, científico ou qualquer outro, como faziam os acadêmicos racionalistas modernistas, constituía uma profanidade.

Os fundamentalistas, contrários ao envolvimento do “Novo Cristianismo” com os valores e a racionalidade da vida urbana, bem como com a orientação voltada ao social introduzida pelo movimento *Social Gospel*<sup>103</sup>, enfatizavam a salvação individual como elementos prioritários para o cristianismo; exaltavam o dever de todo cristão de ser evangelizado pela fé, o combate a outras religiões e, conseqüentemente, outras culturas, as quais julgavam falsas e perigosas. Além disso, incentivavam uma conduta de vida mais simples possível, a qual deveria ser abstinente, laboriosa e o mais próximo possível ao estilo de vida rural, tradicional e uniforme.<sup>104</sup> Era uma clara oposição aos sedutores valores plurais da vida cosmopolita, que, para os fundamentalistas, conduziria ao vício e ao desvio do caminho à salvação.

O medo latente dos fundamentalistas era que a concepção do cristianismo liberal usurpasse a cena, deixando as questões religiosas por eles consideradas puras à margem, substituindo-as por preocupações seculares, e até superficiais, que consideravam fora do âmbito religioso, tais como educação, saúde e bem-estar social.

Neste ponto é possível evidenciar uma oposição à globalização e a resistência ao contato com outras culturas. Os fundamentalistas mais ativistas defendiam a idéia de que o Cristianismo era a fundação necessária da civilização em geral e, em particular, da nação *americana*. Para eles, a vida urbana trazia uma ameaça latente ao que já estava consolidado; os novos valores eram estranhos, isto é, vinham do estrangeiro, não pertenciam a eles e, mais do que isso, para os líderes mais radicais, não faziam parte do reino de Deus, eram obra de Satã.<sup>105</sup> A política, a seu modo, também incorporava essa ideologia, utilizando a guerra bem-

<sup>103</sup> Evangelho Social: movimento liberal do protestantismo *americano* que investia na aplicação dos ensinamentos bíblicos aos problemas associados com o processo da industrialização. Os dois principais expoentes do movimento foram Washington Gladden (1836-1818) e Walter Rauschenbusch (1861-1918). Os adeptos fomentavam-se na crença pré-milenarista de que as pessoas poderiam ajudar na condução do retorno de Cristo, caso intervissem na preparação do Reino na terra. Cf. SOCIAL gospel. In: THE COLUMBIA encyclopedia. 6th ed. New York: Columbia University Press, 2005. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/65/so/SocialGo.html>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

<sup>104</sup> Um bom exemplo de como esses valores eram exaltados na época pode ser visto em músicas como a de Miss Clara F. Berry, que compôs uma canção (1871) intitulada *Don't Leave The Farm Boys* (Não Abandonem a Fazenda, Meninos). Cf. THE LIBRARY OF CONGRESS. *Rise of industrial America, 1876-1900...* Disponível em: <<http://memory.loc.gov/learn/features/timeline/riseind/rural/leave.html>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

<sup>105</sup> Cf. BRUNS, R. A. *Preacher: Billy Sunday and big-time American evangelism*. Champaign: University of Illinois Press, 2002. p. 15.

sucedida como um potencial pedagógico a serviço do imperialismo, conforme as palavras de Hobsbawm:

[...] o imperialismo mobilizou com êxito a popularidade dos canhões para a guerra [...] Na verdade, as elites governantes dos EUA, encabeçadas por Theodore Roosevelt (1858-1919), presidente de 1901-1909, acabava por descobrir o caubói-inseparável-de-seu-revólver como um símbolo do verdadeiro americanismo, da liberdade e da tradição branca nativa contra a horda invasora dos imigrantes das classes baixas e a incontável grande cidade. Desde então, esse símbolo tem sido extensivamente explorado.<sup>106</sup>

### 1.3.3 Com o diabo não se brinca

E, por falar no diabo... , não dizem que ele está nos detalhes? Neste caso, coincidência ou não, a Revolução Bolchevique (1917) e, principalmente, a I Guerra Mundial (1914-18) encaixavam-se divinamente na lógica fundamentalista, com uma coerência para racionalismo ou fé nenhuma “botar defeito”.

A maioria dos líderes fundamentalistas, que antes tomara posição contrária à guerra e à entrada dos EUA (1917) nela, logo mudou de opinião e, a um só tempo, conseguiu dois grandes feitos. Primeiro, ao apoiar a guerra, tal grupo demonstrava patriotismo e entrava em disputa do terreno político com os liberais; e segundo, como uma peça de encaixe em um quebra-cabeça histórico perfeitamente simultâneo, os alemães davam continuidade ao processo de representação do perigo e de ameaça premente que vinha do estrangeiro, fato que, definitivamente, endossava a imagem de Satanás e sustentava o combate das idéias modernistas:

A I Guerra Mundial e a Revolução Bolchevique de 1917 proporcionavam ao fundamentalismo o que se tornaria um de seus principais elementos: o nacionalismo religioso. Sunday, Riley e outros líderes fundamentalistas declararam que era o próprio Satã quem comandava a luta da guerra alemã e, com veemência, insinuavam que faziam parte do mesmo processo que começara com a elaboração do criticismo bíblico nas universidades alemãs. O modernismo, eles afirmavam, convertera a Alemanha em uma nação sem Deus, e o mesmo se daria na América.<sup>107</sup>

A Primeira Guerra Mundial retratava uma batalha entre o racionalismo alemão e o cristianismo *americano*.<sup>108</sup> Tal conflito teve proporções épicas como a clássica luta do bem contra o mal. Os alemães, representantes, obviamente, do mal, refletiam o vislumbre do que

<sup>106</sup> HOBBSAWM, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 151-2.

<sup>107</sup> MARTIN, op. cit., p. 11.

<sup>108</sup> BEYER, op. cit., p. 119.



acontecia internamente com os liberais, fato que já prenunciava uma reação à globalização, ou seja, naquilo que vem de fora. Portanto, mostrando-se resistentes a uma cultura “estranha”, criavam um movimento, por assim dizer, entrópico, o qual reafirmava e recriava uma exclusividade cultural do grupo *americano* como se esta fosse unicamente válida. Mais tarde, a DC prossegue com tal crença, mudando, porém, seu foco inimigo para o comunismo, como aponta Marsden:

[...] durante a década que sucedeu a I Guerra Mundial, líderes fundamentalistas eram comumente vistos pregando idéias alarmistas da situação da cultura Americana. Eles enunciavam alarme não somente sobre o modernismo e a evolução, mas também sobre a expansão do comunismo. Às vezes, até mesmo sentimentos anti-semitas eram incorporados.<sup>109</sup>

Ainda que não houvesse uma coesão política formada entre os fundamentalistas<sup>110</sup>, o período pós-guerra nesse aspecto não deixou de ser, de certo modo, uma época de ouro<sup>111</sup> para o grupo, que registrou um marco histórico ao aprovar no Congresso a Lei Seca (1920-33), mesmo que para isso tenha contado com apoio de protestantes, conservadores e até dos liberais. De qualquer modo, para eles, aquele ato representava uma vitória que levava um tema moral, de reivindicação fundamentalista, à legitimação no espectro político. Era a versão do cristianismo fundamentalista sendo levada adiante, asseverando a idéia de ordem social e fazendo com que uma condição cultural de seu grupo fosse estendida a toda a nação. A esse respeito Beyer comenta:

Embora esse estabelecimento de influência religiosa tenha durado pouco [...] isso ilustra o estreito vínculo no contexto moderno entre a cultura grupal étnica, a politização da religião e a simbolização particular do mal. Uma vez que os modernistas liberais do Novo Cristianismo tinham sido identificados com a ameaça externa da Alemanha, os limites entre a verdadeira América cristã e os outros poderiam ser delimitados com muito mais segurança. Os modernistas não eram uma direção alternativa para a nação; era estrangeira e maligna, uma ameaça para a civilização, para o cristianismo e para a América. O que era uma situação de conflito evidente entre as elites rivais por um tempo conseguiu ser representado como a escolha entre bem e mal, nós e eles, ordem e caos, ou simplesmente Deus e Satã.<sup>112</sup>

A disputa política também penetrou a área educacional por meio de medidas legais que coibiram o ensino evolucionista nas escolas públicas e, em seu lugar, colocaram a

<sup>109</sup> MARSDEN, G. M. *Fundamentalism and American culture: the shaping...* Oxford: Oxford University Press, 1980, p. 207.

<sup>110</sup> Cf. *Ibid.*, p. 208.

<sup>111</sup> Cf. BEYER, loc. cit.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 120.

doutrina bíblica do criacionismo.<sup>113</sup> O ápice da contenda é atribuído ao Estado do Tennessee, que proibiu os professores das escolas públicas e universidades lecionarem qualquer teoria que afirmasse que o homem descendia de uma espécie animal inferior, bem como negarem a teoria da história bíblica da criação.

Decorreu daí o famoso Julgamento Scopes (*Scopes Trial*:1925), uma referência de querela jurídica que colocou religião e razão lado-a-lado na cruzada contra o evolucionismo. William Jennings Bryan<sup>114</sup>, um político com idéias liberais populistas e recorrente candidato presidencial, e que também, curiosamente, mantinha laços com a liderança fundamentalista, resolveu entrar em uma briga exasperada que levou o professor de biologia John T. Scopes aos tribunais sob acusação de, contra a lei, ensinar a teoria evolucionista. É verdade que o movimento fundamentalista ganhou a sentença, mas sofreu graves seqüelas, tanto em detrimento da repercussão veiculada pela imprensa nacional e internacional que teve acesso aos constrangedores confrontos interrogatórios, quanto pela súbita morte de Bryan, uma importante liderança, a menos de uma semana após o veredicto. O saldo final veio em menos de cinco anos, quando não se pôde mais proibir o ensino do evolucionismo nas escolas do país, ainda que milhões de pessoas o considerassem falso e diabólico.<sup>115</sup>

No entanto, deve ser assinalado que a atitude de Bryan não era uma mera oposição à ciência *per se*, pois, como bem notou Beyer, os líderes fundamentalistas não eram contrários à ciência, mas sim à substancial distinção das racionalidades científica e religiosa e à preponderante subordinação da última pela primeira. A questão central, portanto, não era uma atitude contra a influência da ciência, mas contra a compartimentação da religião e o declínio de sua autoridade e alcance.

A politização do fundamentalismo nessa época evidencia que a diferença entre religiosos liberais e conservadores não estava reduzida a uma distinção entre concentração em religião aplicada ou pura respectivamente; tampouco deveria ser entendida apenas como aceitação ou rejeição à modernidade.<sup>116</sup>

---

<sup>113</sup> “Ao todo, foram apresentados trinta e sete projetos de lei contrários ao evolucionismo em vinte legislaturas estaduais, mas a maioria não conseguiu passar.” Cf. WILCOX, op. cit., p. 31.

<sup>114</sup> Ao que tudo indica, Bryan suspeitava do envolvimento de militares alemães com o ensino da teoria darwinista nas escolas dos EUA e, ainda, que as idéias de Nietzsche influenciaram o ímpeto expansionista alemão na I Guerra Mundial. Cf. CHERNY, R. W. *A righteous cause...* Norman: University of Oklahoma Press, 1994. p. 175-181.

<sup>115</sup> Entretanto, vale ressaltar que em virtude da repercussão do caso *Scopes*, muitos editores preferiram retirar dos livros didáticos de biologia qualquer referência à teoria da evolução por temerem problemas similares. O tema somente voltou a fazer parte das aulas de biologia quando a então União Soviética lançou o satélite *Sputnik* em 1957; afinal de contas, os EUA não podiam ficar científica e tecnologicamente atrás do país rival. Cf. WILCOX, op. cit., p. 31.

<sup>116</sup> Cf. BEYER, op. cit., p. 116.

Mais do que isso, a diferença centra-se ao redor do modo que essas alternativas representam o transcendente em termos imanentes. Ambos, os membros da Nova Direita Cristã e seus antecessores fundamentalistas procuravam identificar um grupo particular e sua cultura como a expressão da vontade divina, como a aproximação de potencial mais fiel possível ao transcendente supremo no reino imanente. Para combater as evidentes manifestações do mal ou pecado dentro do supostamente grupo bom, eles vêem a mais patente incorporação do mal em um grupo externo, cujos interesses malignos são internamente representados pelos adversários liberais dos direitistas. Essa estratégia identificou o interesse cultural e do status de uma importante subcultura nos Estados Unidos com os da nação americana como um todo e com a vontade de Deus.<sup>117</sup>

Por outro lado, após o julgamento do caso Scopes e a falência da Lei Seca, houve uma retração política – *Great Reversal*<sup>118</sup> – por parte de evangélicos e fundamentalistas que não viam a politização do movimento com bons olhos, o que acarretou em dificuldades em assegurar a sustentação, manter o aporte de financiamento e continuar na investida do criacionismo *versus* evolucionismo, função relegada a cargo dos mais extremistas. Foi, porém, um período de investimento na construção de “faculdades bíblicas”, igrejas, livrarias cristãs, jornais e revistas especializadas e novas organizações importantes como a *American Council of Christian Churches*<sup>119</sup> (ACCC - 1941).

### 1.3.4 Da euforia à depressão

Aliado a tudo o que acontecia, o fim da I Guerra Mundial produzia um coquetel perigoso à economia dos EUA; a parte palatável da mistura era composta por um país que passava da posição de maior devedor mundial a de maior credor e responsável por mais da metade da produção industrial do globo. À dose, adicionava-se todo um processo de reconstrução dos países derrotados, que surtiu no *boom* da economia estadunidense, na

---

<sup>117</sup> Ibid., p. 120.

<sup>118</sup> Um termo cunhado pelo historiador Timothy L. Smith referente à mudança do foco de interesse evangélico da recuperação social pela ênfase ao evangelismo muito mais ligado ao individualismo, ocorrido durante as primeiras décadas do século XX. Muitos evangélicos, indignados com a expansão do liberalismo teológico do movimento chamado *Social Gospel*, abandonaram o envolvimento em ações sociais. Cf. MOBERG, D. *The great reversal: evangelism versus social concern*. New York: Lippincott, 1972. p. 30. Cf. SMITH, T. L. *Revivalism and social reform: American...* Gloucester: Peter Smith, 1976. p. 212. Cf. HUNTER, J. D. *American evangelicalism: conservative religion...* New Brunswick: Rutgers University Press, 1983. p. 23-24.

<sup>119</sup> Conselho Americano das Igrejas Cristãs, fundado em 1941 sob liderança do Reverendo Carl MacIntere, assumia uma posição anticomunista vigorosa e atacava até mesmo os líderes das principais denominações protestantes por supostas alianças com os comunistas. Os extremistas se indispuseram com fundamentalistas moderados que vieram a formar a Associação Nacional de Evangélicos (NAE – *National Association of Evangelicals*: 1942) e, desse modo, deram início ao movimento chamado Novo Evangelismo. Cf. WILCOX, op. cit., p. 34.

deflagração do *American Way of Life*<sup>120</sup> e na figura do *Self-made man*<sup>121</sup>, símbolos de prosperidade, responsáveis pela euforia social e atores influentes no crescimento da ansiosa demanda nacional por produtos industrializados e de nova tecnologia – a maioria comprada a crédito – uma ilusória boa compensação à perda da exportação para os países europeus.

Entretanto, o dissabor do ingrediente amargo inevitavelmente era revelado pela retração da economia estadunidense, visto que a indústria da guerra entrara em declínio e os soldados, de volta ao lar, não eram absorvidos pelo mercado. Os inimigos alemães eram substituídos pelo alto custo de vida, pela inflação galopante, pelos conflitos raciais que desencadearam uma onda de migração de negros expulsos do sul por discriminação e violência – levando-os a tentar a sorte nos centros industriais do norte – e pela explosão de greves de trabalhadores, que na visão dos conservadores não passavam de atos revolucionários influenciados pelo mal bolchevista. Aliás, mais do que quaisquer outros, os comunistas, gradualmente, tornavam-se a verdadeira ameaça<sup>122</sup> que tomava lugar dos alemães, não à toa, popularizada por “Ameaça Vermelha”<sup>123</sup>, uma fase em que pessoas eram presas e deportadas para a URSS<sup>124</sup> sem nenhum critério substancial, a não ser o próprio envolvimento com idéias supostamente subversivas e com atos de incitação popular; entre as

---

<sup>120</sup> O modo de vida *americano* ficou caracterizado por um *éthos* nacionalista que engloba princípios de vida, liberdade e busca da felicidade. Há uma conexão entre esse conceito e o excepcionalismo *americano*. Ver: LIPSET, S. M. *American exceptionalism: a double-edged sword*, New York: Norton, 1966.

<sup>121</sup> Empreendedor advindo de camadas desprivilegiadas que por luta própria consegue prosperar.

<sup>122</sup> Em janeiro de 1939, perguntaram aos *americanos* quem eles preferiam que vencesse uma hipotética guerra entre a Alemanha e a União Soviética; 83% escolheram a última. Era uma situação histórica excepcional de curta duração, determinada pela ascensão e queda da Alemanha de Hitler que forçou, por assim dizer, uma união entre EUA e URSS contra um inimigo comum pior do que um via no outro, até a Guerra Fria. Cf. HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 145.

<sup>123</sup> Período dividido em duas partes na história dos EUA: a primeira fase começa já no final da década de 1910 com o medo das idéias de “emigrantes-estrangeiros” de classes desfavorecidas que depois, a partir da Revolução Russa, passou ao campo político, principalmente entre os anos de 1917-20; retorna em 1948 até meados dos anos 1950, deflagrando na entrada da Guerra Fria. Em síntese, foi uma fase de verdadeiro temor pela difusão do comunismo e pela tomada da esquerda nos EUA, um tempo motriz de uma série de medidas políticas que tinha como última intenção erradicar idéias comunistas no país, mesmo que elas passassem por cima de direitos civis individuais da população. Cf. KOVEL, J. *Red hunting in the Promised Land: anticommunism...* New York: Basic Books, 1994. passim.

<sup>124</sup> Em 1920, o procurador-geral A. Mitchell Palmer comandou uma série de batidas em organizações radicais tidas como estrangeiras e prendeu sumariamente mais de 4000 pessoas em 33 cidades. Palmer chegou a advertir que os revolucionários pretendiam derrubar o governo dos EUA e, nesse clima, o poder legislativo de Nova York expulsou cinco partidários socialistas legalmente eleitos. Professores primários eram obrigados a jurar lealdade em algumas comunidades, estados proibiam que a bandeira vermelha bolchevista fosse hasteada e houve até casos de prisão por roubo e assassinato, como os que levaram à execução (1927) dois anarquistas filosóficos (Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti), cujas provas tiveram respaldo apenas na hostilidade pública aos estrangeiros. O medo de estrangeiros, dissidentes e não-conformistas provocou linchamentos, conflitos raciais, propaganda contra judeus, idéias alarmantes e desconfiança generalizada; eventos como esses contribuíram para o crescimento da Klu Klux Klan (1915). Cf. SELLERS, op. cit., p. 311-12.

vítimas havia personalidades importantes como Emma Goldman<sup>125</sup>. Outrossim, por volta da mesma ocasião, inserido nesse clima e alegando a defesa dos valores dos estadunidenses brancos protestantes contra outras ameaças – principalmente os negros, mas também católicos romanos, judeus e asiáticos – surgiu a segunda fundação<sup>126</sup> da Klu Klux Klan (1915), um grupo cuja relevância não pode ser considerada tanto pelo seu volume quantitativo, já que chegou a ter no máximo quatro milhões de adeptos, mas em especial pelo aspecto que representa.

A seguir, batia à porta o período da Grande Depressão (1929-33) e, logo, o antídoto: o *New Deal* (1933-39), a II Guerra Mundial (1939-45) e o Macartismo (1950-56). Tudo indicava que os anos 30 representariam o limiar de tempos difíceis que levariam o cristianismo fundamentalista ao esvaziamento; mas, a despeito da erosão da base financeira, as organizações fundamentalistas continuaram ativas<sup>127</sup>, principalmente ao final da década de 30, quando houve a necessidade de reestruturação das bases, por consequência da perda de boa parte do controle das denominações e dos seminários. Uma série de congregações independentes, apoiada em notáveis propagadores da fé, formava alianças a fim de fortalecer e ampliar o espectro de abrangência.<sup>128</sup> As maiores representantes dessas coalizões eram a WCFA (1919), a *National Federation of Fundamentalists* (1920) e a *Baptist Bible Union*<sup>129</sup> (1923); mas não eram únicas, até porque um outro modelo que causava maior impacto na propagação da fé eram as faculdades e instituições<sup>130</sup>, pois preparavam milhares de novos ministros, professores, musicistas, diretores educacionais, missionários e outros divulgadores da fé. Na sequência, com o fim da II Guerra Mundial, surgiram também algumas organizações políticas – *Christian Crusade*, *The Christian Anti-communism Crusade* e a *Church League* – que aderiram à campanha de perseguição aos comunistas, também conhecida como o período da “caça às bruxas”, estimulada pelo senador republicano Joseph McCarthy, que alegava que o governo federal estava infiltrado por agentes comunistas.<sup>131</sup> A velha ameaça anticomunista

<sup>125</sup> Operária, militante sindical e ativista anarquista, foi uma das precursoras do movimento feminista. Emma foi deportada na “Arca Soviética” em 1919 com mais cerca de 250 passageiros, entre eles Alexander Berkman, Ethel Bernstein e Peter Bianki. Cf. GOLDMAN, E. *Living my life*. New York: Dover, 1970. p. 716 et seq, v. 2.

<sup>126</sup> A primeira Klu Klux Klan foi fundada pelos veteranos sulistas e escravistas do exército dos confederados, após a Guerra da Secessão, em 1866, e não durou mais do que quatro anos.

<sup>127</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 33.

<sup>128</sup> Alguns nomes: Straton em Nova York, Rader em Chicago, Riley em Minneapolis, McIntire em Filadélfia, J. Frank Norris em Fort Worth, “*Fighting Bob*” Shuler em Los Angeles, entre outros. Cf. MARTIN, op. cit., p. 17.

<sup>129</sup> As duas últimas, respectivamente, Federação Nacional dos Fundamentalistas e União Bíblica Batista.

<sup>130</sup> Algumas notáveis, que existem até os dias de hoje, como *Moody Bible Institute* (1886) e *The Bible Institute of Los Angeles* (BIOLA: 1908).

<sup>131</sup> Cruzada Cristã, A Cruzada Anticomunista Cristã e a Liga da Igreja. Cf. WILCOX, op. cit., p. 34.

retornava, mas, desta vez, a aparência ganhava contornos ainda mais assustadores. Marsden consegue “desembaraçar um novelo de lã” sobre esse assunto:

Por volta dos anos 50 praticamente todos os medos políticos aglutinaram-se em direção à ameaça comunista, que continuava a atrair boa parte do público de líderes pré-milenaristas como Carl McIntire ou Billy James Hargis. Embora as atitudes políticas da maioria dos fundamentalistas fossem muito parecidas com as dos seus vizinhos republicanos não-fundamentalistas, o desenvolvimento do anticomunismo hiperpatriótico é um enigma e uma ironia na história do fundamentalismo. Como podiam os pré-milenaristas, cuja atenção deveria desviar-se da política enquanto aguardavam a vinda do Rei, abraçar esse *Gospel* [Evangelho] altamente politizado? É difícil explicar o fenômeno simplesmente em premissas racionais. Talvez, o enigma possa ser solucionado se entendermos o tipo de mentalidade, ou a tendência do pensamento, às vezes, associada ao fundamentalismo. Richard Hofstadter apropriadamente descreveu essa mentalidade como ‘essencialmente maniqueísta’. O mundo, sob esse ponto de vista, é uma ‘arena para o conflito entre o bem absoluto e o mal [...]’ Existe, por trás dessa perspectiva, uma concepção da história que muitas vezes apareceu na cena política americana. ‘A história é uma conspiração, colocada em movimento por forças demoníacas de poder quase transcendente [...]’ Essa concepção, diz Hofstadter, gerou ‘a maneira paranóide’ com frequência encontrada no pensamento político americano. Essa síndrome tem uma íntima afinidade com a concepção da história central da visão fundamentalista. Eles tinham para si, assim como outros cristãos, que a história consistia em uma luta básica entre Deus e Satã.<sup>132</sup>

#### 1.4 TEMPOS MODERNOS: COM A PALAVRA, O EVANGELHO

Outro grande potencial explorado era a mídia em geral, pois ser contrário ao modernismo não significava que os fundamentalistas recusariam o bom uso da tecnologia para propagar sua doutrina. Ao contrário, souberam utilizá-la desde o começo, já no início do século XX, por intermédio da impressão escrita<sup>133</sup> para distribuir panfletos, jornais específicos, livretos, entre outros; vale lembrar, inclusive, que o movimento fundamentalista foi batizado pelo advento da impressão. Na década de 50 os grupos anticomunistas utilizaram o rádio<sup>134</sup>, passaram à televisão, com o fenômeno do televangelismo e, mais tarde, nos anos 80, foi a vez da *Moral Majority* fazer uso do computador para organizar uma campanha

<sup>132</sup> MARSDEN, op. cit., p. 210-11.

<sup>133</sup> A introdução do hábito da leitura parece ter conseguido grandes resultados, pois hoje os livros voltados aos cristãos evangélicos vendem mais que os best-sellers publicados na lista do *The New York Times*. Cf. MARTIN, op. cit., p. 18. Um dos livros campeões de venda, na década de 1970, foi *The Late Great Planet Earth* de Hal Lindsey. Cf. WILCOX, op. cit., p. 35.

<sup>134</sup> Em 1925, uma a cada dez estações de rádio, das mais de 600, pertencia a uma organização religiosa. Dezenas de pregadores fundamentalistas tornaram-se grandes revelações nessa mídia, como foi o caso de Charles E. Fuller que teve seu programa *Old Fashioned Revival Hour* difundido por 152 estações em 1939 e ouvido por cerca de 10 milhões de pessoas. Em 1943, outro programa (*Pilgrim's Hour*) do mesmo autor, escutado por 1000 estações, que comprava 50% mais espaço na rádio do que qualquer empresa secular, ocupava o segundo lugar na lista. Cf. MARTIN, loc. cit.

política com mala direta por meio do correio eletrônico. De 90 em diante, a Direita Cristã continuou a utilizar todos os meios de comunicação possíveis para fins políticos.<sup>135</sup>

#### 1.4.1 Evangélicos no ar

Entre os grandes nomes que marcaram a época da difusão midiática está o do padre católico romano Charles Coughlin, um fenômeno de audiência que conseguiu transformar uma apresentação de histórias infantis (1926) em um controverso programa nacional mesclado por religião, economia e política, o qual levava os ouvintes a enviarem dinheiro para o patrocínio. Assim, expandiu-se em redes, assinou contrato com a CBS e tornou-se um crítico político do “capitalismo desregulado” e do presidente quaker e republicano Hebert Hoover (1929-33) durante o período da Grande Depressão, fato que lhe rendeu a saída do ar em 1931. Mas Coughlin não demorou a voltar com sua estação independente, que em pouco tempo lhe conferia uma estimativa, possivelmente exagerada, de 45 milhões de ouvintes e a marca recorde de 1,2 milhão de cartas em resposta a um determinado sermão. Em 1934, estimou-se que ele era o indivíduo que mais recebeu cartas no mundo, uma força também usada para “entupir” o correio do Congresso quando havia algum interesse político por trás. Sua força política era tamanha que foi considerado uma das principais influências na eleição de Franklin D. Roosevelt à presidência.<sup>136</sup>

Não obstante as crises social, econômica e psíquica geradas pela passagem avassaladora das guerras e da Depressão – que atingiram os cristãos conservadores não apenas ideologicamente, mas também em questões essenciais, como a do sustento cotidiano, da preocupação com o bem-estar familiar e o futuro dos filhos – no início da década de 40, os líderes evangélicos e fundamentalistas, em uma demonstração de esforço conjunto, começaram a empreender reuniões aos sábados à noite destinadas a dar apoio aos jovens, proporcionando entretenimento, fervor patriótico e exortação revivalista.<sup>137</sup> Desse modo, nasceu um movimento chamado *Youth For Christ*<sup>138</sup>, uma idéia amplamente espalhada pela América do Norte que, em curtos cinco anos, conseguiu reunir cerca de 600 líderes em Winona Lake, Indiana, para formar a *Youth For Christ International*, tendo a frente o notório

---

<sup>135</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 73.

<sup>136</sup> Cf. MARTIN, loc. cit.

<sup>137</sup> Cf. Ibid., p. 25.

<sup>138</sup> Juventude para Cristo.

Billy Graham<sup>139</sup>, um nome cuja representatividade religiosa, para pouco dizer, estampou a capa da revista Times em 25 de outubro de 1954; destacou-se, de 1948 a 2000, na lista da pesquisa *Ten Most Admired Men in the World*<sup>140</sup> do Instituto Gallup, sendo lembrado até hoje; escreveu 24 livros, muitos traduzidos para mais de 30 idiomas e, principalmente, foi próximo de muitos presidentes – que o tinham como conselheiro eleitoral, como Eisenhower e Nixon, este último em especial – ou a quem de algum modo servia de suporte e ajuda, como Kennedy, Johnson, Ford, Carter, Clinton e, com certa predileção, Reagan, além dos patriarcas da família Bush. Graham também foi um defensor dos fundamentos, acolhedor da causa anticomunista e simpático ao senador McCarthy. E, mesmo que ao longo da vida, de certo modo, tenha relativizado sua visão política, o reverendo sempre conservou a raiz ideológica mais radical, evidenciada, por exemplo, quando, com bíblia em mãos, apareceu ao lado de Bush (pai) por ocasião da primeira guerra do golfo, contra o Iraque; um gesto maior do que um mero apoio político: “A grande presença do revivalista simbolizava que caso a cruzada do Golfo não fosse Cristã, seria pelo menos bíblica”.<sup>141</sup> Já, bem antes disso, em 1985, esse mesmo homem, amigo da família Bush, teve um papel crucial na vida do Junior, que Peter Singer aponta como o provável momento da decisão de Bush Jr. tornar a ética um tema central de sua vida pública:

O evangélico Billy Graham foi convidado a passar alguns momentos com a família e, ao que consta, quando Bush caminhava na praia, Graham o indagou se ele estava ‘em dia com Deus’. Bush respondeu que não tinha certeza, mas a conversa começou a fazê-lo pensar no assunto. No [discurso] *A Charge to Keep* ele refere que aquele foi o momento em que ‘o Reverendo Billy Graham colocou uma semente de mostarda na minha alma’ que o fez ‘confiar novamente meu coração a Jesus’ e o tornou um leitor regular da bíblia. Seguramente, a crença cristã de Bush desempenha um papel importante em seu pensamento moral.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> Considerado a maior liderança revivalista durante 50 anos: Reverendo Dr. William Franklin Graham Jr., cristão evangélico, foi um dos grandes expoentes da causa religiosa, considerado o “Papa Protestante da América”. Embora tenha sido por um bom tempo simpatizante democrata, abandonou essa idéia e assumiu a postura de votar conforme o que julgava como a melhor opção do momento. Participou de missões por todo os EUA, Europa e Austrália; fundou a Associação Evangelista Billy Graham (BGEA: 1950) em Minneapolis, um negócio que compreende uma rede mundial de programas de rádios semanais há mais de 50 anos, além de programas de TV veiculados em horário nobre nos EUA e Canadá, colunas em jornais por todo os EUA, *websites*, inclusive para adolescentes, e uma distribuidora de filmes evangélicos. Cf. BLOOM, H. Heroes & icons: Billy Graham. *Time Magazine*. New York, 14 June 1999. Disponível em: <<http://www.time.com/time/time100/heroes/profile/graham01.html>>. Acesso em: 20 abr. 2005. Cf. MARTIN, W. *A prophet with honor: the Billy Graham story*. New York: William Morrow, 1991. passim. Cf. POLLOCK, J. *To all nations: the Billy Graham story*. New York: Harper & Row, 1985. passim.

<sup>140</sup> Os Dez Homens Mais Admirados do Mundo.

<sup>141</sup> BLOOM, loc. cit.

<sup>142</sup> SINGER, P. *The President of Good and Evil: questioning the ethics of George W. Bush*. New York: Plume Penguin, 2004. p. 4. (grifo nosso)



A década de 1950 foi um sucesso para os protestantes cristãos brancos, que tiveram na figura de Graham um símbolo que expressava a influência que exerciam no éthos dos EUA por mais de um século. O resultado disso podia ser vislumbrado na expansão das igrejas, das faculdades, na excelente vendagem de revistas e jornais e no maior movimento de jovens do país. O fato é que Graham não era somente o pregador mais conhecido e admirado do país, mas também o homem que tinha a atenção e a escuta apuradas dos presidentes dos EUA.<sup>143</sup>

#### 1.4.2 A reorganização política da Direita Religiosa

Apesar da turbulenta passagem de um período de conflitos segregacionistas, houve, no fim da década de 1960 e começo de 1970, um notável crescimento do movimento carismático nas principais igrejas protestantes e católicas dos EUA. Grupos de executivos carismáticos expandiam-se, aglutinando católicos, episcopais, metodistas e luteranos em cultos realizados em igrejas e espaços públicos. Certa onda de calmaria fundamentalista pairava no ar dos anos 70, como se fosse o presságio de um fim de década mais agitado que também invadiria os anos 80. A Direita Cristã se reorganizava e realizava uma série de eventos políticos pelo país, deixando claro o potencial evangélico e fundamentalista. Nos anos 80 a DC lidera uma campanha para legalizar o ensino do criacionismo nas escolas públicas em contraposição à evolução científica. Tais movimentos tentavam inserir a religião como um meio de solucionar problemas de ordem social, como uso de drogas, crimes, educação e saúde, estabelecendo, desse modo, códigos morais de conduta. Do mesmo modo, opunham-se à Emenda dos Direitos Iguais (*ERA - Equal Rights Amendment*), – que dispunha sobre equidade para as mulheres – e fazia frente à legislação dos direitos homossexuais.<sup>144</sup>

Poder-se-ia afirmar que Jimmy Carter soube explorar muito bem a necessidade ao retorno dos valores de integridade, honestidade e justiça política em uma fase delicada pela qual a nação dos EUA passava no momento Pós-Guerra do Vietnã (1954-75) e, principalmente, na ressaca do escândalo *Watergate*<sup>145</sup>. Quando concorria à presidência da

<sup>143</sup> Cf. MARTIN, . *With God on our side*, p. 47.

<sup>144</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 35.

<sup>145</sup> Uma série de escândalos que levou o presidente republicano Richard Nixon (1969-74) a renunciar (09/08/1974) enquanto o Congresso encaminhava um processo para o seu impedimento (*impeachment*). O nome *Watergate* é originário de um edifício comercial em Washington, onde em 1972 o Partido Democrata mantinha seu comitê de campanha presidencial; ali encontraram um sistema de escuta encomendado pela Casa Branca para espionar seus adversários democratas. O caso foi denunciado pelos então repórteres do jornal *Washington Post*, Bob Woodward e Carl Bernstein que conseguiram as informações por intermédio do ex-agente do FBI Mark Felt, o “garganta profunda”. Cf. REVISITING Watergate. *Washingtonpost.com*, Washington, 31 May 2005. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/watergate/front.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

república em 1976, Carter, um sulista e batista devoto, anunciou ser um “renascido” (*Born-again*) e, abertamente, convocou os evangélicos a interagir na vida pública participando das eleições; para tanto, pediu que deixassem de lado a desconfiança política adquirida no passado. Por essa via, comparado aos antecessores, conseguiu uma expressiva votação de brancos evangélicos e, ao mesmo tempo, soava um alerta aos líderes conservadores fundamentalistas que observaram um renascimento naquela candidatura – mais interessante do que a de Carter –, ou seja, o renascimento do potencial político dos evangélicos e fundamentalistas que poderia ser levado aos candidatos republicanos. Assim, já um tanto desapontados com o governo Carter – e, acima de tudo, no tocante aos assuntos pertinentes aos valores da família como, por exemplo, as medidas mais brandas sobre o aborto – uma parcela de líderes conservadores mobilizou-se para buscar recursos a fim de organizar grupos políticos-religiosos – *Moral Majority*, *Christian Voice* e *Religious Roundtable* – que sustentassem plataformas políticas em torno de alguns dos seus objetivos comuns, visando atrair um leque de eleitores religiosos, inclusive os católicos inclinados, a darem voto aos democratas. Esses grupos ancoravam-se em programas contra o aborto, a proteção aos direitos civis de homossexuais e a Emenda dos Direitos Iguais (*ERA*), à medida que advogavam em prol de benefícios de impostos para escolas religiosas e da implementação de orações nas escolas.

De todos os grupos gerados, entre a década de 70 até praticamente o fim da de 80, o *Moral Majority* foi o que mais obteve destaque. Segundo o líder, Jerry Falwell, um pastor da Comunhão Batista Bíblica (*BBF - Baptist Bible Fellowship*), o trabalho de organização do grupo dividia-se em três categorias: registro (de eleitores), informação e mobilização (ambas políticas) e aquilo que caracterizava como pró-vida, pró-família, pró-moral e *pró-americanos* (há também referências que incluem pró-Israel na lista).<sup>146</sup>

A década de 80 sem dúvida foi um ciclo em que a mídia fez diferença e Falwell parecia saber disso, pois era considerado na época a um dos pregadores mais assistidos pela TV e cuja audiência era avaliada entre 6 e 30 milhões de espectadores. A despeito da polêmica da larga e imprecisa diferença entre os números, o fato é que a TV causava um grande impacto na divulgação das idéias de Falwell, tendo, na ocasião, o programa *Old Time Gospel Hour* como um dos carros-chefes, retransmitido a mais de 300 estações e veiculado até hoje em todos os continentes, exceto na Antártida, através de TV a cabo.

---

<sup>146</sup> Cf. MARTIN, op. cit., p. 201.

Em abril de 1980, o mega encontro “*Washington for Jesus*”<sup>147</sup> conseguiu reunir de 200 a 500 mil pessoas em torno de uma oração coletiva que simbolizava, entre outras coisas, a necessidade do retorno da nação a Deus. O evento deu a impressão de que o país começava a dar uma reviravolta, que Pat Robertson<sup>148</sup>, outro influente televangelista e correligionário da DC, chamou de “o início da revolução espiritual”. Não faltavam, naquele momento, aflições, sentimentos de angústia e motivos para que muitos estadunidenses achassem justificas plausíveis para unirem suas preces: a memória da derrota do poder militar no Vietnã e do fiasco do *Watergate*; a invasão soviética no Afeganistão (1979); o sentimento de perda de alguns territórios para o regime comunista – Cuba, Angola, Moçambique, Etiópia, Iêmen do Sul e Nicarágua – e o conseqüente medo da expansão comunista e da influência política Soviética em plena Guerra Fria; a derrubada do governo do Xá Mohamed Reza Pahlevi (1979) pela revolução popular liderada por Aiatolá Khomeini e o então recente fracasso da operação *Desert One*, que tentou libertar 52 estadunidenses, reféns há mais de cinco meses na embaixada em Teerã; uma inflação, que no começo do governo Carter era de 6%, já passava de seu dobro; e os altos índices dos juros e de desemprego. Em decorrência disso tudo, o que sobrava era a sensação generalizada de que o patriotismo esvaía-se e cedia lugar à fragilidade.

---

<sup>147</sup> Mega encontro ocorrido em Washington Mall, em 29 de abril de 1980, promovido por vários líderes religiosos midiáticos que resolveram unir as mais variadas denominações protestantes em torno de um momento de oração única. A mobilização foi feita por ocasião da comemoração da data em que os primeiros imigrantes chegaram em Jamestown, em 1607, e lá ergueram uma cruz na costa da Virgínia para simbolizar a dedicação daquela terra a Deus. Cf. HADDEN, J. K.; SWANN, C. E. *Prime time preachers: the rising power of televangelism*. Reading: Addison-Wesley, 1981. p. 4.

<sup>148</sup> Pat Robertson é um influente e conhecido televangelista, empresário e ativista político da Direita Religiosa cuja biografia é farta de detalhes curiosos como, por exemplo, quando previu que um furacão assolaria Orlando, na Flórida, por motivo do apoio aos direitos gays; em outra ocasião, concordou com Falwell, em seu programa de entrevistas, que os ataques de 11 de setembro foram consentidos por Deus em decorrência da decadência moral dos EUA, citando como exemplo disso, os gays, a causa pró-aborto, as feministas e outros. Mais recente, declarou que o presidente dos EUA deveria assassinar Hugo Chavez, presidente da Venezuela, por considerá-lo um terrível perigo, referindo-se à propagação do comunismo. Tido como emblemático conservador extremista, utiliza politicamente seu famoso programa de TV *The 700 Club*. Também fundou grandes organizações, como a CBN (1961): a primeira rede de TV evangélica dos EUA, com alcance internacional por meio da divulgação de programas religiosos em mais de 70 línguas; a *Regent University* (1977): conforme sua própria denominação, é um centro acadêmico para o pensamento e ação cristãos; a OBI – *Operation Blessing International* (1978): uma empresa humanitária sem fins lucrativos que já esteve envolvida em escândalos como o desvio da rota de aviões de trabalhos humanitários no Zaire para um empreendimento de mineração de diamantes particular de Robertson, além do recente favorecimento do nome da OBI na lista do *Website* da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências (FEMA – *Federal Emergency Management Agency*) como uma das instituições aptas a receber doações em dinheiro para o desastre provocado pelo furacão Katrina; a *Christian Coalition* (1989): a organização mais visível da Direita Religiosa; e a *ACLJ* – *American Center for Law and Justice* (1990): uma empresa sem fins lucrativos, especializada em lei constitucional, que defende basicamente casos ligados a valores religiosos. Cf. GOODSTEIN, L. Robertson suggests U.S. kill Venezuela's leader. *The New York Times*, New York, 24 Aug. 2005. Section A, p. 10. Cf. PROFILE: Pat Robertson. *BBC News*. London, 25 Aug. 2005. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/4182962.stm>>. Acesso em: 26 ago. 2005. Cf. GONZALEZ, J. Disaster used as political payoff. *Daily News*, [S.I.], 06 Sept. 2005. Disponível em: <[http://www.nydailynews.com/news/wn\\_report/story/343712p-293471c.html](http://www.nydailynews.com/news/wn_report/story/343712p-293471c.html)>. Acesso em: 07 set. 2005.

Enquanto isso, líderes da DC “batiam na tecla” da urgência em construir uma *América* fundada nos princípios cristãos, usando-os como fundamentos de conduta moral cujo tema mais importante voltava-se ao controle corporal, mormente, o sexual. Dessa forma, aborto, homossexualismo e pornografia eram, obviamente, os assuntos mais combatidos. Para eles, a religião e Deus determinavam o uso apropriado do corpo e do sexo, e uma “educação adequada” nesse sentido seria, portanto, de suma relevância para que uma “atitude decente” chegasse às gerações futuras, sendo a família a instituição central eleita como a mais importante para que tal educação obtivesse êxito. O domínio mundial só seria restabelecido caso a família estadunidense retomasse sua estrutura tradicional, a qual teria de considerar não somente a educação, mas também o bem-estar social dos indivíduos, inclusive a preocupação na área da saúde.<sup>149</sup>

Foi nesse clima, muito por rejeição à política de Jimmy Carter e por desejo de mudança, que Ronald Reagan (1981-89) conseguiu se eleger. Porém, não há como desconsiderar o grande apoio, influência e votos da Direita Cristã, principalmente da *Moral Majority*, no processo eleitoral. A vitória de Reagan e a maioria republicana conquistada no Senado, pela primeira vez, após 26 anos, foram assaz comemoradas pela DC que, embora não fosse bem o caso, sentia-se responsável pela conquista do republicano “hollywoodiano”.

A mobilização dos votos democratas levou o prato da balança pender aos republicanos, fato que, provavelmente, adveio da incredibilidade e descontentamento político generalizados, misturados ao pedido, às claras, de apoio aos evangélicos conservadores e de algumas medidas felizes de Reagan tomadas no tempo certo como, por exemplo, o lançamento de uma plataforma política pró-família e pró-vida (*pro-family* e *pro-life*), favorecida inclusive, pela promessa velada de correligionários, que somente juízes pró-vida seriam indicados à Suprema Corte. Ao que parece, ações como essas fizeram com que muitos relevassem eleger pela primeira vez na história dos EUA um homem divorciado que raramente freqüentava a igreja, mas que não deixava dúvidas quanto sua fé e compromisso com os interesses da DC. Os sinais de retorno foram imediatos, vieram já no discurso de posse, como é possível notar no exemplo que se segue:

---

<sup>149</sup> Cf. BEYER, op. cit., p. 123.

Disseram-me que dezenas de milhares de reuniões de orações estão sendo realizadas neste dia, e sou profundamente grato por isso. Somos uma nação abençoada por Deus, e acredito que Deus desejava que fôssemos livres. Seria apropriado e bom, eu creio, se a cada discurso de posse, nos anos futuros, fosse declarado um dia de oração.<sup>150</sup>

Entretanto, a gratidão do presidente não ficou restrita ao discurso: Reagan prontamente indicou ativistas da DC para ocupar postos, escolhidos a dedo, em seu governo.<sup>151</sup> Entre alguns dos eleitos, o líder da *Moral Majority*, Robert Billings, tornou-se assistente especial da pasta do Ministério da Educação; o ativista antiaborto e membro da Assembléia de Deus, C. Everett Koop, ganhou o Ministério da Saúde; Jerry Regier, um conservador cristão favorável à subserviência das esposas no lar e à educação infantil na base do chicote<sup>152</sup>, foi nomeado diretor do Departamento de Família; e a chefia do Ministério do Interior ficou para o curioso, para não dizer insólito, James Watt, que declarou irrelevante dar proteção aos recursos naturais, em face da consideração do iminente retorno de Cristo, conforme a frase a ele atribuída: “Deus nos deu essas coisas [a natureza] para explorarmos. Após a queda da última árvore, Cristo retornará.”<sup>153</sup>

O governo Reagan inaugurava uma nova fase de namoro com a DC, um romance com direito a ordens dadas ao executivo para que as leis fossem interpretadas ao agrado dos novos parceiros pré-nupciais, o que gerou o nascimento da norma antiaborto conhecida como *gag rule*<sup>154</sup> (norma da mordação). Ainda assim, mostrando-se insatisfeitos com essas e outras regalias, muitos ativistas conservadores reclamaram que aquela administração dava mais ênfase aos setores conservadores ligados a economia em geral do que às políticas sociais

<sup>150</sup> YALE UNIVERSITY. *First inaugural address of Ronald Reagan*. Disponível em: <<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/presiden/inaug/reagan1.htm>>. Acesso em: 07 set. 2005.

<sup>151</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 88.

<sup>152</sup> Atribui-se a Jerry Regier um suposto documento, no qual havia sua aprovação a tais condutas, mas ele as nega. Vale ressaltar que a polêmica foi novamente trazida à baila após Regier ter sido indicado (2002) para o cargo de chefe do Departamento das Crianças e Famílias pelo então governador da Flórida Jeb Bush, irmão do presidente Bush Jr. Cf. POTENTIAL child welfare... . *CNN.com*, Washington, 23 Aug. 2002. Disponível em: <<http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/0208/23/asb.00.html>>. Acesso em: 07 set. 2005.

<sup>153</sup> Essa frase causou uma grande polêmica por ocasião da ampla divulgação nos EUA após o jornalista Bill Moyers tê-la citado ao receber um prêmio ligado à causa ambiental (*Global Environment Citizen Award*) na *Havard Medical School*, em 2004. Moyers, baseado na informação de um artigo do jornalista Glenn Scherer, da revista eletrônica ambientalista *Grist*, alegou que Watt havia proferido tal afirmação diante do Congresso em 1981; entretanto, Scherer mais tarde corrigiu que a fonte da citação estava no livro de Austin Miles. Ver: MILES, A. *Setting the captives: victims of the church tell their stories*. Buffalo: Prometheus Books, 1990. p. 229.

<sup>154</sup> A origem do termo *gag rule* remonta o período de 1836 a 1844, em que uma série de resoluções impediam as petições abolicionistas. No governo Reagan, a norma conhecida por *gag rule* impedia que verbas públicas chegassem a organizações envolvidas com programas de planejamento e aconselhamento familiar. Ver: LAPHAM, L. H. *Gag Rule: on the suppression of dissent and stifling of democracy*. New York: The Penguin Press, 2004.

relacionadas a uma ética religiosa como, por exemplo, a luta pela inclusão da oração nas escolas públicas.

Contudo, os democratas Walter F. Mondale e seu vice Geraldine Ferraro não pareciam ser oponentes páreos a enfrentarem a dupla republicana Ronald Reagan e George H. W. Bush; e, seguramente, mesmo que uma parte da DC julgasse que a administração Reagan tivesse deixado a desejar, ainda era a melhor opção conservadora que possuíam nas urnas, até porque era inegável que tinham dado uma boa guinada política durante aquele primeiro mandato republicano. De certo modo, os líderes conservadores aprenderam como a máquina política funcionava e sabiam que ambos, democratas ou republicanos, tentariam seduzi-los com pequenos regalos políticos e, entre os lados dispostos, os republicanos representavam a escolha natural que passava mais segurança, confiança e cujo discurso dirimia qualquer dúvida ao ouvinte atento, pelas convicções morais, religiosas e políticas escolhidas por seus candidatos, conforme Reagan, citado por Martin, deixava bem claro em suas palavras, na Convenção Nacional Republicana, em 23 de agosto de 1984, pouco antes da sua inevitável reeleição:

A verdade é que política e moralidade são inseparáveis. E, como a religião é a fundação da moralidade, a religião e a política estão necessariamente relacionadas. Precisamos da religião como guia. Precisamos dela porque somos imperfeitos. E nosso governo necessita da igreja porque somente aqueles que são humildes o suficiente pra admitir que são pecadores podem levar a democracia à tolerância que ela necessita para sobreviver. Sem Deus, a democracia não consegue e não resistirá por muito tempo.<sup>155</sup>

E, logo, a ratificação dada em seu segundo discurso de posse:

É a voz da América. É esperançosa, corajosa, idealista, audaciosa, decente e justa. Essa é nossa herança; essa é nossa canção. Cantemo-la com serenidade. Por todos os nossos problemas, nossas diferenças, estamos juntos há tempos, assim elevamos nossa voz até Deus que é o Autor dessa música deveras melódica. E que Ele continue a nos manter próximos à medida que suprimos o mundo com nosso tom de voz pleno em unidade, afeto e no amor único de um povo subjugado a Deus, dedicado ao sonho da liberdade que Ele plantou no coração humano, qual agora nos invoca a passá-lo adiante para um mundo à expectativa e à esperança. Deus abençoe vocês e Deus abençoe a América.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> MARTIN, op. cit., p. 235-6.

<sup>156</sup> RONALD Reagan: second inaugural address. In: ENCYCLOPAEDIA Britannica Online. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993. Disponível em: <<http://www.britannica.com/presidents/article-9116952>>. Acesso em: 07 set. 2005.

Junto com a reeleição de Reagan, um novo inimigo completamente inusitado surge para alimentar a fantasia homófoba da DC e para ser incluído na lista das maldições a serem combatidas: a AIDS. À medida que as descobertas eram reveladas em doses graduais<sup>157</sup>, os conservadores, de modo geral, mais notadamente membros da DC, atribuíam à doença os mais diferentes e criativos diagnósticos: o autodenominado “conservador tradicional”, Pat Buchanan<sup>158</sup> encarava a AIDS como uma espécie de vingança da natureza contra os *gays*, enquanto, por exemplo, Falwell dizia que “[...] era a ira de Deus sobre os homossexuais [...]”<sup>159</sup>. Apesar de Falwell negar tal afirmativa e, pelo contrário, repórteres confirmarem, o que importa é que, com certeza, a frase representava a opinião de muitos fundamentalistas.<sup>160</sup>

Porém, isso não era tudo, outras decepções estavam por vir. Diante da crescente expansão da AIDS, o tão aclamado e louvado, pelas preces fundamentalistas, ministro da Saúde, Everett Kopp, embora sem perder sua visão de fé doutrinária, mas também sem outra saída, incentivava políticas públicas de combate à AIDS (1986) como a utilização da camisinha e educação sexual em escolas públicas. Desta vez, tanto os conservadores da direita quanto muitos católicos não pareciam acreditar no que ouviam.

### 1.4.3 Nem tudo que é sólido desmancha no ar

Com a chegada do fim da década de 80, a DC dava indícios de enfraquecimento. Grandes organizações, antes ativas, caíam no abandono, exemplo do desmantelamento gradual da *Moral Majority* até sua extinção em 1989, que, por coincidência, fazia par, em ritmo simultâneo, à falência simbólica do grande arrecadador de fundos da causa fundamentalista, o comunismo: um grande espectro que vinha a ruir tão veloz quanto os tijolos na queda do muro de Berlim (1989). Por volta daquele tempo, contribuía ao enredo algumas notícias peculiares de famosos televangelistas, tal qual a tragicômica chantagem

<sup>157</sup> Em 1981 o Centro de Controle de Doenças (CDC – *Centers for Disease Control*) divulga que cinco homossexuais contraíram uma forma rara de pneumonia. É o início oficial da doença nos EUA e no mundo. Em 1983, simultaneamente, Luc Montagnier, na França e Robert Gallo, nos EUA, afirmam terem isolado o vírus da AIDS. STERNBERG, S. AIDS approaches grim anniversary. *USA Today*, McLean, 28 May 2001. Disponível em: <<http://www.usatoday.com/news/health/aids/2001-05-29-aids-anniversaryhtm#mor>>. Acesso em: 07 set. 2005.

<sup>158</sup> Pat Buchanan foi editor jornalístico, posteriormente se envolveu na política como conselheiro; autor de discursos de Nixon, após a renúncia deste, serviu por pouco tempo ao substituto Ford. Voltou à Casa Branca como diretor de comunicações no governo Reagan entre 1985-87. A partir de então, lançou-se candidato presidencial republicano. Cf. PATRICK J. Buchanan. In: ENCYCLOPAEDIA Britannica Online. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993. Disponível em: <<http://www.britannica.com/eb/article-9126334?tocId=9126334>>. Acesso em: 07 set. 2005.

<sup>159</sup> MARTIN, op. cit., p. 242.

<sup>160</sup> Cf. MARTIN, loc. cit.

emocional que Oral Roberts<sup>161</sup> fez aos fiéis, ao suplicar que lhe enviassem a modesta cifra de oito milhões de dólares como única condição para ficar livre do “chamado de Deus para casa”, isto é, morreria caso não recebesse o dinheiro.

Na seqüência, dois grandes nomes do televangelismo, Jim Bakker<sup>162</sup> e Jimmy Swaggart<sup>163</sup>, respectivamente, um após o outro, também viravam notícia em toda a nação por consequência de envolvimento em escândalos sexuais; e, não a contento, para agravar mais a situação, os grandes negócios de Bakker, alvos de investigação da Receita Federal e de conseqüentes acusações por falcatruas financeiras, levaram-no à prisão.

Os ventos não sopravam a favor da DC e a série de turbulências influía nas investidas de adeptos do movimento, haja vista o malogro da investida de Pat Robertson na corrida no partido republicano (1987) pelas eleições à presidência da república em 1988; porém, no final das contas, sua campanha pôde ser considerada um sucesso, tendo em vista a avalanche recebida dos sucessivos bombardeios midiáticos, sua inexperiência política e, ainda, por

---

<sup>161</sup> Oral Roberts é um conhecido televangelista cristão neopentecostal, considerado também pertencente ao movimento carismático. Escreveu mais de 120 livros de temas religiosos e promoveu cruzadas com mais de 300 evangélicos pelos seis continentes. “Por obediência a Deus”, fundou a *Oral Roberts University* em 1963 e, ainda, estimulado pela visão de um Jesus tamanho gigante, construiu (1980-89) um enorme complexo de pesquisa e atendimento médico (*City of Faith Medical and Research Center*). Ver: HARRELL JÚNIOR, D. E. *Oral Roberts: an American life*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

<sup>162</sup> Jim Bakker começou sua carreira religiosa, ao lado de sua esposa, com um programa de TV na emissora de Pat Robertson, no início dos anos 1960. No início da década de 1970, o casal Bakker conseguiu desenvolver um programa próprio chamado Louve o Senhor (*Praise the Lord – 1974-87*) difundido por 100 estações com audiência pública estimada em 12 milhões. No início dos anos 1980, construiu um parque cristão temático, *Heritage USA*, o qual chegou a obter o terceiro lugar na lista de ocupação – 6 milhões ao ano – no período de férias dos cidadãos estadunidenses; perdia apenas para a *Disney* e a *Disneyworld*. Conseguiu também montar um sistema de satélite para que seu programa pudesse ser acessado 24 horas por todo os EUA. Em 19 de março de 1987, descobriram o envolvimento sexual de Bakker com a secretária, Jessica Hahn, a quem mandou pagar 265000 dólares com dinheiro de fiéis para que ficasse em silêncio. Em 1989, Bakker foi condenado a cumprir pena de 45 anos por fraude, evasão fiscal e extorsão. Em 1993, conseguiu a condicional por bom comportamento e deixou a prisão. Em 1996 escreveu o livro *I Was Wrong* (Eu Estava Errado) e outros dois depois. Em 2003, recomeçou na TV com o programa *Jim Bakker Show*, desta vez com sua segunda esposa. Ver: SHEPARD, C. E. *Forgiven: the rise and fall of Jim Bakker and the PTL Ministry*. New York: Atlantic Monthly Press, 1989.

<sup>163</sup> Jimmy Swaggart foi o pregador evangélico pioneiro do televangelismo e, provavelmente, o mais assistido entre todos, tendo alcançado seu maior grau de popularidade na década de 1980. Boa parte de sua fortuna – uma arrecadação anual estimada em 150 milhões de dólares – foi feita durante a década de 1970, quando pregava na Assembléia de Deus. Ao tomar conhecimento do escândalo de Bakker, declarou o episódio como “um câncer no corpo de Cristo”. Porém, Swaggart não contava com o fato de que pouco depois seria sua a vez de virar manchete nos jornais, tendo sua história estampada na capa da revista *Times*, em 06/04/1987. Encontros de Swaggart com prostitutas em motéis foram desvelados por um detetive particular contratado por Marvin Gorman, um pastor rival, expulso da Assembléia de Deus por denúncia de adultério feita pelo próprio Swaggart. Cf. SHEPARD, loc. cit. Cf. 1978: TV evangelist quits over sex scandal. *BBC News*, London, 21 Feb. 1988. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/21/newsid\\_2565000/2565197.sm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/21/newsid_2565000/2565197.sm)>. Acesso em: 07 set. 2005. Ver Também: OSTLING, R. N. TV’s unholy row: a sex-and-money scandal tarnishes electronic evangelism. *Time Magazine*, New York, v. 129, n. 14, p. 60-4, 06 April 2004.



considerar suas boas vitórias nas primárias estaduais, além de, vale lembrar, Pat ter sido o político que mais fundos arrecadou até então na história política.<sup>164</sup>

Para a frustração dos torcedores entusiastas do definitivo declínio da DC, não se tratava de uma morte anunciada, mas o que ocorria é que estava “[...] clara a idéia de que se tratava muito mais de uma tensão organizacional e um estratégia político do que propriamente uma crise de identidade fundamentalista”.<sup>165</sup>

Conforme Beyer, em 1986, pouco antes de George H. W. Bush ser eleito 41º presidente dos Estados Unidos (1989-93), Pat Robertson evidenciava em suas palavras os fundamentos dessa nova inserção político-religiosa:

Boa parte dos segmentos do eleitorado americano está despertando para um novo sentido de patriotismo e interesse político. Guiados por cristãos evangélicos decidiram colocar em execução uma nova era de renovação espiritual e política, mais pessoas votarão e com mais sabedoria do que em qualquer outra eleição presidencial na história da nação.<sup>166</sup>

### 1.5 TEMPO DE VIRADA: TODOS A BORDO!

O objetivo da Direita Religiosa era instaurar a religião tradicional cristã como uma força preponderante em todas as esferas da sociedade, incluindo a política, uma vez que estado e igreja estão, teoricamente, separados na Constituição americana.

Assim, ressurgia, nos anos 90, um movimento contemporâneo nacionalista e conservador assumidamente político-religioso cujo objetivo era limitar as tendências de um sistema global, afirmando, por sua vez, a validade exclusiva de um grupo particular cultural, isto é, o modelo estadunidense. Desse modo, a DC utilizou-se de recursos institucionais existentes e aprimorou também outros poderosos meios como, por exemplo, a mídia, para mobilizar seus partidários na busca da influência pública direta pela religião, fato que não teria ocorrido se a DC ficasse restrita somente aos princípios religiosos, além dos

---

<sup>164</sup> Em 1986, Pat Robertson disse que só concorreria à eleição primária do partido republicano caso conseguisse três milhões de voluntários para ajudá-lo na campanha. Após sua solicitação ser prontamente atendida, entrou na corrida com uma plataforma conservadora que incluía a proibição da pornografia, reforma do sistema educacional e o fim das empresas ferroviárias Conrail e Amtrak. Embora tenha começado com surpreendentes vitórias de ordem estadual nas primárias do partido republicano, sua candidatura não superou os escândalos de Jim Bakker e Jimmy Swaggart, além da contestação moral de Pat pela imprensa, que entre outros casos, trouxe à tona (*Wall Street Journal*) o fato de este mentir sobre a data de seu casamento para esconder que sua esposa havia casado grávida; tudo isso logo após o anúncio de sua entrada na corrida presidencial. Cf. BOSTON, R. *The most dangerous man in America?: Pat Robertson and the rise of the Christian Coalition*. Amherst: Prometheus Books, 1996, passim. MARTIN, op. cit., passim. WILCOX, op. cit., passim.

<sup>165</sup> LAWTON; MOEN; WILCOX apud CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 38. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2)

<sup>166</sup> BEYER, op. cit., p. 112.

sociopolíticos. Por essa via, o movimento serviu-se do televangelismo eletrônico e a propagação de mensagens, boletins e malas diretas por correio eletrônico.

### 1.5.1 O quarteto religioso

Havia muitas organizações trabalhando em prol do ideário político conservador de fundo religioso por essa época, tais como *Eagle Forum* (EF - 1972); *Traditional Values Coalition* (TVC - 1980); as afiliadas *Association of Christian Educators* (NACE - 1983) / *Citizens for Excellence in Education* (CEE - 1983) e *American Family Association* (AFA - 1988)<sup>167</sup>.

Porém, a grande base de sustentação do movimento é formada por um quarteto muito bem estruturado: *Focus on the Family* (1977), *Concerned Women for América* (1979), *Family Research Council* (1982) e *Christian Coalition* (1989)<sup>168</sup>.

#### 1.5.1.1 Foco na Família

*Focus on the Family* (FOTF) provou ser mais influente que a própria *Christian Coalition*, que sempre esteve em maior evidência. Provavelmente, muito disso decorre da peculiaridade da FOTF ser uma rede de rádio com mais de 4.000 estações, transmitida em 15 línguas pelo mundo. Esse grupo, sob o comando de Dr. James Dobson<sup>169</sup>, detém uma lista de correio eletrônico com mais 2,5 milhões de nomes, além do intenso contato com mais de cinco milhões de ouvintes diários, muitos dos quais ainda recebem materiais gratuitos (i.e., livros e fitas) da rádio em domicílio todos os dias.

Conforme indica o nome, a missão central do grupo é defender os valores tradicionais familiares, o que inclui interceder na luta para introduzir a prática de orações nas escolas e dar apoio à punição corporal em crianças como método disciplinar. Por outro lado, rejeita o aborto, homossexualidade, pornografia, feminismo e a relação sexual antes do casamento.

<sup>167</sup> Respectivamente, “Fórum Águia”, “Coalizão de Valores Tradicionais”, “Associação de Educadores Cristãos”, “Cidadãos para a Excelência na Educação”, “Associação da Família Americana”.

<sup>168</sup> Respectivamente, “Foco na Família”, “Mulheres Envolvidas pela América”, “Conselho de Pesquisa da Família” e “Coalizão Cristã”.

<sup>169</sup> James C. Dobson é um conservador evangélico com doutorado em psicologia na área de desenvolvimento infantil. Trabalhou por 17 anos em hospital infantil, escreveu e teve participação em mais de 30 livros. Foi o fundador da FOTF e da FRC, sendo hoje talvez um dos nomes mais influente da DC por decorrência do grande alcance de sua programação de rádio, que mistura religião, aconselhamento e psicologia, pelo mundo. Suas concepções conservadoras são as mais variadas possíveis; por exemplo, opõe-se ao homossexualismo e trata o assunto como doença passível de cura – à pesquisa de células-tronco, ao relacionamento antes do sexo e é favorável à surra como forma de disciplina infantil. Cf. MARTIN, op. cit., p. 172 et seq.

Os temas tratados ao longo do programa diário nas estações de rádio são variados. Trata de assuntos como abuso sexual infantil, adoção de crianças, aconselhamento psicológico e familiar, pornografia, vício em drogas, álcool, jogos de azar e outros assuntos afins. A participação política do grupo é intensa e Dobson sempre teve bom acesso ao governo, participando de *lobby*, fazendo campanha política e investindo em políticas de seu interesse.

#### 1.5.1.2 Mulheres Envolvidas pela *América*

Sim, religião e política realmente se misturam. A América é uma nação baseada em princípios bíblicos. Valores cristãos dominam nosso governo. O teste desses valores é a bíblia. Os políticos que não usam a bíblia para orientarem suas vidas política e pública não pertencem ao serviço público.<sup>170</sup>

A citação, quase auto-explicativa, é de Beverley LaHaye<sup>171</sup>, fundadora da *Concerned Women for America* (CWA), uma organização que mantém um discurso dos movimentos fundamentalistas dos anos 70, que pode ser observado, principalmente, por meio dos boletins informativos e mensagens enviadas por correio eletrônico, cujo conteúdo está muito mais para uma cruzada moral que para um movimento político. Porém, sempre marcou presença na política, utilizando, especialmente, o apoio popular para fazer *lobby* no Congresso. No passado contava com um sólido corpo jurídico para ajudar a resolver casos polêmicos que envolvessem práticas contrárias aos seus princípios. A CWA sempre agiu como uma aliada da DC, colocando-se à frente na luta contra movimentos feministas, como a NOW<sup>172</sup> (1966) - *National Organization for Women* (Organização Nacional para as Mulheres).

<sup>170</sup> PEOPLE FOR THE AMERICAN WAY. *Right wing watch*: Concerned Women for America. Disponível em: <<http://www.pfaw.org/pfaw/general/default.aspx?oid=3151>>. Acesso em: 10 out. 2005.

<sup>171</sup> Esposa do pastor evangélico Tim LaHaye, mais conhecido pela série de livros de ficção apocalíptica *Left Behind*, fundou a CWA em detrimento da oposição à Emenda dos Direitos Iguais (ERA), aprovada (1972) com o endosso da rival NOW. O casal também organizou a Conferência da Casa Branca sobre a Família e criou a Coalizão Pró-Família. Tim entrou no *lobby* para promover a educação, presidindo o Conselho de Políticas Nacionais. Cf. MARTIN, op. cit., p. 310 et seq.

<sup>172</sup> Uma entidade que luta pela igualdade dos direitos das mulheres, discriminação e assédio no trabalho, na escola, sistema judiciário, entre outros. Apóiam o aborto, o planejamento, o controle familiar, os direitos de reprodução feminina e lutam pelo fim da opressão contra a mulher, além de repudiarem a homofobia, o racismo e o sexismo. A NOW dedica-se à promoção de mudanças sociopolíticas e econômicas na sociedade; a primeira fundadora foi Betty Friedan, autora do livro *The feminine mystique* (1963). Alegam ter 500 000 contribuintes a sua causa com 500 locais multiplicadores espalhados pela nação. Porém, o orçamento e número de contribuintes da NOW não se comparam aos da CWA. Ver: NATIONAL ORGANIZATION FOR WOMEN. *About NOW*. Disponível em: <<http://www.now.org/organization/info.html>>. Acesso em: 10 out. 2005.

### 1.5.1.3 Conselho de Pesquisa da Família

Mais uma empreitada de Dobson, a *Family Research Council* (FRC) iniciou como uma organização sem fins lucrativos que tinha por finalidade fazer *lobby* e servir como braço político direito para a FOTF. No entanto, as instituições tiveram de romper a união (1992) por pressão da Receita Federal, que não via com bons olhos o *lobby* realizado; mas a relação entre ambas continuou amistosa. Desde então, a *FRC* tornou-se uma entidade educacional sem fins lucrativos, cuja meta estabelecida volta-se à defesa dos valores familiares tradicionais divulgados entre os mais diferentes tipos de mídia, à promoção de políticas públicas que valorizem a família, ao desenvolvimento de recursos estatísticos que informem e reafirmem a importância da família na sociedade e à educação dos cidadãos conforme os princípios bíblicos.

É difícil imaginar até que ponto certas discussões políticas podem chegar; esse foi o caso do episódio que envolveu o jantar dado pela FRC para celebrar a posse do segundo mandato de George W. Bush (2005). Durante a ceia, Dobson lançou uma pergunta aos convidados: “Alguém aqui conhece o Bob Esponja?”<sup>173</sup>; em seguida, fez críticas ao vídeo homônimo do famoso desenho animado infantil, que estava sendo distribuído pela *We Are Family Foudation*, uma entidade estabelecida após os ataques de 11 de setembro que porta a bandeira da interação multicultural, diversidade e tolerância entre os cidadãos do mundo. Segundo Dobson, o desenho defendia o casamento homossexual, pois a personagem principal, uma esponja do mar (Bob Esponja) anda de mãos dadas com seu melhor amigo (Patrick), uma estrela-do-mar rosa. Em complemento, “um perito em detecção de homossexuais da FRC” disse que palavras como “diversidade e tolerância são códigos de linguagem usados com frequência pela comunidade *gay*”.<sup>174</sup>

A escolha dos funcionários no comando também denota o grau de intervenção política pretendido pela instituição. Por isso, Gary Bauer – um ex-conselheiro de Política Interna do governo Reagan e auxiliar do Secretário de Educação, William Bennett, do governo de George H. W. Bush – esteve na direção da FRC até sua saída em 1999, quando tirou licença não-remunerada para tentar ser nomeado no partido republicano à corrida presidencial, mas, após o mal resultado nas primárias, abandonou o intento e não voltou à FRC.

<sup>173</sup> KIRKPATRICK, D. D. Conservatives pick soft target: a cartoon sponge. *The New York Times*, New York, 20 Jan. 2005. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2005/01/20/politics/20sponge.html?ex=12638 77200&en=a1bb427c064b38bd&ei=5088>>. Acesso em: 10 out. 2005.

<sup>174</sup> Cf. TILL, F. Muddling SpongeBob: gay or straight? *The National Business Review*, Auckland, 24 Jan. 2005. Disponível em: <[http://www.nbr.co.nz/home/column\\_article.asp?id=11140&cid=1&cname=Media](http://www.nbr.co.nz/home/column_article.asp?id=11140&cid=1&cname=Media)>. Acesso em: 10 out. 2005.

#### 1.5.1.4 A Coalizão Cristã

De todas as quatro organizações citadas, a *Christian Coalition* sempre foi a que obteve maior destaque. Fundada por Pat Robertson após o insucesso em sua campanha presidencial, chegou a declarar possuir 2,8 milhões de membros e partidários, além de 2.000 sedes espalhadas pelo território nacional. Resguardados os exageros informados pela organização, calcula-se, entretanto, que o número mais real esteja por volta de 500.000, havendo de fato sete filiais ativas no país.<sup>175</sup>

Em meados dos anos 90, tinha como objetivo prioritário conseguir identificar 10 milhões de eleitores pró-família e instalar coordenadores em vários distritos da nação para orientarem a população conforme suas convicções político-ideológicas. Para tanto, buscaram, ao longo da década, firmar alianças com igrejas, entidades religiosas e famílias que freqüentavam igrejas. Implementaram também uma política inclusiva que dava boas-vindas a todos: católicos, judeus, afrodescendentes e latino-americanos; na verdade, o “vale-tudo” corria em busca da expansão do movimento.

Enquanto Ralph Reed esteve na direção (1989-1997) da *Christian Coalition*, antes de enveredar na empreitada de sua firma particular de consultoria política em 1997, a organização prosperava, muito por conta de seu estilo mais moderado que servia de contrapeso da posição extremista de Pat Robertson. Na visão de Reed, era preferível eleger candidatos que acolhessem parte das reivindicações políticas do movimento a fixar meta nos mais radicais e arriscar perder as eleições para os democratas. Com essa visão, Reed cativou para o movimento pessoas de bom nível educacional, da classe média, do subúrbio e de bom relacionamento social. A idéia era, por assim dizer, mudar a cara do “caipira retrógrado” que servia de caricatura para os liberais. Outra hábil manobra de Reed foi voltar-se a setores denominacionais antes ignorados e deixados ao ostracismo; desse modo, promoveu uma espécie de movimento ecumênico, investindo em judeus, católicos e na comunidade afrodescendente, estes, de maioria evangélica, constituindo a espinha dorsal da Igreja Batista dos EUA. Já entre os católicos, o ponto em comum era a luta pela causa pró-vida (*pro-life*) e, naturalmente, a oposição ao direito de escolha (*pro-choice*). Assim, mesmo sem ter durado muito, ajudou a criar uma unidade especial para os católicos em 1995, que ficou conhecida por Aliança Católica.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Cf. GOODSTEIN, L. Coalition's woes may hinder goals of Christian Right. *The New York Times*, Washington, 02 Aug. 1999. Section A, p. 1.

<sup>176</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 63.

De qualquer maneira, o programa de ação política da *Christian Coalition* nunca deixou de envidar um grande esforço para apoiar os candidatos republicanos e fazer constante *lobby* no Congresso, a fim de aprovar sua plataforma política conservadora, sempre baseada em valores familiares, tradicionais e religiosos, visando, por outro lado, combater tudo aquilo que considerava uma influência secular.

### 1.5.2 O Salto para um novo milênio

Para vencer as primárias (1988), George H. W. Bush contou com uma ajuda especial que lhe daria uma nova visão sobre o uso da religião em campanha para ganhar também as eleições. Doug Wead, filho de pastor da Assembléia de Deus e co-fundador de uma organização de combate à fome (*Mercy Corps International*), foi o grande responsável por assessorar Bush na conciliação entre religião e política. Wead notava que havia um grande vácuo, sobretudo em Nova York e Washington, no tocante ao conhecimento de quem eram os evangélicos, alegando que até os grandes jornais faziam uma enorme confusão com os termos teológicos e afirmando que a imprensa mal sabia a diferença entre um fundamentalista e um evangélico. Wead notava que certo despertar evangélico irrompia na participação política dos EUA e, por isso, começou a elaborar as falas dos discursos do presidente Bush, a preparar-lhe extensos materiais informativos, recomendar leituras – como *Mere Christianity*<sup>177</sup>, de C.S. Lewis e livros de Francis Schaeffer, primeiro pastor presbiteriano ordenado da *Bible Presbyterian Church*, escritor, filósofo e contrário à teologia moderna – e, por fim, sugerir encontros estratégicos com figuras do porte de Billy Graham e Charles Stanley<sup>178</sup>, entre tantos outros.<sup>179</sup>

Desse modo, trabalhando em cima de tópicos polêmicos que envolvem valores morais como o aborto, armas, pena capital e, até mesmo, resgatando valores imbuídos de simbolismo patriótico como o Juramento de Fidelidade, Bush ganha as eleições e conduz seu governo, sedimentado em uma plataforma conservadora, cujo discurso fala por si:

<sup>177</sup> O livro *Mere Christianity* foi traduzido no Brasil por duas editoras vinculadas às instituições religiosas: a editora Quadrante, ligada à *Opus Dei*, deu à obra um título literal: *Mero Cristianismo*; já a ABU, editora da Aliança Bíblica Universitária do Brasil, de origem protestante, optou por: *A Essência do Cristianismo Autêntico*.

<sup>178</sup> Foi pastor sênior da *First Baptist Church Atlanta*, duas vezes presidente da Convenção Batista Sulista. No final da década de 1970 conseguiu um programa de TV, mas ficou mais famoso através do rádio. Cf. KOLE - News Radio Fox 1340 & 1380 am. Dr. Charles Stanley. Disponível em: <[http://www.newsradiofox.com/host\\_bio.asp?id=10](http://www.newsradiofox.com/host_bio.asp?id=10)>. Acesso em: 15 out. 2005. Cf. MARSH, C. Wayward Christian soldiers. *The New York Times*, New York, 20 Jan. 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/01/20/opinion/20marsh.html?ex=1295413200&en=9609bfe3755d0c4d&ei=5088&partner=rssnyt&emc=rss>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

<sup>179</sup> Cf. MARTIN, op. cit., p. 262-7.

Devemos exigir que os professores da escola pública orientem nossas crianças a prestar [o juramento de] Promessa de Lealdade<sup>180</sup>? Meu oponente [Michael Dukakis] diz não – e eu digo sim.

Devemos consentir que a sociedade imponha a pena capital sobre aqueles que cometem crimes de extrema crueldade e violência? Meu oponente diz não – e eu digo sim.

E devem nossas crianças ter o direito de orarem voluntariamente, ou até mesmo observar um momento de silêncio nas escolas? Meu oponente diz não – e eu digo sim.

E devem, devem homens e mulheres livres ter o direito de portarem uma arma para protegerem seus lares? Meu oponente diz não – e eu digo sim. E, acreditar na santidade da vida e proteger vidas de crianças inocentes é correto? Meu oponente diz não – e eu digo sim. Vejam, temos, nós temos de mudar, temos de mudar do aborto – para a adoção. E deixe contar-lhes uma coisa: eu e Bárbara temos uma neta adotada. E, no dia de seu batismo, choramos de alegria. Eu agradeço aos pais dela por terem escolhido a vida.

Sou, sou um daqueles que acreditam que é um escândalo dar licença a um assassino<sup>181</sup> obstinado de primeiro grau que sequer havia cumprido tempo suficiente para usufruir a liberdade condicional.

Sou aquele, sou aquele, que diz que um traficante responsável pela morte de um policial deve ser sujeito à pena capital.<sup>182</sup>

Mesmo apresentando um cardápio político bem digestivo aos sabores conservadores religiosos, Bush perde a reeleição para o candidato democrata Bill Clinton (1993-2001). O sociólogo Martin aponta que Bush não conseguia se igualar, digamos assim, ao charme persuasivo de Reagan, pois não inspirava tanta confiança nos fundamentalistas. Ademais, com o esmaecimento político de Wead, até sua saída, o governo cometeu erros políticos primários, visto que não havia por perto outra cabeça que entendesse tão bem a dinâmica das denominações religiosas. Em abril de 1990, Bush assinou uma lei (*Hate Crimes Bill*) que determinava penas severas a quem cometesse crimes contra pessoas de grupos específicos como, por exemplo, judeus, católicos, protestantes, afrodescendentes, latino-americanos, *gays* e lésbicas. Em vista disso, representantes *gays* começaram a freqüentar a Casa Branca,

<sup>180</sup> *Pledge of Allegiance*, um simbólico ritual patriótico de juramento de fidelidade aos EUA ou a sua bandeira. O parágrafo foi primeiramente escrito pelo pastor batista Francis Bellamy, em 1892, por ocasião da comemoração dos 400 anos da descoberta da América. A criação deu-se por conta de um programa patriótico que convocou as crianças das escolas públicas a recitarem as palavras e a saudarem a bandeira durante as comemorações e, assim, continuou a ser recitado até 1942, quando ganhou reconhecimento oficial. Em 1954, a fim de distinguir os EUA da nação atéia rival (URSS), o termo “under God” foi incluído e a forma de recitação também foi normatizada, isto é, deveria ser recitado de pé, com a cabeça descoberta e com a mão direita colocada no coração. O juramento: “Eu juro fidelidade à bandeira dos Estados Unidos da América e à República que ela representa, uma nação sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos.” Cf. OLIVEIRA, L. L. A América hoje: comemorando o quê? *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 294, 1994.

<sup>181</sup> Bush refere-se a Willie Horton, um presidiário que, após obter licença da prisão em Massachusetts, cometeu um roubo seguido de estupro em Maryland. Dukakis, favorável ao programa de licença e governador daquele Estado, foi vítima desse episódio em virtude da insistente lembrança de Bush ao fato durante a campanha eleitoral em 1988. Cf. WHITE, J. E. Bush's most valuable player. *Time Magazine*, New York, v.132, n. 20, p. 20-1, 14 November 1988.

<sup>182</sup> AMERICAN RHETORIC. *George H. W. Bush: 1988 republican national convention...* Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/georgehbush1988rnc.htm>>. Acesso em: 20 out. 2005.

deixando os fundamentalistas e outros conservadores de cabelo em pé. Não suficiente, no mesmo ano, Bush reuniu-se com Christie Hefner, filha do editor da revista *Playboy* e, em outra ocasião, sancionou novas leis, *Disabilities Act* e *Clean Air Act*<sup>183</sup>, consideradas de esquerda; inclusive, por esse motivo, levou à Casa Branca membros do ACT UP, grupo de combate e conscientização da AIDS. Coincidência ou não, ainda na mesma época, logo após Wead sair, Bush falava da Nova Ordem Mundial, um nome que muitos evangélicos associavam às profecias ligadas ao anticristo e à coleção de discursos de Hitler cujo título é Minha Nova Ordem. Nem mesmo o alavanque momentâneo da popularidade de Bush produzido em seguida, por conta da Guerra do Golfo, conseguiu segurá-lo por um novo mandato.<sup>184</sup>

Clinton, auxiliado pelo estrategista político James Carville, lançou o bordão: “*It’s the economy, stupid*”<sup>185</sup>, insistindo naquilo que há muito incomodava o povo, a economia. Com essa plataforma política, soube aproveitar muito bem o momento por que os EUA passavam e, consecutivamente, atraiu mais votos para o seu lado, superando até mesmo a forte inclinação popular pró-família, enfatizada pelo concorrente. Era o fim de uma era de doze anos de domínio republicano.

Porém, mesmo tendo conclamado um retorno de valores religiosos ao debate público, Clinton, que já “entrava engasgado na goela” da DC, não conseguiu convencer seus oponentes, bem como parte de seus eleitores, ao implementar políticas como o veto de uma lei que tentava banir abortos de gravidezes em estágio avançado; a nomeação de feministas a postos de seu governo; e a polêmica concessão à comunidade *gay* de alistamento nas forças armadas sempre que eles mantivessem em sigilo a condição sexual.<sup>186</sup> Essa política não agradou nem a direita, que a via como uma desconsideração aos militares, e tampouco a esquerda, que acusava Clinton de não cumprir o prometido aos *gays* em campanha eleitoral. Até a menina dos olhos de Clinton, a reforma do sistema de saúde, recebia fortes críticas tanto dos conservadores como de parte da esquerda, pois ambos observavam uma grande burocracia em seu plano.<sup>187</sup> E, por último, em 1998, o escândalo sexual entre Clinton e a estagiária Mônica Lewinsky foi a última gota vertida sobre o copo político democrata que não teve outro destino, senão o transbordamento. O caso trouxe a lembrança do *Watergate*, uma ferida que nem sequer havia cicatrizado na memória do povo, haja vista que ficou conhecido por

---

<sup>183</sup> Respectivamente: Lei dos Deficientes e Lei do Ar Limpo.

<sup>184</sup> Cf. MARTIN, op. cit., p. 310 et seq.

<sup>185</sup> É a economia, ignorante.

<sup>186</sup> Cf. Ibid., p. 82-89.

<sup>187</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p. 17.



*Monicagate*. Porém, entre o *Watergate* e o *Monicagate*, havia uma diferença que transcendia o tempo de 24 anos de amadurecimento político, além do teor da falta moral de cada um.

Clinton foi alvo de um processo de impedimento (*impeachment*) em 1999 por perjúrio e obstrução da justiça para tentar ocultar seu relacionamento sexual com Lewinsky, mas acabou sendo absolvido pelo Senado. Entrementes, até chegar a esse ponto, foi acusado pela oposição de tentar desviar a atenção do público com os bombardeios no Iraque um dia antes do impedimento ser votado na Câmara. Outra curiosidade política aconteceu pouco antes de um mês do impedimento ser julgado no Senado (7/1/1999), quando o republicano Robert Livingston, designado a assumir a liderança da Câmara, renunciou ao seu cargo havia menos de um mês, por razão de seu envolvimento em caso extraconjugal.<sup>188</sup> Oportunamente, no discurso de sua renúncia, disse que o presidente Clinton deveria servir-se de seu exemplo. Era, portanto, o levante das cortinas políticas para Bush Jr. entrar em cena.

## 1.6 UM BALANÇO

Em meio à avalanche de informações levantadas neste primeiro capítulo, cabe uma reflexão final para sintetizar as idéias até aqui expostas. Vimos que, desde antes da formação do que são hoje os EUA, lá na pátria-mãe gestora, Inglaterra, religião e política já entrecruzavam os caminhos, beirando a indiscriminação, geração após geração, entre reis e rainhas, pais e filhos, súditos e sucessores; faziam de tudo para que a coroa que lhes servia a cabeça perdurasse, senão eternamente, ao menos enquanto viviam. Eram Henriques que aliavam com maestria o poder político ao conhecimento teológico a fim de favorecer caprichos próprios, à medida que se transformavam em semideus; eram manipuladores Eduardos, que conjuminavam tramóias políticas para que a perenidade de sua religião aliviasse a morte anunciada, outras vezes: Marias, que firmavam sua convicção religiosa com tinta vermelho-sangue; ou *Elizabethes* bastardas que, como ninguém, faziam jus à memória legítima do pai.

Porém, não seria honesto, a essa altura, deixar de mencionar a contrapartida sempre presente a todo tempo, representada pelos Morus, que manifestavam uma alternativa, mesmo

---

<sup>188</sup> A divulgação do caso apareceu pela primeira vez no *website* do jornal *Capitol Hill*; porém, fontes próximas a Livingston afirmaram que o ponto crucial da decisão foi em decorrência de revelações feitas à revista pornográfica *Hustler*, após o polêmico proprietário Larry Flynt ter oferecido 1 milhão de dólares para quem desse informações sobre o envolvimento de líderes republicanos em casos sexuais. A intenção de Flynt era deixar clara a hipocrisia dos republicanos em face da acusação. Cf. LIVINGSTON bows out of the speakership. *CNN.com*, Washington, 19 Dec. 1989. Disponível em: <<http://www.cnn.com/ALLPOLITICS/stories/1998/12/19/livingston.quits/>>. Acesso em: 25 out. 2005.

que idealizada, ou pelos Crowells<sup>189</sup>, que, ao seu modo, o qual não cabe julgar neste momento, lideravam lutas revolucionárias contra a imposição cristalizada.

Passamos pela fundação da *América*, que acolheu sonhos, expectativas e ilusões, servindo de depósito de uma construção imaginária paradisíaca cujo destino já havia sido traçado por Deus. Ali, cumpriam uma missão, firmavam um pacto e seguiam o desígnio de Deus, sem esquecer do olhar austero do mundo voltado a si. Porém, ao lado do bem, avizinhava-se o mal, encontrado na fome, no clima severo, nas doenças, e em todas as dificuldades encontradas que, sem tempo a serem amaldiçoadas, tornavam-se provações.

Mais uma vez, há de se reconhecer o outro lado, o viés excluído dessa história, um buraco que ficava literalmente mais embaixo, isto é, ao sul, ou chegava de alhures, por exemplo, no advento da imigração italiana ou irlandesa católica. Ainda que fosse uma parte religiosa, muito de sua identidade era exercida na exclusão do silêncio segregado, que até os dias de hoje parece enfrentar resquícios de um tempo cujos ventos de furacões *Katrin*as sopram a lembrança da velha história.

Os Pais Peregrinos descenderam e eternizaram um espírito que nunca foi embora, passou da independência à Constituição, representado, prioritariamente, pela parte branca, anglo-saxã e protestante. Ali também a religião marcou presença, constituindo as linhas documentais basilares da construção da nação, quais podem ser lidas até hoje. Porém, novamente, não podemos olvidar o reverso, as contribuições dos Jeffersons que transmitiram suas influências *lockianas* e iluministas determinantes ao processo de formação dos EUA, impressas no tempo por documentos como A Declaração da Independência (1776), o Estatuto da Liberdade Religiosa da Virgínia (1786) e A Constituição dos EUA (1787) e do período de sua presidência (1801-09). Jefferson nunca abandonou sua fé e religiosidade e, como todo partícipe daqueles atos, sempre envidou grandes esforços para construir a ideologia de “[...] um muro de separação entre igreja e Estado”.<sup>190</sup> É graças a ele que há legados como a primeira emenda da Constituição.<sup>191</sup>

A nação envereda-se por essa trilha cujo guia é uma combinação histórica de religião e política, que foi sendo transformada em mito, referência, identidade e, por fim, em liberdade,

---

<sup>189</sup> Oliver Cromwell, um puritano, líder revolucionário do exército parlamentar (*New Model Army*) durante a Guerra Civil da Inglaterra (1642-51), foi o principal responsável pela queda e execução (1649) do Rei Carlos I e, por conseguinte, pelo fim do absolutismo. Em 1651, Cromwell consolida a unificação da Inglaterra, Irlanda e Escócia numa única República, declarando-se Lorde Protetor da Comunidade Britânica. Cf. HILL, C. *O eleito de Deus: Cromwell e a revolução inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. passim.

<sup>190</sup> DREISBACH, D. L. *Thomas Jefferson and the wall of separation between church and state*. New York. New York University Press, 2002. passim.

<sup>191</sup> A primeira emenda da Constituição dos EUA foi baseada no Estatuto da Liberdade religiosa de Virgínia. Cf. SYRETT, p. 75.

pois, “[...] na América, é a religião que conduz ao saber; é a observância das leis divinas que conduz o homem à liberdade”.<sup>192</sup>

À medida que os anos decorriam, deflagravam-se inimigos que ameaçavam esse grande ideal, que, como um surto de esquizofrenia paranóide, insistia em retornar a todo tempo, assumindo, a cada retorno, uma máscara diferente, tais quais os disfarces de Satanás; foram os alemães, a ciência, a teoria evolucionista, os comunistas, o modernismo, as inovações tecnológicas, o processo de urbanização e todos seus valores seculares. O antídoto era caçar as bruxas, os negros, os imigrantes, fossem esses católicos ou não, os comunistas e qualquer outro grupo estranho ao espelho narcíseo.

Adentraram a euforia e criaram o *American Way of Life* e, desta vez, como um surto maníaco-depressivo, logo caíram no abismo da depressão econômico-social repleto de crises existências e de identidade. Como muitas vezes acontece, do aprofundamento depressivo revela-se um poder criativo e, como se assim fosse, surge um movimento de mudança com um tom de momento mágico, *hippie*, contracultura, paz e amor, que experimenta as drogas, ouve o “diabo” do *rock-'n'-roll*, lê os *beatniks* e cultua o sexo livre. Era tempo da luta pelos direitos civis, liderada por um pastor, é verdade, mas sulista, negro e batista. Era tempo também de viver o fracasso, fosse pela guerra do Vietnã – com as imagens finais dos últimos marines sendo dragados pelo teto da embaixada dos EUA em Saigon, tal qual peças retiradas de um jogo de xadrez mal planejado – ou fosse pela desilusão político-moral criada pelo *Watergate*; fatos que reduziam a confiança nas instituições públicas, gerando um ceticismo na opinião pública em relação à política e à presidência. Era um tempo que abrigava o descrédito na tradição política, que só poderia converter-se em conservadorismo futuro, haja vista a explosão *yuppie* dos anos 80.<sup>193</sup>

É interessante observar que é nesse íterim, entre os anos 60 e a década de 70, que notamos uma espécie de movimento reativo da DC, pois ali se inicia um rápido crescimento, uma melhor organização, mormente com a utilização dos meios tecnológicos e midiáticos e, principalmente, maior envolvimento político, o qual culmina na importante participação do movimento na vitória de Reagan. Isso tudo acontece justamente durante uma época em que a ameaça não se limitava apenas ao inimigo externo, pois, ainda que existisse o medo comunista, ele já era quase um daqueles velhos inimigos de rotina de guerra. Parecia que

---

<sup>192</sup> TOCQUEVILLE, op. cit., p. 41.

<sup>193</sup> Arendt e, principalmente, Lasch fazem uma boa análise das questões aqui levantadas. Cf. ARENDT, H.. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. passim. Cf. LASCH, C. *The agony of the American left*. New York: Vintage Books, 1969. passim. Cf. Id., *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. passim.

outros oponentes rondavam bem próximo da casa, uma ameaça que colocava em risco os valores morais tradicionais, religiosos e familiares.

Os EUA passavam por uma crise identitária generalizada e vivia uma ruptura como jamais imaginara, o sentimento de ataque e de perda não vinha, respectivamente, só das rajadas vietnamitas e dos caixões que regressavam das terras asiáticas; refletia-se na reivindicação de direitos que sempre esteve à margem, trancada no armário, dos *gays*, das feministas (ERA) e dos negros. Enquanto isso, a imagem política era degradingolada e manchada para sempre. Para entender “[...] a insanidade da exploração da febre militar, a retórica apocalíptica e o bizarro comportamento internacional de governos americanos [...]”<sup>194</sup> entre as décadas de 70 e 80, sobretudo no governo Reagan, havia de ser avaliar:

[...] a profundidade dos traumas subjetivos da derrota, impotência e ignomínia pública que laceraram o *establishment* político americano na década de 70, e que se tornavam ainda mais dolorosos devido à aparente desordem na Presidência americana ao longo dos anos, quando Richard Nixon (1968-74) teve de renunciar por causa de um escândalo sórdido, seguindo-se de dois sucessores insignificantes. Culminaram no humilhante episódio dos diplomatas americanos mantidos reféns no Irã revolucionário, na revolução comunista em dois pequenos Estados centro-americanos e numa segunda crise internacional de petróleo, quando a OPEP mais uma vez elevou seu preço a um máximo histórico. [...] A cruzada contra o ‘Império do Mal’ a que – pelo menos em público – o governo do presidente Reagan dedicou suas energias destinava-se assim a agir como uma terapia para os EUA do que uma tentativa prática de restabelecer o equilíbrio de poder mundial.<sup>195</sup>

Diante do exposto, resta debruçar o pensamento sobre toda essa síntese histórica posta até aqui, refletir sobre o momento do restabelecimento da DC, sobre o porquê de sua apropriação, o papel político assumido do movimento desde então, suas reivindicações, seus temores; enfim, ponderar sobre o que se revela nessa outra face *americana*, como ela sobreviveu e o que restou.

---

<sup>194</sup> HOBBSAWM, p. 244.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 244-5. (grifo do autor)

## 2 “PRESIDENTE CLINTON, ILUSTRES CONVIDADOS E MEUS CONCIDADÃOS...”

A intenção deste segundo capítulo é apresentar excertos selecionados de sete discursos de George W. Bush, proferidos durante seus dois mandatos, que constituem o objeto da presente dissertação. A referência religiosa, ponto comum encontrado entre eles, é o elemento fundamental da discussão do trabalho, o qual servirá de base à análise a ser feita no último capítulo. Entretanto, vale salientar desde já que o conteúdo destacado nas citações não se restringe apenas ao teor de cunho fundamentalmente religioso, pois, entre elas, há outras acepções destacadas que são de interesse do estudo por se correlacionarem indiretamente ao tema da religião.

Contudo, frente à grande quantidade de discursos encontrada no período e, sobretudo, tendo como objetivo maior inserir a pesquisa dentro do perímetro de sua circunscrição que, grosso modo, relaciona-se com os eventos de 11 de setembro, fez-se necessário encontrar um critério de escolha, que se ateve à eleição prioritária de enunciados pós-ataques:

- a) cuja ligação incidisse diretamente ao fato em si, à exceção de um único discurso – o primeiro da lista abaixo – que haveria de ser anterior ao período mencionado para servir de contraposição;
- b) que tivessem repercussão e relevância mundial, bem como abrangência de interesse com alcance internacional;
- c) que pudessem ilustrar a presença de trechos, menções, passagens ou qualquer alusão religiosa que fossem ao encontro do propósito principal deste projeto;
- d) que fizessem parte da formalidade e tradição histórica de declaração à nação e, conseqüentemente, exercessem influência e atenção nacional e internacional, no caso: os discursos do Estado da União<sup>196</sup> e dos de posse;
- e) e, por último, que, não obstante, apresentassem estreita relação ao 11 de setembro, ao mesmo tempo, fizessem parte de momentos significativos, críticos e representativos face ao desenrolar dos fatos.

Segue abaixo a lista dos discursos selecionados, em ordem cronológica:

- Discurso de posse em 20 de Janeiro de 2001.
- Declaração na noite de 11 de setembro de 2001.
- Discurso sobre o Estado da União em 29 de janeiro de 2002.
- Pronunciamento à nação após um ano do 11 de setembro.
- Discurso sobre o Estado da União em 28 de janeiro de 2003.
- Discurso sobre o Estado da União em 20 de janeiro de 2004.
- Discurso de posse em 20 de janeiro de 2005 (2º Mandato).

---

<sup>196</sup> Neste caso, um elemento essencial, visto que no Estado da União temos um resumo dos principais fatos do ano.

Antes, contudo, a fim de prover um contexto ao objeto e oferecer-lhe subsídios que corroborem com o resultado da apreciação final, duas etapas prévias à apresentação dos mencionados discursos foram estabelecidas, respectivamente, a saber:

Em uma primeira etapa, é feita uma síntese do quadro político do governo Bush durante o período em que os discursos em questão foram enunciados. Por essa via, além de resgatar a memória do momento histórico das falas, possibilita-se também delinear o clima e o ambiente sociopolíticos que circundavam tais eventos.

Já, na segunda etapa, abre-se um espaço que tem por finalidade servir como uma espécie de preâmbulo para a entrada do objeto e, principalmente, endossar o conteúdo a ser exposto por ele. Para tanto, nessa etapa, fragmentos de outros discursos, que não fazem parte do objeto, serão trazidos à discussão com sentido de demonstrar que, seja qual for o objeto selecionado, o material de análise encontrado nos sete discursos é característica permanente do texto de Bush e, portanto, não se trata de ter planejado ou elaborado a escolha de um objeto com intuito de instaurar uma celeuma superficial.

Entretanto, optou-se, ainda dentro dessa segunda etapa, por categorizar os discursos sob duas perspectivas. Primeiro serão apresentados excertos retirados de 10 textos distintos, que fizeram parte de falas concedidas em entrevistas ou discursos, em circunstâncias e épocas díspares entre si. Posteriormente, serão expostos trechos de um só discurso, ou seja, declarado em evento único. Pretende-se, com isso, criar uma contraposição que verifique a relação de frequência das menções religiosas obtidas em fontes variadas em contrapartida às de uma situação específica, única.

O critério da escolha desse material é pragmático, isto é, o intento é trazer à luz alguns exemplos cujos conteúdos religiosos possam ser evidenciados e ainda, propositalmente, que façam parte de ocasiões diferentes. À exceção de uma entrevista dada ao jornal *The New York Times*<sup>197</sup>, todo o material fez parte das atividades oficiais de Bush enquanto exercia formalmente o cargo de presidente. O material desta segunda parte foi colhido em sítio oficial do governo dos EUA e as datas de suas origens fixam-se entre o período de outubro de 2001 a março de 2003.<sup>198</sup>

Feito isto, é finalmente hora de expor as passagens selecionadas dos sete discursos que fecham um ciclo, que vai da posse do primeiro mandato (2001) à posse da reeleição (2005). Dessa maneira, à medida que as alusões religiosas do objeto tornam-se aparentes, terá havido a chance de um material referencial à parte, sob enfoque de variados enredos de discursos, ter

---

<sup>197</sup> Tal entrevista será devidamente referenciada em circunstância adequada.

<sup>198</sup> A exceção da citação de número 282.

sido apreciado. Por conseguinte, novos elementos de contraponto poderão surgir para a discussão futura.

## 2.1 O GOVERNO BUSH

### 2.1.1 Uma eleição conturbada: em meio ao turbilhão... enfim, a posse

A eleição presidencial dos EUA em 2000, que culminou na vitória do candidato republicano George W. Bush sobre o candidato democrata Al Gore, ficou sendo considerada uma das competições eleitorais mais acirradas e confusas da história daquele país.

No dia 08 de novembro de 2000, apenas um dia após os eleitores terem depositado os votos na urna, a imprensa estadunidense já atribuía vitória a Bush, que, ao que tudo indicava, levava vantagem no estado da Flórida, um *swing state*<sup>199</sup>, portador de 25 votos no Colégio Eleitoral, que, como tal, apresentava-se a um só tempo problemático e definitivo na corrida presidencial.

Entretanto, uma hora após Al Gore haver ligado para Bush para cumprimentá-lo pela vitória, a diferença de votos que favorecia seu oponente republicano na Flórida já havia diminuído a um índice inferior a 0,5%, que, no caso, conforme determina a lei, haveria a necessidade de se iniciar um processo de recontagem dos votos.<sup>200</sup>

O imbricado sistema eleitoral estadunidense abre espaço para fatos curiosos, pois naquela eleição, Bush obteve 271 votos no Colégio Eleitoral e seu oponente, Al Gore, 267.<sup>201</sup> Bush, entretanto, perdeu na contagem total de votos em todo o país. As duas últimas vezes em que algo parecido a isso ocorrera, foram nas eleições de: Rutherford Birchard Hayes (1877-1881) e de Benjamin Harrison (1888 – 1893).

Assim, iniciava uma querela jurídica entre os dois partidos. Por um lado, os democratas apelavam à Suprema Corte da Flórida para solicitar a recontagem manual dos votos e, por outro, os republicanos apelavam à Suprema Corte Federal, instância máxima judicial, pedindo o impedimento de tal solicitação.

---

<sup>199</sup> O termo *swing state* refere-se aos estados que sempre oscilaram na escolha entre os candidatos democratas e republicanos ao longo da história eleitoral dos EUA. Portanto, são estados incertos e imprevisíveis tanto em termos prognósticos quanto ao resultado final.

<sup>200</sup> Cf. ENTENDA o impasse das eleições nos EUA. *Folha Online*, São Paulo, 06 dez. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94ul4359.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>201</sup> Cf. ENTENDA a votação indireta norte-americana. *Folha Online*, São Paulo, 18 dez. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94ul5245.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

Nesse ínterim, entram no debate alegações, tais como: a de que a cédula eleitoral *butterfly ballot*<sup>202</sup> confundiu os eleitores, fazendo com que escolhessem candidatos errados na hora de votar, fato principalmente ocorrido em *Palm Beach*; ou ainda, que houve uma intervenção política do então governador da Flórida, Jeb Bush (irmão de George W. Bush) ao negar a recontagem dos votos, reforçada pelo apoio de sua aliada política e Secretária de Estado na Flórida, Katherine Harris, que tentou oficializar a vitória de Bush ao impossibilitar a prorrogação do resultado final da eleição, estabelecendo como prazo limite às 17h do dia 14 de novembro. Portanto, não havendo a recontagem, Bush ganharia a eleição, visto que levava a vantagem de 300 votos naquele estado.

Embora hoje saibamos quem se elegeu como 43º presidente dos EUA, talvez nunca saberemos ao certo quem de fato ganhou a eleição. Motivo que, conforme publicação da imprensa, levou um consórcio de empresas midiáticas<sup>203</sup> a despender US\$ 1 milhão em uma encomenda feita a NORC<sup>204</sup> para fazer a recontagem dos votos naquele conturbado estado a fim de definir quem realmente foi o vencedor, já que houve um grande número de votos anulados. Mesmo cientes de que o resultado não possui valor legal, apenas moral, os contratantes da pesquisa resolveram postergar o resultado. Há, porém, alguns jornalistas investigativos, como David Podvin, que sustentam que a recontagem garantiu a vitória ao candidato democrata Gore.<sup>205</sup>

No entanto, a Suprema Corte dos EUA, em 12 de dezembro de 2000, refletindo a indecisão da população e com cinco votos contra quatro, decidiu desconsiderar a última recontagem manual no Estado da Flórida. No dia seguinte, Al Gore, todavia contrariado, pela TV acata a decisão e põe fim à disputa judicial.

Portanto, em 14 de dezembro, Bush recebia da Suprema Corte da Flórida os 25 votos do Colégio Eleitoral do Estado e, desse modo, antecipava sua vitória que, de fato, viria a ser confirmada na votação dos 538 delegados do país, no dia 18 de dezembro. Sob essa atmosfera se configurava a disputa pela cadeira presidencial em 2000, que com a irrisória diferença de

---

<sup>202</sup> “Voto borboleta”: trata-se de um cartão de voto com o nome dos candidatos, no qual os eleitores furam um espaço ao lado do nome do seu candidato escolhido.

<sup>203</sup> Nesse grupo, estão incluídos: os jornais *The New York Times*, *The Washington Post* e *The Wall Street Journal*; a emissora CNN, a agência de notícias Associated Press, a revista *Newsweek*, entre outros.

<sup>204</sup> *National Organization for Research*: em português, Organização Nacional de Pesquisa. Renomado instituto de estatística filiado à Universidade de Chicago.

<sup>205</sup> Cf. DÁVILA, S. Mídia dos EUA tem na gaveta real resultado da eleição presidencial. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 03 nov. 2001. Caderno Mundo, p. A15.



527 votos conferia a Bush o direito de empossar a presidência dos Estados Unidos da América, em 20 de janeiro de 2001.<sup>206</sup>

### 2.1.2 Ano 2001: uma tragédia anunciada

Bush mal havia tirado o *smoking* e as botas de *cowboy* que o embalaram nos passos da dança *Country* durante a festa de comemoração da posse quando, já em seu primeiro dia, na Casa Branca, desafios políticos difíceis o aguardavam entremeio a um Congresso dividido.<sup>207</sup>

Após rezar<sup>208</sup>, primeira atitude no governo, organizou sua agenda política começando por alguns dos desafios: o corte de US\$ 1,3 trilhão em arrecadação de impostos e a promoção de uma reforma na educação.<sup>209</sup> Depois disso, em continuidade à estréia presidencial, declara àquele, o dia de oração nacional e de ação de graças.<sup>210</sup>

Estava por completar um mês de mandato quando o presidente, cumprindo a promessa de campanha, anunciou sua pretensão em contratar organizações religiosas para auxiliar o trabalho do governo na assistência social. Nesse dia, assinou dois decretos: um que dispunha sobre a criação de um escritório na Casa Branca para atender as iniciativas das organizações religiosas e outro que instituía, em cinco departamentos federais (Educação, Trabalho, Saúde, Habitação e Justiça), centros de coordenação de ação com os órgãos religiosos.<sup>211</sup>

Entretanto, a ânsia em ajudar entidades religiosas não parou por aí; o líder estadunidense criou um programa para que as entidades religiosas pudessem receber ajuda do Estado, conforme ocorria com as entidades laicas. As críticas não tardaram a chegar e, Bush,

<sup>206</sup> Bush estava pronto a assumir, mas a população parecia não esquecer o trauma eleitoral. Uma pesquisa, no início do ano, revelou que 40% dos entrevistados não acreditavam na legitimidade da vitória do presidente recém-empossado. Porém, 70% das pessoas aceitavam os nomes indicados ao gabinete, bem como o processo de transição presidencial. A economia foi revelada como o item mais importante para nove em cada dez entrevistados. O temor à recessão chegou ao índice de 55%. Cf. EUA espera que economia seja prioridade... *Folha Online*, São Paulo, 18 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17739.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>207</sup> Cf. BUSH veste smoking com bota... *Folha Online*, São Paulo, 21 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17977.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>208</sup> “Nas escadas do Congresso norte-americano, o reverendo fez uma oração a Deus ‘rezando pelo presidente eleito George W. Bush e pelo vice-presidente’. O reverendo pediu a união do país depois da disputa eleitoral que durou semanas entre republicanos e democratas.” Cf. COMEÇA a cerimônia de posse de Bush... *Folha Online*, São Paulo, 20 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17933.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>209</sup> Cf. BUSH enfrenta duros desafios... *Folha Online*, São Paulo, 22 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18045.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>210</sup> Cf. BUSH reza e estabelece agenda... *Folha Online*, São Paulo, 18 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17983.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>211</sup> Cf. BUSH quer contratar organizações religiosas... *Folha Online*, São Paulo, 29 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18557.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

por vezes, veio a público declarar que suas concepções religiosas não iriam ser impostas ao povo:

‘Nosso país, desde seu nascimento, reconheceu a contribuição da fé. Não impomos nenhuma religião. Nós damos as boas-vindas a todas as religiões. Não proibimos nenhuma fé. Recebemos todas as fés. Essa é a tradição de nosso país. E será a regra para o meu governo.’<sup>212</sup>

À medida que Bush indicava os membros para participarem de seu governo, uma configuração – diga-se de passagem, esperada – formava aos poucos um desenho governamental que não agradava a muitos setores.<sup>213</sup> Entre os nomes que receberam severas críticas e rejeição, destacam-se: Gale Norton, secretária do Interior; Tommy Thompson, secretário de Saúde e Serviços Humanos; John Ashcroft, secretário de Justiça; Donald Rumsfeld, secretário de Defesa; Paul Wolfowitz, vice-secretário de Defesa e Mark Weinberger chefe do Departamento do Tesouro.

Então, com a equipe encaminhada, algumas políticas começaram a tomar corpo e dar forma ao governo como, por exemplo: aumento do gasto orçamentário para o pagamento de salários e benefícios dos militares; investimentos em tecnologia de armamentos mais potentes e letais; apoio aos recorrentes bombardeios na zona de exclusão do Iraque; missivas dirigidas a Saddam Hussein; continuidade nas sanções internacionais contra o Iraque; contrário ao prometido em campanha, a recusa em regulamentar as emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>); desenvolvimento de um novo sistema de defesa antimíssil; suspensão do pagamento de US\$ 224 milhões à ONU em represália à perda da vaga na Comissão de Direitos Humanos; obrigatoriedade dos funcionários da Casa Branca a passarem por testes antidrogas – uma forma de enfatizar sua política antidrogas; retirada definitiva dos EUA do protocolo de Kyoto; e, por fim, rejeição do protocolo sobre armas biológicas, o único de 56 países.<sup>214</sup>

Porém, o panorama para Bush não parecia ser dos melhores: os democratas conquistavam maioria no Senado; a economia demonstrava sinais de fraqueza e a política externa era marcada por fiascos. O resultado é que tanto o governo quanto a imagem de Bush começavam a esboçar certo desgaste, evidenciado pelo resultado das pesquisas de sua

---

<sup>212</sup> BUSH promete não impor suas concepções religiosas. *Folha Online*, São Paulo, 01 fev. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18835.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>213</sup> Um exemplo foi o pedido do jornal *The New York Times* para que os representantes democratas votassem unidos contra a indicação de John Ashcroft. Cf. JORNAL dos EUA pede voto contra John... *Folha Online*, São Paulo, 23 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18144.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>214</sup> Cf. FOLHA ONLINE. Mundo online. *Governo Bush (2001)*. São Paulo. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/governo\\_bush-noticias.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/governo_bush-noticias.shtml)>. Acesso em: 01 nov. 2005.

popularidade.<sup>215</sup> Entretanto, talvez o fato mais dramático e importante da história dos EUA estava por acontecer. Eram passados quase oito meses da celebração da posse quando inesperadamente algo inimaginável acontece em uma terça-feira do dia 11 de setembro de 2001.

Um avião da *American Airlines* atinge a torre norte do *World Trade Center* às 8h46 e, após 16 minutos, outro avião da mesma companhia aérea colide contra a torre sul.

Bush, que um dia antes descansava no luxuoso *The Colony Beach and Tennis Resort*, localizado em *Longboat Key*, uma ilha paradisíaca afastada da Flórida, no Golfo do México, sequer imaginava seu dia seguinte.

Lá, bem-humorado, teve, inclusive, a oportunidade de desfrutar um agradável jantar e rever velhos amigos republicanos, entre eles o governador da Flórida, seu irmão Jeb Bush.

Por ter sido o estado definitivo para sua vitória, sua presença na Flórida, planejada em sua agenda presidencial desde agosto, era simbólica. Estava lá para tentar reafirmar uma das metas mais populares, porém fantasiosas, de sua política de reforma educacional, difundida durante sua campanha com o *slogan* “nenhuma criança ficará para trás.”

Assim, na manhã de 11 de setembro, Bush dirigiu-se para a escola de ensino fundamental *Emma E. Booker Elementary*, em *Sarasota*, na Flórida.<sup>216</sup>

Fontes alegam que, embora Bush tenha sido notificado do acontecimento – primeiro ao sair do hotel a caminho da escola e depois por volta das 9h quando lá chegava –, mesmo assim preferiu dar prosseguimento a sua agenda prevista para o dia.<sup>217</sup>

<sup>215</sup> O Instituto Gallup apontou a maior queda da popularidade do presidente G. W. Bush desde que assumira o governo. O índice de sua aprovação primeiro caiu de 62% para 55% e, finalmente, em 03/07/2001 chegou ao seu índice mais baixo: 52%. Cf. PESQUISA revela tendência de queda... *Folha Online*, São Paulo, 03 jul. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u26130.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005. Em nova pesquisa, feita dez dias depois, Bush recupera 5% de sua popularidade, embora metade das pessoas entrevistadas à época tenha alegado que o presidente não estava interessado nos problemas do cidadão comum dos Estados Unidos. Cf. BUSH completará 6 meses de mandato com... *Folha Online*, São Paulo, 13 jul. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u26478.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>216</sup> Cf. BALZ, D.; WOODWARD, B. America's chaotic road to war. *Washingtonpost.com*. Washington, 27 Jan. 2002. p. A 01. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A427542002Jan26.html?%20referrer=emailarticle>>. Acesso em: 01 nov. 2005. (tradução nossa)

<sup>217</sup> Tudo indica que Bush – ao voltar de sua costureira corrida matinal – leu, por volta das 8h, sobre a constatação de um elevado risco de terrorismo relatado em documento que recebe rotineiramente do Serviço de Inteligência, mas não julgou necessário tomar qualquer atitude como, por exemplo, ligar para Condoleezza Rice, conselheira de Segurança Nacional à época. Cf. LANGLEY, W. Revealed: what really went on during Bush's 'missing hours'. *News.telegraphy*, [S.I.], 12 Dec. 2001. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/mainjhtml?xml=/news/2001/12/16/wbush16.xml>>. Acesso em: 01 nov. 2005. O repórter, John Cochran, da ABC News, cobrindo a visita do presidente à escola, relatou ao âncora Peter Jennings que Bush havia sido indagado se sabia do que estava acontecendo em Nova York por um repórter quando estava prestes a sair do hotel na Flórida. Em resposta afirmativa, o presidente disse que falaria do assunto mais tarde. Cf. PLANES crash into World Trade Center. *ABC News' Special Report*, Sarasota, 11 Sept. 2001. Disponível em: <<http://emperor.vwh.net/9-11backups/abc911.htm#mybust>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

Na escola, cumprimentou os funcionários e entrou em uma sala com 16 alunos secundaristas para ler a história *My Pet Goat*<sup>218</sup>. Foi, então, às 9h05 que lhe veio em sussurro aos ouvidos, desta vez de maneira mais incisiva, o recado do chefe da Casa Civil da Casa Branca, Andrew Card: “Sr. presidente, o país está sob ataque.” A isso se seguiram 7 minutos em que o presidente da nação mais potente do mundo ficou nitidamente atônito, paralisado e aparentemente saber o que fazer.<sup>219</sup>

Finalmente, próximo das 9h30, menos de dez minutos antes de o terceiro avião cair sobre o prédio do Pentágono, Bush ausenta-se da sala para, em breve declaração, avisar que um ataque terrorista à América tinha ocorrido. E, demonstrando carinho e proximidade, agradeceu as pessoas ali presentes, chamando-os de *folks*<sup>220</sup>, o mesmo adjetivo que, quase imediatamente, em provável lapso, utiliza para chamar os terroristas ao dizer que havia tomado providências para ajudar as famílias e achar os *folks* que tinham cometido aquele ato.<sup>221</sup>

Posteriormente, às 9h59 a torre sul desmorona e, às 10h28, foi a vez da torre norte desabar. As imagens televisionadas e reproduzidas no mundo foram vistas por um número incontável de pessoas, “quase todos nós sabemos responder onde estávamos no meio da manhã do dia 11 de setembro de 2001 [...] e isso significa que a globalização é fato assimilado e que a História não mais espera pelos historiadores para ser escrita”. Quiçá, pela primeira vez na história, pôde-se acompanhar em tempo real um acontecimento catastrófico como aquele: estávamos “quase todos nós, diante da televisão; buscávamos uma explicação do mundo no assassino que, segundo Baudrillard, matou a realidade”.<sup>222</sup>

O que segue a isso é uma verdadeira caça ao terrorismo. O Senado imediatamente autoriza Bush a “usar ‘toda força militar necessária e apropriada’ para revidar os atentados terroristas”.<sup>223</sup>

---

<sup>218</sup> ‘Meu Bode de Estimação’: uma história que faz parte de uma cartilha de alfabetização escrita por Siegfried Engelmann e Elaine Bruner.

<sup>219</sup> As imagens desse momento foram captadas por pessoas da própria escola e posteriormente usadas pelo polêmico documentarista Michael Morre em seu documentário: “Fahrenheit 11 de Setembro.” Cf. D’ÁVILA, S. ‘Libelo’ de Moore é tendencioso e mentiroso, mas histórico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jul. 2004. Ilustrada, p. E1.

<sup>220</sup> Uma palavra com denotação positiva que pode ser traduzida por: gente, pessoal, companheiros, amigos, família ou ainda parentes.

<sup>221</sup> LANGLEY, W., loc. cit.

<sup>222</sup> ZOJA, L; WILLIAMS, D. (Org.). *Manhã de setembro: o pesadelo global do terrorismo*. São Paulo: Axis Mundi, 2003. p. 11. Sobre a menção a Baudrillard, ver: BAUDRILLARD, J. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio D’Água, 1996.

<sup>223</sup> SENADO autoriza Bush a usar força... *Folha Online*, São Paulo, 14 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29014.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

Bush atribui a responsabilidade dos atentados a Osama Bin Laden e dá seu recado:

‘Nós vamos punir todos os culpados. Não posso dizer exatamente o que será feito, mas todas as forças serão usadas contra o terrorismo. É uma guerra longa, essa que vamos começar agora, mas vamos ganhar a primeira guerra do século 21 e vamos seguir o resto do século em paz.’<sup>224</sup>

Medidas que antes provavelmente seriam questionadas passam sem maiores problemas. Esse foi o caso da retirada dos Estados Unidos do Tratado Antimísseis Balísticos, que, segundo o comentário de Bush: “Não posso e não permitirei que os Estados Unidos permaneçam em um tratado que nos impede de desenvolver uma defesa efetiva.”<sup>225</sup>

E o mais surpreendente de tudo talvez pudesse ser resumido por meio do significado do resultado da aprovação de Bush divulgado em pesquisa pelo USA Today, pela CNN e pelo Gallup em menos de duas semanas após os ataques. Bush, que vinha obtendo considerável declínio antes de 11 de setembro elevava seu grau de aprovação ao maior percentual da história dos EUA.

Da população entrevistada, 90% disseram estar satisfeitas com o desempenho do presidente, 88% apoiavam uma ação militar, 58% acreditavam que as organizações terroristas seriam eliminadas, 76% confiavam na habilidade do governo em proteger a população de ataques terroristas e 93% na preservação do *american way of life*<sup>226</sup>. Até a desacreditada economia subiu ao patamar de confiança em 91%.<sup>227</sup>

Bush não parecia preocupado com um fato que só ele e os seus sabiam e ainda viria a ser revelado pela mídia, isto é, a informação prévia de que ele teve em poder um documento dos serviços de inteligência relatando que Osama Bin Laden poderia seqüestrar um avião e provocar uma colisão contra prédios.<sup>228</sup>

<sup>224</sup> BUSH reafirma que atacará o terrorismo... *Folha Online*, São Paulo, 16 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29328.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>225</sup> BUSH anuncia retirada dos EUA de Tratado de Antimísseis Balísticos. *Folha Online*, São Paulo, 13 dez. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34680.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>226</sup> Modo de vida *americano*.

<sup>227</sup> Cf. GEORGE W. Bush obtém maior aprovação da história. *Folha Online*, São Paulo, 23 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29812.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

<sup>228</sup> Pouco mais de oito meses do 11 de setembro é confirmada a informação de que Bush recebeu memorandos da Inteligência dos EUA de que Bin Laden planejava seqüestrar aviões de passageiros para atacar os EUA Cf. BURKE, J.; VULLIAMY, E. Bush knew of terrorist plot to hijack. *The Observer*, New York, 19 May 2002. Disponível em: <<http://observer.guardian.co.uk/bush/story/0,8224,718311,00.html>>. Acesso em: 01 nov. 2005. US planes Cf. WHAT Bush knew before Sept. 11. *CBS News*, Washington, 17 May 2002. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/stories/2002/05/16/attack/main509294.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

### 2.1.3 Ano 2002: a virada pós 11 de setembro

Chega um novo ano e a turbulência causada pela densa nuvem de 11 de setembro enfim começa a dissipar-se; com isso, novos sopros de vento indicavam sinais favoráveis para que um céu mais límpido surgisse pela frente.

No início do ano, em 08/01/2002, a rede de televisão CBS divulgou o resultado de uma pesquisa que avaliava os efeitos de 11 de setembro na vida dos cidadãos estadunidenses. Do total de 1.060 adultos entrevistados, 43% alegaram que suas vidas já haviam retomado o curso normal, e o medo de novos ataques, que antes era de 53%, foi reduzido a 18%, o índice mais baixo desde então.<sup>229</sup>

A resposta sobre possíveis conflitos militares parecia estável: 89% aprovavam a guerra no Afeganistão e 68% apoiavam, caso necessário, a intervenção dos EUA em países que patrocinassem o terrorismo.

Dois dias depois da pesquisa, Bush aprovou o orçamento para a Defesa em 2002 no valor de US\$ 318 bilhões<sup>230</sup>, declarando ser um adiantamento para usar na guerra contra o terrorismo, o que, segundo ele, era um compromisso essencial.<sup>231</sup> Outros dois dias findam e mais uma proposta é lançada: desta vez, são US\$ 437 milhões de gastos extras para ajudar desempregados e mães necessitadas.<sup>232</sup>

A economia dos EUA estava em processo de desaceleração e havia um considerável aumento da taxa de desemprego. Bush, no entanto, ao enviar seu orçamento ao Congresso antecipa um desequilíbrio nas contas, o qual atribui à guerra e à recessão. Suas prioridades naquele momento eram gastos militares, segurança interna e um plano de estímulo à economia. Para tanto, declarando como segunda prioridade de seu governo, propõe dobrar o orçamento para a segurança interna, de US\$ 19,5 a US\$ 37, 7 bilhões.<sup>233</sup> A prioridade era ganhar a guerra contra o terrorismo.

---

<sup>229</sup> Cf. MAIORIA dos americanos acha que a vida voltou ao normal. *Folha Online*, São Paulo, 08 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u35644.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>230</sup> Meses depois o Senado eleva essa cifra, aprovando em US\$ 393 bilhões o orçamento para o Departamento de Defesa, no ano fiscal de 2003. Foi o maior orçamento para pasta nos últimos 20 anos. Cf. EMBAIXADA DOS EUA. *Congresso envia lei que criará um fundo para esforços antiterror*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=680>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>231</sup> Cf. BUSH aprova orçamento de US\$ 318 bilhões para Defesa em 2002. *Folha Online*, São Paulo, 10 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u35755.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>232</sup> Cf. BUSH planeja ajuda para desempregados e mães necessitadas. *Folha Online*, São Paulo, 12 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u10591.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>233</sup> Cf. BUSH quer dobrar orçamento para segurança interna. *Folha Online*, São Paulo, 24 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u36290.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

Na noite de seu primeiro discurso sobre o estado da nação, outras duas fontes importantes e simpatizantes ao governo, o *Washington Post* e a rede de TV ABC, ratificam a informação de que Bush mantinha o índice mais alto de aprovação (83%) juntamente ao apoio à guerra contra o terrorismo (88%).<sup>234</sup> Por outro lado, de cada dez entrevistados, três demonstravam descontentamento com a economia; porém, paradoxalmente, 62% declararam confiar no manejo de Bush face à economia.

Outro investimento curioso de Bush foi em prol de programas de abstinência sexual, uma de suas propostas eleitorais. Consoante um funcionário do governo, que não quis ser identificado, a proposta levada ao Congresso tinha como objetivo investir US\$ 135 milhões em programas de educação destinados exclusivamente a recomendar a abstinência sexual.<sup>235</sup>

Ainda naquele ano, Bush também seria o autor da maior proposta orçamentária enviada ao Congresso para fins militares desde a Guerra Fria (1946-1990). O projeto de gastos incluiu US\$ 7,8 bilhões para um programa que, entre outras coisas, previa a instalação de um escudo antimíssil rudimentar no Alasca que serviria para defender os EUA de mísseis com cargas químicas, biológicas ou nucleares eventualmente lançados por países como a Coreia do Norte, o Iraque e o Irã, considerados o "eixo do mal". Segundo o Centro de Estratégia Orçamentária – uma entidade privada – a pretensão dos gastos de Bush, descontada a inflação, corresponderia a 10% a mais que a média do dinheiro despendido durante a Guerra Fria ou a 23 vezes mais do montante total gasto pelos sete países apontados por Bush como adversários dos EUA.<sup>236</sup>

Então, em dois meses, o Pentágono anuncia a criação de um comando militar unificado, batizado de Comando Norte, que visava construir um potencial militar para a defesa interna do país cuja jurisdição abrangia o território continental dos EUA, do Canadá e do México.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup> Cf. POPULARIDADE de Bush se mantém em níveis altos. *Folha Online*, São Paulo, 29 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u36475.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>235</sup> Cf. BUSH pretende aumentar gastos em programas... *Folha Online*, São Paulo, 31 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u36574.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

Laura Bush, esposa de Bush, declarou um dia antes da posse do marido que ratificava a política de Bush de usar a abstinência sexual para reduzir o número de abortos. Cf. LAURA Bush quer que jovens dos EUA... *Folha Online*, São Paulo, 19 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17839.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>236</sup> Cf. BUSH apresenta proposta de aumento de gastos com armamentos. *Folha Online*, São Paulo, 04 fev. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u11502.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>237</sup> Cf. EUA criam comando militar unificado para defesa interna. *Folha Online*, São Paulo, 17 abr. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u40161.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

Em meio a uma pequena enxurrada de denúncias de agentes dos serviços de inteligência que afirmavam que Bush foi informado sobre os ataques antes de 11 de setembro, o presidente, montando estratégia para atenuar as críticas<sup>238</sup>, vai à televisão e anuncia a criação do Departamento de Segurança Nacional, a qual teria como missão principal prevenir ataques terroristas.<sup>239</sup>

Dessa maneira, as ações de Bush caminhavam desde o âmbito internacional, quando, por exemplo, tentou impedir a criação do Tribunal Penal Internacional<sup>240</sup>, até implicações internas aparentemente de menor importância, como foi o caso do seu apoio à decisão da Suprema Corte dos EUA em permitir que as escolas pudessem exigir exames para detectar o consumo de drogas entre alunos que participam de atividades extracurriculares<sup>241</sup>.

Em meio a tudo isso, a questão da invasão ao Iraque foi tomando força e repercussão. Pesquisas apontavam que 72% da população era favorável ao ataque ao Iraque.

Oficiais dos EUA afirmavam que os iraquianos possuíam armas biológicas. Donald Rumsfeld, em vôo mais alto, declarou que o Iraque mantinha um laboratório móvel de armas biológicas e seria praticamente impossível destruí-lo por meio de ataque.<sup>242</sup> O Iraque, por sua vez, negava todas as acusações.

A Câmara dos EUA deu carta branca para Bush atacar<sup>243</sup> o Iraque e, em ampla maioria, aprovou<sup>244</sup> o orçamento militar de defesa em US\$ 335, 4 bilhões para o ano fiscal de 2003. Uma alta de 12,6% em relação ao ano anterior.

Foi um ano próspero para Bush, haja vista as vitórias conquistadas no 107º Congresso. No Legislativo, conseguiu “autoridade para atacar o Iraque, mais poderes para negociar

---

<sup>238</sup> Cf. NOVOS planos de segurança dos EUA suavizam críticas, diz jornal. *Folha Online*, São Paulo, 06 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u42141.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>239</sup> Cf. BUSH anuncia novo Departamento de Segurança Nacional. *Folha Online*, São Paulo, 06 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u42148.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>240</sup> Considerado como um dos avanços mais importante do direito internacional desde o tribunal de Nuremberg, o TPI tem função de investigar e julgar indivíduos acusados das mais graves violações de direito internacional humanitário como, por exemplo, crimes de guerra, crimes contra a humanidade ou de genocídio. Chefes de Estado, inclusive durante seu mandato, podem ser levados ao TPI. Cf. EUA tentam fugir da ação do Tribunal Penal Internacional. *Folha Online*, São Paulo, 17 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u17281.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>241</sup> Cf. ESCOLAS dos EUA poderão exigir exame antidoping. *Folha Online*, São Paulo, 27 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u17834.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>242</sup> Cf. IRAQUE tem toneladas de armas químicas, dizem... *Folha Online*, São Paulo, 02 set. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44896.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>243</sup> Cf. CÂMARA dos Deputados dos EUA dá aval para Bush... *Folha Online*, São Paulo, 01 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46254.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>244</sup> Cf. CÂMARA dos EUA aprova orçamento militar de US\$ 355 bi. *Folha Online*, São Paulo, 01 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46279.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.



acordos comerciais e medidas para melhorar escolas, combater o terrorismo e cortar 1,35 trilhão de dólares em impostos”.<sup>245</sup>

Shirley Anne Warshaw, do Centro de Estudo da Presidência, dá sua opinião sobre tal êxito: “Bush tinha uma agenda doméstica magra quando assumiu e, por causa do 11/09, conseguiu evitar muitos assuntos domésticos. Ele colocou todas as energias na guerra ao terrorismo e derrubou outras vozes.”<sup>246</sup>

Outra vitória histórica de Bush naquele ano se deu nas chamadas eleições de 5 de novembro, as eleições de meio<sup>247</sup> mandato. Com uma campanha imbatível pautada na segurança e na guerra contra o terrorismo os republicanos recuperaram o controle do Senado, aumentaram a maioria que detinham na Câmara dos Representantes e ganharam o governo em Estados onde a disputa era mais acirrada.<sup>248</sup>

#### 2.1.4 Ano 2003: rumo à reeleição

O ano de 2003 foi definitivamente um período de guerra, tanto no sentido estrito da palavra quanto no campo eleitoral. O ano nem bem havia começado quando Bush, dois dias após o discurso sobre o Estado da União, foi ao encontro de seu aliado Tony Blair para juntos discutirem quais medidas deveriam ser tomadas a respeito do Iraque.<sup>249</sup>

No mês seguinte, à medida que o caminho da guerra era definido, muitos analistas declaravam discordar da provável decisão de Bush em iniciar a guerra contra o Iraque. Até mesmo os analistas conservadores, ligados ao partido Republicano, como Lawrence Korb<sup>250</sup>, consideraram um grande equívoco<sup>251</sup> atacar o Iraque, pois, segundo ele, a Coréia do Norte, por exemplo, representava um risco muito maior para a segurança dos EUA. Havia menos de

<sup>245</sup> CONGRESSO dos EUA encerra mandato marcado... *Folha Online*, São Paulo, 15 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u23027.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

<sup>246</sup> Id., loc. cit.

<sup>247</sup> As eleições de 5 de novembro, chamadas eleições de meio mandato, destinam-se à escolha da totalidade dos 435 deputados da Câmara, de 34 cadeiras do total de 100 do Senado e de 36 dos 50 governadores de Estado. Cf. BUSH inicia última etapa de sua maratona eleitoral. *Folha Online*, São Paulo, 02 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47275.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005. (grifo nosso)

<sup>248</sup> Cf. AITH, M. Eleição dá a Bush maioria no Congresso. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 07 nov. 2002. Caderno Mundo, p. A15.

<sup>249</sup> Cf. BUSH, Blair: time running out for Saddam. *CNN.com*, Washington, 31 Jan. 2003. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2003/US/01/31/sprj.irq.bush.blair.topics/>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>250</sup> Diretor de estudos de segurança nacional do Conselho sobre Relações Internacionais e ex-subsecretário de Defesa do governo Reagan (1981-1988).

<sup>251</sup> Cf. EX-ASSESSOR de Reagan critica opção de Bush pelo Iraque. *BBC Brasil.com*, Nova York, 17 fev. 2003. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030217\\_angelars.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030217_angelars.shtml)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

duas semanas que o governo norte-coreano<sup>252</sup> havia informado que reativaria suas usinas nucleares.

Países do Conselho de Segurança da ONU que têm poder de veto, como a França, Alemanha e Rússia declararam-se contrários à guerra. Disso apenas resultaram farpas trocadas entre os oficiais do governo de ambos os lados, além de tolos boicotes da população aos produtos dos países envolvidos na rivalidade.

Em 14 de fevereiro, Bush lança a Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo, uma política que dava seqüência à Estratégia de Segurança Nacional, divulgada em 20 de setembro de 2002, fato que consolidou a chamada Doutrina Bush<sup>253</sup>. O objetivo principal do conjunto dessas medidas, alegado por John Ashcroft, à época secretário de Justiça dos EUA, era “outorgar às autoridades as ferramentas para ‘identificar, dismantelar e castigar as organizações terroristas antes que possam voltar a atacar’ [...]”<sup>254</sup>. Do outro lado, entidades de defesa dos direitos civis viam com maus olhos a implementação dessas políticas, visto que o direito dado ao Estado incluía escutas telefônicas, investigação do conteúdo de arquivos de computadores, prisão preventiva a possíveis suspeitos, entre outros.

Embora ainda houvesse uma boa parte do mundo aliada a uma minoria de cidadãos dos EUA que eram contrários à guerra, nada, porém, deteve os EUA de anunciarem o ultimato de 48 horas a Saddam Hussein em 18 de março. Ao lado de Bush havia o que mais lhe interessava naquele ano de campanha eleitoral, o apoio de uma maioria da população.

Em 16 de maio, aproveitando a popularidade em alta, em virtude do comando de guerra, Bush oficializa sua pré-candidatura à reeleição<sup>255</sup>, para a qual obteve, ao final da campanha, US\$ 260 milhões de fundos<sup>256</sup>, um recorde em cima de sua própria marca de US\$ 200 milhões em 2001. No final do mesmo mês, em 22 de maio, o Senado, em quase maioria absoluta (98/1), aprova o projeto de orçamento do Pentágono em US\$ 400, 5 bilhões para o

---

<sup>252</sup> Cf. SAIBA mais sobre a crise nuclear da Coréia do Norte. *Folha Online*, São Paulo, 10 fev. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u80759.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>253</sup> Conjunto de princípios e métodos implementados pelo governo Bush após os atentados de 11 de setembro. Estratégia inspirada por Paul Wolfowitz, funcionário do Departamento de Estado, que visa proteger os EUA contra o terrorismo, promovendo para isso o combate, mesmo sem a aprovação, das instituições internacionais, e consolidar a hegemonia estadunidense no mundo.

<sup>254</sup> SAI pacote de medidas de combate ao terrorismo. *Agência Estado*, São Paulo, 24 set. 2001. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2001/set/24/259.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>255</sup> Cf. BUSH oficializa pré-candidatura à reeleição nos EUA. *Folha Online*, São Paulo, 16 maio 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u56946.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>256</sup> Cf. BUSH has cash edge for stretch run. *CBS News*, Washington, 21 Sept. 2004. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/stories/2004/07/08/politics/main628153.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

próximo ano fiscal<sup>257</sup>. No dia seguinte, o Congresso aprova o polêmico pacote de redução de impostos de Bush, estimado em US\$ 350 bilhões.<sup>258</sup> A polêmica ficava por conta de que muitos economistas julgavam que o corte aumentaria muito o déficit público, o que poderia enfraquecer o dólar estadunidense. Outro fato foi que 12 milhões de filhos de famílias carentes – cuja renda anual familiar estivesse entre US\$ 10,5 mil e US\$ 26,625 mil – perderem o benefício de um crédito de US\$ 400 suplementar, dado aos pais por cada criança. Em contrapartida, quase 200 mil empresas que ganhavam mais de um milhão de dólares seriam favorecidas com 90 bilhões em reduções de impostos.<sup>259</sup>

Em junho, uma das maiores vilãs do governo, a economia, bate à porta trazendo resultados de pesquisas não tão bons. A popularidade que estava em 73% em abril cai para 57%. A maneira que o presidente conduzia a economia foi reprovada por 50% dos entrevistados. Entre a maior preocupação revelada, a economia ganhou do terrorismo e chegou a 61% contra 32%. Mesmo assim, Bush era o favorito para a reeleição com 53% dos votos.<sup>260</sup>

Sofrendo pequenos protestos apenas em grandes capitais como Los Angeles e New York, Bush seguia sua campanha política e continuava a arrecadar fundos. Porém, há pouco mais de 15 meses de se reeleger, o andamento econômico, as baixas de guerra e a falta de resultados mais expressivos como, por exemplo, a promessa de encontrar Saddam Hussein, estavam surtindo efeitos no declínio da popularidade do presidente.<sup>261</sup>

O Senado no meio do ano aprova outro grande orçamento por unanimidade. Foram concedidos US\$ 368 bilhões para modernizar as instalações militares e aumentar a folha de pagamento do setor em 4,1%.<sup>262</sup>

Em agosto a popularidade de Bush cai um pouco mais e chega a 56%.<sup>263</sup> E os protestos contra o presidente começam a se espalhar pelo território nacional. Em meio a uma

---

<sup>257</sup> Cf. SENADO dos EUA aprova orçamento anual da Defesa de US\$ 400 bi. *Folha Online*, São Paulo, 22 maio 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u57307.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>258</sup> Cf. CONGRESSO aprova corte de impostos de Bush nos EUA. *BBC Brasil.com.*, [S.I.], 23 maio 2003. Disponível em: <[http://www0.bbc.co.uk/portuguese/economia/030523\\_bush1dtl.shtml](http://www0.bbc.co.uk/portuguese/economia/030523_bush1dtl.shtml)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>259</sup> Cf. REDUÇÕES de impostos nos EUA excluem 12 milhões de crianças. *Folha Online*, São Paulo, 30 maio 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u57721.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>260</sup> Cf. BUSH perde popularidade e metade dos americanos reprovam... *Folha Online*, São Paulo, 11 jun. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u68570.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>261</sup> Cf. COELHO, L. Baixas no Iraque ameaçam reeleição de Bush, dizem... *Folha Online*, São Paulo, 11 jul. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u59811.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>262</sup> Cf. SENADO dos EUA aprova US\$ 368 bi para Forças Armadas. *Folha Online*, São Paulo, 18 jul. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u60212.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

pesquisa publicada pela revista *Newsweek*, relatando que 51% da população se opunha à solicitação de fundos feita por Bush para financiar as operações militares no Afeganistão, o governo começa a enviar seus porta-vozes a programas não muito convencionais, mas de grande audiência e simpatia popular. Colin Powell foi ao programa de entrevistas de David Letterman, na CBS, e Condoleezza Rice foi ao programa vespertino de Oprah Winfrey.<sup>264</sup>

Ainda com fôlego, em novembro, Bush consegue da Câmara a aprovação de seu pedido de US\$ 87, 5 bilhões destinados, principalmente, para a reconstrução e ocupação do Iraque. Outra grande conquista foi a sanção da lei, assinada por Bush, que proibia o aborto por ECI<sup>265</sup>, conhecido como aborto com nascimento parcial.

Foi então que em 15 de dezembro um presente de natal antecipado cai nas mãos de Bush: a captura de Saddam Hussein. Ao povo iraquiano o recado foi o seguinte: “Todos os iraquianos que escolheram o lado da liberdade, escolheram o lado certo.”<sup>266</sup> Ao povo dos EUA:

A captura de Saddam Hussein não significa o fim da violência no Iraque. Ainda enfrentamos terroristas que preferem continuar matando pessoas inocentes a aceitar o surgimento da liberdade no coração do Oriente Médio. Estes homens são uma ameaça direta ao povo dos EUA e serão derrotados.<sup>267</sup>

A resposta ao recado demorou apenas um dia. Uma pesquisa no dia seguinte à prisão de Saddam Hussein revelou um aumento da aprovação de Bush do patamar de 52% a 58%. O resto da história foi contado pelos resultados das urnas que o reelegeram como chefe de Estado estadunidense mais votado da história do país, com 59,1 milhões de votos, quase 3,5 milhões a mais que seu rival, John Kerry, na corrida à Presidência.

<sup>263</sup> Cf. POPULARIDADE de Bush cai seis pontos e vai a 56%. *Folha Online*, São Paulo, 01 ago. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u60937.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>264</sup> Cf. CERCA de 2.000 manifestantes recebem Bush com vaias em Oregon. *Folha Online*, São Paulo, 22 ago. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62057.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005. Cf. PROTESTO contra Bush reúne centenas de pessoas... *Folha Online*, São Paulo, 21 ago. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u32235.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<sup>265</sup> Um procedimento médico chamado aborto por dilatação e extração, ou aborto por ECI (esvaziamento craniano intra-uterino). Bill Clinton havia vetado duas iniciativas similares por entender que tal prática não abria exceções que protegessem a saúde da mãe.

<sup>266</sup> EMBAIXADA DOS EUA. *Bush diz “período de escuridão e dor” do Iraque terminou*. Disponível em: <<http://www.embaixadaamericana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=1166>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>267</sup> *Ibid.*, loc cit.

## 2.2 APRESENTAÇÃO DE EXCERTOS DE DISCURSOS DE GEORGE W. BUSH

### 2.2.1 Diferentes discursos, uma só fala

Há duas semanas do início da guerra contra o Iraque, ao notar a iminência de inevitável desfecho, uma repórter, em conferência de imprensa na Casa Branca, indaga Bush sobre a orientação de sua fé e qual rumo o povo de seu país deveria tomar dali para frente (06/03/03):

Uma das melhores coisas de nosso país, April<sup>268</sup>, é que *existem milhares de pessoas que rezam por mim*<sup>269</sup>, pessoas que nunca verei e a quem nunca serei capaz de agradecer. Mas é uma experiência estimulante pensar que existem pessoas, que eu nunca conheci, que *rezam por mim e pela minha família*. Sou muito grato por isso. Tem sido uma sensação reconfortante saber disso. *Rezo pela paz, April. Rezo pela paz.*<sup>270</sup>

Havia pouco menos de um mês de combate. Sete homens, antes desaparecidos em ação no Iraque, foram encontrados. Bush faz um breve comentário sobre esse assunto antes de iniciar outra entrevista coletiva na Casa Branca (13/03/03):

Hoje é um grande dia para as famílias, os companheiros e entes queridos dos sete desaparecidos em ação que foram libertados. Fiquei realmente feliz por todos que rezaram pela sua segurança, eles estão a salvo. Ainda temos desaparecidos no Iraque e continuaremos a procurá-los. Rezamos para que eles também sejam salvos e libertados um dia desses.<sup>271</sup>

Então, um repórter o questiona como o papel da fé interveio no resgate dos soldados:

Vocês sabem, visitei o hospital na sexta-feira para ver alguns de nossos *corajosos militares e suas famílias*. E muitos deles disseram que estavam sendo sustentados através da *oração, recebendo alívio no senhor* durante momentos que devem ter sido difíceis para eles. [...] *A fé é poderosa*. Uma das coisas maravilhosas deste país é que muitas pessoas *rezam* e sei que muitas pessoas *rezam* pelas famílias que estão em luto e que não sabem se seus entes queridos algum dia voltarão.<sup>272</sup>

<sup>268</sup> Prenunciando a guerra do Iraque, que começaria dali há menos de duas semanas, April, uma repórter, indaga Bush sobre qual seria a orientação de sua fé diante da possibilidade de uma guerra e o que os Estados Unidos deveriam fazer coletivamente.

<sup>269</sup> Doravante, todos os grifos serão nossos.

<sup>270</sup> Ibid., *Bush diz que EUA pedirão votação para nova resolução sobre o Iraque*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=896>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>271</sup> Ibid., *Presidente Bush promete segurança e ordem aos iraquianos*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=960>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>272</sup> Ibid., loc. cit.

Uma semana é passada, contavam-se exatos 30 dias de guerra. Bush deixa a capela da 4ª Divisão de Infantaria em Fort Hood, no Texas, onde participava de uma missa por ocasião da Páscoa e, em curto pronunciamento antes de dar entrevista, faz referência a dois subtenentes, pilotos de helicóptero, capturados no Iraque, que haviam recém chegado aos EUA (20/04/03):

*Rezamos pela paz e pedimos força, pelas muitas bênçãos. Eu agradeço especialmente o fato desses dois homens estarem conosco hoje. Agradeço a Deus por suas vidas. Espero que todos os cidadãos dos EUA percebam que vivemos em um grande país, repleto de grandes pessoas. E hoje é um dia de dar graças pelos EUA, assim como a um Deus todo-poderoso e misericordioso.*<sup>273</sup>

Em uma situação anterior a essa, próximo do começo da guerra, em Camp Lejeune, Carolina do Norte, Bush faz um discurso de encorajamento aos fuzileiros navais, por meio do qual se refere a uma tradição (03/04/03):

Há uma *tradição* no corpo de fuzileiros navais, de que nenhum fuzileiro naval que morre é abandonado no campo de batalha. (Aplausos.) Nenhum dos mortos será esquecido por esta nação grata. Honramos seus serviços aos EUA e *oramos para que suas famílias recebam o conforto e a graça de Deus.* (Aplausos.)<sup>274</sup>

Em instantes seguintes, fala, entre outras coisas, de uma missão e da promessa da fundação dos EUA:

Esses são os sacrifícios de uma missão importante – a defesa de nossa nação e a paz do mundo. Superar o mal é a causa mais nobre e o trabalho mais difícil. E a libertação de milhões é a realização da promessa da fundação dos EUA. Os objetivos que estabelecemos nesta guerra são merecedores dos EUA, merecedores de todos os atos de heroísmo e generosidade que aconteceram antes.<sup>275</sup>

Desse modo, parecia que o apelo religioso, como a reza, o sacrifício e o agradecimento a Deus e variáveis como, por exemplo, o juramento, tornavam-se recorrentes conforme podemos observar a seguir, em pronunciamento à nação, no salão oval, ao mencionar os primeiros estágios das operações militares (19/03/03): “Milhões de americanos estão *rezando*

<sup>273</sup> Ibid., *Bush afirma que libertação do Iraque tornará mundo mais pacífico.* Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=963>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>274</sup> Ibid., *Bush diz aos fuzileiros navais que os dias de governo brutal no Iraque estão terminando.* Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=935>>. Acesso em: 02 nov. 2005.

<sup>275</sup> Ibid., *Bush afirma que libertação...* Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=963>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

com vocês pela segurança de nossos entes queridos e pela proteção dos inocentes. Pelo seu *sacrifício*, vocês têm a gratidão e o respeito do povo americano.”<sup>276</sup>

Também no já aludido discurso de Páscoa (20/04/03):

*Rezamos* pela paz e pedimos força, pelas muitas *bênçãos*. Eu agradeço especialmente o fato desses dois homens estarem conosco hoje. *Agradeço a Deus* por suas vidas. Espero que todos os cidadãos dos EUA percebam que vivemos em um grande país, repleto de grandes pessoas. E hoje é um dia de dar *graças* pelos EUA, assim como a um *Deus todo-poderoso e misericordioso*.<sup>277</sup>

E, igualmente mencionada, na conferência de imprensa próximo do eclodir da guerra (06/03/03):

Minha tarefa é proteger os EUA e é exatamente isso que farei. As pessoas podem atribuir todo tipo de intenções. *Jurei* proteger e defender a Constituição, isso foi o que *jurei*. *Coloquei minha mão sobre a Bíblia, prestei esse juramento* e é exatamente isso que farei.<sup>278</sup>

Aliás, nesse último discurso, há de se destacar que Bush aponta o porquê do ataque ao seu país (06/03/03): “*Não fizemos nada* para provocar esse ataque terrorista. Ele foi realizado porque existe um *inimigo* que odeia os EUA. Eles *odeiam* tudo que representamos. Amamos a *liberdade* e não vamos mudar isso.”<sup>279</sup>

Considerando que o intervalo de tempo entre os exemplos citados até aqui foi relativamente breve, talvez fosse interessante verificar se há ocorrências de repetições temáticas pertinentes ao objeto de análise durante períodos mais distantes entre si.

Para isso, destacamos uma seqüência com três exemplos, em ordem cronológica, a começar do ano da primeira posse, em 2001.

Em 07/12/2001, a bordo do U.S.S. Enterprise em Norfolk, Virgínia, durante as cerimônias que marcaram o 60º aniversário do ataque japonês a Pearl Harbor:

E aquela missão – nosso grande chamado – continua até agora, enquanto os bravos homens e mulheres de nossas forças armadas lutam contra as forças do terror no Afeganistão, e em todo o mundo.<sup>280</sup>

<sup>276</sup> Ibid., *Presidente Bush anuncia início de ação militar contra o Iraque*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=910>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>277</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>278</sup> Ibid., *Bush diz que EUA...* Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=896>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>279</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>280</sup> Ibid., *Presidente diz que a guerra no Afeganistão está longe de terminar*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=351>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

Em 15/07/2002, quando participava de uma mesa redonda com jornalistas poloneses no salão Roosevelt o mesmo mote é retomado: “Seremos julgados pela história se perdermos este *chamado para lutar pela liberdade*.”<sup>281</sup> E, no ano seguinte, em entrevista concedida ao jornal *The New York Times* (26/04/03): “Tenho uma *missão* a realizar e *com os joelhos dobrados peço ao bom Senhor* que me ajude a cumpri-la com sabedoria.”<sup>282</sup>

Palavras com significados opostos também se tornam uma prática comum, consoante percebemos no pronunciamento aos militares na Base Aérea de Travis, Califórnia, em 17/10/01: “... do mal emerge o bem.”<sup>283</sup> Fato, inclusive, que parece ter levado Bush a assumir um posicionamento frente a esse tópico, como pode ser confirmado em seu discurso de cerimônia de formatura da academia militar dos EUA em West Point, Nova York (01/06/2002):

*Alguns se preocupam com o fato de que de certo modo não é diplomático ou educado falar em termos de certo ou errado. Discordo. (Aplausos.) Circunstâncias diferentes exigem métodos diferentes, mas não uma moral diferente. (Aplausos.) A verdade moral é a mesma em todas as culturas, em todos os tempos e lugares. [...] Não pode haver neutralidade entre justiça e crueldade, entre inocentes e culpados. Estamos vivendo um conflito entre o bem e o mal, e os EUA chamarão o mal por seu próprio nome. (Aplausos.)*<sup>284</sup>

Em 15/03/02, no global Complexo de Cumberland County Fayetteville, na Carolina do Norte, Bush anuncia o término da primeira fase da guerra contra o terrorismo e delineia a segunda fase e, por outro viés, novamente, o mal ressurge: “E a melhor forma de *combater o mal* em casa é *amar o próximo* como você gostaria de ser amado. (Aplausos.) A melhor forma de enfrentar aqueles que seqüestraram uma *religião boa* é viver uma vida *ajudando as pessoas necessitadas*.”<sup>285</sup>

<sup>281</sup> Ibid., *Bush promete consultas antes de mudanças nas frentes de batalha contra o terror*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=668>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>282</sup> BUSH apud BOFF, L. Extremismo Mundial. JB online. São Paulo, 09 jan. 2004. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/boff/2004/01/08/jorcolbof20040108001a.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>283</sup> EMBAIXADA DOS EUA. *Bush afirma haver progresso...* Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=169>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>284</sup> Ibid., *Bush diz que guerra contra o terror “não será vencida na defensiva”*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=609>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>285</sup> Ibid., *Bush delineia a segunda fase da guerra...* Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=512>>. Acesso em: 22 nov. 2005.



E, continuando, agrega mensagens contendo valores religiosos: “E você pode *ajudar o próximo*<sup>286</sup> de muitas formas. Você pode atravessar a rua e perguntar, o que posso fazer para ajudá-lo? Ou você pode cuidar de uma criança ou ensinar em uma escola. (Aplausos.)”<sup>287</sup>

Eram valores, diga-se de passagem, freqüentemente usados, conforme podemos notar no já referido discurso da Base dos fuzileiros navais de Camp Lejeune (03/04/03):

Quero agradecer às milhares de pessoas que estão aqui, e que entendem que *podemos salvar a vida de alguém mostrando amor*. Podemos ajudar alguém, simplesmente, *abraçando o próximo* que precisa. (Aplausos.)

Com nossas ações, estamos servindo a *uma causa justa* e grande [...]

[...] Estamos levando ajuda e estamos levando algo mais – estamos levando esperança. (Aplausos.)

[...] Mais uma vez, estamos usando o poder do nosso país para garantir nossa segurança e *servir à causa da justiça*. E venceremos. (Aplausos.)

Por fim, a liberdade, um ponto muito evocado por Bush que, não fugindo à regra, penetra o campo da religião. Haja vista a declaração de Bush informada por Wendy S. Ross, uma correspondente do *Washington File* na Casa Branca (20/02/2003): “Não acreditamos na *liberdade* como presente dos EUA para o mundo, *acreditamos que ela seja o presente do Senhor para a humanidade*.”<sup>288</sup>

Pode ser que a pequena diferença de uma semana entre as entrevistas de Camp David e a de Fort Hood tenha contribuído, mas o fato é que, retomando-as, entre outros detalhes destacados, encontramos um mesmo adjetivo atribuído à liberdade, respectivamente: “Vocês estão livres. E a *liberdade é linda*. E levará algum tempo até restaurarmos *o caos e a ordem* – isto é, *trazer de volta a ordem ao invés do caos atual*. Mas conseguiremos.”<sup>289</sup>

*A liberdade é linda* e quando as pessoas são livres, exprimem sua opinião. Vocês sabem, elas não podiam expressar suas opiniões antes de irmos até lá, agora podem. Sempre afirmei que a democracia seria difícil. Não é fácil passar do estado de um ser escravizado para o de um cidadão livre. Mas isso acontecerá, porque *o instinto básico da humanidade é ser livre. Eles querem*

<sup>286</sup> Na tradução original, o substantivo em inglês *neighbor* foi traduzido por ‘vizinho’. Porém, acreditamos que o emprego da palavra ‘próximo’ seria mais acertado conforme o contexto da frase; uma aceção também correta da mesma palavra. Portanto, dado o contexto, onde encontramos ‘vizinho’, substituímos por ‘próximo’.

<sup>287</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>288</sup> Ibid., *Confiar em Saddam Hussein não é uma opção, afirma Bush*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=891>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

<sup>289</sup> Ibid., *Presidente Bush promete segurança...* Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=960>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

*ser livres*. Portanto, é claro que haverá pessoas exprimindo suas opiniões e nós saudamos isso, assim como aqui nos EUA as pessoas podem exprimir suas opiniões.<sup>290</sup>

Dispomos, portanto, de material suficiente para ilustrar o caráter da religião misturado a variadas entrevistas e discursos políticos.

Neles, é fácil notar a religião sob diferentes nuances e vertentes, seja pela declaração explícita da fé, por meio da oração, no conforto da graça divina e no auxílio de Deus, por intermédio do sacrifício dos soldados ou em valores exaltados pela religião cristã como, por exemplo, a compaixão, ou pelas representações antagônicas como o bem e o mal.

Da mesma maneira, conseguimos identificar temas como a missão e a promessa da fundação do país, a esperança, a justiça, a moral, a inocência face ao ataques, a existência do herói e a luta contra o inimigo e a liberdade; valores esses que se fazem relevantes pelo vínculo que possuem com a história dos EUA.

### **2.2.2 Um único discurso, a mesma fala**

Embora as citações anteriores tenham sido intencionalmente escolhidas, tornando, portanto, necessário que viessem acompanhadas de texto completo, para que uma análise mais criteriosa pudesse ser aferida, mesmo assim não deixaria de ser legítimo afirmar que um leigo em história estadunidense, caso desconhecesse o emissor de tais frases, provavelmente atribuiria a autoria a uma pessoa com algum tipo de vínculo ou compromisso religioso como, por exemplo, um padre ou um pastor. Entretanto, longe do que uma primeira impressão mais precipitada pudesse levar qualquer imaginação a supor, a notoriedade da autoria causa estranheza e curiosidade investigativas.

Mostramos, valendo-se dos tópicos elencados, aspectos que se repetem nos discursos de Bush, os quais serão relevantes para a análise a ser feita ao longo dos capítulos da presente dissertação.

Vale enfatizar que alguns dos tópicos levantados não estão diretamente ligados à religião; porém, eles são peças de uma construção ético-religiosa dos discursos e serão imprescindíveis para a futura análise. Embora o objeto a ser discutido dê maior ênfase à explícita aparição religiosa em meio aos discursos políticos de Bush, o estudo não se restringirá apenas a esse critério.

---

<sup>290</sup> Ibid., *Bush afirma que libertação...* Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=963>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

Posto isso, neste momento seria de bom tom apresentar algumas passagens de um único discurso para verificar se alguns dos pontos acima, colhidos em fontes diversas, também apareceriam em um só texto.

O discurso a seguir foi pronunciado por Bush em ocasião de uma convenção nacional dos difusores religiosos no *Opryland Hotel*, em Nashville, Tennessee no ano de 2003, um evento provavelmente importante para o presidente, visto que as Iniciativas Baseadas na Fé foram por ele anunciadas como uma das iniciativas mais importantes de seu governo. Trata-se de um incentivo político criado pelo governo Bush chamado *faith-based initiative* (Iniciativas Baseadas na Fé), que permitem dotar de subvenções federais as organizações religiosas para que as destinem aos seus programas de assistência social. Apenas em 2003, o governo federal destinou US\$ 1,1 bilhões do orçamento social para as ONGs ligadas ao Escritório de Iniciativas Comunitárias e Baseadas na Fé.<sup>291</sup>

É preciso salientar que a escolha do ambiente religioso desse discurso é proposital pelo motivo óbvio de que é esperado que Bush, diante de um público religioso, fique mais à vontade em revelar uma faceta religiosa mais enfática em seus discursos. Assim, será possível observar como se revela o comportamento discursivo de Bush na pluralidade das situações anteriores com essa situação particular.

Para dar maior coerência ao texto, a organização das citações foi disposta na ordem corrente da fala. Portanto, os elementos dos assuntos temáticos estarão inevitavelmente sobrepostos.

Logo na abertura do discurso, as atitudes dos cidadãos estadunidenses são exaltadas e mescladas ao campo religioso:

Desejo agradecer em especial aos *quatro companheiros* que saíram da condição de sem-tetos e se recuperaram do vício das drogas e do álcool, pela coragem de contar suas histórias ao presidente. *É muito inspirador ver a coragem de vocês, bem como ver a grande obra de nosso Senhor em seus corações.*

Ao aterrissar hoje, também *conheci uma mulher extraordinária* de Nashville, chamada Sherry Jean Williams. Ela está sentada bem aqui - Sherry Jean, você se importaria de levantar só por um segundo? Obrigado por vir. (Aplausos.) *Vocês vão ouvir eu falar dos exércitos da compaixão na América – ela é um soldado dos exércitos da compaixão.*<sup>292</sup>

<sup>291</sup> Em 29 de janeiro de 2001, Bush anuncia as *Iniciativas Baseadas na Fé* e faz a seguinte declaração: “Esta será uma das mais importantes iniciativas que minha administração não somente discute, mas implementa.” Cf. THE WHITE HOUSE. *Remarks by the President in announcement of the faith-based initiative*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/20010129-5.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005. (tradução nossa)

<sup>292</sup> Doravante as citações desta seção pertencerão ao mesmo discurso. Cf. *Ibid.*, *President Bush discusses faith-based initiative in Tennessee*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2003/02/20030210-1.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005. (tradução nossa)

Aproveitando o ensejo dos bons exemplos, inclui um chamado e convoca a todos: “Meu chamado aos nossos concidadãos é, ainda que uma pessoa não possa fazer tudo, ela pode fazer algo para tornar nossa sociedade um lugar mais compassivo e decente.”

Diante disso, também enaltece o trabalho dos difusores religiosos e, assim, atribui uma missão:

Há mais de 80 anos que os difusores religiosos da América transmitem o evangelho no ar. Vocês levam palavras da verdade, consolo e incentivo para dentro de milhares de lares. Para vocês, *a difusão é mais do que um trabalho. É uma grande missão. Vocês oferecem um serviço com todo o coração e alma e a América é grata.*

A fé, um assunto obviamente em evidência, com certeza não poderia deixar de ser um dos atores principais naquela manhã. No entanto, suas vestes entravam em cena utilizando costumes variados.

A primeira aparição veio em tom de recado afirmativo convocando os difusores para uma missão um tanto difícil:

Cada um de vocês sabe que *o poder da fé pode transformar uma vida*. As pessoas de fé, bondade e idealismo também têm o poder de transformar os próximos e nossa nação.  
[...] Estabeleci um grande objetivo para a América. Devemos dedicar *a grande compaixão de nosso povo* aos problemas mais profundos deste país.

Mas, isso não demonstra ser um grande problema; afinal de contas, Bush conta com um apoio extra:

*Este país é abençoado* com praticamente milhões de *voluntários de bom coração* que realizam *milagres* diários nas vidas de seus compatriotas. E hoje peço aos difusores religiosos, aqueles que se comunicam com todos os cantos da América, que *reagrupem os exércitos da compaixão para que possamos transformar a América em um coração, uma alma por vez.* (Aplausos.)

E, mais do que rápido, retorna à fé e passa o bastão ao povo:

O povo americano possui crenças religiosas profundas e diversas, certamente uma das maiores forças de nosso país. *E a fé dos nossos cidadãos está nos ajudando a passar por momentos difíceis.* Estamos sendo desafiados. *Conseguimos enfrentar esses desafios por causa de nossa fé.*

Em estilo de *grand finale*, a multifacetada fé vai além dos homens:

Nos momentos de tragédia, a fé nos tranquiliza de que a morte e o sofrimento não são a palavra final; que o amor e a esperança são eternos. A fé religiosa não somente consola; desafia. A fé ensina que todas as pessoas são iguais aos olhos de Deus, e devem ser tratadas com a mesma dignidade aqui na Terra.

Na seqüência, de modo peculiar, menciona o 11 de setembro para falar de perdas de homens bravos e valentes:

Depois que fomos atacados em 11 de setembro, *levamos nossa dor a Deus Todo Poderoso por meio da oração*. À semana passada, nossa nação perdeu *sete bravos americanos – almas valentes*–, seis americanos e um cidadão israelense, a bordo do ônibus espacial Columbia. Laura e eu fomos a Houston. *Ficamos muito honrados em conhecer as famílias. Não tenho nenhuma dúvida que a família está encontrando força e consolo graças às orações de vocês e graças ao Deus Todo Poderoso*.

Porém, Bush não pára por aí, e volta a enfatizar o caráter de seu povo atrelado à fé e à compaixão: “E, atualmente na América, *as pessoas de fé* estão realizando o trabalho da *compaixão*. Há tantas pessoas *ajudando aos próximos* porque eles *amam a Deus*. O *espírito de ajuda é vital* porque a necessidade na América é grande.”

Afinal, à revelia do que o mundo pensa há um trabalho a ser cumprido: “Nosso trabalho como americanos não estará completo até que construamos *uma única nação de justiça e uma nação de oportunidade*.”

E, assumindo os limites de seu governo, indica o caminho da superação:

*A função do governo é limitada*, pois o governo não consegue levar *esperança ao coração* das pessoas, ou um propósito às suas vidas. Isso pode acontecer quando alguém coloca *um braço no ombro do próximo* e diz, *Deus ama você, eu amo você, e você pode contar com nós dois*. (Aplausos.)

A fé persiste e, desta vez, ele próprio a ratifica: “*Eu acolho a fé*. Acolho a fé para ajudar a resolver os mais profundos problemas da nação.”

Próximo do fim, sem perder o humor, expõe o motivo dos ataques terroristas e reafirma que seu povo não irá mudar:

E, atualmente, a paz está ameaçada. Enfrentamos uma ameaça contínua de redes terroristas que odeiam a própria idéia de um povo poder viver em liberdade. *Eles odeiam a idéia do fato de que neste grande país, podemos adorar o Deus Todo Poderoso do modo que nós consideramos mais apropriado.* (Aplausos.) E o que provavelmente o deixa ainda mais nervoso é que nós não vamos mudar. (Risos e aplausos.)

Com pesar, justifica a inevitabilidade da guerra e seus porquês são claramente elucidados, embora deixe claro que não é sua vontade:

*Se nos forcem a uma guerra – e eu disse ‘nos forcem’, porque o uso das forças armadas não é minha primeira escolha. Abraço as mães e viúvas daqueles que perderam a vida em nome da paz e da liberdade.* Assumo a responsabilidade sobre o compromisso das tropas muito seriamente. Mas, caso tenhamos de *usar as tropas, para o bem* das futuras gerações dos americanos, as tropas americanas agirão conforme *as tradições* honráveis de nossas forças armadas e *as mais altas tradições morais de nosso país.* *Tentaremos poupar vidas inocentes* de todas as maneiras possíveis. O povo do Iraque não é nosso inimigo. (Aplausos.)

Mais adiante anuncia um inimigo: “*O verdadeiro inimigo do povo iraquiano, Saddam Hussein, tem uma estratégia diferente.*”

A liberdade fica para o fim, junto com a lembrança do chamado:

Como disse em meu discurso sobre o Estado da União, *a liberdade não é um presente da América ao mundo. A liberdade é um presente de Deus a todos os seres humanos do mundo.* (Aplausos.) A América enfrenta grandes desafios, desafios no país e desafios no exterior. *Fomos chamados para estender a promessa* deste país às vidas de cada um dos cidadãos que vivem aqui. *Fomos chamados para defender nossa nação e conduzir o mundo à paz, e lograremos êxito nos dois desafios com coragem e confiança.*(Aplausos.)

Finalmente, um adágio e a benção de Deus para fechar a cena:

Há um velho ditado, ‘Não rezemos por tarefas semelhantes a nossas forças. Rezem por forças semelhantes a nossas tarefas.’(Aplausos.) E essa é nossa oração hoje, pela força em cada uma das tarefas que enfrentamos. Quero agradecer a cada um de vocês por suas orações. Quero agradecê-los por suas devoções. Quero agradecê-los pelos seus bons serviços. E quero agradecê-los por amar seu país. Que Deus abençoe a todos vocês e que Deus abençoe a América. (Aplausos.)

### 2.2.3 Um ciclo, o mesmo discurso

Finalmente, em ordem cronológica, serão apresentados excertos de 7 discursos proferidos por George W. Bush.

A proposta por ora é apenas trazer à baila exemplos do objeto que ilustrem a presença de temas que serão discutidos no último capítulo. Julgou-se mais apropriado detalhar o objeto em seu momento principal, na análise; até porque um número expressivo dos pontos de interesse da discussão já foi evidenciado nas seções anteriores.

Portanto, será possível cruzar os elementos do objeto que seguem com as citações acima e, desse modo, observar que a presença das menções religiosas e outros aspectos levantados continuam a ser recorrente.

#### 2.2.3.1 Discurso de posse em 20 de janeiro de 2001

“Presidente Clinton, ilustres convidados e meus concidadãos, a transferência pacífica de autoridade é rara na história, porém comum em nosso país. Com um simples *juramento*, nós ratificamos antigas tradições e estabelecemos novos começos.”<sup>293</sup>

Bush, nesse *inaugural address*, fazendo jus à denotação latina da palavra *inaugural*, trata de inaugurar um ciclo de uma série de discursos políticos que trariam um eco religioso ao seu fundo.<sup>294</sup>

A escolha dos adjetivos *spirit* e *grace* utilizados para agradecer a conduta de seu oponente, Al Gore, durante a campanha eleitoral já esboçava indícios de um devir retórico peculiar: “E agradeço ao Vice-Presidente Gore pela competição conduzida com *vigor* e finalizada com *elegância*.”<sup>295</sup>

Em seguida Bush resgata a história dos EUA e fala de uma promessa e um chamado:

[...] uma história de uma sociedade escravocrata que se tornou *serva da liberdade*, a história de *uma força que veio ao mundo para proteger*, mas não para possuir, *para defender*, mas não para conquistar.  
É a história da América – uma história de pessoas imperfeitas e falíveis, unidas por gerações por meio de ideais grandiosos e resistentes.  
A maior grandiosidade desses ideais *é uma promessa americana reveladora*

<sup>293</sup> Todas as citações desta seção pertencem à mesma fonte. Cf. THE WHITE HOUSE. *President George W. Bush's inaugural address*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/inaugural-address.html>>. Acesso em: 02 dez. 2005. (As traduções desta seção são nossas.)

<sup>294</sup> Discurso de posse.

<sup>295</sup> Por uma questão de fluência contextual, preferimos traduzir, respectivamente, as palavras *spirit* e *grace* por “vigor” e “elegância”; porém, a denotação e origem religiosas de ambas são explícitas.

de que todos têm seu lugar, que todos merecem uma chance, que jamais nasceu uma pessoa insignificante.

*Os americanos foram chamados* para decretar essa promessa em nossas vidas e em nossas leis. E, embora nossa nação tenha hesitado e, às vezes, tardado, não devemos seguir outro, senão esse curso.

Em tom poético, a fé dos EUA é disseminada:

Por muito tempo no século passado, a *fé americana na liberdade e na democracia* era uma rocha em meio a um mar revolto. Agora é uma semente ao vento, firmando raízes em muitas nações.

A democracia ganha conotações de fé, tornando-se um credo que ultrapassa as fronteiras do país:

Nossa *fé* democrática é mais do que o *credo de nosso país*, é a *esperança nata de nossa humanidade*, um ideal que carregamos, mas não somos donos, *uma responsabilidade que assumimos e passamos adiante*. E, mesmo após quase 225 anos, ainda temos um longo caminho a percorrer.

Faz outra promessa, mas agora conta com uma força maior: “E esse é meu compromisso solene: trabalharei para construir uma única nação de *justiça* e oportunidade. Sei que isso está ao nosso alcance porque *somos guiados por uma força maior do que nós próprios que nos criou a Sua imagem*.” Dando continuidade ao assunto, salienta os laços que unem seu povo: “A América nunca se uniu pelo sangue, pelo nascimento ou pelo solo. *Estamos atados por ideais que nos movem para além das nossas origens*, colocam-nos acima de nossos interesses e nos ensinam o que significa ser cidadãos.”

Bush ratifica um compromisso em relação à promessa de seu país: “Hoje, ratificamos um novo *compromisso* de levar a promessa de nossa nação até o fim de nossas vidas por meio da civilidade, da *compaixão* e do *caráter*. [...] Uma sociedade civil exige boa vontade e respeito, *conduta justa e perdão*.” Por extensão ao assunto, mostra que não há saída: “*Se nosso país não liderar a causa da liberdade, ela não será liderada*.” Reforçando, lembra: “Devemos viver de acordo com o *chamado* que nos envolve.”

Aos inimigos, um alerta: “Os inimigos da liberdade e de nosso país não devem se equivocar: *A América continua comprometida no mundo pela história e por escolha*, dando forma a um equilíbrio de poder que favorece a liberdade.” Os atributos da nação também são lembrados: “*A América, no seu melhor, é compassiva*.”<sup>296</sup> E Deus é mencionado novamente:

---

<sup>296</sup> *Compassionate* em inglês, a mesma acepção para ‘*piedosa*’.



“E a despeito de nossas opiniões sobre a causa, conseguimos concordar que crianças expostas ao risco não têm *culpa*. Abandono e abuso não são *atos de Deus*, são falta de amor.”

Um prenúncio sobre as entidades religiosas:

E algumas necessidades e danos são tão profundos que só encontrarão resposta no contato com o mentor ou na oração do pastor. A Igreja e as instituições de caridade, as sinagogas e as mesquitas emprestam humanidade a nossa comunidade, e elas terão um lugar honrado em nossos planos e em nossas leis.

Em seguida, deixa uma mensagem: “E posso prometer a nossa nação uma meta: ‘Quando virmos aquele viajante ferido no caminho para Jericó, não desviaremos para o outro lado’.”<sup>297</sup> Com isso, chama a atenção da responsabilidade individual de cada cidadão para com a nação e fala de *compromissos, apelos*<sup>298</sup> à *consciência, sacrifício, completude de vida, laços familiares e atos de decência*.

A questão do chamado volta e, omitindo o nome, um santo é citado: “Às vezes somos *chamados* para fazer grandes feitos na vida. Porém, como um *santo* de nossos dias disse, *somos chamados* todos os dias para fazer coisas pequenas com grande amor. As incumbências mais importantes de uma democracia são feitas por todos.”

Alegando defender o interesse público com coragem, justiça e compaixão, convoca os cidadãos a servir a nação começando pela pessoa ao lado, pois “os americanos são generosos, fortes e decentes, não somente porque acreditamos em nós próprios, mas porque *defendemos crenças além de nós próprios*”.

Para finalizar, lembra os antepassados:

Após a assinatura da Declaração da Independência, o estadista John Page escreveu a Thomas Jefferson: ‘Sabe-se que a contenda não é dos céleres, nem a luta dos fortes. Achais que um anjo cavalga o redemoinho e comanda essa tempestade?’<sup>299</sup>

Esse trabalho continua. Essa história continua. E um anjo ainda anda no furacão e direciona a tempestade.

Deus abençoe vocês todos, e Deus abençoe a América.

<sup>297</sup> Essa referência a Jericó está na parábola do Bom Samaritano, em *Lucas 10:30-37*

<sup>298</sup> *Call* no inglês, o que dá a denotação de um *chamado*.

<sup>299</sup> Uma possível referência bíblica: *Ezequiel 1:4*

### 2.2.3.2 Declaração na noite de 11 de setembro de 2001

Após passar praticamente o dia todo em indecisas viagens no avião presidencial *Air Force One*<sup>300</sup>, Bush, enfim, direto da Casa Branca, no horário nobre, às 20h30, dá uma resposta à nação em cadeia nacional de televisão.

Na primeira frase, deixa claro qual foi o alvo do ataque: “Hoje, nossos cidadãos, *nosso modo de vida*<sup>301</sup>, *nossa própria liberdade* sofreram uma série de deliberados e *mortíferos atos terroristas*.”<sup>302</sup> Um pouco adiante, a causa das mortes: “Milhares de vidas acabaram repentinamente por causa de *diabólicos e desprezíveis atos de terror*.”

O recado aos terroristas não demora a vir: “Ataques terroristas podem abalar as fundações de nossos maiores prédios, mas eles não podem tocar a *fundação da América*.”

Então, explica o porquê do ataque: “A América foi o alvo do ataque, pois nós somos *o farol mais brilhante da liberdade e oportunidade para o mundo*. E ninguém impedirá essa luz de brilhar.”

E fala o que sua nação viu àquele dia: “Hoje, nossa nação viu o *mal*, o pior lado da natureza humana, e nós respondemos com o melhor da América, [...]”

Outro recado é dado: “As buscas dos que cometeram esses *atos diabólicos* estão em andamento.”

Chegando próximo ao fim do discurso, a fê:

Esta noite *peço uma oração* para os que sofrem, pelas crianças cujos mundos foram destruídos, por todos cujo senso de segurança e confiança foram ameaçados. *Rezo* para que eles sejam confortados por um poder maior do que qualquer um de nós manifestado através das eras pelo *salmo 23*: “*Mesmo que eu ande pelo vale das sombras e da morte, não sentirei medo porque o Senhor está comigo*”.

---

<sup>300</sup> O êxito de Bush quanto à decisão de qual rumo tomar pode ser vislumbrado pela rota incerta e conturbada do avião presidencial. Ao sair de Sarasota, Flórida, sem saber qual destino tomar, voa em lentos grandes círculos por 40 minutos e, então, em vez de ir direto a Washington, conforme o primeiro desejo do presidente, o avião dirige-se a Barksdale, Louisiana, onde chega às 11h45. De lá, novamente levanta vôo, desta vez às 13h15, e segue para Offutt, Nebraska, onde aterrissa às 14h50. Finalmente, às 16h36, decide ir à Casa Branca, em Washington. O avião toca o solo pouco depois das 18h30 e, em 25 minutos, Bush, sob aplausos, entra na Casa Branca, local em que faz o discurso daquela noite. Cf. LANGLEY, W. Revealed: what really went on during Bush's 'missing hours'. *News.telegraphy*, [S.I.], 12 Dec. 2001. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/mainjhtml?xml=/news/2001/12/16/wbush16.xml>>. Acesso em: 01 nov. 2005. (tradução nossa)

<sup>301</sup> Em inglês, o conhecido mote: *our way of life*.

<sup>302</sup> Doravante, as citações desta seção pertencerão ao mesmo discurso. Cf. EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Declaração do presidente George W. Bush na noite de terça-feira, 11 de setembro de 2001*. Disponível em: <<http://www.embaixadaamericana.org.br/index.php?action=materia&id=804&submenu=padrao.inc.php&itemmenu=21>>. Acesso em: 16 dez. 2005.

Entretanto, antes do agradecimento que se tornaria usual, a liberdade é lembrada: “Nenhum de nós irá esquecer este dia e iremos em frente na defesa de *nossa liberdade* e de tudo o que é *bom e justo* em nosso mundo. Obrigado. Boa noite e *Deus abençoe a América*.”

### 2.2.3.3 Discurso sobre o Estado da União em 29 de janeiro de 2002

Havia um ano de governo, era chegado o momento de Bush declarar o Estado da União, uma obrigação constitucional, conforme dispõe o artigo 2º da Constituição dos EUA: “O Presidente deverá prestar ao Congresso, periodicamente, informações sobre o estado [sic] da União, fazendo ao mesmo tempo as recomendações que julgar necessárias e convenientes”.<sup>303</sup>

O primeiro assunto abordado é o terrorismo. Bush relembra os ataques de 11 de setembro, menciona a aliança feita com o Afeganistão contra o terror, comenta as conquistas de liberdade efetuadas pelas Forças Armadas dos EUA naquele país e, após deixar claro que os terroristas não escapariam da justiça dos EUA, Bush faz reverência e dá um recado à viúva de Johnny Micheal Spann, fuzileiro naval considerado o primeiro herói dos EUA morto em guerra contra o terrorismo: “Shannon, garanto a você e a todos os que perderam uma pessoa amada: *nossa causa é justa* e nosso país nunca se esquecerá da dívida que temos com Michael e com todos os que *deram a vida pela liberdade*.”<sup>304</sup>

Mais à frente exalta o ódio do inimigo: “Vimos *a profundidade do ódio de nossos inimigos* nos vídeos em que eles riem da perda de vidas inocentes. E a profundidade de *seu ódio iguala-se à loucura da destruição por eles planejada*.” Seguindo, enumera uma lista de armas, planos e todo tipo de ameaça elaborada pelos terroristas e, ao explicar as medidas estratégicas tomadas pelos EUA, faz um apelo às outras nações: “Minha esperança é que todas as nações *atendam ao nosso chamado e eliminem os parasitas terroristas que ameaçam seus países e o nosso*.”

E, referindo-se à Coreia do Norte, Irã e Iraque, emite a famosa frase: “Estados como esses e seus aliados terroristas constituem um eixo do mal, armando-se para ameaçar a paz no

<sup>303</sup> Ibid., *A Constituição dos Estados Unidos da América*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=630&submenu=inform.php&itemmenu=108>>. Acesso em: 10 jun. 04.

<sup>304</sup> Doravante as citações desta seção pertencerão ao mesmo discurso. Cf. Ibid., *Presidente concentra-se na guerra contra o terrorismo...* Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&id=artigo=455>>. Acesso em: 26 dez. 2005.

mundo.” Porém, “A história *convocou*<sup>305</sup> os Estados Unidos e seus aliados a agirem, e é nossa responsabilidade, assim como um privilégio, *travar a batalha da liberdade*. (Aplausos.)”.

A partir disso, Bush justifica seus gastos orçamentários com as Forças Armadas como um todo e aproveita o ensejo para relatar o estado da sua política interna, seus feitos e prospectos. Entre os destaques prometidos estão as “formas de encorajamento do bom trabalho das instituições de caridade e dos grupos religiosos. (Aplausos.)”.

É então a vez das inúmeras facetas do povo surgir:

Nestes últimos meses, me senti mais humilde e tive o privilégio de conhecer a verdadeira índole deste país em um momento de teste. Nossos inimigos acreditavam que os Estados Unidos eram um país fraco e materialista, que seríamos destroçados pelo medo e pelo egoísmo. Estavam tão errados quanto são maldosos. (Aplausos.)

O povo norte-americano respondeu de forma magnífica, *com coragem e compaixão, força e obstinação*. Quando me encontrei com os *heróis, abracei as famílias* e olhei os rostos cansados dos que *trabalhavam no resgate*, eu tive grande respeito pelo povo norte-americano.

E mostra que há o que aprender com o mal:

Nenhum de nós jamais desejaria *o mal* que foi praticado em 11 de setembro. No entanto, depois que os EUA foram atacados, foi como se todo *o país se olhasse no espelho e enxergasse o melhor de si mesmo*.

Fizeram que lembrássemos que somos cidadãos, com obrigações uns para com os outros, com o nosso país e com a história. Começamos a pensar menos nos bens que podemos acumular e mais no bem que podemos fazer. Por tempo demasiado longo nossa cultura apregoava, “Se lhe dá prazer, faça”. Agora os EUA estão adotando uma nova ética e um novo credo: “Vamos começar a agir”.

No sacrifício dos soldados, na solidariedade ardente dos bombeiros e na bravura e generosidade dos cidadãos comuns, nós vislumbramos a forma de uma nova cultura de responsabilidade. Queremos ser uma nação a serviço de propósitos maiores do que ela própria. Foi-nos oferecida uma oportunidade ímpar e não devemos deixar que esse momento passe. (Aplausos.)

Mais um apelo:

Meu apelo nesta noite é para que cada norte-americano dedique pelo menos dois anos – 4.000 horas de sua vida – *a serviço dos vizinhos*<sup>306</sup> *e da nação*. (Aplausos.)

[...] E os EUA necessitam de cidadãos que espalhem a compaixão de nosso país para todas as partes do mundo.

<sup>305</sup> No original, a menção do chamado aparece mais nitidamente: *History has called America and our allies to action*.

<sup>306</sup> Acreditamos que o contexto mais adequado para a palavra *neighbor*, nas falas de Bush seria “próximo(a)”.

E a defesa da liberdade e o papel do seu país são afirmados: “Os EUA se manterão na liderança, defendendo a liberdade e a justiça, porque esses valores são corretos, verdadeiros e imutáveis para todas as pessoas em toda parte. (Aplausos.)” Mostra que o mal é real, mas acima de tudo há Deus:

Passamos a conhecer verdades que nunca questionaremos: o mal é real e deve ser combatido. (Aplausos.) Acima de todas as diferenças de raça e credo, somos um país; juntos choramos nossos mortos e juntos enfrentamos o perigo. No fundo da índole do norte-americano há honra; e esta é mais forte que o ceticismo. E muitas pessoas descobriram outra vez que mesmo na tragédia – especialmente na tragédia – Deus está próximo. (Aplausos.)

Para terminar, a lembrança do chamado e a distinção dos EUA face aos inimigos:

Em um só instante, percebemos que esta será uma década decisiva na história da liberdade; que fomos chamados para desempenhar um papel exclusivo nos eventos humanos. Raras vezes o mundo se defrontou com uma escolha mais clara e influente.

Eles abraçam a tirania e a morte como uma causa e uma crença. Nós representamos uma escolha diferente, feita muito tempo atrás, no dia da nossa fundação. Hoje a confirmamos novamente. Nós escolhemos a liberdade e a dignidade de todas as vidas. (Aplausos.)

#### 2.2.3.4 Pronunciamento à nação após um ano do 11 de setembro

O pronunciamento de Bush naquela noite era esperado, afinal completava um ano dos ataques e o povo esperava por ouvir o presidente. Ele inicia pela lembrança do ataque do inimigo: “Boa-noite. Um longo ano se passou desde que *inimigos atacaram nosso país*. Vimos as imagens tantas vezes que elas estão marcadas em nossas almas, e relembrar o horror, reviver a angústia, rever o terror é duro e doloroso.”<sup>307</sup>

Mostra empatia pela dor da perda de entes dos familiares e enfatiza o trabalho das Forças Armadas da seguinte maneira: “Para os membros das nossas Forças Armadas, tem sido um ano de *sacrifício* e trabalho longe de casa.”

Enaltecendo o país, fala que a moral irá resgatá-los. Os atos dos bombeiros são valorizados e: “[...] nós continuamos a ver a grandeza dos Estados Unidos no carinho e *compaixão* que nossos cidadãos demonstram uns aos outros.”

---

<sup>307</sup> Doravante as citações desta seção pertencem ao mesmo discurso, e as traduções são nossas. Cf. THE WHITE HOUSE. *President's remarks to the nation*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/09/20020911-3.html>>. Acesso em: 26 dez. 2005.

O ensinamento de 11 de setembro:

O 11 de setembro de 2001 sempre será um ponto fixo na vida dos Estados Unidos. A perda de tantas vidas nos faz pensar na nossa própria. Cada um de nós foi lembrado que estamos aqui por apenas uma vez. E estes dias contados devem ser preenchidos por coisas que durem e importem: *amor às nossas famílias, amor aos nossos vizinhos e ao nosso país, gratidão à vida e ao Doador da vida.*

Mais uma vez o alvo do ataque e a ênfase na diferença entre o que os EUA e os inimigos crêem:

O Ataque à nossa nação também foi um ataque aos ideais que fazem de nós uma nação. Nossa mais profunda convicção nacional é que cada vida é preciosa, porque cada vida é um presente do Criador, que quer que vivamos em liberdade e igualdade.

Mais do que qualquer coisa, *isto nos separa do inimigo que lutamos.* Nós valorizamos a vida. Nossos inimigos não valorizam ninguém, nem mesmo os inocentes, nem mesmo eles próprios. E *nós buscamos a liberdade e a oportunidade que dê sentido e valor à vida.*

As novas gerações têm um chamado: “Nossa geração ouve agora *o chamado da história*, e nós vamos responder.” E uma promessa a cumprir diante, pois deve haver um motivo por terem enfrentado tal infortúnio:

[...] fizemos uma *promessa sagrada* a nós mesmos e ao mundo: não descansaremos até que *a justiça seja feita* e nossa nação esteja segura. *Acredito que tem um motivo para que a história tenha confrontado esta nação com este tempo.*

Há também uma missão:

Não podemos saber de tudo o que está adiante. *Mesmo que saibamos que Deus nos tenha colocado juntos neste momento para chorarmos juntos, permanecer juntos, servirmos uns aos outros e ao nosso país.* E a tarefa que nos foi dada, *defender os Estados Unidos e nossa liberdade, também é um privilégio que dividimos.* Estamos preparados para este desafio. *E nossa prece nesta noite é que Deus nos guarde e nos mantenha dignos.* Amanhã é 12 de setembro. Um marco se passou, e *uma missão continua.*

E há também um ideal envolvido: “Este ideal dos Estados Unidos é a esperança de toda humanidade. Esta esperança trouxe milhões a este porto. E a luz brilha na escuridão, e a escuridão não vai dominá-la. Que Deus abençoe os Estados Unidos.”

### 2.2.3.5 Discurso sobre o Estado da União em 28 de janeiro de 2003

De todos os discursos sobre o Estado da União, este foi o mais longo. Motivos para isso não faltavam. A vitória histórica conquistada nas urnas republicanas tinha arado e fertilizado o solo para o semeio da reeleição de Bush, a iminência do eclodir de uma guerra produzia ecos na população e a política doméstica que foi deixada à deriva, em detrimento à ênfase dada à política externa, precisava de respostas.

De qualquer maneira, Bush mantém o tema do inimigo logo nas primeiras frases:

[...] temos a oportunidade de salvar milhões de vidas no exterior de uma doença terrível. Vamos trabalhar em prol de uma prosperidade que seja amplamente compartilhada e vamos responder a cada perigo e a cada inimigo que ameaçar o povo dos Estados Unidos. (Aplausos.)<sup>308</sup>

Porém, desta vez, os problemas domésticos tomam a cena; em virtude disso, a política interna ganha um panorama mais extenso. Desse modo, Bush enumera metas do que pretende para o governo naquele ano, sendo que sua quarta meta de governo consiste em:

[...] *aplicar a compaixão norte-americana* aos problemas mais profundos dos Estados Unidos. Para muitos em nosso país – os sem-teto, os órfãos, os viciados – a necessidade é grande. No entanto, ainda há força, *força com capacidade de agir, na bondade, no idealismo e na fé do povo norte-americano.*

Em decorrência desse fato, o presidente conclama o povo “*a aprovar tanto minha iniciativa baseada na fé quanto a ‘Citizen Service Act’ [Lei do Serviço Cidadão], para estimular atos de compaixão que possam transformar os Estados Unidos, um coração e uma alma ao mesmo tempo. (Aplausos.)*”.

Prosseguindo, relata gastos com iniciativas de fomento a criação de mentores educacionais e políticas contra as drogas realizadas por entidades religiosas:

*Nosso país tem a benção de contar com programas de recuperação que funcionam incrivelmente bem. Um deles é desenvolvido na Igreja Healing Place em Baton Rouge, Louisiana. Um homem que participa do programa disse: "Deus faz milagres na vida das pessoas, e você nunca acha que possa acontecer com você." Esta noite, enviemos esta mensagem de esperança a todos os norte-americanos que lutam contra o vício da droga: o milagre da recuperação é possível, e pode acontecer com você. (Aplausos.)*

---

<sup>308</sup> Doravante as citações desta seção pertencerão ao mesmo discurso. Cf. EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Discurso do presidente George W. Bush sobre o Estado da União*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&%20id=1401&sub%20menu=padrao.inc.php&itemmenu=21>>. Acesso em: 26 dez. 2005.

Aproveitando o ensejo, faz um pedido polêmico que rondava sua pauta política:

Peço a vocês que protejam as crianças desde a hora de seu nascimento e ponham um fim na prática do aborto por "nascimento parcial". (Aplausos.) E como nenhuma vida humana deve ser iniciada ou terminada como objeto de um experimento, peço a vocês que valorizem a humanidade e aprovem uma lei contra a clonagem humana. (Aplausos.)

Passam-se alguns instantes e o presidente volta-se à política externa:

As qualidades de coragem e compaixão pelas quais lutamos nos Estados Unidos também determinam nossa conduta no exterior. A bandeira dos Estados Unidos representa mais que nosso poder e nossos interesses. Nossos fundadores consagraram este país à causa da dignidade humana, aos direitos de cada pessoa e às possibilidades de cada vida. Esta convicção nos leva ao mundo para ajudar os aflitos, defender a paz e alterar os desígnios dos homens maus.

[...] devemos lembrar também que nossa missão como país abençoado é tornar este mundo melhor.

Afinal de contas: “[...] este país está liderando o mundo para *enfrentar e derrotar o mal* criado pelo homem, o terrorismo internacional. (Aplausos.)”. Para isso, “Mais uma vez, *somos chamados para defender a segurança de nosso povo e as esperanças de toda a humanidade*. E aceitamos esta responsabilidade. (Aplausos.)”.

A causa justa chega ao rumo certo e os leva a cuidar da liberdade alheia:

Se a guerra nos for imposta, lutaremos por *uma causa justa e com meios justos* [...] E seguimos em frente com confiança, porque *esse chamado da história chegou ao país certo*.

Os Estados Unidos são uma nação forte e honesta no uso de nossa força. Exercemos o poder sem conquistas e nos *sacrificamos pela liberdade de estranhos*.

No final, uma reflexão sobre a liberdade:

*A liberdade* que prezamos não é um presente dos Estados Unidos para o mundo, *é um presente de Deus para a humanidade*. (Aplausos.)

Nós dos Estados Unidos temos fé em nós mesmos, mas não apenas em nós mesmos. Não conhecemos — nem alegamos conhecer todos os caminhos da Providência, embora possamos neles confiar, colocando nossa confiança no Deus amoroso que está por trás de tudo na vida e na história.

Que Ele nos guie agora. E que Deus continue a abençoar os Estados Unidos da América. (Aplausos.)



### 2.2.3.6 Discurso sobre o Estado da União em 20 de janeiro de 2004

Como uma prática que se repete, Bush começa por lembrar ao público que naquele momento os soldados estão empenhados na guerra contra o terror: “Levando *esperança* aos oprimidos e *justiça* aos violentos [...]”<sup>309</sup> Assim, tece elogios a todos que trabalham em prol da segurança do país e assegura que o povo dos Estados Unidos é o povo que “*trabalha com mais afinco no mundo*”.

Comenta sobre a economia, um grande alvo de críticas, principalmente pelo lado dos democratas, que alegavam que Bush utilizava a política externa para se reeleger, pois, enquanto utilizava a retórica do combate ao terrorismo, abandonava os problemas domésticos.

Já também outro costume, fala sobre a tarefa da história dos EUA, do papel esperado de todos e, voltando-se ao tema da guerra, pede que renovem a polêmica Lei Patriota<sup>310</sup>, visto que seria expirada no ano seguinte.

Segue falando das conquistas da guerra, da liberdade levada ao povo do Iraque, mas enfatiza que, à medida que a liberdade chega, novas ameaças também avançam com os “*inimigos da liberdade*” que “*farão tudo que estiver ao seu alcance para espalhar a violência e o temor*”. Mas, “*Devido à liderança e à determinação dos Estados Unidos, o mundo está mudando para melhor*”. Para tanto: “Os Estados Unidos nunca dependerão de permissão para defender a segurança de nosso país. (Aplausos.)”

Bush parece responder a críticas:

Também tomamos conhecimento das dúvidas sobre a democracia ser uma meta realista para o Grande Oriente Médio, onde a liberdade é coisa rara. No entanto, trata-se de uma atitude errada e arrogante supor que culturas inteiras e grandes religiões são incompatíveis com liberdade e autonomia. *Acredito que Deus plantou em cada coração humano o desejo de viver em liberdade. E mesmo quando esse desejo é esmagado por décadas de tirania, ele surgirá novamente. (Aplausos.)*

<sup>309</sup> Doravante as citações desta seção pertencerão ao mesmo discurso. Cf. Ibid., *Discurso do presidente sobre o Estado da União*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=2088&%20submen%20u=padrao.inc.php%20&itemmenu=21>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

<sup>310</sup> Aprovado em 26 de Outubro de 2001, o *Patriot Act (Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act)* reúne várias leis antiterrorismo previamente existentes, como a *Foreign Intelligence Surveillance Act (FISA)* ou a *Uniting and Strengthening America Act (USA Act)*. O *Patriot Act* tem como principais objetivos dar uma maior margem de manobra a instituições como a CIA ou o FBI, ampliando numa grande extensão a vigilância que o Governo pode exercer sobre os seus cidadãos.

Após um longo texto focado nas questões internas, fala que fará um programa de rádio e TV para passar informações confiáveis que tem por intenção “[...] eliminar as barreiras da *propaganda do ódio*”.

Não deixa de mencionar que os “Estados Unidos têm uma missão, e essa missão tem origem em nossas crenças mais básicas”. Além de:

Os valores segundo os quais tentamos viver nunca mudam. E eles são instilados em nós por instituições fundamentais como *a família*, a escola e *as congregações religiosas*. Essas instituições, esses *invisíveis pilares da civilização*, devem continuar inabaláveis nos Estados Unidos e *ser por nós defendidos. Devemos preservar a vida em família para criar filhos saudáveis e responsáveis*.

Para isso, algumas medidas:

Duplicaremos os recursos federais para os programas de *abstinência*, para que as escolas possam ensinar esse fato da vida: para os jovens, a *abstinência é a única forma segura de evitar doenças sexualmente transmissíveis*. (Aplausos.)

Para ser um país forte, os Estados Unidos precisam também *valorizar a instituição do casamento*.

Uma advertência é dada para que alguns juízes não imponham “seu desejo arbitrário sobre o povo, a única alternativa seria o povo recorrer ao processo constitucional. *Nossa nação precisa defender a santidade do casamento*. (Aplausos.)” Pois “A mesma *tradição moral* que define o casamento ensina também que cada indivíduo é digno e *tem valor aos olhos de Deus*. (Aplausos.)” Sem esquecer de que “É importante também reforçar nossas comunidades liberando a solidariedade das instituições religiosas dos Estados Unidos”.

Um pedido:

Por ato do Executivo, concedi bilhões de dólares em verbas para concorrência que inclui instituições de caridade de cunho religioso. Esta noite peço-lhes que transformem isso em lei, de forma que as pessoas crentes saibam que a lei nunca os discriminará novamente. (Aplausos.)

E agora, meus concidadãos, sigamos em frente com confiança e fé. Nossa nação é forte e inabalável. A causa que servimos é correta, pois é a causa de toda a humanidade. O ímpeto da liberdade em nosso mundo é inconfundível – e não é levado em frente somente pelo nosso poder. Podemos confiar no poder maior que orienta o desenrolar dos anos. E em tudo que está por vir, podemos confiar que Seus objetivos são justos e reais. Que Deus continue a abençoar os Estados Unidos. (Aplausos.)

### 2.2.3.7 Discurso de posse em 20 de Janeiro de 2005 - (2º mandato)

Bush realiza seu desejo em conjunto à maioria da população que o reelege. Era, portanto, um dia de comemoração e muito aguardado.

Suas palavras iniciais sintetizam uma história:

Neste segundo encontro, o que define nossos deveres não são as palavras por mim usadas, mas sim a história que juntos presenciamos. Durante meio século, defendemos nossa própria liberdade, mantendo a vigilância em fronteiras distantes. Após a derrocada do comunismo, decorreram anos de relativa calma, anos de tranquilidade, anos *sabáticos* – e em seguida veio *um dia de provação*.<sup>311</sup>

Em seguida, vai para a liberdade: “Há somente uma força na história que pode derrubar o império do ódio e do ressentimento, e expor as pretensões dos tiranos, e recompensar as esperanças das pessoas decentes e tolerantes: a força da liberdade humana. (Aplausos.)”

E, continuando nela, expande-a:

Somos levados pelos acontecimentos e pelo bom senso a uma conclusão: a sobrevivência da liberdade em nossa terra depende cada vez mais do sucesso da liberdade em outras terras. (Aplausos.) A melhor esperança para a paz mundial é a expansão da liberdade em todo o mundo. (Aplausos.)

Passa para a crença e a fundação dos EUA:

Os interesses vitais dos Estados Unidos e nossas crenças mais profundas agora são unos. Desde o dia de nossa fundação, temos proclamado que todos os homens e mulheres desta terra têm direitos, e dignidade, e valor inigualável, porque foram feitos à imagem do Criador do céu e da terra. (Aplausos.)

Sem esquecer a missão e o chamado: “A promoção desses ideais é a missão que criou nossa nação. É o feito meritório de nossos antepassados. Agora, é a necessidade inadiável de segurança de nossa nação e o chamado de nossa época”.

Também mostra o que é certo:

---

<sup>311</sup> Doravante as citações desta seção pertencerão ao mesmo discurso. Cf. EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Bush vincula política do segundo mandato à promoção da liberdade*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=3159&submenu=padrao.inc.php&item=menu=21>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

Explicaremos com persistência a escolha que se apresenta a cada governante e a cada nação: *a escolha moral entre a opressão, que está sempre errada, e a liberdade, que está eternamente certa.* (Aplausos.) Os Estados Unidos não vão fingir que dissidentes presos preferem seus grilhões, nem que mulheres gostam de humilhação e servidão, nem que algum ser humano aspira viver à mercê de tiranos.

E aquilo que o orienta à política de seu país: *A fé* dos Estados Unidos na dignidade humana orientará nossas políticas. Além de mostrar que, no “devido tempo, o *chamado da liberdade* chega a todas as mentes e a todas as almas”.

De repente, evoca um antecessor: “Saibam os governantes de regimes proscritos que, como Abraham Lincoln, ainda acreditamos: ‘Aqueles que negam a liberdade aos outros não a merecem; e, *sob o governo de um Deus justo*, não mais conseguirão detê-la.’” Para trazer o tema da tradição: “agimos segundo a grande tradição libertadora desta nação, dezenas de milhões conseguiram a liberdade. (Aplausos.)”

A morte na guerra é um sacrifício honrado: “Alguns demonstraram sua devoção ao nosso país em mortes que honraram suas vidas – e sempre honraremos seus nomes e seu *sacrifício.* (Aplausos.)”

Um pedido é feito aos jovens: “Peço aos nossos cidadãos mais jovens que acreditem no que seus olhos vêem. Vocês viram o dever e a lealdade nos rostos determinados de nossos soldados. Vocês viram que a vida é frágil, e *o mal é real*, e a coragem triunfa”.

Alguns valores como a compaixão, a benevolência, o próximo e o bem não podiam ser esquecidos:

No ideal de liberdade norte-americano, a prática dos direitos é exaltada por serviço, e *compaixão, e benevolência com os fracos.*

Liberdade para todos não significa independência um do outro. Nossa nação conta com homens e mulheres que *se preocupam com os vizinhos e cercam de amor* os que se sentem perdidos.

Sentimos a unidade e o *companheirismo* da nossa nação quando a liberdade foi atacada, e nossa resposta veio como uma única mão levada a um único peito. E podemos sentir a mesma unidade e orgulho sempre que *os Estados Unidos agirem em nome do bem.*

A escolha:

Nós avançamos com plena confiança no triunfo final da liberdade. Não porque a história caminhe nas rodas da inevitabilidade; são as escolhas humanas que movem os acontecimentos. *Não porque nos consideremos uma nação escolhida; Deus move e escolhe conforme sua vontade.* Temos confiança porque a liberdade é a esperança permanente da raça humana, a *luz na escuridão, a aspiração do espírito.*

Outra vez o Criador: “A história tem um fluxo e refluxo de justiça, mas a história também tem uma direção visível, determinada pela liberdade e pelo criador<sup>312</sup> da liberdade. (Aplausos.)”

Por fim, o significado do sino:

Quando a Declaração da Independência foi lida pela primeira vez em público, e o Sino da Liberdade soou em celebração, uma testemunha disse: "O sino tocou como se tivesse um significado". Em nossa era seu toque ainda tem um significado. Que Deus os abençoe e zele pelos Estados Unidos da América. (Aplausos.)

### 2.3 APENAS 16 PALAVRAS

As palavras de Bush não revelam um fenômeno de natureza propriamente insólita quando comparado ao processo histórico político dos EUA. O debate acerca do papel da religião na política dos EUA é perene, e o fervor que ascendeu o estopim dessa história remonta os tempos de colônia quando os documentos da Constituição e da Declaração dos Direitos e Garantias (*Bill of Rights*) eram esboçados.<sup>313</sup> Entretanto, o que sempre esteve em evidência nessa discussão é um dilema aparentemente insolúvel, por intermédio do qual se estabeleceram duas visões controversas que digladiam entre si por um lugar ao sol na democracia dos EUA.

Pelo visto, tudo se deu a partir de apenas “16 palavras [em inglês] escritas há mais de 200 anos”<sup>314</sup> quando da criação da primeira emenda constitucional. Enquanto a primeira parte do belicoso parágrafo configurou a chamada *establishment clause*<sup>315</sup>, respaldada pelos *Accommodationists* (“abonatários”), cujas palavras são “O Congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião, [...]”<sup>316</sup>; a segunda, separada desta apenas por uma vírgula “[...] ou proibindo o livre exercício dos cultos”, ficou conhecida por *free exercise clause*<sup>317</sup>, tendo em sua defesa os *Separationists* (“separatistas”).

De um lado do cabo-de-guerra, os *Accommodationists* professam que a Constituição apenas proíbe o estabelecimento de uma religião nacional sobre as demais, longe de isso

<sup>312</sup> Em inglês a palavra está maiúscula, referindo-se a Deus.

<sup>313</sup> Cf. WILCOX, op. cit., p.13.

<sup>314</sup> WILCOX, loc. cit.

<sup>315</sup> Cláusula constitucional norte-americana que proíbe o Congresso de instituir qualquer lei que oficialize ou discrimine qualquer religião. Cf. GOYOS JÚNIOR, D. de Noronha. *Noronha's legal dictionary...* . 5th ed. São Paulo: Observador Legal, 2003. p.134.

<sup>316</sup> EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *A Constituição dos Estados Unidos da América*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=643&submenu=106&itemmenu=110>>. Acesso em: 10 jun 2004.

<sup>317</sup> Dispositivo constitucional norte-americano que garante a liberdade de religião. Cf. GOYOS Jr., loc. cit.

significar a exclusão da religião do governo<sup>318</sup>, ao contrário, salientam que as igrejas foram estabelecidas em muitas colônias desde o início da fundação e assim permaneceram; por isso, lutam pela prática religiosa na esfera pública e alegam que a neutralidade governamental deve ser apenas relegada às “religiões de tradição judaico-cristã e, às vezes, entre a fé cristã”.<sup>319</sup> Do outro lado, os *Separationists* advogam em favor da concepção jeffersoniana do muro de separação entre igreja e estado.<sup>320</sup>

Contudo, qualquer dissidência nesse terreno torna-se diminuta face ao peso do legado de uma tradição profundamente inculcada na alma do povo estadunidense, isto é, do amálgama político-religioso que se fez presente desde sempre, pois, a despeito de toda pluralidade religiosa existente, e suas conseqüentes divergências, o que há, antes e por trás de tudo, no cerne dos EUA, é um peculiar *etos*<sup>321</sup> arraigado na estrutura da nação, constituído por valores religiosos cristãos equivalentes, que envolve e une os estadunidenses em torno de uma mesma moral cristã, conforme notou Tocqueville já em 1835:

Existe nos Estados Unidos uma multidão inumerável de seitas. Todas diferem no culto que é devido ao Criador, mas todas concordam sobre os deveres dos homens uns para com os outros. Cada seita adora Deus, pois, à sua maneira, mas todas as seitas pregam a mesma moral em nome de Deus. Se, para o homem como indivíduo, muito serve que a sua religião seja verdadeira, o mesmo não é verdade com relação à sociedade. A sociedade nada tem a temer nem a esperar da outra vida; e o que mais lhe importa não é tanto que os cidadãos professem a verdadeira religião, mas que professem uma religião. Aliás, todas as seitas nos Estados Unidos, estão compreendidas dentro da unidade cristã, e a moral do cristianismo é a mesma em toda a parte.[...] Nos Estados Unidos, a religião não regula apenas os costumes<sup>322</sup>, mas estende seu império até a inteligência. Entre os anglo-americanos, uns professam os dogmas cristãos porque crêem neles, os outros porque temem não parecer que crêem. Por isso, o cristianismo reina sem obstáculos, admitido por todos; daí resulta, como já tive ocasião de dizer, que tudo é certo e decidido no mundo moral, embora o mundo político pareça abandonado à discussão e às tentativas dos homens.<sup>323</sup>

<sup>318</sup> Obviamente que a esmagadora maioria da Direita Cristã adota essa posição.

<sup>319</sup> WILCOX, loc. cit.

<sup>320</sup> Embora boa parte dos conservadores alegue que os *Separationists* são hostis à religião, Jefferson acreditava que com a separação a religião seria beneficiada. Cf. *Ibid.*, p. 14.

<sup>321</sup> Entendemos *etos* conforme suas duas acepções derivadas de uma mesma raiz, isto é, *éthos* enquanto costume, uso, hábito, do verbo *eiōtha*; ter o costume ou ter o hábito, ou seja, refere-se ao costumeiro. Já *éthos* significa caráter, maneira de ser de uma pessoa, índole, temperamento, disposições naturais de uma pessoa segundo seu corpo e sua alma, os costumes de alguém conforme a sua natureza, ou seja, refere-se ao que se faz ou se é por características naturais, próprias da pessoa ou de algo, o caráter de alguém ou algo. Portanto, o *éthos* é tratado pela ética, que estuda as ações e paixões humanas segundo o caráter ou a índole natural dos seres humanos. Cf. CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 500-1, v. 1.

<sup>322</sup> Tocqueville entende a expressão costumes como *mores*, tal qual os antigos o concebiam, cujo sentido deriva do latim e significa moral. Em grego seria *ethos*, no sentido de ética. Cf. TOCQUEVILLE, op. cit., p. 221.

<sup>323</sup> *Ibid.*, p. 224-5.

Claro está, para o autor, que não importa a crença e vínculo religioso dos *americanos*, engendrado entre eles há uma ética maior que penetra a todos, a qual age como uma espécie de fio condutor que, sob a perspectiva de uma cosmovisão coletiva particular, liga-os guiando a um mesmo fim, o que não diferentemente acontece entre os volteios da conduta política, visto que ambas, religião e política, sempre andaram de mãos dadas nesse caminho:

Ao lado de cada religião encontra-se uma opinião política que, por afinidade, é ligada a ela. Deixe-se que o espírito humano siga a sua tendência, e ele regerá de maneira uniforme a sociedade política e as relações espirituais, procurando, se me é permitido dizê-lo, **harmonizar** a terra com o céu. [...] Desde o princípio, a política e a religião acharam-se de acordo, e desde então nunca deixaram de estar.<sup>324</sup>

Entretanto, um ponto importante aventado por Tocqueville a respeito do relacionamento entre política e religião nos EUA que permeia o centro da questão é a parceria existente entre o espírito de religião e o espírito de liberdade.<sup>325</sup> Para o autor, os fundadores do Novo Mundo vivenciavam uma polaridade curiosa, pois, ao mesmo tempo em que, imbuídos de paixão sectária, cerceavam-se em limites estreitos, também eram entusiasmados inovadores que não tinham qualquer preconceito político. Tocqueville observa que a partir disso decorrem duas tendências diversas, mas não opostas, cujos vestígios poderiam ser facilmente encontrados por todo país,

“[...] tanto nos costumes como nas leis. Quando vemos homens, por uma opinião religiosa, sacrificar seus amigos, sua família e sua pátria, podemos julgá-los absorvidos na procura desse bem intelectual que vieram comprar a tão elevado preço. Vemo-los, entretanto, procurar, com um ardor quase igual, as riquezas materiais e os prazeres morais, o céu no outro mundo e o bem-estar e a liberdade neste”<sup>326</sup>

Na *América*, a liberdade e a religião caminham lado-a-lado, como irmãs que, amiúde, observadas à distância, pelo olhar alheio àquela dinâmica de vivência particular, causa impressão de sempre estarem entrecassadas em brigas, mas, na verdade, encontram-se apaziguadas, pois o que produz sentido a uma é a própria existência da outra e vice-versa, sendo que a lacuna de uma é o preenchimento da outra. Posto em palavras mais concretas:

---

<sup>324</sup> Ibid., p. 221-222. (grifo do autor)

<sup>325</sup> Cf. Ibid., p. 42.

<sup>326</sup> Ibid., loc. cit.

[...] no mundo moral, tudo é classificado, coordenado, previsto, decidido de antemão. No mundo político, tudo é agitado, contestado, incerto; num, a obediência passiva, ainda que voluntária; noutra, a independência que desdenha a experiência e inveja toda [sic] autoridade.

Longe de se contradizerem, essas duas tendências, aparentemente tão opostas, marcham de acordo e parecem prestar-se mútuo apoio. A religião vê, na liberdade civil, um nobre exercício das faculdades do homem; no mundo político, um campo entregue pelo Criador aos esforços da inteligência.

[...] A liberdade vê na religião a companheira de suas lutas e seus triunfos, o berço de sua infância, a fonte divina de seus direitos. Considera a religião como a salvaguarda dos costumes; os costumes, como garantia das leis e penhor da sua própria preservação.<sup>327</sup>

### 2.3.1 Bush is not beating around the bush

Muito próximo às idéias tocquevilleanas é que Bush, sem rodeios, insere a religião na área política e investe na promoção de uma moral exclusivamente cristã face a um governo que, em tese, pretende-se afirmar secular; seja isso por meio das inúmeras políticas de ação – como, para citar um exemplo, quando, sem consultar o Congresso, por decreto, “na canetada”, deferiu facilidades de financiamento às Iniciativas Baseadas na Fé<sup>328</sup> com a urgência de quem esperava o retorno em votos da DC na eleição de 2003 – ou por meio de uma retórica que a todo o momento exaltou valores morais cristãos. O sentimento do aviltamento da *establishment clause* pela prática política e retórica religiosa da administração Bush foi bem captado por setores da mídia que conseguiram não somente resumir com precisão suas principais características, mas também apontar que, se há uma novidade desse governo quanto ao aspecto político-religioso, essa se refere à dimensão do papel que ocupa:

Duas das tendências mais perturbadoras ocorrendo na sociedade americana são o colapso da separação entre a igreja e o estado e o uso cada vez mais freqüente da retórica religiosa como um marco da identidade política e da formação de política pública. A religião sempre desempenhou um papel pujante no cotidiano dos americanos. Mas, jamais ocupou um papel com tamanha influência nos níveis mais altos do governo americano como acontece sob a presidência de George W. Bush.<sup>329</sup>

---

<sup>327</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>328</sup> Cf. STEVENSON, R. W. In order, President eases limits on U.S. aid to religious groups. *The New York Times*, New York, 13 Dec. 2002. Section A, p. 1.

<sup>329</sup> GIBBS, N. The faith factor. *Time Magazine*, New York, v.163, n. 25, p. 26, 21 June 2004.



### 3 “VIVEREI E GOVERNAREI POR ESTES PRINCÍPIOS...”

Neste penúltimo capítulo exporemos uma noção geral da teoria que serve de base para a análise da retórica de Bush a ser apresentada no próximo capítulo. Trata-se do *Tratado da Argumentação* de Perelman, um corpo teórico clássico no campo da lógica e da filosofia contemporânea que inaugurou a proposta de uma *nova retórica*, buscando, conforme as palavras do autor, “retomar e ao mesmo tempo renovar a retórica dos gregos e dos romanos, concebida como a arte de bem falar, ou seja, a arte de falar de modo a persuadir e a convencer, e retomar a dialética e a tópica, artes do diálogo e da controvérsia.”<sup>330</sup> Porém, à teoria perelmaniana, agregaremos ainda dois conceitos teóricos distintos para consubstanciá-la: o primeiro abaliza-se na idéia de *arquétipo* da psicologia analítica de Carl G. Jung; o segundo, à luz da sociologia, fixa-se na concepção designada por *religião civil*, cujo principal expoente teórico é Robert Bellah.

Destarte, este capítulo principia pela explanação dos conceitos fundamentais da proposta da nova retórica de Perelman e, em seguida, dos outros dois conceitos (arquétipo e religião civil) incorporados a ela; procura-se, desse modo, oferecer um esboço teórico *a priori*, necessário à compreensão da análise.

#### 3.1 A ARTE DA RETÓRICA

É adequado introduzir alguns pontos da arte da retórica de Aristóteles para então chegar à nova retórica de Perelman e, finalmente, em outro momento avaliar os recursos retóricos, essencialmente religiosos, encontrados no discurso de Bush.

Chauí, ao discorrer sobre o assunto de modo didático comenta que para Aristóteles “a arte retórica, portanto, não é a ação de persuadir, mas de conhecer ou reconhecer os meios adequados para persuadir e distingui-los dos que são apenas aparentemente persuasivos.”<sup>331</sup>

Para Aristóteles, os argumentos poderiam ser basicamente subdivididos em duas categorias: os *dialéticos*, utilizados pelos retóricos e sofistas; e os *apodíticos* ou *demonstrativos*, empregados pelos filósofos. Enquanto os primeiros partem do verossímil – e, portanto, do provável –, os segundos partem de *premissas* verdadeiras para, seguindo a lógica, resultarem em *conclusões* igualmente verdadeiras.

---

<sup>330</sup> PERELMAN, C. Argumentação. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. v.11, p. 234-265.

<sup>331</sup> CHAUI, op. cit., p. 480. (grifo do autor)

Bem resumidamente, entre os pontos mais relevantes da retórica aristotélica encontramos os meios retóricos, os quais podem ser definidos em 3 características básicas: aqueles que se baseiam no *éthos* do orador, isto é, o argumento vale-se do caráter, do potencial moral de quem emite o argumento (*endoxa*) e não do assunto em questão; aqueles que se baseiam no *páthos*, neste caso o que conta é a emoção, a empatia com o auditório, visto que se pautam em opiniões bem acolhidas e aceitas pelos ouvintes, ou seja, baseiam-se nas paixões dos ouvintes e operam aumentando o grau das paixões que servirão para a persuasão; e, finalmente, os que se baseiam no *logos*, ou seja, na razão, a qual toma como base o emprego da força do argumento, adquirida por dois meios distintos, pelo *exemplo* e pelo *etinema*.<sup>332</sup>

O exemplo parte dos fatos da experiência e servem como prova ou elucidação de um argumento, sendo muito fácil para o ouvinte identificá-lo. O etinema é um silogismo longo que tem seu curso intermediário faltante, ou melhor, o ouvinte tem acesso à premissa e à conclusão de um argumento, sem qualquer processo intermediário apresentado pelo emissor; não obstante, quem o escuta tem a nítida sensação de que a prova foi declarada a sua frente. Assim, no silogismo retórico, diferente do lógico-científico, a dedução é feita por “verossimilhança e de indícios e não de premissas universais e necessárias, uma vez que a retórica se move no campo do provável e do plausível.”<sup>333</sup>

Por último, temos a definição e descrição do gênero de discursos que se dividem em *deliberativo*, *judiciário* e *demonstrativo*. Interessa-nos o primeiro, próprio do discurso político. Nele o orador tem por meta persuadir o ouvinte quanto a um evento futuro inserido em uma relação dicotômica, a qual denotará uma escolha entre bom ou mau, útil ou prejudicial.

Chauí faz uma boa síntese do que parece ser um aspecto fundamental da arte da retórica:

[...] a ação primordial da retórica é tocar as paixões, despertá-las, provocá-las, pois o orador não se dirige ao intelecto do ouvinte ou do destinatário e sim ao seu ânimo<sup>334</sup>. Persuadir é comover, emocionar, pôr em movimento o *páthos*, suscitando no ouvinte medo, cólera, ódio, amor, piedade, tristeza, alegria, generosidade, inveja etc. E o próprio orador consegue esses efeitos se, além do estilo e dos argumentos, ele próprio parecer apaixonado no que defende e no que acusa, no que promete ou nas ameaças que faz. Porque o *éthos* do orador e do ouvinte submergem no *páthos* [...] a retórica se tornou

<sup>332</sup> Cf. Ibid., loc. cit.

<sup>333</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>334</sup> Vale lembrar que a palavra ânimo deriva do latim *animus*, cujo significado é “(f. masc. de *anima*) 'princípio espiritual da vida intelectual e moral do homem, vida, alma, princípio vital, espírito, razão, bom senso, senso comum, pensamento, intenção, disposição, vontade, inclinação, qualquer movimento impetuoso da alma, paixão, desejo'.” Cf. HOUAISS, A. e VILLAR, M. de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 223.

inseparável da ética, passando a ser vista como o melhor instrumento para educar as paixões e chegar à virtude. Ou, como explicam a retórica age com três operações sobre o *páthos* ou o ânimo: comover (*movere*), ensinar (*docere*) e deleitar (*delectare*)<sup>335</sup>

### 3.2 A NOVA RETÓRICA DE PERELMAN

Dando um grande salto no tempo, encontramos o filósofo Perelman, o qual, em parceria com Olbrechts, apresenta a proposta da “nova retórica” (1958), que retoma as reflexões aristotélicas para tentar superar a visão racionalista-cartesiana propondo a ampliação da distinção clássica aristotélica entre raciocínios analíticos lógico-formais e os raciocínios dialéticos ou retóricos. Desse modo, o autor estende a dimensão da razão para além dos raciocínios cartesianos (dedutivos) e empiristas (indutivos), tendo em vista um objetivo maior, o de abranger raciocínios que ocorrem no campo das ciências humanas, pois:

[...] nos domínios em que se trata de estabelecer aquilo que é preferível, o que é aceitável e razoável, os raciocínios não são nem deduções formalmente corretas nem induções do particular para o geral, mas argumentações de toda a espécie, visando ganhar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam ao seu assentimento.<sup>336</sup>

Percebe-se que, para o autor, o escopo da argumentação, frente às teses propostas, é conseguir o maior número de adesões quanto for possível, considerando que supostamente para isso o ponto de partida e o desenrolar da argumentação tenham o *acordo*<sup>337</sup> do auditório, cujo sucesso dependerá da acuidade da adaptação e adequação do orador ao auditório. É fácil notar que quanto mais intimidade e conhecimento o orador tiver do auditório a que se reporta, tanto maior será sua chance de *persuasão* e *convencimento* e, conseqüentemente, probabilidade de adesão.

Por esse viés, Perelman busca validar o raciocínio dialético; todavia, sem deixar de considerar o raciocínio analítico. Na verdade, o que o autor não admite é a preponderância valorativa que os positivistas e matemáticos, sobretudo pós-kantianos, deram ao último por lhe atribuírem mais proximidade da lógica formal – o que, muito pelo contrário, não foi sopesado ao primeiro. Porém, assim como há de se considerar que um raciocínio analítico seja demonstrativo e impessoal, tal como acontece em uma operação matemática; o raciocínio dialético, por outra via, não pode e nem deve sê-lo, porquanto sua finalidade seja persuadir ou

<sup>335</sup> CHAUI, op. cit., p. 482. (grifo do autor)

<sup>336</sup> Ibid., p. 15.

<sup>337</sup> Deve-se entender por acordo a adesão ou a dissensão à adesão do auditório ao discurso do orador.

convencer o outro a admitir uma determinada tese, via de regra, polêmica, que somente surtirá efeito conforme o poder de sua ação no espírito do outro. E, para tanto, o argumento parte do que é aceito, ou seja, daquilo que está previamente acordado entre todos, algo que não é quantitativo, mas qualitativo. Assim, a distinção entre ambos reside no fato de que o raciocínio analítico incorre sobre a verdade e o dialético sobre a opinião. Com sagacidade, o filósofo comenta que seria “[...] tão ridículo contentarmo-nos com argumentações razoáveis por parte de um matemático como exigir provas científicas a um orador.”<sup>338</sup>

Há, portanto, uma distinção clara, entre os teóricos, no tocante às considerações sobre dialética e retórica, muito provavelmente em consequência da diferença da época de cada um deles, pois enquanto Aristóteles observava a dialética como um estudo da argumentação usado nas disputas oratórias com um único interlocutor – inserido em um espaço físico cuja amplitude não ultrapassava o limite de terreno das *ágoras* – e a retórica como um instrumento técnico de persuasão, inconcebível à precisão da ciência e à severidade da filosofia – por não estar respaldada em raciocínio lógico que resulte em uma prova –, Perelman, por sua vez, rompe com esse antigo paradigma, posto que lhe interessam discursos proferidos a uma maior pluralidade de auditórios, que vai do público ao privado, inclusive, os constituídos apenas por um único indivíduo ou até um solitário solilóquio. Por isso, demarca a seguinte diferença:

Considerando que o seu objeto é o estudo do discurso não-demonstrativo, a análise dos raciocínios que não se limitam a inferências formalmente corretas, a cálculos mais ou menos mecanizados, a teoria da argumentação concebida como uma nova retórica (ou uma nova dialética) cobre todo o campo discursivo que visa convencer ou persuadir, seja qual for o auditório a que se dirige e a matéria a que se refere.<sup>339</sup>

Nesse sentido, Perelman demonstra que há como introduzir metodologias próprias no estudo da argumentação consoante a especificidade do auditório e o gênero da matéria a ser tratado. Dessa maneira, é possível construir uma lógica aplicável como, por exemplo, no campo filosófico ou jurídico. Para ele, a nova retórica:

[...] não se limitará, aliás, ao domínio prático, mas estará no âmago dos problemas teóricos para aquele que tem consciência do papel que a escolha de definições, de modelos e de analogias, e, de forma mais geral, a elaboração duma linguagem adequada, adaptada ao campo das nossas investigações, desempenham nas nossas teorias.<sup>340</sup>

<sup>338</sup> PERELMAN, C., *O império retórico*. Porto: ASA, 1993. p. 22.

<sup>339</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>340</sup> *Ibid.*, p. 27.

O aspecto essencial da argumentação é a relação discursiva que liga os argumentos a uma conclusão e, em última instância, o que daí resulta. Não importa, principalmente neste caso, demonstrar a validade da conclusão, nem a veracidade de uma afirmação categórica. Quando uma conclusão é bem recebida, aceita e admitida por intermédio dos argumentos que a levaram até esse lugar, não faz parte desse processo refutar se as asserções são verdadeiras ou falsas, tampouco deve tal relação estar sujeita à lógica. Até porque: “A própria natureza da deliberação e da argumentação se opõe à necessidade e à evidência, pois não se delibera quando a solução é necessária e não se argumenta contra a evidência”.<sup>341</sup> O foco mais importante a ter em mente é que o “texto seja sempre condicionado, consciente ou inconscientemente, por aqueles a quem pretende dirigir-se.”<sup>342</sup>

Portanto, a argumentação não intenta demonstrar verdades evidentes, mas sim proporcionar critérios para que uma opinião seja acolhida ou que a tomada de uma decisão torne-se plausível para poder persuadir um auditório e conseguir sua adesão à idéia do emissor por intermédio da linguagem, sem ter de recorrer aos meios não retóricos que seriam, por exemplo, confissões sob tortura física ou psicológica. Entretanto, outras vertentes devem ser levadas em conta no processo da retórica:

[...] quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, aumentar a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito.<sup>343</sup>

### 3.2.1 Os auditórios

Basicamente, uma argumentação necessita de três requisitos para que sua função seja cumprida: o orador, o auditório e o discurso, naturalmente, enunciado em linguagem inteligível. Por auditório, entenda-se: “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação”<sup>344</sup>, que, segundo a teoria discutida, pode ser dividido em quatro tipos distintos: o *auditório universal*, o *auditório particular*, o *auditório formado por um único indivíduo* e a *deliberação íntima*.

<sup>341</sup> PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 1.

<sup>342</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>343</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>344</sup> PERELMAN, *O império retórico*, p. 33.

O auditório universal é formado por toda a humanidade e o particular apenas pelo interlocutor a quem se dirige, composto pelo discurso dialógico; os outros restantes são constituídos pelo próprio indivíduo. Para cada auditório há uma adequação específica de gênero oratório que, ainda conforme a divisão aristotélica, divide-se em: deliberativo (assembléia), judicial (jurídico) e epidítico, o único direcionado a uma platéia que não se pronuncia, apenas usufrui o lugar de espectador (comícios políticos e sermões religiosos).<sup>345</sup> Perelman, por uma questão prática, considera a divisão aristotélica, mas deixa evidente a falha e insuficiência teóricas já em relação àquela atualidade, sobretudo a respeito do discurso epidítico, sobre o qual nos chama a atenção para o caráter da multiplicidade e heterogeneidade que um auditório pode apresentar, seja pelos valores sociais, religiosos ou outros; daí decorre a necessidade de adaptação.<sup>346</sup>

Deve-se, entretanto, entender que não se trata de quantificar concretamente um auditório em termos numéricos ou espaciais, visto que a noção teórica dessa proposta refere-se ao auditório enquanto uma construção ideal do orador, como o autor indica que:

Em vez de se crer na existência de um auditório universal, análogo ao do espírito divino que tem de dar o seu consentimento à ‘verdade’, poder-se-ia, com mais razão, caracterizar cada orador pela imagem que ele próprio forma do auditório universal que busca conquistar para as suas opiniões.<sup>347</sup>

### 3.2.2 Convencimento e Persuasão

É por meio da análise dos diferentes tipos de auditório que se pode fazer a distinção entre convencimento e persuasão. Seu parecer aproxima-se da concepção kantiana e considera os meios do convencimento como algo próprio de uma instância racional direcionada ao entendimento lógico, e a persuasão como uma ação que atua sobre a vontade, e, portanto, um aspecto irracional. Kant fundamenta a convicção na verdade de seu objeto e, por esse motivo, válida a todos os seres racionais, porquanto pode ser provada. Diferentemente, a persuasão não ultrapassa o alcance individual, por isso não se torna válida para além do indivíduo.

Convencer significa ser capaz de atingir um auditório universal em virtude de seu caráter demonstrativo, objetivo e atemporal, sendo que as conclusões são obtidas pelas premissas, tal qual acontece no raciocínio lógico, matemático ou dedutivo; já para persuadir, a direção é voltada ao auditório particular e caracteriza-se por ser ideológico, subjetivo e

---

<sup>345</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 33-50.

<sup>346</sup> Ibid., p 24-26.

<sup>347</sup> Ibid., p. 37.

temporal. Convencer é lograr êxito no caminho das certezas; persuadir é colocar à luz possibilidades de inferências que podem levar o auditório todo, ou em parte, à adesão aos argumentos apresentados. Mas Perelman refuta um ponto crucial da tese kantiana, ao dizer que o filósofo alemão só aceita “[...] a prova puramente lógica, estando a argumentação não-coercitiva excluída [...] Sua concepção só é defensável na medida em que se admite que o que não é necessário não é comunicável, o que excluiria qualquer argumentação concernente a auditórios particulares.”<sup>348</sup> Porém, Perelman lembra que é justo esse último ser um dos campos preferidos da retórica, e acrescenta: “A partir do momento que se admite que existem outros meios de prova, além da prova necessária, a argumentação concernente a auditórios particulares tem um alcance que supera a crença puramente subjetiva.”<sup>349</sup>

Afinal, o que importa é obter a adesão do auditório e, para isso, há uma infinidade de meios e recursos que se dá “[...] por uma diversidade de procedimentos de prova que não podem reduzir-se nem aos meios utilizados em lógica formal nem à simples sugestão.”<sup>350</sup> Além de não ser tarefa simples julgar os meios de provas que conseguem convencer daqueles que não logram êxito em tal empreitada, ainda mais difícil é distinguir se a ação do argumento foi a juízo de entendimento ou vontade, pois: “Aquele que argumenta não se dirige ao que consideramos como faculdades, como a razão, as emoções, a vontade. O orador dirige-se ao homem todo [...]”<sup>351</sup>

### 3.2.3 As premissas

*As premissas da argumentação* – um item fundamental no processo de adesão – são teses que partem do que é aceito pelo auditório, isto é, aquilo que é pressuposto como um acordo entre os ouvintes. O orador, ao utilizar “[...] as premissas que servirão de fundamento à sua construção, conta com a adesão de seus ouvintes às proposições iniciais [...]”<sup>352</sup>. Os objetos do acordo que podem servir de premissas são divididos em duas categorias, “[...] uma relativa ao *real*, que comportaria os fatos, as verdades e as presunções, e a outra relativa ao *preferível*, que conteria os valores, as hierarquias e os lugares do preferível.”<sup>353</sup>

Porém, Perelman salienta que não se trata de classificar um fato como um dado concreto indefectível. A realidade, na argumentação, não se refere ao sentido ontológico do

<sup>348</sup> Ibid., p. 32.

<sup>349</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>350</sup> PERELMAN, C. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 63.

<sup>351</sup> PERELMAN, *O império retórico*, p. 32.

<sup>352</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 73.

<sup>353</sup> Ibid., p. 74.

termo, mas apenas às opiniões que se formulam sobre a realidade. Na argumentação, a noção de fato assemelha-se à idéia do matemático Poincaré: “o que é comum a vários entes pensantes e poderia ser comum a todos”<sup>354</sup>, ou seja, fundamenta-se pela idéia que se possui de um determinado gênero de acordos acerca de certos dados; assim, torna-se imprescindível conceber o auditório universal para se considerar um fato.

Para Perelman: “A adesão ao fato não será, para o indivíduo, senão uma reação subjetiva a algo que se impõe a todos.”<sup>355</sup> Estamos em presença de um fato se podemos pressupor a seu respeito um acordo universal, não controverso. Porém, não há enunciado inquestionável e definitivo, pois esse sempre dependerá do acordo estabelecido. Há duas maneiras para que o estatuto de fato seja perdido: quando geram dúvidas no auditório ou quando há membros no auditório com qualidade reconhecida para julgar a não-aceitação do fato. Contudo, “[...] se o acordo a seu respeito for suficientemente geral, ninguém os pode ignorar sem se tornar ridículo, a menos que forneça razões capazes de justificar o ceticismo a seu propósito.”<sup>356</sup> Dentre os fatos, destacam-se os fatos de observação, fatos supostos, fatos convencionais e fatos possíveis ou prováveis.

Para o autor, às verdades aplicam-se as mesmas características dos fatos, com a ressalva de que elas são sistemas mais complexos por transcenderem a experiência, isto é, são relativas a ligações entre fatos, o que é próprio das teorias científicas ou de concepções filosóficas e religiosas.

Por fim, temos as presunções, também admitidas por um auditório universal; porém, contrário aos fatos e às verdades, “a adesão às presunções não é máxima, espera-se que essa adesão seja reforçada, num dado momento, por outros elementos. Os que admitem a presunção contam mesmo, habitualmente, com esse reforço.”<sup>357</sup> Entre as presunções de uso corriqueiro citadas por Perelman, destacam-se: a presunção de que a qualidade de um ato é proporcionalmente relacionada à pessoa que a praticou; a presunção de credulidade natural, que faz com que aceitemos que tudo que nos dizem é verdadeiro, até prova em contrário; a presunção de interesse, que admite que aquilo que ouvimos nos diz respeito; e a presunção relativa ao caráter sensato de toda ação humana. Já a categoria de objetos de acordo que versa sobre o preferível pretende apenas atingir os auditórios particulares.

---

<sup>354</sup> POINCARÉ apud *ibid.*, p. 75.

<sup>355</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>356</sup> PERELMAN, *O Império Retórico*, p. 44.

<sup>357</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 79.



### 3.2.4 Técnicas argumentativas

Para que a análise dos argumentos de Bush possa ser feita, é imprescindível pontuar algumas das técnicas argumentativas, que Perelman conceitua como recursos de que o orador se serve, intencionalmente ou não, para lograr êxito na adesão de suas premissas; assim, analisar as técnicas argumentativas significa identificar, classificar e compreender a articulação dos argumentos para saber quanto eficaz é o grau de persuasão.

Embora seja possível encontrar mais de um conceito das técnicas empreendidas no discurso de Bush, não é interesse do estudo em questão escrutinar todas as nuances e detalhes encontrados nos textos de Bush, tampouco expor toda teoria de Perelman a esse ou qualquer outro respeito: interessa-nos apenas demonstrar, com poucos exemplos, como os argumentos de Bush operam e por qual caminho buscam a adesão do público.

Perelman abaliza três grandes grupos de argumentos: argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.

Os primeiros, como o nome denota, constroem-se à imagem de princípios lógicos, “pretendem certa força de convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos”<sup>358</sup>. Os argumentos baseados na estrutura do real constroem-se a partir não do real propriamente dito, isto é, em relação ao sentido ontológico, mas sim da construção social da realidade, no que o auditório crê de antemão que seja real, algo que o auditório tem para si como fatos, verdades ou presunções. Por fim, os argumentos que fundam a estrutura do real pertencem à modalidade de argumentação que opera por via da indução, estabelece generalizações e regularidades, propõe modelos, exemplos e ilustrações a partir de casos particulares.

#### 3.2.4.1 Os argumentos quase-lógicos

Os argumentos quase-lógicos buscam toda a sua eficácia persuasiva aos princípios lógicos, à semelhança do raciocínio formal, lógico e matemático. A evidência da demonstração lógica é o pilar de sustentação da persuasão, e daí é retirada toda sua força argumentativa. Não é difícil causar estranhamento à falta de rigor e precisão concernente ao que se observa na demonstração. Mas, as razões a que o orador recorre e desenvolve para buscar a adesão do auditório são, de fato, de outra ordem, pois não se trata de uma demonstração correta ou incorreta, falsa ou verdadeira, mas de um encadeamento de

---

<sup>358</sup> Ibid., p.219.

argumentos mais ou menos fortes, mais ou menos plausíveis, que visam estabelecer um acordo, uma adesão.

Portanto, o que caracteriza a argumentação quase-lógica é o aspecto não-formal; decorre daí, muitas vezes, a controvérsia. As reduções exigidas são divididas em duas categorias. Umam apelam para as estruturas lógicas: contradição, identidade total ou parcial, transitividade; outras apelam para a matemática: relação da parte pelo todo, do menor com o maior, relação de frequência, e ainda outras que possam estabelecer essa forma de relação argumentativa.

Desse grupo, destacaremos os seguintes: Os argumentos de comparação, Os argumentos de sacrifício, a regra de justiça e os argumentos de reciprocidade e, por último os argumentos de transitividade.

Os dois primeiros são mais óbvios, visto que, enquanto os de comparação cotejam objetos para avaliá-los uns em relação aos outros por oposição (leve e pesado), ordenamento (mais leve que) e quantificação (o quanto mais leve), os de sacrifícios ressaltam o que se está disposto a se sujeitar para obter certo resultado e estruturam todos os sistemas de trocas: estão na venda, no escambo, no contrato e além de uma relação material, tal qual Perelman discorre ao citar Calvino, quando este compara a importância dada à religião pelos protestantes contra os católicos: “Mas como eles zombam da incerteza desta, se tivessem de assinar a deles com o próprio sangue e à custa de sua vida, poderíamos ver quanto a prezam. Nosso compromisso é muito diferente, o qual não teme nem os terrores da morte, nem o julgamento de Deus.”<sup>359</sup>

No antepenúltimo, o que impera é “a aplicação de um tratamento idêntico a seres e situações que são integrados numa mesma categoria.” Sua fundamentação é pautada no princípio de igualdade perante a lei, a qual está baseada na justiça formal: “[...] os seres de uma mesma categoria essencial devem ser tratados do mesmo modo.”<sup>360</sup> Entretanto, a justiça formal não especifica quando dois objetos fazem parte de uma mesma categoria essencial, tampouco o faz quanto ao tratamento que se deva empregar-lhes; por isso, é comum basear a lógica em equações argumentativas bizarras, tal qual o desfecho da querela jurídica dada ao pedido da libra de carne (humana) cobrada pela personagem Shylock em garantia ao empréstimo efetuado a Antonio.<sup>361</sup>

---

<sup>359</sup> Ibid., p. 282.

<sup>360</sup> Ibid., p. 248.

<sup>361</sup> A juíza (Pórcia) consente que Shylock arranque uma libra da própria carne de Antonio, conforme a promessa deste, dada em garantia da honra de uma dívida que tinha com o primeiro; porém, como condição (uma espécie de Lei de Talião) não poderia tirar nada mais do que a carne, na justa medida, sem que nenhuma gota de sangue fosse derramada. Cf. SHAKESPEARE, W. *The merchant of Venice*. In: *The Complete Works of William Shakespeare*. London: Henry Pordes. 1995, p. 229-30.

No penúltimo, que trata da reciprocidade, a base do princípio é a mesma; contudo, a diferença é que os argumentos visam aplicar o mesmo tratamento dado a duas situações correspondentes, isto é, a regra de justiça é indireta, no sentido que requer a intervenção da noção de simetria. Na lógica formal, a relação é simétrica “quando sua proposição conversa lhe é idêntica, ou seja, quando a mesma relação pode ser afirmada tanto entre  $b$  e  $a$  como entre  $a$  e  $b$ . A ordem do antecedente e do conseqüente pode, pois, ser invertida.”<sup>362</sup> Este é um recurso muito utilizado em discursos, por exemplo: “O que é honroso aprender, também é honroso ensinar.”<sup>363</sup>

Quanto ao último, trata-se de “uma propriedade formal de certas relações que permite passar da afirmação de que existe a mesma relação entre os termos  $a$  e  $b$  e entre os termos  $b$  e  $c$ , à conclusão de que ela existe entre os termos  $a$  e  $c$ .”<sup>364</sup> Tais termos podem ter relações de igualdade, de superioridade, de inclusão, de ascendência, entre outros. Por exemplo: os amigos de meu amigo são meus amigos, ou, até, os inimigos de meus inimigos são meus amigos.

#### 3.2.4.2 Os argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real têm esse nome por se valerem da própria estrutura do que é considerado real para “[...] estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover”<sup>365</sup>, ou seja, utilizam tal estrutura para instituir uma ligação entre opiniões formadas acerca de acordos já válidos para o auditório. Não interessa saber em que se fundamenta a crença da existência do acordo, mas sim que ele exista e seja aceito e inquestionável. Dentre tais argumentos, destacam-se dois grupos: os que se aplicam às *ligações de sucessão*, que relacionam um acontecimento às suas causas ou às suas conseqüências, e as *ligações de coexistência*, que observam a relação de uma essência com suas manifestações.

##### 3.2.4.2.1 As ligações de coexistência

As ligações de coexistência inserem-se no último caso mencionado, isto é, contrário às ligações de sucessão cujos elementos encontram-se em um mesmo nível dentro de uma relação temporal; às ligações de coexistência importa relacionar elementos de realidades

---

<sup>362</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 250.

<sup>363</sup> Ibid., p. 251.

<sup>364</sup> Ibid., p. 257.

<sup>365</sup> Ibid., p. 297.

distintas, sendo a dimensão temporal secundária. Neste caso, os argumentos fundam-se na relação de coexistência entre a essência, parte integrante, e suas manifestações, instância transitória, sendo que o “[...] protótipo dessa construção teórica se encontra nas relações existentes entre uma pessoa e seus atos.”<sup>366</sup> Incluem-se aí as relações de seus juízos ou suas obras. Por esse caminho, Perelman discorre sobre o vínculo da *pessoa e seus atos*: “a construção da pessoa humana, que se vincula aos atos, é ligada a uma distinção entre o que se considera importante, natural e próprio do ser de quem fala, e o que se considera transitório, manifestação exterior do sujeito.”<sup>367</sup>

A correlação entre a pessoa e seus atos, parcialmente solidários e parcialmente independentes, é que possibilita a utilização freqüente de argumentos baseados nessa relação de coexistência.

De fato, aquilo que se atribui a uma pessoa, faz-se em função das suas manifestações cuja base é construída em cima da unidade e da estabilidade observáveis no conjunto dos seus atos. Presumimos essa estabilidade quando interpretamos o ato em função da pessoa. Por isso, a idéia de pessoa introduz um elemento de estabilidade por oposição aos atos, manifestações transitórias, variadas e mutáveis, embora essa estabilidade nunca esteja totalmente assegurada.

Da mesma forma que os atos reverberam no conceito que fazemos acerca de uma pessoa, a qual, todavia, é passível de reconstrução, por reciprocidade, é possível usar o conceito como premissa para avaliar seus atos. Neste caso, quando a pessoa serve como contexto para a interpretação do ato, geralmente se abre mão da noção de intenção.

Na argumentação, a pessoa é considerada suporte de qualidades, autora de atos e juízos, objeto de apreciações, um ser duradouro em cuja volta há uma série de fenômenos aos quais ela dá coesão e significado. Atos são emanações da pessoa, suas ações, modos de expressão, reações emotivas, cacoetes involuntários ou juízos.<sup>368</sup>

Nesse sentido, Perelman coloca que muitos argumentos são influenciados pelo prestígio do orador; assim, dispõe sobre o que chama de *argumento de autoridade*, “[...] o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova de uma tese.”<sup>369</sup>

O autor lembra que não existe autoridade que prevaleça sobre uma verdade demonstrável, mas o mesmo não acontece a respeito de opiniões ou juízos de valor; por isso, considera “[...] essencial em todos os domínios em que não se dispõe de um procedimento

---

<sup>366</sup> Ibid., p. 334.

<sup>367</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>368</sup> Cf. Ibid., p. 336-9.

<sup>369</sup> Ibid., p. 348.

admitido para o estabelecimento dos fatos e das verdades.”<sup>370</sup> É freqüente o ataque ao argumento de autoridade, mas é raro ocorrer o contrário, o que, via de regra, garante-o.

Porém, as autoridades invocadas variam muito: “ora será ‘o parecer’ ou ‘a opinião comum’, ora certas categorias de homens, ‘os cientistas’, ‘os filósofos’, ‘os padres da igreja’ [...]; por vezes a autoridade será impessoal [...] ‘a religião’, ‘a Bíblia’; por vezes autoridades designadas pelo nome.”<sup>371</sup>

Ainda na circunscrição da relação entre ato e pessoa, há o discurso que é prioritariamente vislumbrado como um ato do orador (*discurso como ato do orador*); neste caso, “o orador se arrisca a ser considerado, pelo ouvinte, vinculado a seu discurso. Essa interação entre orador e discurso seria inclusive a característica da argumentação, opostamente à demonstração.”<sup>372</sup> A relevância incide sobre o papel do orador “à medida que a linguagem utilizada se afasta da univocidade, à medida que o contexto, as intenções e os fins adquirem importância.”<sup>373</sup>

A pessoa do orador é o contexto fundamental para a apreciação do sentido e do alcance de suas afirmações, mesmo ao reproduzir palavras de outrem, pois não há simples transferência de valores, mas reinterpretação em um novo contexto, avaliado pelo que se conhece do autor presumido. Outra estrutura argumentativa, baseada na estrutura do real, eficaz e de intenso potencial persuasivo é nomeada de *ligação simbólica*. Deve-se, antes de tudo, esclarecer que o entendimento de símbolo para Perelman não se distancia do sentido junguiano, conforme mencionamos no primeiro capítulo; deixemos suas palavras falarem por si: “[...] símbolo, para nós, se distingue de signo, porque não é puramente convencional; se ele possui um significado [...] são tirados do fato de que parece existir, entre símbolo e o que ele evoca, uma relação que, na falta de melhor termo, qualificaremos de relação de *participação*.”<sup>374</sup> Por essa via, a ligação simbólica estabelece “[...] uma relação de *participação*, assente numa visão mítica ou especulativa de um todo do qual símbolo e simbolizado fazem igualmente parte.”<sup>375</sup>

Para o autor, o vínculo simbólico é tido como se fizesse parte do real, embora ele não se refira a uma estrutura definida deste. Tem-se a impressão de que fazem parte da mesma camada de realidade e, por isso, a relação entre ambos é considerada analógica, “mas com isso se destruiria o que há de impressionante na ligação simbólica, pois, para que ela

<sup>370</sup> PERELMAN, *Argumentação*, loc. cit.

<sup>371</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 350.

<sup>372</sup> Ibid., p. 361.

<sup>373</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>374</sup> Ibid., p. 377. (grifo do autor)

<sup>375</sup> PERELMAN, *O império retórico*, p. 115. (grifo do autor)

desempenhe seu papel, é preciso que símbolo e simbolizado estejam integrados numa realidade mítica ou especulativa, na qual participam um do outro.”<sup>376</sup>

A ligação simbólica ocasiona transferências entre símbolo e simbolizado, haja vista que na presença de certos símbolos há emoções por trás:

Quando a cruz, a bandeira, a pessoa do rei são encaradas como símbolos do cristianismo, da pátria, do Estado, essas realidades despertam um amor ou um ódio, uma veneração ou um desprezo, que seriam incompreensíveis e ridículos se, com seu caráter representativo, não estivesse relacionado um vínculo de participação. Este é indispensável para despertar o fervor patriótico ou religioso<sup>377</sup>

Em virtude do caráter indeterminado e indefinido da ligação simbólica, é possível transmitir um valor simbólico a qualquer coisa, ato ou acontecimento, modificando, pois, seu significado e relevância. O aspecto simbólico de certo ato será sempre mais aceito quanto menor plausibilidade existir de qualquer outra interpretação. Um indivíduo pode tornar-se símbolo e, quando isso acontece, é imediatamente considerado mais importante, por ser mais representativo do que os demais. Dessa maneira, o indivíduo representa o grupo porque foi escolhido para desempenhar um papel como, por exemplo, porta-voz, que exercerá uma influência determinante na conduta de todos.

Por fim, há de se comentar que os símbolos têm uma função inegável sobre os que reconhecem a ligação simbólica, mas nada significam para os outros, visto que são característicos de uma cultura particular e de nada servem para o auditório universal, o que lhes ratifica o aspecto irracional.

Posto isso, parece oportuno no momento ampliar o sentido de símbolo para cruzarmos as teorias já expostas. A etimologia da palavra símbolo é originária do grego *symbollein*, que indica reconhecimento, visto que os gregos, utilizando o método de unir duas metades de moedas, que antes estavam sob posse de duas pessoas apartadas por um motivo qualquer, conseguiam identificar-se mutuamente por meio da união desse instrumento.<sup>378</sup> Nesse sentido, à luz da concepção psíquica, símbolo é uma estrutura que consegue criar uma nova forma de unidade, antes fragmentada, a partir do encontro entre inconsciente e consciente, visível e invisível, palpável e impalpável ou instinto e idéia. A particularidade do símbolo é sempre portar um elemento cujo conteúdo é inefável, mas sempre tem algo a revelar; por isso se

<sup>376</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 378.

<sup>377</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>378</sup> Cf. CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos...* 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989. p. 20.

diferencia, como já apontamos, de signo que, pelo contrário, sempre significa algo pronto, plenamente visível.<sup>379</sup>

Há uma aproximação entre Kant, Jung e Perelman no conceito de símbolo, pois os dois últimos “beberam no primeiro”, bem como em Cassirer, para então chegar a termo aos seus respectivos entendimentos. O método simbólico de experiência aproxima-se da ‘coisa em si’ de Kant, conforme Whitmont revela:

[...] para sempre incognoscível, ao perceber uma significação, translógica máxima não limitada por tempo, espaço e causalidade, que só pode ser sugerida ou intuída. Na verdade, em sua afirmação ‘um signo é uma parte do mundo físico do ser; um símbolo é uma parte do mundo humano do significado’, Cassirer sugere que o homem pode ser definido mais como *animal symbolicum* do que como *animal rationale*.<sup>380</sup>

De fato, Perelman fundamenta o que chamou de “participação” naquilo que Cassirer entende da relação entre símbolo e simbolizado, ou seja, assim como a parte se identifica com o todo, ambos, símbolo e simbolizado, não se distinguem, sendo apenas no encontro que algo novo se forma.<sup>381</sup> Nesse ponto, há um interesse comum das teorias, pois tanto a teoria perelmeniana quanto a psicologia analítica junguiana, interessam-se pelo que se produz a partir do encontro. Enquanto à primeira importa o que a função simbólica (*participação*) consegue mobilizar nas pessoas – cujo resultado final é a adesão ao argumento empreendido –, à segunda é o que o símbolo produz no encontro do inconsciente com o consciente.

### 3.2.4.3 Os argumentos que fundamentam a estrutura do real

Neste tipo de argumentação, as ligações fundamentam o real pelo recurso ao caso particular (*o fundamento pelo caso particular*), cujo papel desempenhado pode variar muito; por exemplo, poderá ser por generalização a partir de um *exemplo*, ou pela sustentação de uma regularidade previamente estabelecida por meio da *ilustração*, ou pelo estímulo à imitação de um modelo a ser seguido ou do inverso (*modelo e antimodelo*). Trata-se da generalização do particular feita por um processo indutivo estabelecido sobre o que se acredita ser uma estrutura socialmente construída do real.<sup>382</sup>

<sup>379</sup> Merleau-Ponty tem um belo tratado sobre o tema do visível e invisível. Ver: MERLEAU-PONTY, M. *O invisível e o visível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 57-126.

<sup>380</sup> WHITMONT, E. *A busca do símbolo...* 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 25. (grifo do autor)

<sup>381</sup> Ver: CASSIRER, E. *The philosophy of symbolic forms: mythical thought*. New Haven: Yale University Press, 1955.

<sup>382</sup> Sobre este ponto, deve-se lembrar de Peter Berger e Thomas Luckmann na obra já mencionada: *A construção social da realidade*.

Deste grupo, destacaremos apenas o *Ser perfeito como modelo*, que é baseado em um modelo de argumentação que constrói uma imagem em cima do que deve ser imitado, por exemplo, quando o comportamento de uma pessoa de grande valor em uma sociedade é quase sempre evocado como modelo incontestado a ser seguido, sendo que o “valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular.”<sup>383</sup> Porém, como assegurar que não há nenhuma ressalva que venha contestar o argumento do modelo humano – que também pode ser de um grupo – por este comportar características repreensíveis ou, então, como evitar que o antimodelo seja imitado, em vez de repudiado? A resposta é prevenir tais inconvenientes modificando a realidade, por exemplo, criando heróis e monstros, sejam bons ou maus, que possam transformar a história em mito, em lenda ou em uma figura exageradamente esquemática. “Mas, mesmo então, a multiplicidade de modelos ou de antimodelos não possibilita tirar deles uma regra de conduta única e clara. Por essa razão, segundo Kant, os objetos tomados da experiência não podem ser considerados modelos (ou arquétipos)”<sup>384</sup>

Perelman lembra que Kant percebe a importância do modelo para a conduta; mas sabe também que ele o vê como um ideal que cada indivíduo traz em si, “sem que os limites naturais permitam uma realização dele num exemplo fenomênico.” O arquétipo que Kant “encontra no ‘homem divino que trazemos em nós’, as religiões fornecem aos homens graças à idéia ou à imagem que elas apresentam de Deus, do Ser perfeitamente bom ou, pelo menos, de seu representante e porta-voz na terra.”<sup>385</sup>

### 3.2.5 Uma ponte sobre o hiato

Nota-se, entretanto, a existência de um paradoxo no conceito da teoria desse filósofo do direito, já apontado por alguns estudiosos da área jurídica.<sup>386</sup> É o caso do auditório universal que, por um lado, substancia-se na teoria kantiana do imperativo categórico<sup>387</sup> – isto é, parte do princípio que uma argumentação dirigida a esse auditório “deve convencer pelo caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e

<sup>383</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 414.

<sup>384</sup> Ibid., p. 420.

<sup>385</sup> Ibid., p. 420-1.

<sup>386</sup> Destacamos Atienza e Alexy entre alguns dos teóricos que discutem as noções da teoria de Perelman ao longo das respectivas obras: ATIENZA, M. *As razões do direito: teorias da argumentação jurídica*. São Paulo: Landy, 2000; ALEXY, R. *Teoria da argumentação jurídica*. 2. ed. São Paulo: Landy, 2005.

<sup>387</sup> A frase kantiana que resume o imperativo categórico é a seguinte: “[...] age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.” Cf. KANT, I. *Fundação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 59.



absoluta, independentemente das contingências locais e históricas”<sup>388</sup> – mas, por outro lado, afirma-se ser “[...] constituído por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência. Assim cada cultura, cada indivíduo tem sua própria concepção do auditório universal [...]”<sup>389</sup> Longe de isso desqualificar a teoria de Perelman – pelo contrário, ao considerar o peso da influência positivista, associado ao fantasma ainda presente do nazismo à época –, compreende-se o porquê de o autor lançar-se à tentativa de fundar uma concepção de justiça de validade formal, a qual ironicamente parece fazê-lo cometer um lapso de linguagem, visto que, primeiramente, seu argumento ancora-se em um parâmetro kantiano – que concebe o auditório universal como uma construção ideal do orador fundada em uma função que convencimento que toma como base um caráter prospectivo – e, pouco depois, seu argumento volta-se à condição de que cada indivíduo, cada cultura tem sua particularidade. Não à toa esse assunto gerou debates, principalmente entre os filósofos e artesãos teóricos do direito.

Contudo, é neste hiato – o qual, na verdade, mais do que qualquer outra coisa, parece impelir uma briga interna em Perelman, fazendo-o oscilar entre a razão e a intuição – que pode haver um lugar interessante de análise para a construção de uma ponte com o conceito de arquétipo de Jung que será discutido a seguir.

### 3.2.6 O arquétipo de Jung

Jung entendia que existiam duas camadas distintas e inter-relacionadas de inconsciente<sup>390</sup>, a primeira, mais superficial, seria o inconsciente individual, um conceito já exaustivamente discutido e bem acolhido pelos teóricos da psicologia, até porque parte do mesmo princípio pertence à base teórica desenvolvida por Freud, a qual compreendia que o inconsciente seria de natureza exclusivamente pessoal:<sup>391</sup>

Eu defino o inconsciente como a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência. Podemos classificar adequadamente os conteúdos psíquicos como subliminares, na suposição de que todo conteúdo deve possuir um certo valor energético que o capacita a se tornar consciente. Quanto mais baixo é o valor de um conteúdo consciente, tanto

<sup>388</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 35.

<sup>389</sup> Ibid., p. 37.

<sup>390</sup> Cf. JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 15. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 9/1)

<sup>391</sup> Entretanto, Jung reconhecia que Freud havia modificado seu ponto de vista quanto ao exposto e, além disso, conseguia identificar certa analogia entre o conceito de inconsciente de Freud com seu pensamento de inconsciente coletivo. Cf. Ibid., loc. cit. Tal analogia entre os dois teóricos pode ser observada em Freud quando fala de ‘resíduos arcaicos’ Cf. FREUD, S. *O ego e o id e outros trabalhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 53. (Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19)

mais facilmente ele desaparece sob o limiar. Daqui se segue que o inconsciente é o receptáculo de todas as lembranças perdidas e de todos aqueles conteúdos que ainda são muito débeis para se tornarem conscientes. Estes conteúdos são produzidos pela atividade associativa inconsciente que dá origem também aos sonhos. Além desses conteúdos, devemos considerar também todas aquelas repressões mais ou menos intencionais de pensamentos e impressões incômodas. À soma de todos estes conteúdos dou o nome de inconsciente pessoal<sup>392</sup>

Porém, Jung também notou que no inconsciente havia propriedades que não eram adquiridas individualmente, mas herdadas, tal como os instintos e os impulsos que nos fazem agir, ou seja, executar uma ação por uma necessidade, não por motivação consciente. Trata-se de uma camada mais profunda da psique, a qual chamou de inconsciente coletivo justamente pelo fato de seus conteúdos serem universais<sup>393</sup>, como consta a seguir:

[...] contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘cum grano salis’ [com certa ressalva] os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.<sup>394</sup>

Ou ainda:

[...] no inconsciente encontramos também qualidades que não foram adquiridas individualmente mas são herdadas, ou seja, os instintos enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem uma motivação consciente. Devemos incluir também as formas a priori, inatas, de intuição, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que são determinantes necessárias e a priori de todos os processos psíquicos. Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos. Os instintos e os arquétipos formam conjuntamente o inconsciente coletivo. Chamo-o de ‘coletivo’, porque, ao contrário do inconsciente acima definido [individual], não é constituído de conteúdos individuais, isto é, mais ou menos únicos, mas de conteúdos universais e uniformes onde quer que ocorram. O instinto é essencialmente um fenômeno da natureza coletiva, isto é, universal e uniforme, que nada tem a ver com a individualidade do ser humano. Os arquétipos têm esta mesma qualidade em comum com os instintos, isto é, são também fenômenos coletivos<sup>395</sup>

<sup>392</sup> JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 69-70. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 8/2)

<sup>393</sup> Cf. JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 355.

<sup>394</sup> JUNG, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, p. 15.

<sup>395</sup> Id., *A natureza da psique*, p. 69-70.

É nessa camada mais profunda que se encontram os arquétipos, uma noção, diga-se de passagem, nada nova, posto que já havia correlatos dessa idéia encontrados na filosofia<sup>396</sup>, ao tratar de questões relativas ao que seria universal, por exemplo, na teoria platônica das idéias<sup>397</sup> ou aristotélica das formas<sup>398</sup> e, mais tarde, “bebendo” em Platão, aparece Santo Agostinho: “[...] não haurimos as imagens pelos sentidos, mas que sem imagens vemos no nosso interior tais como são em si mesmas [...]”<sup>399</sup>.

E, mais tarde, Kant inaugura a revolução copérnica na filosofia ao propor uma inversão da ordem dos preceitos filosóficos válidos até então, porquanto sugere uma melhor proposta à metafísica: “admitindo que os objectos [sic] se deveriam regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com o que desejamos, a saber, a possibilidade de um conhecimento *a priori* desses objectos, que se estabeleça algo sobre eles antes de nos serem dados”<sup>400</sup>. Nesse sentido, sobre a intuição dos objetos, Kant considera que, caso a intuição “[...] tivesse de se guiar pela natureza dos objectos, não vejo como deles se poderia conhecer algo *a priori*; se pelo contrário, o objeto (enquanto objecto dos sentidos) se guiar pela natureza da nossa faculdade de intuição, posso perfeitamente representar essa possibilidade.”<sup>401</sup>

Sob essa condição, a proposta kantiana postulava que, para além do saber extraído da experiência (*a posteriori*), havia antes um saber díspar, de outra ordem (*a priori*), qual precedia a própria experiência e, por esse motivo, não poderia um objeto ser dado por ela. Daí conclui-se que o que deve ser investigado é o próprio sujeito, puro (investigação transcendental), *a priori*, anterior a toda experiência, afinal é o sujeito, a estrutura do sujeito, que torna possível a experiência.

Então, o que Kant nos alvitra? Simples, que a estrutura da razão é, *a priori*, universal, a mesma para todos os seres humanos, ou seja, não depende da experiência para existir, pois é anterior a ela. É aqui, neste ponto, que reside a questão do hiato mencionada, em que uma ponte sobre o paradoxo do auditório universal de Perelman pode ser construída com cimento junguiano. Considerando que a idéia do auditório universal perelmaniano é fundamentalmente

<sup>396</sup> Pensadores de outras áreas também expuseram idéias análogas, tais como Adolf Bastian, que fala de “idéias primordiais”, Durkheim, Hubert e Mauss que discorrem sobre “categorias” próprias da fantasia, e ainda Usener ao se referir à “a pré-formação inconsciente na figura de um pensamento inconsciente”. Cf. Id., *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, p. 90.

<sup>397</sup> A teoria do inatismo platônico pode ser já encontrada em Mênon e, posteriormente, na teoria da reminiscência na obra *A República*, respectivamente. Cf. PLATÃO. *Diálogos: Mênon, República, Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. passim.

<sup>398</sup> Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 218. (Coleção Os Pensadores)

<sup>399</sup> AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 270-71. (Coleção Os Pensadores)

<sup>400</sup> KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. p. 20.

<sup>401</sup> *Ibid.*, loc. cit.

um ideal construído pelo orador a partir das características comuns a todos os seres racionais, cujos pilares estão erigidos sobre a base das idéias kantianas da estrutura universal da razão, percebemos então que existe justamente aí algo do conhecimento em si que é inacessível à razão, sendo que o indivíduo, ao perceber o mundo exterior, modela-o conforme matrizes ou categorias herdadas; correlativo a isso, Jung – quem também “bebeu em águas” kantianas –, à luz da psicologia, chamou de arquétipo. É preciso esclarecer que não se tratam de idéias inatas, mas de uma predisposição herdada. Vejamos a seguir um comentário de Jung que sana uma confusão comum e ainda revela uma correspondência de Kant com a proposta ao estudo psicológico:

É um grande equívoco supor que a alma do recém-nascido seja *tabula rasa*, como se não houvesse nada dentro dela. Na medida em que a criança vem ao mundo com o cérebro diferenciado, predeterminado pela hereditariedade e portanto individualizado, ela responde aos estímulos sensoriais externos, não com *quaisquer* predisposições, mas sim com predisposições *específicas*, que condicionam uma seletividade e organização da apercepção que lhe são próprias (individuais). Tais predisposições são comprovadamente instintos herdados e pré-formações. Estas últimas são as condições apriorísticas e formais da apercepção, baseadas nos instintos. Sua presença imprime no mundo da criança e do sonhador o timbre antropomórfico. Trata-se dos arquétipos que determinam os rumos da atividade da fantasia, produzindo desse modo nas imagens fantásticas dos sonhos infantis, bem como nos delírios esquizofrênicos, surpreendentes paralelos mitológicos, como os que também encontramos de forma algo atenuada nas pessoas normais e neuróticas. Não se trata portanto de idéias *herdadas*, mas de suas *possibilidades*. Não se trata também de heranças individuais, mas gerais, como se pode verificar pela ocorrência universal dos arquétipos.<sup>402</sup>

Os arquétipos, portanto, são elementos estruturais, que norteiam a psique, encontrados no inconsciente coletivo. Servindo-nos da citação anterior, poderíamos fazer uma analogia com uma semente que carrega em si a potencialidade da árvore, ou, no caso, com um bebê, que nasce com um potencial psíquico com predisposições naturais e próprias dos seres humanos.

Trata-se de prontidões psíquicas, que, ao longo do desenvolvimento humano, serão ativadas, a cada determinado caso, impelindo o indivíduo a um desígnio específico. Assim, toda criança passa pelo processo da construção e estruturação do ego, que requer certa autonomia e desprendimento da identificação materna que é sua primeira referência apresentada; para tanto, precisará recorrer, por exemplo, a elementos de agressividade, impulsividade e ímpeto. Dependerá do núcleo familiar e cultural para que esse processo

---

<sup>402</sup> JUNG, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, p. 78.

consiga se desenvolver plenamente ou ser estancado. Derivam daí as possibilidades ímpares da personalidade de cada indivíduo que partiu de um mesmo lugar comum. No entanto, a despeito da especificidade competente a cada particularidade, o que subjaz é um processo dinâmico emocional pertinente a todos.

Conceitualmente, Neumann coloca que os arquétipos, também chamados de imagens primordiais, são “[...] as formas pictóricas dos instintos, uma vez que o inconsciente se revela à mente inconsciente em imagens que, tal como nos sonhos e fantasias, dão início ao processo de reação e assimilação conscientes.”<sup>403</sup> Tais imagens inconscientes foram, por exemplo, expressas nos mitos e nos contos de fada.

Contudo, ainda é possível traçar um paralelo ao conceito de arquétipo sobre outro correlato teórico, desta vez discutido no campo da sociologia: o conceito de religião civil. A correlação estabelece-se pelo aspecto de que ambos são fenômenos subjetivos que se inter-relacionam atingindo áreas simbólicas de grande significado a todos os cidadãos estadunidenses.

### 3.2.7 A religião civil de Bellah

O conceito clássico de religião civil remonta a Rousseau<sup>404</sup>, mas foi em tempos mais contemporâneos que o assunto tomou parte do debate acadêmico nos EUA, sobretudo a partir da década de 70, após o sociólogo Robert Bellah tê-lo desenvolvido sob uma perspectiva particular aplicada aos EUA.

A historiadora Rodeghero apresenta uma boa síntese sobre o conceito de religião civil de Bellah:

A religião civil seria [...] todo um corpo de crenças religiosas e valores morais que envolve a vida norte-americana, com o qual a maioria da população concorda e o qual tem lugar de destaque na retórica política: a crença de que Deus chamou os Estados Unidos para serem um ‘novo Israel’; de que Ele estará com o país até o julgamento final, o qual será muito severo; as noções de democracia, liberdade individual e pluralismo religioso; a tese de que Deus fez os Estados Unidos como um exílio para os oprimidos; e, finalmente, a doutrina de que Deus fez, na América, todos os homens iguais e deu a todos uma chance igual num novo país que deveria servir como exemplo diante do resto do mundo.<sup>405</sup>

<sup>403</sup> NEUMANN, E. *História da origem da consciência*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 13.

<sup>404</sup> Para saber mais sobre o conceito de religião civil, ver: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social...* São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 233-42. (Coleção Os Pensadores, v.1)

<sup>405</sup> RODEGHERO, C. S. Religião e patriotismo... *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 477, 2002.

Seria, portanto, uma devoção, um ponto de vista e até mesmo um compromisso que, de modo amplo e profundo, une os estadunidenses em torno de idéias similares fundadas em virtudes morais e religiosas, as quais se expressam e se projetam acerca da natureza, do caráter, do significado e do ideal que circundam um imaginário histórico-cultural constituído e disseminado naquele país, que se reflete na crença de um país abençoado, de um lugar especial, de um povo escolhido que carrega uma missão e desempenha um papel preponderante sobre o mundo e sobre a história humana.

Mister é dizer que não existe um consenso sobre o tema da religião civil até hoje, mormente no meio acadêmico, local de muito debate, discordância e propostas de revisão do conceito de Bellah, fatos que o levaram a evitar o uso do termo e, por vezes, fizeram o autor retomá-lo para se justificar:

Para ser honesto, parei de usar o termo religião civil. Constatei que ele criou mais discussões sobre as definições do que tinha tempo para tal, pois estou interessado na substância e não na disputa sobre a definição. O que considerei religião civil na América [...] era uma longa tradição na vida pública da América, da qual Lincoln é o modelo fulcral perfeito, ao conclamar a nação a prestar contas em função da responsabilidade em face de uma autoridade maior do que ela, ao insistir que a nação não é absoluta, e ao tornar isso parte de nossa vida pública. Está na Declaração da Independência. Nós existimos sob o governo das leis de Deus, que está acima das leis do ser humano. Ora, inevitavelmente, a religião civil foi, por muitas pessoas, entendida por devoção idólatra ao estado. E esse foi o motivo de ter cansado de lutar por aquela guerra. Seguramente não foi o que quis dizer. Então, desisti. Há uma tradição de religião em nossa vida pública, que descrevi e chamei de religião civil, e isso de fato assevera, e os textos fundamentais dessa tradição também asseveram, dois aspectos: a autoridade suprema de Deus sobre a nação e o fato de a nação não ser perfeita.<sup>406</sup>

Dessa maneira, a religião civil foi compreendida e analisada sobre uma variedade de perspectivas que empreenderam esforços em alcançar um sistema conceitual normativo, o qual, grosso modo, resultou em uma constelação dividida em cinco tipologias básicas: religião popular, religião universal transcendente da nação, nacionalismo religioso, a fé democrática e devoção cívica protestante.<sup>407</sup>

<sup>406</sup> BELLAH, R. Habits of the heart: implications for religion. In: A LECTURE AND QUESTION AND ANSWER SESSION HELD AT ST. MARK'S CATHOLIC CHURCH, 1986, Isla Vista. Disponível em: <[http://www.robertbellah.com/lectures\\_5.htm](http://www.robertbellah.com/lectures_5.htm)>. Acesso em: 11 abr. 2006.

<sup>407</sup> Respectivamente, em inglês: *folk religion, transcendent universal religion of the nation, religious nationalism, the democratic faith e Protestant civic piety*. Cf. JONES, D. Civil and public religion. In: ENCYCLOPEDIA of the American religious experience... New York: Charles Scribners' Sons, 1988. v. 3, p.1388-408.

### 3.2.7.1 A religião popular

A concepção de religião civil enquanto religião popular toma como base a relevância da religião efetivamente comum que se manifesta da vida do povo; seu olhar é direcionado à vida real, idéias, valores, rituais, crenças, símbolos: está ligada ao *american way of life* e não lhe interessam os textos históricos ou discursos, isto é, os valores do estilo de vida *americano*, por exemplo, no campo político, referem-se ao modelo de democracia *americano* ou ao da Constituição; na economia, ao aspecto da livre iniciativa; no âmbito social, à crença no valor supremo individual acima de tudo.<sup>408</sup> A preocupação dos teóricos que defendem essa tese volta-se ao estudo empírico, pesquisa, investigação pública e fenomenológica. É, de todas, a mais acolhedora de uma análise comportamental.

### 3.2.7.2 A religião universal transcendente

A religião universal transcendente parte das idéias do historiador da religião Sidney E. Mead, anterior a Bellah, cuja argumentação pauta-se em uma *religião da república*, real, universal e transcendente que paira sobre a religião popular e a igreja. É uma religião transcendente *cosmopolita* embasada em uma fé iluminista próxima à idéia rousseauiana, isto é, a religião pública e civil prepondera sobre o sectarismo religioso particular, pois postula que, na contramão da Igreja – que divide –, a república une, em razão do princípio universal que transcende e inclui todas as particularidades nacionais e religiosas.

### 3.2.7.3 Nacionalismo religioso

O denominado nacionalismo religioso refere-se ao caráter sagrado e transcendente da nação propriamente dita, considerada como um objeto de reverência. As implicações desse conceito imbricam-se ao fervor patriótico, à glorificação dos heróis nacionais e à sacralização dos propósitos nacionais, reais ou pretensos. Nela, o sacrifício e a devoção misturam-se ao patriotismo, por exemplo, em tempos de guerra. A análise da religião civil sob esse enfoque ocupa-se da santificação da nação e da fusão do fervor religioso com o patriotismo, cuja expressão é observada nos mais diversos campos: feriados religiosos, peregrinações, paradas, festas e celebrações solenes, além da sacralização da bandeira. Na política dedica-se a observar a figura do presidente como um padre de alto escalão; os documentos oficiais, tais

---

<sup>408</sup> Segundo Herberg, o *american way of life* seria a essência que supre a sociedade estadunidense a sentir-se atada por laços de união, por exemplo, em meio aos conflitos. Para entender melhor o tema, ver: HERBERG, W. *Protestant, Catholic, Jew: an essay in American religious sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

como a Declaração da Independência e a Constituição, são considerados escrituras sagradas e fontes de uma doutrina teológica sagrada. O elo de ligação entre sociedade e política fecha-se em uma unidade e em uma grande missão; já no plano individual, este elo dá-se na elevação emocional e na formação de uma identidade que fecha uma coesão do indivíduo ao grupo, dando-lhe um sentimento de pertença. É necessário distinguir que o nacionalismo religioso, diferente da religião universal transcendente, é excludente e contrário às noções universalistas, visto que seu foco é fechado em sua própria nação. Não existe espaço para maiores sacrifícios em benesse ao desenvolvimento de uma justiça universal.

#### 3.2.7.4 A fé democrática

De origem acadêmica humanista, a fé democrática, como o nome indica, tem interesse em promover a democracia ou a *virtude republicana* em uma fé comum unificada por valores humanos e ideais de liberdade, igualdade, benevolência, fraternidade e justiça, sem que para isso haja necessariamente uma referência ao Deus transcendente ou a uma nação espiritualizada. Poder-se-ia dizer que a crença que baliza esse conceito aproxima-se do teor do primeiro artigo da Declaração dos Direitos Universais (ocidental) de que todos os seres humanos nascem livres e iguais, de que os direitos humanos são universais, de que a justiça é o princípio ativo da democracia. Há, sob esse aspecto, novamente um remetimento à visão de Rousseau, que se ocupava da virtude cívica, direito, obrigações e princípios da democracia, sem nada lhe dizer respeito os valores culturais partilhados, rituais ou símbolos.

Esse ponto faz lembrar uma das críticas imputadas à teoria de Bellah, a qual declarava uma dificuldade em obter consenso da religião civil entre os conservadores – na maioria republicanos – e os liberais – democratas –, posto que a diferença dos valores aspirados por ambos é nítida. Todavia, a fé democrática mostra-se muito mais ligada aos liberais (democratas) do que aos republicanos, o que possibilitaria uma identificação dos liberais com tal conceito.<sup>409</sup>

---

<sup>409</sup> Ver: MATHISEN, J. A. Twenty years after Bellah: whatever happened to American civil religion. *Sociological Analysis*, [S.I.], v. 50, n. 2, p. 129-146, summer, 1989.



### 3.2.7.5 A devoção cívica protestante

É o típico modelo que só pode ser aplicado aos EUA, já que a construção de sua base é feita em cima da origem protestante e de toda a influência calvinista exercida na esfera pública do país desde a fundação dos tempos coloniais. Muitos dos preceitos valorizados nesse modelo, como o valor ao trabalho, a vida simples, a missão, e outros, foram discutidos por Max Weber na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.<sup>410</sup> Também fazem parte desse tópico a idéia dos estadunidenses serem um povo eleito, as imagens da fundação da Nova Israel e de a nação estadunidense ser o farol do mundo.

### 3.2.7.6 Considerações finais sobre a religião civil

Embora haja teóricos que hesitem em aceitar a existência do fenômeno da religião civil nos EUA ou, em última instância, que afirmem que, caso tenha existido, não crêem ter sobrevivido à turbulência dos anos 60<sup>411</sup> e ainda, que outros estudiosos da religião tenham desenvolvido propostas teórico-rationais<sup>412</sup> embasadas em um *corpus* comportamental para entender o processo evolutivo da religião – e, naturalmente, também despertado críticas para si<sup>413</sup> – o que observamos é que durante todo o tempo os estudiosos se debruçaram para entender a particularidade do processo da influência e penetração da religião nos EUA, mormente, em questões sociopolíticas. Falou-se muito, questionou-se sobremaneira e decantaram-se propostas inclusivas e excludentes à religião civil; porém, de um modo ou de outro, todos concordam que existe algo de extraordinário na participação da religião na política dos EUA desde o início da fundação daquele país até os dias atuais. E que não se confunda extraordinário com particular, para igualmente não se fazer parte do circuito de críticas que Bellah recebeu em decorrência de sua assertiva de que havia uma religião civil nitidamente diferente<sup>414</sup> nos EUA; nada obstante a concordância unânime, entre os teóricos da religião civil, à opinião durkheiminiana da função social da religião.<sup>415</sup> A propósito, o próprio Bellah declarou: “Hoje a religião civil na América é uma estrutura rompida e vazia.”<sup>416</sup> E, tempos depois, contrário ao que muitos pensam, não abandona sua tese, apesar de, bem da verdade, ter escrito toda uma obra sem mencionar a religião civil, na qual ainda expôs a

<sup>410</sup> Ver: WEBER, M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>411</sup> Ver: AHLSTROM, S. E. *A religious history of...* New Haven: Yale University Press, 1972. 1079-96.

<sup>412</sup> Ver: STARK, R.; BAINBRIDGE, W. S. *Theory of religion*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.

<sup>413</sup> Ver: BRUCE, S. *Choice and religion: a critique of rational...* New York: Oxford University Press, 1999.

<sup>414</sup> Ver: WILSON, J. F. *Public religion in American culture*. Philadelphia: Temple University Press, 1979.

<sup>415</sup> Ver: DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa...* São Paulo: Paulinas, 1989.

<sup>416</sup> BELLAH, *The broken covenant...*, p. 142.

situação de um EUA imerso em um tipo de religião privada e diversa, a qual ficou tipificada pelo nome de *Sheilismo* – em decorrência da declaração de uma entrevistada, Sheila, a qual chamou sua fé em Deus de “[...] meu próprio Sheilismo [...] é só tentar amar a si e ser gentil consigo [...] eu acho que Ele quer que nós nos cuidemos mutuamente.”<sup>417</sup>

É incontestável a riqueza da diversidade e pluralidade religiosa nos EUA, a qual faz os nervos religiosos transparecerem à flor da pele entre meio à grande competição acirrada das denominações em busca de adeptos e frente à necessidade de cada qual querer afirmar a preponderância de suas convicções religiosas sobre as outras. Essa situação é um campo fértil para que emergjam conflitos, divergências, especificidades, diferentes prioridades e tantos outros paralelos.

Mas, abstendo-se da discussão acadêmica sobre todas as particularidades da crítica do conceito da religião civil, o que importa a este estudo é que:

A América continua a ser uma nação com uma **religião civil** vigorosamente estabelecida. A imaginação, a linguagem e os conceitos penetram o discurso público, aparecem em circulação e estão presentes no juramento à bandeira. Muitos cristãos enxergam a América de algum modo escolhida por Deus para cumprir Sua vontade. Os puritanos muitas vezes ligaram o novo pacto com Deus àquele de Deus com Abraão e buscaram criar a ‘Nova Israel de Deus’. Essa mistura de crença religiosa e desígnio nacional persiste até hoje. Pesquisadores revelaram que muitas crianças e adultos concordam com afirmações como ‘A América é o povo escolhido’, ‘considero feriados como o quatro de julho religioso e patriótico’ e ‘devemos respeitar a autoridade do presidente, uma vez que sua autoridade vem de Deus’. [...] aqueles que sustentam essa religião civil quase sempre crêem que o presidente tem um papel moral, profético, bem como político. Talvez por esse motivo, as pesquisas demonstram que os americanos votariam em candidatos com origem religiosa muito diferente, mas somente uma minoria votaria em um candidato sem afiliação política. [...] a religião civil proporciona uma tendência oculta de unidade sob as águas revoltas da diversidade religiosa. Contudo, o significado dessa religião civil é contestado na América, com os moderados focando no cadinho da diversidade religiosa e a Direita Cristã, por outro lado, colocando no centro a idéia de que ‘os Americanos são o povo eleito de Deus’.<sup>418</sup>

<sup>417</sup> BELLAH, R. et al. *Habits of the heart: individualism and commitment in American life*. Berkeley: University of California Press, 1985. p. 221.

<sup>418</sup> WILCOX, op. cit., p. 16. (grifo do autor)

#### 4 “DEUS ABENÇOE A TODOS VOCÊS E DEUS ABENÇOE A AMÉRICA”

Neste último capítulo trataremos de fazer a análise de elementos específicos da retórica de Bush ligados à questão da religião.

É fundamental ressaltar que o intuito da análise é demonstrar qualitativamente os recursos dos argumentos – e não quantitativamente –, ou seja, iremos exemplificar as técnicas de argumentação utilizadas por Bush que consideramos de maior relevância ao propósito desta pesquisa.

Partimos dos princípios essenciais constitutivos da argumentação que são, grosso modo, as premissas e o auditório para, posteriormente, verificar a aplicação das técnicas argumentativas empreendidas na retórica de Bush.

Entretanto, para fazer a análise, decidiu-se categorizar elementos-chave recorrentes na retórica de Bush em uma divisão denominada *pontos de captura primários* e *pontos de captura secundários*. Trata-se de um recurso instrumental pragmático criado neste estudo para facilitar a interpretação. Entende-se, por *captura*, pontos fulcrais na fala de Bush potencialmente capazes de convencer o ouvinte ao argumento do orador (*adesão*); um fenômeno que se dá por meio de um complexo processo de identificação do *auditório* (ouvinte/leitor) com a fala e/ou o orador, que se estabelece por meio de *técnicas de argumentação*, fundamentadas sob a égide de um constructo sociohistórico, sociocultural e psicológico. Nessa proposição metodológica, os *primários* são elementos paradigmáticos da cultura estadunidense, constituídos a partir da origem da nação e, portanto, de maior influência no discurso de Bush, servindo de âncora no processo de adesão, enquanto os *secundários* são elementos que atuam, por assim dizer, como subsídio e apoio ao primário, a quem se liga exercendo um papel instrumental coadjuvante.

É desse modo que elencamos os pontos de captura primários considerados alicerces da retórica de Bush para serem aplicados às técnicas de argumentação da teoria perelmaniana. Porém, ainda nesse percurso, englobaremos os pontos de captura secundários, que estão ligados aos primários, dando-lhes força e ênfase.

Por fim, chegaremos a um único *ponto de captura primário central* – a liberdade – que avaliamos como o grande mobilizador da retórica de Bush, qual atrai para si e substitui qualquer outro ponto de captura, assim como um coringa em um jogo de cartas discursivo.

## 4.1 A RETÓRICA DE BUSH

É chegada a hora de fazer a análise dos pontos de captura retirados dos excertos dos sete discursos de George W. Bush, apresentados no capítulo anterior. A partir de agora, o interesse é a análise de alguns dos elementos-chave da retórica de Bush que, como já se comentou, não será restrita meramente ao caráter religioso no sentido estrito do termo, pois o foco de pesquisa em questão também valoriza termos que tenham correlação a um sentido de religiosidade, a qual, grosso modo, passa por vezes imperceptível por aparecer de forma indireta e alheia à escuta descomprometida de uma observação mais acurada.

### 4.1.1 Três pontos de captura: o chamado, a promessa e a missão

Esses são três pontos de captura primários de grande relevância, constantemente utilizados por Bush, os quais, inclusive, reincidem em um mesmo discurso, ora isolados entre si e ora interligados. Entre eles, não se atendo à forma como surgem, estabelece-se uma correlação que segue uma linha de coerência, a qual visa enfatizar e demarcar valores atribuídos ao povo e à nação estadunidense. Contudo, não há uma distinção claramente delimitada entre os três pontos, muito por conta dessa íntima correlação existente; assim, eles se confundem, isto é, uma vez que qualquer um deles é enunciado, os outros, imediatamente a este, ficam interconectados, como se cada um pudesse substituir os outros.

Como já vimos, no decorrer do processo histórico dos EUA, construiu-se a idéia fundante da existência de um chamado àquele povo para chegar até as terras do Novo Mundo, onde seria erguida uma nação acima da colina sob o olhar de todos. A lógica mais coerente é que daí decorra a promessa e, conseqüentemente, a missão. A força da imagem do chamado – que envolve a promessa e a missão –, ecoada geração após geração desde a fundação, não haveria perdurado até os dias de hoje caso não viesse acompanhada de uma carga emocional de grande potencial e poder identitário; por essa razão, de história virou mito, tornando-se, indubitavelmente, uma referência identitária positiva que conseguiu penetrar toda a nação. Reconhecemos que a palavra “toda” é deveras forte e incômoda; mas, o que pretendemos com isso é simplesmente indicar que, caso supuséssemos que haja quem não se identifique com ela (acreditamos nisso), raro será que hipotético indivíduo se oponha ou tenha para si tal imagem como elemento negativo, mesmo que seja crítico a ela, haja vista que essa é uma das imagens primárias que fizeram parte da construção social da nação dos EUA, a qual coadunou valores e se transformou em ícone referencial de garra, determinação, persistência, coragem, entre outras qualidades. Ao mesmo tempo, em virtude da peculiaridade de uma ética evangélica

dualista, a imagem do chamado sempre esteve na companhia de sentimentos opostos, como a dor, a fome e a doença, atributos, portanto, de provação e sacrifício. É uma imagem que do coletivo passou ao individual, do macro ao micro, moldando o caráter e norteando os valores morais de um conjunto de indivíduos que ali se nutriam e fortaleciam lenta e gradualmente. Seguindo essa linha Berger e Luckmann nos dizem o seguinte:

A formação do eu deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, no qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos. Os pressupostos genéticos do eu são, está claro, dados no nascimento. Mas o eu tal como é experimentado mais tarde como uma identidade subjetiva e objetivamente reconhecível, não é. Os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo produzem o eu em sua forma particular, culturalmente relativa.<sup>419</sup>

Dessa forma, considerando o chamado, a promessa e a missão como três premissas notadamente atreladas ao argumento de Bush, de extrema importância e forte impacto de adesão, procurou-se, no quadro abaixo, dividir esses três pontos de captura conforme suas respectivas premissas, para depois prosseguir em análise:

<b>Chamado</b>	<b>Promessa</b>	<b>Missão</b>
Deve ser vivido porque evolui a todos.	Compromete-se em levar a nação até o fim da vida por meio da civilidade, da compaixão e do caráter.	Tem como função de um país abençoado, tornar o mundo melhor.
Decreta a promessa na vida e na lei.	→ (de que) todos têm seu lugar e sua chance.	Criou a nação.
Desempenha um papel exclusivo nos eventos humanos.	É feita nas ruínas das torres, sob a bandeira do pentágono, no funeral, aos EUA e ao mundo. É sagrada e renovada	É peculiar dos EUA e tem origem nas crenças mais básicas.
Defende e se responsabiliza pela segurança do povo dos EUA e pela esperança de toda a humanidade.	Não descansa até fazer justiça e dar segurança à nação.	Foi criada pelos ideais que promovem o imperativo da autonomia (liberdade), de que ninguém deve ser senhor, nem escravo.
Realiza grandes feitos e pequenas coisas com amor.	Não permite o triunfo da violência nos assuntos do homem; é feita para que as pessoas livres determinem o curso da história seja qual for a duração da luta e a dificuldade encontrada.	É o feito meritório dos antepassados dos EUA.
Tem origem na história, que, por isso, convoca os EUA e a geração atual.	Compromete-se com a segurança do país e em derrotar os inimigos.	Atualmente é a necessidade inadiável da segurança da nação (EUA).
Tem responsabilidade e privilégio de travar a batalha da liberdade.	É feita por um (presidente) e cumprida por muitos.	É o chamado na época atual →
É especial: conduzirá a causa da liberdade.	É determinação dos EUA mostrar o significado e a (promessa) de liberdade ao mundo.	A missão continua, pois existe uma causa maior do que o país. É a causa da dignidade humana e da liberdade guiada pela consciência e garantida pela paz

<sup>419</sup> BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 73.

A partir da separação dos três itens anteriores, podemos observar certos atributos que os colocam em patamar de igualdade, valores comuns a todos que os unem a um mesmo princípio ou ideal, como se os três fossem apenas um.

- a) Provêm de Deus: o chamado é especial (por advir de Deus), a promessa é sagrada e renovada e a missão vincula-se à benção.
- b) Eles atingem e permeiam a todos os cidadãos: o chamado envolve a todos, a promessa leva a nação até o fim da vida e a missão é peculiar dos EUA.
- c) Ligam-se à liberdade: o chamado conduzirá a causa da liberdade, a promessa e o significado de liberdade que os EUA devem mostrar ao mundo e a missão que criou os EUA pelos ideais que promovem o princípio de autonomia (liberdade).

Portanto, esses são argumentos que formam premissas que tomam como partida a pressuposição de certos acordos do auditório, os quais são fundamentados e construídos sobre pontos pacíficos entre todos, pois assim o grau de adesão é praticamente garantido. São ainda premissas que se encaixam tanto ao aspecto *real* – por exemplo, ao ligar esses três pontos de captura primários ao fato histórico –, como ao *preferível* que atinge a crença dos EUA serem uma nação abençoada por Deus, que respondeu a um chamado, o qual incluía a promessa de cumprir uma missão.

Deve-se também considerar que Bush penetra os dois principais auditórios, pois, enquanto as premissas que se prevalecem do acordo pela categoria do real dirigem-se ao auditório universal, as relativas ao preferível almejam o auditório particular.

#### **4.1.2 O auditório**

Em primeiro lugar, nota-se que Bush consegue contemplar tanto o auditório universal quanto o particular. Para citar poucos exemplos, torna-se universal quando se observa que “o chamado envolve a todos”; ou “tem origem na história”; ou à medida que enuncia a “promessa da liberdade”; ou ao afirmar que o país está fadado a “uma missão por ser um país abençoado”, o que é “peculiar aos EUA e originário nas crenças básicas”. Essas são premissas que se fazem valer da aceitação de todos, pois são culturalmente concebidas por toda a nação.

No tocante ao auditório particular, sua oratória vale-se daquilo que é particular a todos os estadunidenses no momento; no caso, o 11 de setembro é um instrumento ideal a ser utilizado a esse propósito. O argumento de Bush vai ao encontro da fragilidade e do abalo psicológico traumático da experiência do povo. Não era preciso ser muito sensível para saber pelo que os cidadãos passavam, o que desejavam e queriam ouvir; parece natural que um país recentemente atacado queira sentir-se seguro e, por isso, facilmente persuadido e aderente às

idéias, como: “chamados para defender a segurança do nosso povo e as esperanças de toda a humanidade”; “a promessa feita nas ruínas... na bandeira do pentágono... no funeral”, “não permitiremos o triunfo da violência... .”

Deve-se levar em conta que todos os argumentos giram em torno do que Perelman afirmou sobre as condições psíquicas e sociais necessárias para a argumentação ter validade.

Finalmente, tendo consideradas as partes essenciais dos argumentos, é hora de iniciar a aplicação dos argumentos.

#### 4.1.3 Aplicação dos argumentos quase-lógicos

a) os argumentos de comparação e de sacrifício

Desde que Bush indicou a composição do “eixo do mal” e, naturalmente, por contraposição, posicionou seu país do lado oposto, quer dizer, como representante do Bem, seus discursos começaram a ser permeados por tais termos maniqueístas facilmente inteligíveis e bem receptivos aos ouvidos de um auditório praticamente consolidado sobre pilares erigidos em cima de um solo de ética protestante, haja vista que em entrevista recente feita nos EUA, dos 86,2% adultos que se declaram cristãos, 53% dizem-se protestantes.<sup>420</sup>

Assim, Bush lança uma série de argumentos de comparação por oposição, valendo-se de premissas de acordo de forte adesão, fundamentadas em valores arraigados e pertinentes a uma ética protestante em que o bem (eles) deve prevalecer sobre o mal (terroristas) e, portanto, faz-se necessário extirpá-lo do mundo a qualquer preço.

A grande estréia do mal se dá na noite de 11 de setembro, o qual, contracenando com os EUA, no papel do bem, volta em cena sucessivamente: “Hoje, nossa nação viu o mal, o pior lado da natureza humana, e nós respondemos com o melhor da América, com a coragem dos nossos socorristas [sic], com a preocupação de estranhos e vizinhos que doaram sangue e ajudaram como puderam”. Desse modo, abriu-se caminho para que o “eixo do mal” fosse apresentado e continuasse a surgir em outros discursos posteriores:

Nenhum de nós jamais desejaria o mal que foi praticado em 11 de setembro. No entanto, depois que os EUA foram atacados, foi como se todo o país se olhasse no espelho e enxergasse o melhor de si mesmo. // Com a força conjunta de milhões de atos de ajuda, decência e bondade, sei que poderemos suplantar o mal com um bem maior. // As qualidades de coragem e compaixão pelas quais lutamos nos Estados Unidos também determinam

---

<sup>420</sup> Cf. PEW RESEARCH CENTER FOR THE PEOPLE & THE PRESS. *Americans struggle with religion's role at home and abroad*. Disponível em: <<http://people-press.org/reports/print.php3?PageID=390>>. Acesso em: 16 jan. 06.

nossa conduta no exterior. A bandeira dos Estados Unidos representa mais que nosso poder e nossos interesses. Nossos fundadores consagraram este país à causa da dignidade humana, aos direitos de cada pessoa e às possibilidades de cada vida. Esta convicção nos leva ao mundo para ajudar os aflitos, defender a paz e alterar os desígnios dos homens maus. // E este país está liderando o mundo para enfrentar e derrotar o mal criado pelo homem, o terrorismo internacional. // Vocês viram que a vida é frágil, e o mal é real, e a coragem triunfa. Escolham servir a uma causa maior que seus desejos, maior que vocês mesmos – e em sua vida vocês contribuirão não apenas para a riqueza de nosso país, mas para seu caráter.<sup>421</sup>

Bush ainda utiliza o enredo do 11 de setembro para fundamentar outro tipo de retórica: os argumentos de sacrifício, que se pulverizaram em identificações a vários setores da sociedade e, naturalmente, à imagem da própria nação:

Por tempo demasiado longo nossa cultura apregoava, ‘Se lhe dá prazer, faça’. Agora os EUA estão adotando uma nova ética e um novo credo: ‘Vamos começar a agir’. No sacrifício dos soldados, na solidariedade ardente dos bombeiros e na bravura e generosidade dos cidadãos comuns, nós vislumbramos a forma de uma nova cultura de responsabilidade. Queremos ser uma nação a serviço de propósitos maiores do que ela própria. Foi-nos oferecida uma oportunidade ímpar e não devemos deixar que esse momento passe. // E todas as nações devem saber: os EUA farão o que for necessário para garantir a segurança de nossa nação. // [...] embora o preço da liberdade e da segurança seja alto, nunca é alto demais. Pagaremos para defender nosso país, custe o quanto custar. // [...] fizemos uma promessa sagrada a nós mesmos e ao mundo: não descansaremos até que a justiça seja feita e nossa nação esteja segura. O que nossos inimigos começaram, nós vamos terminar. // Qualquer que seja a ação exigida, quando qualquer ação for necessária, defenderei a liberdade e a segurança do povo norte-americano. // Esta noite, tenho uma mensagem para os homens e mulheres que vão manter a paz, membros das Forças Armadas dos EUA [...] o sucesso de nossa causa dependerá de vocês. Seu treinamento os preparou. Sua honra os guiará. Vocês acreditam nos Estados Unidos, e os Estados Unidos acreditam em vocês. Enviar norte-americanos ao campo de batalha é a decisão mais extrema que um presidente pode tomar. As tecnologias de guerra mudaram; os riscos e o sofrimento da guerra, não. Para os corajosos norte-americanos que correm o risco, nenhuma vitória está livre de dor. Esta nação entra na luta com relutância, porque conhecemos seu custo e tememos os dias de luto que sempre chegam. [...] Os Estados Unidos são uma nação forte e honesta no uso de nossa força. Exercemos o poder sem conquistas e nos sacrificamos pela liberdade de estranhos. // Quando nossos fundadores declararam uma nova ordem dos tempos, quando soldados deram a própria vida em ondas incessantes por uma união calcada na liberdade, quando cidadãos marcharam em manifestação pacífica sob o estandarte ‘Liberdade já’ – eles agiam movidos por uma antiga esperança de que a alcançariam.

---

<sup>421</sup> Esta citação – bem como as subseqüentes – apresenta passagens de diferentes discursos de Bush compreendidos no objeto deste estudo. Para separá-las, adotamos o símbolo: //. Doravante, tanto esta quanto todas as citações seguintes referentes ao discurso de Bush não acompanham as respectivas fontes, pois já foram anteriormente citadas e também se encontram anexas.



b) os argumentos de transitividade

Ao aplicar os argumentos de transitividade ao discurso de Bush, sem perder o foco das premissas do quadro anterior (chamado, promessa e missão), podemos verificar que junto da passagem de relação dos termos à conclusão há também uma transferência de acordo.

Observemos as seguintes conclusões pertencentes ao argumento de Bush:

A liberdade que prezamos não é um presente dos Estados Unidos para o mundo, é um presente de Deus para a humanidade. // [...] os norte-americanos por escolha ou nascimento, estão interligados na causa da liberdade. // Se nosso país não liderar a causa da liberdade, ela não será liderada. Devemos viver de acordo ao chamado que nos envolve.

Para chegar em tais conclusões, a retórica de Bush utiliza o meio da transitividade, que ocorre da seguinte maneira: Os EUA existem porque os *Pilgrim Fathers* cumpriram uma *missão* (atendiam a um *chamado*) – um *fato* comprovado pela *história*. No cerne dessa *missão* reside a *liberdade* – o motivo central de tal desígnio. Porém, por que isso aconteceu? Porque os EUA são um país abençoado, isto é, foi Deus que os colocaram nesse caminho, foi Deus que os convocaram, foi Deus que imputou tal desígnio. Ora, se a *liberdade* é um presente de Deus para a humanidade, e se os EUA são detentores de um lugar especial no mundo em virtude de sua origem estar vinculada à *liberdade*, o resultado é a legitimidade da incumbência dos EUA levarem a *liberdade* – presente proveniente de Deus, algo incontestado – a todo o mundo.

Perelman postula que, assim como é possível, em um argumento, digamos, transferir valores, o mesmo pode acontecer em relação a um acordo, pois não é raro que *fatos* e *verdades* como – por exemplo, teorias científicas e verdades religiosas – sejam utilizados como objetos de acordo distintos, mas entre os quais existem vínculos que admitem a transferência do acordo que se estabelece por uma relação equacionada: “a certeza do fato A, combinado com a crença no sistema S, acarreta a certeza do fato B, o que significa que admitir o fato A, mais a teoria S, equivale a admitir B.”<sup>422</sup>

Apliquemos à retórica de Bush:

Fato A: “a *missão* é feito meritório dos antepassados [*Pilgrim Fathers*] fundamentado pela *história*” e embasada no “imperativo da autonomia [*liberdade*]”

Sistema S: (A crença religiosa/verdade): “a *liberdade* é um presente de *Deus* para a humanidade”, um valor “correto, verdadeiro e imutável para todas as pessoas em toda parte”. “Os EUA foram criados pela *missão*”, isso “porque são *abençoados*”; daí decorre a “origem

<sup>422</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 78.

[da *missão*] em crenças básicas” e o lugar especial dos EUA no mundo por possuírem a particularidade de serem detentores da *missão*, que fica clara, por exemplo, no seguinte recado: “Os inimigos da *liberdade* e de nosso país não devem se equivocar: A América continua comprometida no mundo pela história e por escolha, dando forma a um equilíbrio de poder que favorece a *liberdade*”.

Fato B: “Os EUA são servos da *liberdade*” e o “farol mais brilhante da *liberdade*”, cuja “responsabilidade” e “privilégio” levam a serem “chamados” para levar a *liberdade* ao mundo, pois caso “não liderem a causa da *liberdade*, ela não será liderada”. Afinal, foram “convocados pela história”. “A história tem um fluxo e refluxo de justiça, mas a história também tem uma direção visível, determinada pela *liberdade* e pelo *criador da liberdade*.” E “*Deus* amoroso está por trás de tudo na *história*”

Evidencia-se, na análise dos três itens anteriores, a transferência do acordo, que de fato (o vínculo da missão pela história – antepassados) passa a verdade, isto é, uma premissa de acordo admitida entre os estadunidenses (o vínculo da missão como comprometimento histórico por escolha – vontade divina).

A partir dessa observação, constata-se também o emprego da técnica dos argumentos de transitividade que empreende a seguinte relação:

missão: fato histórico – liberdade	//	Deus	//	liberdade – missão: chamado histórico
A		B	↔	B
				C

No esquema, a transitividade da relação entre as afirmações é estabelecida conforme apresentado a seguir: a *missão* – um feito dos antepassados [*Pilgrim Fathers*] – é um fato pertinente à *história dos EUA*, originário fundamentalmente por busca de *liberdade*. Considerando que a *liberdade* é um presente de *Deus* e, ainda, que os EUA foram criados pela *missão* porque são *abençoados*, tem-se como conclusão que os EUA, servos da *liberdade*, foram *chamados* para levar a *liberdade* ao mundo, pois adquiriram essa *missão*, por *comprometimento histórico*, avalizado por *Deus*, o qual lhes atribuiu um lugar especial no mundo.

É possível ainda analisar o esquema anterior sob a perspectiva dos pontos de captura. Vejamos:

(Cp)	(Cs)	(Cpc)	(Cpc)	(Cp)	(Cp)
missão: fato histórico - liberdade // Deus // liberdade – missão: chamado histórico					

Nesse caso, um ponto de captura primário (Cp) reforçado por um secundário (Cs) une-se na transferência para agregar valor a um outro primário central (Cpc), isto é, o ponto-chave do discurso de Bush: a liberdade – um ponto que retornará à discussão mais adiante –, que está igualmente ligada, desta vez por dois *pontos de captura primários*.<sup>423</sup>

#### 4.1.4 Aplicação dos argumentos baseados na estrutura do real

Em primeiro lugar o que salta à vista é a relação existente entre a religião civil sob o aspecto do nacionalismo religioso e o argumento de autoridade. Ambos dizem respeito à autoridade depositada na figura do presidente, que, como já discutimos, carrega o peso histórico da tradição que começa com os *Pilgrim Fathers*, os quais passaram o bastão aos *Founding Fathers* e, finalmente, deixaram-no a cargo da figura do presidente da nação; aliás, não à toa, os primeiros presidentes foram os próprios fundadores, fato que fez Junqueira chamá-los de “heróis” e conjunto do “panteão sagrado”<sup>424</sup> dos fundadores da nação. São, respectivamente: George Washington (1789-97), John Q. Adams (1797-1801), Thomas Jefferson (1801-09) e James Madison (1809-17). É, portanto, mais uma estrutura que de história ganha força mítica.

Para fazer a análise do argumento de autoridade, iremos recorrer apenas ao discurso de posse, pelos seguintes motivos:

- d) Por considerá-lo um discurso deveras importante no sentido de autoridade propriamente dito, isto é, pelo costume do discurso de posse gerar uma boa expectativa nos cidadãos que anseiam por ouvir os rumos oficiais da nação, quer seja pela exposição da autoridade oficial do presidente a ser declarada pela primeira vez, ou mais importante ainda, ao considerar o papel que o presidente dos EUA representa à nação;
- e) Por acreditar que Bush daria uma resposta retórica fundamentada em argumentos de autoridade, em função de todo embate e da grande confusão política gerada no processo eleitoral entre Gore e Bush antes de conquistado o definitivo direito de posse.

<sup>423</sup> A representação do esquema está baseada na divisão das cores: primárias (amarelo, vermelho e azul) e secundárias (laranja, verde e violeta)

<sup>424</sup> Cf. JUNQUEIRA, *Estados Unidos...*, p. 28-30.

Em face disso, podemos notar que Bush já demarca a autoridade, na abertura de sua primeira posse, utilizando o argumento de autoridade: “a transferência pacífica de autoridade é rara na história, porém comum em nosso país. Com um simples juramento, nós ratificamos antigas tradições e estabelecemos novos começos”. E, em seguida, em cima do mesmo argumento, fala de seu compromisso solene: “É esse meu compromisso solene: trabalharei para construir uma única nação de justiça e oportunidade. Sei que isso está ao nosso alcance porque somos guiados por uma força maior do que nós próprios que nos criou a Sua imagem.”

Ao final do discurso, Bush, vale-se de uma passagem que inclui um *Founding Father* de peso, que, junto a uma mensagem bíblica, fecha, com chave de ouro, sua fala:

Após a assinatura da Declaração da Independência, o estadista John Page escreveu a Thomas Jefferson: ‘Sabe-se que a contenda não é dos céleres, nem a luta dos fortes. Achais que um anjo cavalga o redemoinho e comanda essa tempestade?’

Esse trabalho continua. Essa história continua. E um anjo ainda anda no furacão e direciona a tempestade. Deus abençoe vocês todos, e Deus abençoe a América.

Bush utiliza-se claramente do argumento de autoridade em dois momentos chaves, ao abrir e fechar o discurso, sendo que, próximo de terminar, faz uso da imagem simbólica memorável de Thomas Jefferson – autor da declaração da independência e terceiro presidente dos EUA, um homem ícone aos cidadãos estadunidenses – ao vincular a antiga história a si, isto é, à situação atual. Bush também se vale de argumentos de comparação, deixando clara a distinção dos EUA perante o resto do mundo, colocando todas as nações restantes na posição de ‘raros’ quanto ao status de pacificidade democrática, que, por outro lado, é algo para eles comum.

Sob a teoria da religião civil, há o aspecto do nacionalismo religioso que também engloba a glorificação dos heróis da nação e a sacralização dos propósitos nacionais que, nesse caso, está intrinsecamente relacionado ao argumento que utiliza a ligação simbólica como instrumento de adesão. Ambos operam no mesmo sentido, pois se envolvem pelas emoções emanadas dos símbolos que se afiguram no imaginário coletivo.

Por esse enfoque, encontramos invariavelmente, nos discursos de Bush, ora pontos de captura primários – na figura do herói ou dos fundadores, pais da nação –, ora pontos de captura secundários – como a bandeira e a exaltação da nação como imperativo ufanista.

Vejamos primeiramente exemplos de pontos de captura secundários: “Nas ruínas das duas torres, sob uma bandeira estendida no Pentágono, nos funerais de muitos, fizemos uma promessa sagrada.” Ou em “A bandeira dos Estados Unidos representa mais que nosso poder

e nossos interesses.” Não somente a bandeira, mas as torres e, em consequência dos ataques, até mesmo o Pentágono e a imagem do funeral são passíveis de serem úteis pontos de captura secundários e bons argumentos que resgatam o nacionalismo do povo em estímulo ao combate.

Já os elementos primários como os Pais Fundadores e heróis estiveram muito presentes e foram bastante enfatizados. A imagem do herói foi utilizada na imagem e ato heróico dos passageiros do avião, do auxílio incansável dos cidadãos comuns, do povo solidário às vítimas e, especialmente, dos bombeiros, policiais e soldados. Foi recorrente hábito de Bush trazer pessoas “comuns” aos seus discursos, a quem se dirigia com cumprimentos, e logo os tornavam exemplos à nação. Às vezes era uma esposa de um soldado morto em combate, outras vezes soldados resgatados ou comissários de bordo, cidadãos comuns que se livraram das drogas. Sem esquecer também de discursos não oficiais – mas que foram, naturalmente, momentos de evidência na mídia –, por meio dos quais, por exemplo, de megafone em mãos, tentava, sem êxito, comunicar-se com bombeiros à distância nos escombros das torres gêmeas (lugar simbólico). À medida que os bombeiros responderam, aos gritos, que não conseguiam ouvir o presidente, ele replicou: “eu consigo ouvi-los, o mundo inteiro consegue ouvi-los, e logo os *evildoers* também vão ouvir falar de nós”<sup>425</sup>

Vejamos outros exemplos dos argumentos baseados na estrutura do real de ligação simbólica em cima da figura do herói e dos Pais Fundadores:

Nossos fundadores consagraram este país à causa da dignidade humana, aos direitos de cada pessoa e às possibilidades de cada vida [...] // Shannon, garanto a você e a todos os que perderam uma pessoa amada: nossa causa é justa e nosso país nunca se esquecerá da dívida que temos com Michael e com todos os que deram a vida pela liberdade // O povo norte-americano respondeu de forma magnífica, com coragem e compaixão, força e obstinação. Quando me encontrei com os heróis, abracei as famílias e olhei os rostos cansados dos que trabalhavam no resgate, eu tive grande respeito pelo povo norte-americano // O povo norte-americano respondeu de forma magnífica, com coragem e compaixão, força e obstinação. Quando me encontrei com os heróis, abracei as famílias e olhei os rostos cansados dos que trabalhavam no resgate, eu tive grande respeito pelo povo norte-americano // Alguns dias antes do Natal, um comissário de bordo de uma linha aérea flagrou um passageiro acendendo um fósforo. A tripulação e os passageiros rapidamente subjugaram o homem, que havia sido treinado pela Al-Qaeda e estava armado com explosivos. As pessoas naquele avião

---

<sup>425</sup> Foi um diálogo divulgado por toda mídia. A palavra *evildoer* foi deixada assim porque não tem uma tradução tão boa quanto sua representação em inglês, que por definição é: “aqueles que fazem o mal”. Cf. THE WHITE HOUSE. *President receives World Trade Center bullhorn*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/02/20020225-4.html>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

estavam alertas, e o resultado foi terem salvado, possivelmente, quase 200 vidas. E nesta noite damos as boas-vindas e agradecemos aos comissários Hermis Moutardier e Christina Jones. (Aplausos.) // Elevaremos os recursos destinados aos estados e comunidades para treinamento e aparelhamento de nossa heróica polícia e corpo de bombeiros. (Aplausos.) No sacrifício dos soldados, na solidariedade ardente dos bombeiros e na bravura e generosidade dos cidadãos comuns, nós vislumbramos a forma de uma nova cultura de responsabilidade.

Corroborando com a força do argumento da ligação simbólica da figura dos Pais Fundadores e do herói, há a teoria junguiana desenvolvida sobre a concepção dos arquétipos. Dentre as imagens arquetípicas postuladas por Jung, há o arquétipo do pai e o arquétipo do herói.

Jung escreveu sobre a importância do pai no desenvolvimento da criança, o qual é preponderante na formação e personalidade dos indivíduos, quer seja pelo pai concreto como essência masculina, ou como a representação da figura paterna expressa no coletivo. É comum a teoria da psicologia, por exemplo, discorrer sobre o papel fálico do pai como o agente que organiza, dá o limite, a disciplina e a castração. No entanto, deve ser esclarecido que a imagem arquetípica, dependendo da dinâmica individual estabelecida, pode tanto ser positiva, quando internalizamos uma imagem paterna adequadamente provedora e acolhedora, entre outras possibilidades, quanto, pelo inverso, ser negativa, por exemplo, diante de um pai ausente ou pai austero. Todavia, tal qual explicamos anteriormente, o arquétipo, como representação imagética que é, não se restringe a uma representação concreta estabelecida na dinâmica pai/filho, pois é igualmente possível construir a imagem paterna, via simbolização, por meio de vivências fora do convívio familiar, por exemplo, no seio da sociedade, quando somos introduzidos aos conceitos de leis próprios de nossa cultura, via relações de poder, do mundo do trabalho e, naturalmente, pela imagem de nossos professores, patrões, governantes, entre outros.

Não diferente acontece com o arquétipo do herói, que, exaustivamente repetido nos mitos, sem dúvida varia em detalhe de cultura a cultura, mas mantém a mesma estrutura referencial: o herói tem nascimento humilde, mas milagroso; ocorrem provas de sua força sobre-humana precoce; tem ascensão rápida ao poder e à notoriedade; suas lutas são triunfantes contra as forças do mal; porém, acontece sua falibilidade ante a tentação do orgulho (*hybris*) e seu consecutivo declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício heróico, onde sempre morre.

A função essencial e específica do mito heróico é desenvolver no indivíduo a consciência do ego, a fim de reconhecer as próprias forças e fraquezas. A partir do momento em que o indivíduo entra na fase de maturidade, o mito do herói perde a relevância. A morte simbólica do herói assinala a conquista de sua maturidade.

Em cada fase de seu ciclo total, de seu nascimento até a sua morte, a história do herói toma formas particulares que se aplicam a determinado ponto alcançado pelo indivíduo no desenvolvimento da sua consciência do ego. Isto é, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana. A importância da representação simbólica do herói na contemporaneidade pode ser representada pelas ações que nos movem a empreender realizações difíceis, que não faríamos sem uma dose daquilo que já internalizamos da imagem arquetípica do herói; um exemplo, pertinente e sagaz ao momento, poderia ser atribuído ao trabalho de uma tese de mestrado ou doutorado em uma sociedade em que é necessário conciliar trabalho, família e outras obrigações a tal esforço.

Assim, as imagens contadas ao longo da história, tais como as dos Pais Fundadores – que, a um só tempo, foram pais, heróis, presidentes, legisladores, entre tantos outros atributos –, constitui uma imagem deveras forte e substancial aos cidadãos estadunidenses. Basta olharmos a produção “hollywoodiana” sobre os heróis, bem como os dias de colônia, para visualizarmos com atenção o que essas imagens representam.

#### **4.1.5 Aplicação dos argumentos que fundamentam a estrutura do real**

Esse é outro recurso de argumento que Bush utiliza correntemente em seus discursos; diga-se, de passagem, que o argumento baseado no Ser perfeito como modelo vem consubstanciar muito do que foi discutido na seção prévia, com a diferença que, neste caso, além daquelas imagens míticas, há a inclusão de Deus como ponto de captura primário que vincula a Si, pelo argumento, uma série de pontos de captura secundários. Vamos pegar exemplos de Bush para, então, avançar com a análise:

Não podemos saber de tudo o que está adiante. Mesmo que saibamos que Deus nos tenha colocado juntos neste momento para chorarmos juntos, permanecer juntos, servirmos uns aos outros e ao nosso país. E a tarefa que nos foi dada, defender os Estados Unidos e nossa liberdade, também é um privilégio que dividimos. Estamos preparados para este desafio. E nossa prece nesta noite é que Deus nos guarde e nos mantenha dignos. Amanhã é 12 de setembro. Um marco se passou, e uma missão continua. // A liberdade que prezamos não é um presente dos Estados Unidos para o mundo, é um presente de Deus para a humanidade. (Aplausos.) Nós dos Estados Unidos temos fé em nós mesmos, mas não apenas em nós mesmos. Não conhecemos – nem alegamos conhecer todos os caminhos da Providência, embora

possamos neles confiar, colocando nossa confiança no Deus amoroso que está por trás de tudo na vida e na história. Que Ele nos guie agora. E que Deus continue a abençoar os Estados Unidos da América. (Aplausos.) // Acredito que Deus plantou em cada coração humano o desejo de viver em liberdade. E mesmo quando esse desejo é esmagado por décadas de tirania, ele surgirá novamente. // Nós avançamos com plena confiança no triunfo final da liberdade. Não porque a história caminhe nas rodas da inevitabilidade; são as escolhas humanas que movem os acontecimentos. Não porque nos consideremos uma nação escolhida; Deus move e escolhe conforme sua vontade. Temos confiança porque a liberdade é a esperança permanente da raça humana, a luz na escuridão, a aspiração do espírito.

Muitos desses discursos já foram vistos em outros momentos, mas aqui é relevante notar como Bush estabelece sua retórica argumentativa em cima de Deus, utilizando o argumento do Ser supremo. É possível observar que o presidente utiliza Deus como um dos principais pontos de captura primário, cuja imagem é deveras significativa na história dos EUA; ademais, alia pontos de captura secundários como o espírito de compaixão mútua e a dualidade dos símbolos da luz e da escuridão que suscita a lembrança do bem e do mal.

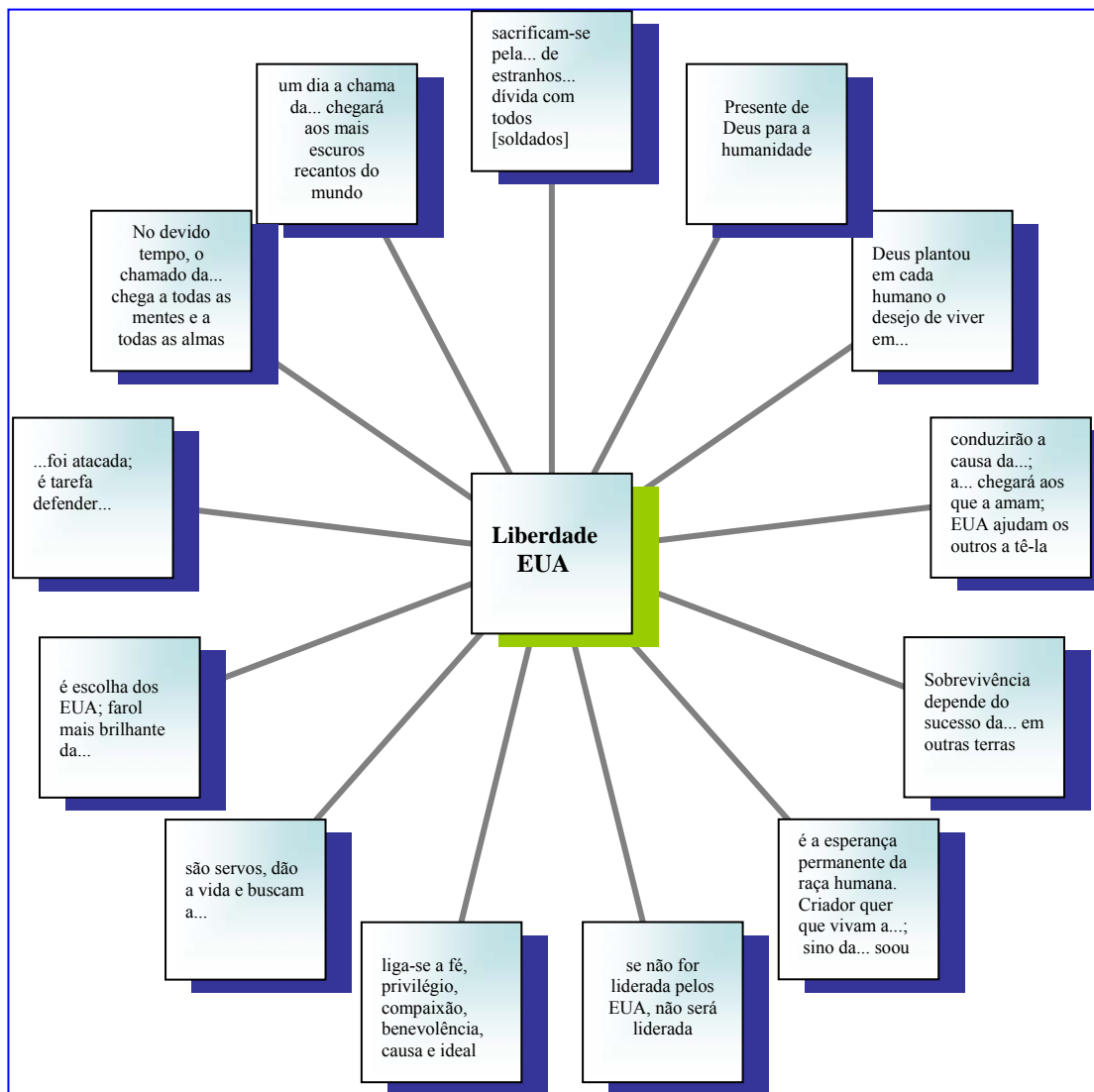
No entanto, há uma questão crucial que se destaca nesse último bloco, e que surge também inúmeras vezes em todos os outros discursos, muito mais do que qualquer outra aceção, que é a liberdade. Entre os sete discursos do objeto, há quase 100 menções diretas da palavra liberdade, sendo que ela tem a particularidade de se ligar a todos os pontos de captura primários analisados até aqui e a outros não mencionados. Igualmente acontece com os pontos de captura secundários; alguns, inclusive, que nem sequer foram aqui mencionados, mas denotam a mesma importância em virtude da eficácia quanto seu poder de adesão, a saber: a família, a oração, a fé, o sacrifício, a compaixão, o amor ao próximo, entre outros.

Entretanto, é a liberdade que ganha notoriedade, agindo como se fosse um curinga camaleônico que tem a capacidade de se mesclar a todas outras palavras, cuja habilidade mutante e adaptativa surpreende. Acreditamos que esse elemento é central e substituto de todos os outros pontos de captura, tal qual a força de um ímã, que puxa e repele para si o que, convém ao seu campo magnético. Assim, falar de Deus e de liberdade produz o mesmo efeito ao ouvinte; falar de chamado, escolha, povo eleito e qualquer outro ponto de captura primário junto ao termo liberdade, surte outro efeito de adesão. A democracia dos Estados Unidos, em última instância, é a democracia da fé. Nem tanto pelo que Deus representa enquanto fenômeno de sentido religioso, mas, antes, pelo que representa em questão de conduta e norte moral.



#### 4.1.6 As diversas facetas da liberdade

O quadro abaixo representa os vários pontos de capturas primários e secundários atrelados à palavra central da liberdade:



A partir desse esquema é possível notar o que foi comentado sobre a onipresença, por assim dizer, da palavra liberdade, visto que se observa a união do termo com todos os tipos de argumentos até aqui mencionados.

Se apenas lembrarmos, a título de exemplo, do paralelo feito sobre os argumentos quase-lógicos (transitividade) – missão: fato histórico – liberdade // Deus // liberdade – missão: chamado histórico –, então, verificaremos que, assim como nessa relação, a liberdade também se liga a esse grupo de tipologia por outros diversos modos, formando assim uma relação que constitui a base das características dos argumentos quase-lógicos, ou seja,

pretende “certa força de convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos”<sup>426</sup>, havendo proporcionalidade ou não entre eles.

Nessa linha, por vezes, Bush emite *argumentos por divisão* propostos por uma espécie de *dilema*, que é uma forma de argumento que fornece duas hipóteses, mas que acabam levando ao mesmo lugar – “Se nosso país não liderar a causa da liberdade, ela não será liderada”. Outras vezes *compara* por metáforas – a “fé americana na liberdade e na democracia era uma rocha em meio a um mar revolto. Agora é uma semente ao vento, fincando raízes em muitas nações” –; aplica reciprocidade – “A história tem um fluxo e refluxo de justiça, mas a história também tem uma direção visível, determinada pela liberdade e pelo criador da liberdade” –; também utiliza os argumentos de sacrifício – “[...] sacrificamos pela liberdade de estranhos” // “uma história de uma sociedade escravocrata que se tornou serva da liberdade” // dívida que temos... com todos os que deram a vida pela liberdade” –, entre tantos outros.

Não é diferente com os argumentos baseados na estrutura do real, pois a liberdade também se vale do princípio fundamental dessa estrutura argumentativa que visa promover a solidariedade a partir de juízos admitidos. É o caso, para citar poucos exemplos, dos *argumentos de autoridade* – “A história convocou os Estados Unidos e seus aliados a agirem, e é nossa responsabilidade, assim como um privilégio, travar a batalha da liberdade”. Ou da frase polivalente – “Saibam os governantes de regimes proscritos que, como Abraham Lincoln, ainda acreditamos: ‘Aqueles que negam a liberdade aos outros não a merecem; e, sob o governo de um Deus justo, não mais conseguirão detê-la’” –, que consegue encaixar-se em pelo menos quatro tipos de argumentos. Primeiro, por meio da figura de Abraham Lincoln, evidenciam-se três possibilidades: *a interação entre o ato e a pessoa*, que liga o teor substancial da frase ao famoso e idolatrado presidente, pelo *argumento de autoridade* – que Lincoln sustenta – que, por sua vez, não deixa de ser uma *ligação simbólica* pelo mesmo motivo.

E, por último, para apenas dar um único exemplo de outro grupo de tipologia dos argumentos que fundamentam a estrutura do real, temos a classe do *fundamento pelo caso particular*. Neste grupo, há dois tipos de argumentos também sendo utilizados: um primeiro faz da figura de Lincoln um *modelo* – ou um argumento de –; já um segundo, *o Ser perfeito como modelo*, usa Deus como *modelo*, que, no caso, incumbe o governo dos EUA a “conduzir o mundo à liberdade”, mesmo que seja por meio da guerra.

---

<sup>426</sup> PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, p. 219.

Sobre outro aspecto, ainda podemos usar o esquema para exemplificar um ponto de fusão entre a teoria de Perelman com algumas das interpretações do conceito da religião civil e do conceito de arquétipo de Jung. Para isso, utilizaremos apenas um dos principais pontos de captura primários – o chamado – que está intrinsecamente relacionado à liberdade, para fazer a ligação. A importância do vínculo do chamado–liberdade é crucial, pois foi em virtude do chamado de Deus que os Pais Fundadores criaram os EUA e conquistaram a tão desejada liberdade dos EUA e, por isso, valorizam-na tanto, possuindo a responsabilidade de levá-la ao mundo.

À luz da teoria de Perelman, o chamado é uma premissa de acordo e, ao mesmo tempo, um elemento ligado ao arquétipo do pai (*Founding Fathers*). Outro ponto de coesão dessas duas teorias é o fato de a liberdade vincular-se a Deus, o que, entre outras coisas, constitui para a teoria perelmaniana uma transferência inserida em uma relação lógica de argumento. Na teoria junguiana, o arquétipo central, denominado *self*, pode também ser simbolizado por Deus, pelo motivo de o *self* ter por função proporcionar a integração, pois se trata do arquétipo organizador da psique. É o arquétipo da totalidade e, por isso, é simbolicamente representado por um círculo ou Deus.

Ainda sobre esse aspecto, na teoria da religião civil, há o nacionalismo religioso que aventa a possibilidade de os Pais Fundadores serem glorificados como heróis, os quais foram sacralizados em torno da idéia do chamado de Deus para fundar os EUA em busca da liberdade, promovendo, assim, uma ligação a caminho de uma grande missão.

São, portanto, múltiplas as formas sob as quais a liberdade é utilizada na retórica de Bush. Muito dessa maleabilidade decorre do fato de o termo ser um ponto pacífico em termos de adesão. A liberdade é uma premissa de acordo que está profundamente arraigada nos valores dos EUA, não propriamente pelo valor que possui, mas talvez por tudo aquilo que quer substituir ou possuir ao mesmo tempo. A liberdade, nesse sentido, ao trocar-se por tudo, servir a tudo, ligar-se a tudo, perde a si própria ou ao seu sentido pleno como a imagem no *clic* fotográfico, tal qual a metáfora proposta por Baudrillard:

A fotografia não é uma imagem em tempo real. Ela conserva o momento do negativo, a suspensão do negativo, essa ligeira deslocação que permite à imagem existir, antes que o mundo, ou o objecto [sic], desapareçam na imagem – o que não poderiam fazer na imagem de síntese, onde o real já desapareceu.<sup>427</sup>

---

<sup>427</sup> BAUDRILLARD, J. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996. p. 118.

## CONCLUSÃO

Chegamos ao final. É hora de retroceder o olhar ao caminho das águas singradas para que a escolha do porto de desembarque faça jus ao percurso navegado. Enveredamos pelas correntes marítimas históricas que nos conduziram a um passeio desde antes da concepção da *América* até seu nascimento e posterior desenvolvimento. Nessa trajetória, focamos prioritariamente a atenção no processo em que a religião aparece entremeada ao contexto político dos EUA, escolhendo, para isso, a retórica de Bush como elemento de análise, cuja visão voltou-se especialmente ao 11 de setembro. Aventamos como hipótese que Bush tornasse mais um presidente na história estadunidense a fazer uso da retórica religiosa em seus discursos políticos; porém, desta vez, o detalhe da diferença reside na proporcionalidade – e suas decorrentes conseqüências – com que o governo atual imprime essa marca nas páginas da história dos EUA e do mundo, especialmente após o desmoronamento das torres gêmeas.

É verdade que, como pudemos constatar, Bush utilizou-se da retórica religiosa desde o seu primeiro discurso oficial e, dali em diante, não parou mais de incluí-la em sua fala pública, bem como em suas ações políticas; mas foi sobretudo após 11 de setembro que observamos não somente a prevalência enfática desse recurso argumentativo nas palavras de Bush, mas também a resposta acolhedora e consente da maior parte do público estadunidense, ao tom de quase tudo aquilo que ouvia.

Portanto, é com segurança que este estudo afirma que o 11 de setembro serviu aos discursos de Bush como fértil meio instrumentário, porquanto a tragédia proporcionou uma ampla produção de material especulativo, o qual lhe fornecia substancial suporte ao apelo religioso, pronto – como se fora “feito sob encomenda” – ao uso da retórica do presidente, que soube muito bem aproveitar aquele momento de terror, medo, pesar, lamento e sentimentos de perda e luto nacional coletivo para disparar palavras de forte envergadura, acalentadoras, sensíveis e de forte comoção, todas direcionadas ao conforto da profunda alma cristã religiosa *americana*.

Ao enunciar insistentemente determinados elementos chaves – aqui chamamos de *pontos de captura primários* como, por exemplo, o chamado, a promessa e a missão – que envolvem os EUA, Bush consegue persuadir e convencer seu público, não apenas por substanciar seu argumento no *êthos* do orador – que já carrega em si uma veste ornada por artefatos simbólicos repleta de significado histórico empático à figura presidencial –, mas também por utilizar elementos provenientes de um *ethós* mais denso, construído e consolidado a partir da história da nação, o qual permeia a todos; afinal, como vimos, o

sentido desses três elementos leva a um único e mesmo caminho, que é a liberdade, a constituição da democracia e tudo o que tais conceitos envolvem.

É desse modo que Bush produz uma retórica religiosa farta de símbolos que falam diretamente ao *páthos* particular de seu público, o qual penetra a todos pelo nível emocional. Por isso sua fala carrega tantas palavras de cunho religioso, as quais foram colocadas em momentos precisos, como ocorreu em seus discursos após o 11 de setembro. Na noite daquele dia Bush abre seu discurso dizendo que o *american way of life* e a liberdade haviam sofrido deliberados e mortíferos atos terroristas que levavam a vida de cidadãos da família estadunidense. Com certeza, não havia sequer um único ouvinte que deixava de entender o recado dado. O presidente ainda tomou o cuidado de deixar claro que havia uma luta do Bem (EUA) contra o Mal (terroristas). Era um apelo que tocava em valores éticos e morais da sociedade estadunidense, pois falava da família, das crianças, do próximo, de Deus, da oração, da liberdade e da distinção entre eles e do eterno, porém novo, inimigo. Por meio do *páthos*, Bush, primeiro falando da dor, traz o público para si pela comoção, sensibilidade, fragilidade e pelo valor da compaixão; depois nomeia o inimigo – valendo-se assim, maquiavelicamente do oportuno momento de intenso medo e insegurança – e desperta a outra face, a face sombria do *páthos*: a cólera, o ódio e a raiva. Os dois lados são bem trabalhados e colocados distintamente em seus devidos lugares.

É igualmente nesse sentido que seu discurso atinge o *logos*, pois parte de premissas inquestionáveis que chegam explícita e rapidamente à conclusão do auditório/público, até porque se aproveitam da destruição visível, palpável e concreta da destruição e aniquilamento. A lógica de seu discurso está também na arquitetura da escolha dos termos, do momento da palavra, da seqüência que, via de regra, começa pelo herói *americano* para depois chegar ao opositor inimigo, àquele que repudia a liberdade e a democracia.

Foi por essa via que Bush incluiu a retórica religiosa em seus discursos, com a qual procurou persuadir e convencer seu auditório de que a guerra era o único caminho que salvaria a grande família *americana* – e ainda responderia aos “olhos do mundo” que se voltam aos EUA desde o pacto do *Mayflower* –, que, infelizmente, era a única condição para levar a liberdade ao mundo, visto que essa é a incumbência incontestada – plenamente aceita – dos EUA.

Em se tratando de um aspecto subjetivo, difícil é dizer se a fala de Bush foi decisiva na aceitação e conseqüente legitimação do povo dos EUA face à idéia de guerrear o Iraque ou, até mesmo, se tal fato alavancou o processo de sua reeleição na conquista pelo segundo mandato. Porém, acreditamos poder afirmar categoricamente que o persistente uso da retórica

religiosa – e de outros elementos equivalentes que incorporam a si o espírito religioso, tal qual a noção de liberdade e a democracia particular dos EUA – foi um influente recurso de persuasão e convencimento que promoveu êxito em tais questões, principalmente pelo motivo de Bush ter se valido, a todo tempo, de fortes e poderosas premissas de acordo de fácil adesão em meio ao seu público-auditório, que, por isso, acabou por se tornar um aspecto fundamental que muito contribuiu ao processo de adesão, por parte de seus concidadãos, à política da administração Bush como um todo.

Corroboram com tais assertivas os interessantes dados colhidos entre fevereiro e março de 2002, realizados por um grupo independente de pesquisa de opinião – *The Pew Research Center* – que estuda atitudes voltadas à imprensa, à política e aos assuntos políticos de interesse público em geral. Vejamos:

A princípio, insistimos em lembrar que 67% dos entrevistados consideram os EUA uma “nação cristã”, sendo que 86,2% dos adultos pesquisados declararam-se cristãos e, destes, 53% classificaram-se como protestantes, um dado nem tanto surpreendente, mas tampouco menos importante.

Metade dos entrevistados acredita que os EUA possuem a proteção de Deus desde o início da história de origem, e pouco menos da metade (47%) diz que a crença Nele é necessária para a constituição moral do indivíduo. A estatística aumenta ao patamar de 61% quando se considera a fé religiosa como a base principal para que uma criança torne-se um “adulto moral”, sendo que para 58% a fé religiosa do povo estadunidense é o atributo responsável pela força da sociedade *americana*. Ainda sobre este item, vale dizer que, quanto mais velha a pessoa, maior é a convicção sobre o assunto, pois, entre os adultos de 30 anos ou mais, 62% pensam dessa forma, ao passo que abaixo de tal faixa etária há 46%, embora 75% destes julguem a perda da influência religiosa uma má tendência.

A percepção de que os EUA possuem um *status* especial liga-se claramente à crença religiosa, uma assertiva acordada por 71% dos evangélicos protestantes brancos. Não é de se estranhar que, quanto mais forte a sustentação da crença religiosa individual, mais influenciável será sua opinião em relação a tais temas, o que explica o fato de 83% de evangélicos protestantes brancos acreditarem que a fé religiosa está no centro da força *americana*, um número que cai a quase 60% quando comparado a outras denominações protestantes e a católicos brancos.

Houve, logo após o 11 de setembro, uma mudança em relação à perspectiva do olhar dos estadunidenses sobre a nação, pois se aferiu um aumento substancial na dose de

patriotismo, confiança no governo e preocupação com familiares e amigos. À época, em meados de novembro, 78% dos inquiridos alegaram que a influência da religião na vida *americana* estava aumentando, um número que caiu um pouco (71%) em dezembro em nova pesquisa, desta vez, realizada pelo instituto Gallup. Porém, após seis meses desta, o grupo Pew observou que apenas 37% continuaram a sustentar tal declaração, um parâmetro considerado normal, conforme divulgação de pesquisas anteriores. Outra particularidade acerca do mesmo assunto refere-se à satisfação com o Estado da União, que teve um crescimento significativo após o 11 de setembro, visto que seis de cada dez pessoas (60%) alegaram contentamento sobre tal item – conforme relato do instituto Gallup em janeiro de 2002 –, um fato que demonstrou declínio à medida que o tempo esvaía, já que em pesquisa mais atual, do grupo Pew, o grau de satisfação em respeito à situação da nação passou para a proporção de cinco a cada dez (50%). Contudo, tais dados não significam um eventual prejuízo religioso, pois é praticamente unânime, entre aqueles que acreditam que a religião esteja em declínio, a visão de tal fenômeno ser algo ruim, uma opinião compartilhada também pelos indivíduos considerados secularizados e pelos que têm pouco apreço à religião, pois a “esmagadora maioria” acredita que os EUA ficam em melhor condição caso a influência religiosa aumente.

Em relação ao patriotismo demonstrado após 11 de setembro, a maioria da população sentiu-se confortável tanto com a exposição desse quesito quanto com a expressão da fé religiosa por parte dos líderes religiosos: apenas 16% afirmaram que houve muita bandeira hasteada – curiosamente a mesma cifra que alegou o contrário, sendo que, no total, dois terços (66%) consideraram a proporção de tal prática apropriada. A maior parte também considerou apropriada (53%) a quantidade de expressão religiosa utilizada pelos políticos, ainda que poucos a acharam insuficiente (24%) e tantos menos a viram como excesso (16%). Até mesmo entre os ditos secularizados, apenas 32% disseram que os políticos referem-se muito à fé e à oração na atualidade. Por outro lado, 35% dos evangélicos protestantes brancos e 37% dos protestantes negros gostariam de ter ouvido mais palavras de fé, bem como orações saídas da “boca” dos políticos.

Não houve mudança ao longo do tempo sobre a opinião de qual seria a lição legada pelo 11 de setembro. Em todas as pesquisas, na proporção de praticamente dois para um indivíduo (51%), obteve-se a resposta de que a maior lição é saber que há pouca influência da religião no mundo.

Quase metade dos *americanos* é favorável à expressão da opinião da igreja sobre os assuntos sociais e políticos, embora mais da metade não concorde com qualquer favorecimento direto aos candidatos políticos.

Interessante também lembrar as informações que já mencionamos sobre a popularidade de Bush. Em queda livre gradual, desde a posse, chegou ao patamar de 52% em 03/07/2001 (nota 216) e, em menos de dez dias dos ataques, 90% das pessoas disseram estar satisfeita com o desempenho do presidente, 88% apoiavam uma ação militar, 58% acreditavam que as organizações terroristas seriam eliminadas, 76% confiavam na habilidade do governo em proteger a população de ataques terroristas e 93% na preservação do *american way of life*<sup>428</sup>. Até a desacreditada economia subiu ao patamar de confiança em 91% (nota 228).

Outros assuntos polêmicos também foram avaliados, como, por exemplo: a confirmação de 79% serem favoráveis à idéia de as pessoas ajudarem mais os pobres, mesmo que, para isso, requeresse sacrifício pessoal. Porém, 61% acreditam que a maioria dos pobres esteja em tal condição em decorrência do fracasso individual; dois terços (66%) apóiam a pena capital aos indivíduos condenados por assassinato e 76% aos condenados por terrorismo; 70% apóiam os “grupos das iniciativas baseadas na fé” e os recursos financeiros que recebem do governo, além de desejarem a continuidade do trabalho assistencial que tais grupos desenvolvem; 70% atribuem aos líderes militares um alto valor de honestidade e padrão ético (eram 63% em 1995), e, depois destes, em segundo lugar na lista, aparecem os religiosos com 55%, seguidos dos jornalistas com 44%. Os políticos ficaram em 34% (eram 18% em 1995).<sup>429</sup>

Em 24 de julho de 2003, ano da campanha de reeleição de Bush, o grupo Pew divulga nova pesquisa que revela outros dados relevantes:

Começamos por um fato paradoxalmente curioso: 58% dos entrevistados afirmaram que raramente permitem que a crença religiosa interfira na decisão de voto. E 38%, na maioria protestantes, confirmaram que, às vezes, são influenciados pela crença religiosa na hora de votar. Apenas 22% assumem freqüência em votar conforme a crença religiosa. Porém, mais da metade (52%) dos cidadãos declarou ter maior objeção em votar em um candidato sem religião do que em outro que tenha uma fé específica. Ademais, 64% admitem que a religião do candidato ou a ausência desta poderiam fazê-los declinarem o voto a um candidato bem preparado de seu próprio partido de escolha. Quase quatro (38%) a cada dez pessoas não

---

<sup>428</sup> Modo de vida *americano*.

<sup>429</sup> Cf. PEW RESEARCH CENTER FOR THE PEOPLE & THE PRESS., loc. cit.



votariam em um candidato que fosse membro de uma fé específica, mesmo que também fosse bem preparado, por exemplo, um presidente muçulmano.

A crença religiosa mostrou ter um papel fortuito sobre a tomada de decisões na condução da vida (67%) dos cidadãos, bem como sobre o posicionamento acerca de importantes assuntos como, por exemplo, a crise no oriente médio. Pouco menos da metade dos estadunidenses (44%) acredita que Deus deu a terra que hoje é Israel para os judeus, e uma minoria (36%) acha que o estado de Israel é cumprimento de uma profecia bíblica sobre o retorno de Jesus à terra. Aliás, os simpatizantes da causa de Israel constituem maioria de 41%. A favor dos palestinos há inexpressivos 13%. Para 44% dos *americanos* o islamismo incita mais violência do que outras religiões, sendo tal opinião mais comum entre aqueles que se consideram politicamente conservadores (54%).

A maior parte das pessoas concorda que a religião está perdendo influência na vida *americana* (56%) e uma boa parcela acredita que a religião é muito responsável pelas guerras (44%).

A respeito de Bush, 62% dos entrevistados crêem que o presidente consegue atingir a justa medida ao expressar sua fé religiosa e 58% acham que ele sabe relacioná-la apropriadamente à sua conduta política. Nessa época, 47% queriam reelegê-lo e seu forte apoio vinha dos evangélicos brancos (69%), seguido de católicos brancos (52%) e outras denominações protestantes (47%). Ao comparar os eleitores de Bush com os de Gore, foi revelado que o dobro das pessoas que votaram em Bush (2000) baseou-se com frequência na crença religiosa ao votar (32% Bush contra 16% Gore). A importância da religião é mais comum aos republicanos na hora do voto, confirmado por 33%; já entre os democratas foi de 22%, diminuindo mais ainda com os independentes (17%). Praticamente metade dos protestantes evangélicos brancos (48%) – e uma percentual maior entre os evangélicos considerados mais comprometidos com a religião (60%) – relatou que a crença religiosa influi na decisão do voto. Em outras denominações protestantes obteve-se 10% entre os brancos e 31% entre os negros. Revelou-se também que a base política de Bush permanecia intacta naquele momento, sendo que sua maior força vinha dos evangélicos protestantes brancos (69%) e católicos brancos (52%).

Há uma tipologia comportamental peculiar encontrada nos eleitores de Bush, por exemplo: 52% dos indivíduos que costumam hastear bandeiras em diferentes lugares (casa, carro, trabalho etc) votam em Bush, contra 32% que não votam; proprietários de armas comparados aos que não as possuem (61% contra 26%); favoráveis à pena capital em relação

aos opositores (52% contra 22%); os que se opõem ao casamento *gay*<sup>430</sup> e os simpatizantes à causa (54% contra 28%).<sup>431</sup>

Por meio da síntese estatística disposta fica evidente a importância dos valores da religião na vida dos estadunidenses, bem como quanto os efeitos do 11 de setembro influenciaram a todos. A partir do cruzamento dos dados é possível traçar um bom perfil dos cidadãos e eleitores de Bush. Apesar de os cidadãos revelarem que a religião não interfere no voto, observa-se, logo em seguida, outros dados paradoxais que mostram uma incongruência nessa resposta, vista, por exemplo, em relação à interferência da decisão de voto dada a certos candidatos cuja afiliação religiosa não seja condizente com a do eleitor, mormente quando o candidato declara não possuir fé.

A predileção a Bush é fundamentalmente constituída por religiosos, preferencialmente os evangélicos protestantes brancos e, melhor ainda, se estes forem conservadores, homófobos, portadores de arma, favoráveis à pena capital, patriotas de bandeira em punho, simpatizantes à causa israelita e temente aos muçulmanos.

Nesse sentido, tudo leva a crer que um discurso que utilize argumentos estimuladores desses valores e outros similares – os quais estão principal e profundamente arraigados em uma história religiosa dos EUA, repleta de símbolos e significados – faça uma enorme diferença, principalmente após o 11 de setembro, um evento dramático que trouxe à tona desequilíbrio e sentimentos de muita fragilidade. A retórica de Bush com certeza fez diferença, seja pelo papel simbólico que ele ocupa enquanto modelo da figura especial que um presidente possui nos EUA, seja por meio de sua insistente retórica fundada em diversos elementos representativos ao povo estadunidense, como: a saga heróica dos Peregrinos, dos Pais Fundadores, dos queridos presidentes da história, do juramento – e do próprio amor – à bandeira, do chamado e da eleição de Deus, da promessa, da compaixão, da oração, da fé e do maniqueísmo ético protestante do Bem (EUA) e do Mal – este último representado por tantos inimigos quanto a fantasia paranoicamente arquitetada possa construir, pois foram muitos os inimigos: os alemães e o nazismo, a ciência, o darwinismo, a URSS, a pulverização dos comunistas russos, os asiáticos, os latinos desvairados e até os “estrangeiros-emigrantes”.

Aliás, sobre esse aspecto, vale indagar: quem são os *americanos*? Não são estrangeiros em sua própria terra? Quem temem? A própria constituição de si mesmo, de sua linhagem?

---

<sup>430</sup> Tudo indica que Bush apóie a emenda constitucional – a ser votada em breve no Senado – que proíbe o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo nos 50 estados estadunidenses.

<sup>431</sup> Cf. Id., *Religion and politics: contention and consensus*. Disponível em: <<http://people.press.org/reports/display.php3?PageID=724>>. Acesso em: 26 jan. 06.

Ironicamente, neste momento, Bush assina um novo plano de imigração com direito a colocar “*minutemen-pós-modernos-voluntários*” de guarda na fronteira, sem parar por aí!

Nos argumentos de Bush também se fez uma passagem dos heróis da história antiga à criação de heróis contemporâneos, transformados na imagem dos bombeiros, dos “socorristas”, dos comissários de bordo, dos cidadãos comuns, dos policiais e dos soldados. Todos foram, juntos, e por causa dos terroristas, atores de uma atualidade inserida em uma proposta moderna, tal qual Baudrillard já chamara atenção: “Ora, não é isso que se exige do espectador? Não vivem pedindo que ele se torne ator, que abandone sua inércia de espectador e intervenha no espetáculo? Não é o *leitmotiv* de toda cultura da participação?”<sup>432</sup>

É nessa ausência de estratégia política original que Bush e os terroristas tomam participação. Não há diferença entre ambos, pois os dois lados agem em lugar comum, pela ameaça, pela chantagem, pela dissuasão, pelo espetáculo.

De um lado, há os terroristas promovendo um espetáculo cruelmente real, levando aviões à causa do desespero e ao desespero de suas causas. Do outro lado, temos o espetáculo cruelmente virtual, que, patrocinado pelo modelo capitalista neoliberal – *time is money* –, veicula as imagens captadas *ad nauseam* ao espectador confuso entre a realidade e a costumeira e divertida ficção “hollywoodiana”. De um lado, temos Bin Laden, “negro”, oriental, e seu discurso religioso islamita radical. Do outro lado, temos Bush, branco, ocidental, e seu discurso evangélico protestante igualmente radical.

Mais uma vez, Baudrillard, de certo modo análogo a esse respeito, discorre sobre o que ele chama de realidade do transpolítico, um fenômeno que leva a participação ao limite mais trágico possível:

O que nos fascina nessa operação, apesar de toda a reação moral, é a atualidade paroxística do modelo, é o fato de que esses acontecimentos são o espelho de nosso próprio desaparecimento como sociedade política, que os pseudo-acontecimentos ‘políticos’ tentam desesperadamente camuflar.<sup>433</sup>

Talvez o problema resida na percepção moral influenciada pela ética religiosa, que julga o que é o Bem e o Mal, tal qual a proposta de Bush; mas isso, no entanto, é uma falácia que nos ilude pois, como Jung propõe, ambos, o Bem e o Mal, “[...] são princípios de nosso *juízo*<sup>434</sup> ético; mas levados à última raiz ôntica, são ‘princípios’, aspectos de Deus, nomes de

<sup>432</sup> BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2004. p. 85. (grifo do autor).

<sup>433</sup> *Ibid.*, op. cit., p. 87.

<sup>434</sup> Grifo do autor.

Deus”.<sup>435</sup> Portanto, de nada adianta atribuir ao outro o Mal, se não o enxergamos em nós, se julgamos sermos pertencentes ao universo do Bem. Há de se observar os opostos, pois aquele que percebe “[...] ao mesmo tempo sua sombra e sua luz este se enxerga dos dois lados e, assim, fica no *meio*.”<sup>436</sup>

O Mal não é uma privação do Bem (*privatio boni*)<sup>437</sup>, isto é, não se opõem, possuem essência assimétrica e não procedem do mesmo movimento. São de naturezas distintas e entre eles há um equilíbrio antagônico. Se fosse possível apenas escolher o que nos melhor aprovesse, conforme a base a moral gostaria, nada impediria que cada uma das polaridades obtivesse autonomia e se desenvolvesse por si só: caso assim fosse, viveríamos homogeneizados e pasteurizados em uma das polaridades, tal qual o desejo de Bush, que tenta implementar a argumentação do Bem – intitulado a si e aos EUA como o grande ícone mundial do Bem – e repelir o Mal a todo custo, mesmo que para isso, dentro de sua lógica ética, pratique o Mal em nome do Bem, por exemplo, quando tomado pela *hybris* em ato de deliberação própria declara guerra por desejar “conduzir o mundo à liberdade”, porque os EUA, eleitos de Deus, devem cumprir com sua missão, seu chamado e ficar em paz compassiva com sua promessa.<sup>438</sup>

Mas, infelizmente, o rumo das coisas não parece caminhar desse jeito, até porque se houvesse a prevalência do Bem e a supressão do Mal ficaríamos

[...] à mercê das forças do Bem. Nesse sentido, o Mal nos protege do pior, que seria a proliferação automática das células quando não utiliza mais o mecanismo de sua morte programada. Tradicionalmente, só somos sensíveis à ameaça de que as ‘potências do mal’ fazem pesar sobre o Bem, enquanto que é a ameaça do Bem que é fatal para nosso mundo futuro.<sup>439</sup>

A guerra de Bush é em nome do Bem; daí decorre o eminente perigo, tal qual o paradoxal espelho mágico da bruxa madrasta que não quer ter sua imagem real deflagrada, pois prefere que o outro tenha para si aquilo que lhe é próprio, isto é, sua própria falta de beleza.

A retórica religiosa de Bush vem a serviço de legitimar o que no meio político ficou conhecido por “doutrina Bush” e, para tanto, o presidente não hesitou em utilizar quantos símbolos lhe estivessem ao alcance e tantos outros recursos discursivos pudesse emitir, pouco

---

<sup>435</sup> JUNG, C. G. *Civilização em transição*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 184. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 10/3)

<sup>436</sup> *Ibid.*, p. 188.

<sup>437</sup> Cf. *Ibid.*, p. 190.

<sup>438</sup> Cf. BAUDRILLARD, J. *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 96.

<sup>439</sup> *Ibid.*, loc. cit.

parecendo lhe importar se para isso precisasse recorrer ao apelo da tragédia do 11 de setembro, que não foi só representativa aos EUA, mas ao mundo. De tudo que havia no fundo de sua retórica, o que mais continha eram elementos religiosos que, como flechas, contundentes e certeiras, advindos do *éthos* do orador, atingiam o *pathós* da nação já ferida. Assim, Bush fez uso, mais do que tudo, do argumento da liberdade, para que não houvesse escapatória, posto que com esse elemento encontraria eco em toda a nação; afinal de contas, não deve haver sentido mais religioso do que a liberdade para os EUA, pois foi ela que deu origem à nação, foi ela a responsável pelo sentido da democracia estadunidense. A liberdade foi o princípio de tudo., a origem da nação, o ímpeto e a força dos *Pilgrim Fathers* que a conquistaram sob a égide e o desígnio de Deus. A ela se deve a existência da alma *americana* e, por esse motivo, adquire valor religioso único e inigualável.

Enfim, preferimos concluir esta dissertação pelo Bem, pelo Mal e pela liberdade.

Os dois primeiros servem para que não esqueçamos que a ilusão da escolha de um sempre nos impelirá ao outro e, por isso, melhor seria reconhecer ambos, melhor confiar na existência de uma dinâmica única que está sempre bailando, em par, dentro de nós, acompanhando o ritmo melódico uníssono da vida.

E, por fim, o último, a liberdade, para que também não esqueçamos do caráter ilusório que ela nos propõe, pois a plenitude da liberdade pode ser a própria prisão. Parafraseando Rousseau: o homem *não* nasce livre, mas está sim preso a ferros por toda parte. Porém, as grades da prisão foram construídas por ele próprio, portanto, fazem parte dele. Felizmente, não somos *bons selvagens* e, justamente por isso, constituímos-nos humanos.

Embora essa noção de liberdade esteja tanto mais próxima de um idealismo quanto mais distante da realidade, isso não quer dizer que devemos abandonar tal idéia por completo, ao contrário, devemos prosseguir inspirados na construção de um mundo realmente livre que acredite no estado bom da natureza humana, todavia, sem deixar de encarar o lado sombrio.

Que este estudo possa contribuir para talvez à expressão da maior liberdade que possuímos, que é a reflexão, o questionamento, a refutação, enfim, ao estímulo do pensamento e da criatividade.

Que este estudo ao menos cumpra uma única proposta, a de dar liberdade à crítica, à discórdia e, desse modo, tal como o Mal, possa impelir o Bem, transformando esta dissertação em incentivo para outras muito melhores.

## REFERÊNCIAS

### Obras impressas:

#### **Livros:**

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)

AHLSTROM, S. E. *A religious history of the American people*. New Haven: Yale University Press, 1972.

ALEXY, R. *Teoria da argumentação jurídica*. 2. ed. São Paulo: Landy, 2005.

ARENDT, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)

ARISTOTLE. *On rhetoric*. Oxford University Press: New York, 1991.

ATIENZA, M. *As razões do direito: teorias da argumentação jurídica*. São Paulo: Landy, 2000.

BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

\_\_\_\_\_. *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

\_\_\_\_\_. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

BEALE, D. *The Mayflower Pilgrims: roots of Puritan, Presbyterian, Congregationalist, and Baptist heritage*. Greenville: Ambassador Emerald, 2000.

BELLAH, R. *The broken covenant: American civil religion in time of trial*. 2th ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BELLAH, R. et al. *Habits of the heart: individualism and commitment in American life*. Berkeley: University of California Press, 1985.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEYER, P. *Religion and globalization*, London: Sage Publications, 1997.

BOSTON, R. *The most dangerous man in America?: Pat Robertson and the rise of the Christian Coalition*. Amherst: Prometheus Books, 1996.

BRANDÃO, J. de Souza. *Mitologia grega*. 9. ed., Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

BREMER, F. J.; BOTELHO, L. A. *The world of John Winthrop: essays on England and New England, 1588-1649*. Charlottesville: University Press of Virginia, 2005.

BRITO, E. J. da Costa; GORGULHO, G. da Silva (Org.). *Religião Ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1998.

BRUCE, S. *Choice and religion: a critique of rational choice theory*. New York: Oxford University Press, 1999.

BRUNS, R. A. *Preacher: Billy Sunday and big-time American evangelism*. Champaign: University of Illinois Press, 2002.

BUCHOLZ, R.; KEY, N. *Early modern England, 1485-1714: a narrative history*. Oxford: Blackwell, 2004.

CAMPBELL, J. *O Poder do mito*. 21. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

CASSIRER, E. *The philosophy of symbolic forms: mythical thought*. New Haven: Yale University Press, 1955.

CASTELLS, M. *O Poder da identidade*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2)

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHERNY, R. W. *A righteous cause: the life of William Jennings Bryan*. Norman: University of Oklahoma Press, 1994.

DREISBACH, D. L. *Thomas Jefferson and the wall of separation between church and state*. New York: New York University Press, 2002.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

FREUD, S. *O ego e o id e outros trabalhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19)

GOLDMAN, E. *Living my life*. New York: Dover, 1970. v. 2.

HADDEN, J. K.; SWANN, C. E. *Prime time preachers: the rising power of televangelism*. Reading: Addison-Wesley, 1981.

HALLIDAY, F. E. *England: a concise history*. New York: Thames & Hudson, 1980.

HARRELL JÚNIOR, D. E. *Oral Roberts: an American life*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

HERBERG, W. *Protestant, Catholic, Jew: an essay in American religious sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

HILL, C. *O eleito de Deus: Cromwell e a revolução inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, E. J. *A Era dos impérios: 1875-1914*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HUNTER, J. D. *American evangelicalism: conservative religion and the quandary of modernity*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1983.

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1986. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 8/2)



\_\_\_\_\_. *Civilização em transição*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 10/3)

\_\_\_\_\_. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 9/1)

JUNQUEIRA, M. A. *Estados Unidos: a consolidação de uma nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fundação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1988.

KARNAL, L. *Estados Unidos: a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOVEL, J. *Red hunting in the Promised Land: anticommunism and the making of America*. New York: Basic Books, 1994.

LAPHAM, L. H. *Gag Rule: on the suppression of dissent and stifling of democracy*. New York: The Penguin Press, 2004.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

\_\_\_\_\_. *The agony of the American left*. New York: Vintage Books, 1969.

LIPSET, S. M. *American exceptionalism: a double-edged sword*. New York: Norton, 1966.

MACKIE, J. D. *The earlier Tudors: 1485-1558*. Oxford: Clarendon Press, 1952.

MARSDEN, G. M. *Fundamentalism and American culture: the shaping of twentieth century evangelicalism, 1870-1925*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

MARTIN, W. *A prophet with honor: the Billy Graham story*. New York: William Morrow, 1991.

\_\_\_\_\_. *With God on our side: the rise of religious right in America*. New York: Broadway Books, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. *O invisível e o visível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MILES, A. *Setting the captives: victims of the church tell their stories*. Buffalo: Prometheus Books, 1990.

MOBERG, D. *The great reversal: evangelism versus social concern*. New York: Lippincott, 1972.

NEUMANN, E. *História da origem da consciência*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

PERELMAN, C. *O império retórico*. Porto: ASA, 1993.

\_\_\_\_\_. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PHILBRICK, N. *Mayflower: a story of courage, community, and war*. New York: Penguin, 2006. p. 104 et seq. No prelo.

PLATÃO. *Diálogos: Mênon, República, Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

POLLOCK, J. *To all nations: the Billy Graham story*. New York: Harper & Row, 1985.

RODRIGUES, A. F. *Como elaborar citações e notas de rodapé*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Como elaborar referência bibliográfica*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social: ensaio sobre a origem das línguas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores, v. 1)

SELLERS, C. et al. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia a potência imperial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

SEVERINO, J. A. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SHAKESPEARE, W. The merchant of Venice. In: *The complete works of William Shakespeare*. London: Henry Pordes, 1995.

SHEPARD, C. E. *Forgiven: the rise and fall of Jim Bakker and the PTL Ministry*. New York: Atlantic Monthly Press, 1989.

SINGER, P. *The president of Good and Evil: questioning the ethics of George W. Bush*. New York: Plume Penguin, 2004.

SMITH, T. L. *Revivalism and social reform: American Protestantism on the eve of the civil war*. Gloucester: Peter Smith, 1976.

STARK, R.; BAINBRIDGE, W. S. *Theory of religion*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.

SYRETT, H. C. (Org.). *Documentos históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. 2. ed. São Paulo: Itatiaia, 1977.

TOTA, A. P. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TURNER, V. *Celebration: studies in festivity and ritual*. Washington D. C.: Smithsonian Institution Press, 1982.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Contexto, 1992.

WEBER, M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEIR, A. *The six wives of Henry VIII*. New York: Grove Press, 2002.

WHITMONT, E. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

WILCOX, C. *Onward Christian soldiers?: the religious right in American politics*. Colorado: Westview Press, 2000.

WILLIAMS, N. *A royal history of England: the Tudors*. Berkeley: University of California Press, 2000.

WILSON, J. F. *Public religion in American culture*. Philadelphia: Temple University Press, 1979.

ZOJA, L; WILLIAMS, D. (Org.). *Manhã de setembro: o pesadelo global do terrorismo*. São Paulo: Axis Mundi, 2003.

### **Normas da ABNT:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520*. Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. *NBR 6023*: Informação e documentação – Referências - Elaboração. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. *NBR 14724*: Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos - Apresentação. São Paulo, 2002.

### **Dicionários, enciclopédias e Bíblia:**

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

GOYOS JÚNIOR, D. de Noronha. *Noronha's legal dictionary: english–portuguese, english*. 5th ed. São Paulo: Observador Legal, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUISMANN, D. *Dicionário das obras filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JONES, D. Civil and public religion. In: *ENCYCLOPEDIA of the American Religious Experience: studies of traditions and movements* New York: Charles Scribners' Sons, 1988. v. 3, p. 1388-408.

PERELMAN, C. Argumentação. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. v.11, p. 234-265.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho et al. (Coord.). São Paulo: Paulinas, 1981.

### **Revistas:**

GIBBS, N. The faith factor. *Time Magazine*, New York, v.163, n. 25, p. 26, 21 June 2004.

JUNQUEIRA, A. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001.

\_\_\_\_\_. O discurso de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano. *Revista Margem: humanismo e barbárie*, São Paulo, n. 17, p. 163-171, jun. 2003.

MATHISEN, J. A. Twenty years after Bellah: whatever happened to american civil religion. *Sociological Analysis*, [S.I.], v. 50, n. 2, p. 129-146, summer, 1989.

OLIVEIRA, L. L. A América hoje: comemorando o quê? *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 291-304, 1994.

OSTLING, R. N. TV's unholy row: a sex-and-money scandal tarnishes electronic evangelism. *Time Magazine*, New York, v. 129, n. 14, p. 60-4, 06 April 2004.

RODEGHERO, C. S. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-487, 2002.

WHITE, J. E. Bush's most valuable player. *Time Magazine*, New York, v.132, n. 20, p. 20-1, 14 November 1988.

### **Jornais:**

AITH, M. Eleição dá a Bush maioria no Congresso. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 07 nov. 2002. Caderno Mundo, p. A15.

BERKE, R. L. Enron's collapse: the strategist; associates of Bush aide say he helped strategist win an Enron contract. *The New York Times*, New York, 25 Jan. 2002. Section C, p. 1.

DÁVILA, S. 'Libelo' de Moore é tendencioso e mentiroso, mas histórico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jul. 2004. Ilustrada, p. E1.

\_\_\_\_\_. Mídia dos EUA tem na gaveta real resultado da eleição presidencial. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 03 nov. 2001. Caderno Mundo, p. A15.

GOODSTEIN, L. Coalition's woes may hinder goals of Christian Right. *The New York Times*, New York, 02 Aug. 1999. Section A., p. 10.

\_\_\_\_\_, L. Robertson suggests U.S. kill Venezuela's leader. *The New York Times*, New York, 24 Aug. 2005. Section A, p. 10.

STEVENSON, R. W. In order, president eases limits on U.S. aid to religious groups. *The New York Times*, New York, 13 Dec. 2002. Section A, p. 1.

### **Documentos Eletrônicos:**

#### **Páginas da internet / Homepage (institucional):**

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *A Constituição dos Estados Unidos da América*. Disponível em: <<http://www.embaixadaamericana.org.br/index.php?action=materia&id=643&submenu=106&item%20menu=110>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

\_\_\_\_\_. *Congresso envia lei que criará um fundo para esforços antiterror*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixadaamericana.org.br/?action=artigo&idartigo=680>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

NATIONAL ORGANIZATION FOR WOMEN. *About NOW*. Disponível em: <<http://www.now.org/organization/info.html>>. Acesso em: 10 out. 2005.

PEOPLE FOR THE AMERICAN WAY. *Right wing watch: concerned women for America*. Disponível em: <<http://www.pfaw.org/pfaw/general/default.aspx?oid=3151>>. Acesso em: 10 out. 2005.

PEW RESEARCH CENTER FOR THE PEOPLE & THE PRESS. *Americans struggle with religion's role at home and abroad*. Disponível em: <<http://people-press.org/reports/print.php3?PageID=390>>. Acesso em: 16 jan. 06.

\_\_\_\_\_. *Religion and politics: contention and consensus*. Disponível em: <<http://peoplepress.org/reports/display.php3?PageID=724>>. Acesso em: 26 jan. 06.

SERVIÇO DE CIDADANIA E IMIGRAÇÃO. *Aprendendo sobre os Estados Unidos*. Disponível em: <[http://uscis.gov/graphics/citizenship/learning\\_p.htm](http://uscis.gov/graphics/citizenship/learning_p.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2005.

THE LIBRARY OF CONGRESS. *Rise of industrial America, 1876-1900: rural life in the late 19th century*. Disponível em: <<http://memory.loc.gov/learn/features/timeline/riseind/rural/leave.html>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

WASHINGTON STATE UNIVERSITY. *A model of Christian charity*. Disponível em: <<http://www.wsu.edu/~campbell/amlit/winthrop.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2005.

### Discursos:

AMERICAN RHETORIC. *George H. W. Bush: 1988 republican national convention acceptance address*. Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/georgeh/bush1988rnc.htm>>. Acesso em: 20 out. 2005.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Bush afirma haver progresso na campanha militar no Afeganistão*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=169>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Bush delineia a segunda fase da guerra contra o terrorismo global*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=512>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Bush diz aos fuzileiros navais que os dias de governo brutal no Iraque estão terminando*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=935>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Bush diz que guerra contra o terror “não será vencida na defensiva”*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=609>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Bush vincula política do segundo mandato à promoção da liberdade*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=3159&submenu=padrao.inc.php&itemmenu=21>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

\_\_\_\_\_. *Discurso do presidente George W. Bush sobre o Estado da União*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=1401&submenu=padrao.inc.php&itemmenu=21>>. Acesso em: 26 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *Discurso do presidente sobre o Estado da União*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=2088&submenu=padrao.inc.php&itemmenu=21>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

\_\_\_\_\_. *Presidente concentra-se na guerra contra o terrorismo, segurança interna e empregos*. Disponível em: <<http://terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=455>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

\_\_\_\_\_. *Presidente diz que a guerra no Afeganistão está longe de terminar*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=351>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

RONALD Reagan: second inaugural address. In: ENCYCLOPAEDIA Britannica Online. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993. Disponível em: <<http://www.britannica.com/presidents/article-9116952>>. Acesso em: 07 set. 2005.

THE WHITE HOUSE. *President Bush discusses Faith-Based Initiative in Tennessee*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2003/02/20030210-1.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *President George W. Bush's inaugural address*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/inaugural-address.html>>. Acesso em: 02 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *First inaugural address of Ronald Reagan*. Disponível em: <<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/presiden/inaug/reagan1.htm>>. Acesso em: 07 set. 2005.

#### Pronunciamentos e declarações:

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Bush afirma que libertação do Iraque tornará mundo mais pacífico*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=963>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Bush diz "período de escuridão e dor" do Iraque terminou*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=1166>>. Acesso em: 22 nov. 2005.



\_\_\_\_\_. *Confiar em Saddam Hussein não é uma opção, afirma Bush*. Disponível em: <[http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo &idartigo=891](http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=891)>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Declaração do presidente George W. Bush na noite de terça-feira, 11 de setembro de 2001*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/index.php?action=materia&id=804&submenu=padrao.inc.php&itemmenu=21>>. Acesso em: 16 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *Presidente Bush anuncia início de ação militar contra o Iraque*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=910>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Presidente Bush promete segurança e ordem aos iraquianos*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=960>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

THE WHITE HOUSE. *President receives World Trade Center bullhorn*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/02/20020225-4.html>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

\_\_\_\_\_. *President's remarks to the nation*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/09/20020911-3.html>>. Acesso em: 26 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *Remarks by the president in announcement of the faith-based initiative*. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2001/10/200110129-5.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

#### Conferência, mesa redonda e palestra:

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS. *Bush diz que EUA pedirão votação para nova resolução sobre o Iraque*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=896>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. *Bush promete consultas antes de mudanças nas frentes de batalha contra o terror*. Disponível em: <<http://www.embaixada-americana.org.br/iraq/?action=artigo&idartigo=668>>. Acesso em: 22 nov. 2005

BELLAH, R. *Habits of the heart: implications for religion*. In: A LECTURE AND QUESTION AND ANSWER SESSION HELD AT ST. MARK'S CATHOLIC CHURCH, 1986, Isla Vista. Disponível em: <[http://www.robertbellah.com/lectures\\_5.htm](http://www.robertbellah.com/lectures_5.htm)>. Acesso em: 11 abr. 2005.

**Dicionário e enciclopédias:**

NEW Frontier. In: THE DICTIONARY of cultural literacy. 3rd ed. Boston: Houghton Mifflin, 2002. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/59/12/newfrontier.html>>. Acesso em: 01 fev. 2004.

MORAL majority. In: THE COLUMBIA encyclopedia. 6th ed. New York: Columbia University Press, 2005. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/65/e-/E-MoralMajo.html>>. Acesso em: 01 dez. 2004.

PATRICK J. Buchanan. In: ENCYCLOPAEDIA Britannica Online. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993. Disponível em: <<http://www.britannica.com/eb/article-9126334?tocId=9126334>>. Acesso em: 07 set. 2005.

PHILIP II. In: \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.britannica.com/eb/article-9059673?query=PHILIP%20II&ct=>>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

SOCIAL gospel. In: THE COLUMBIA encyclopedia. 6th ed. New York: Columbia University Press, 2005. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/65/so/SocialGo.html>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

**Jornal:**

BALZ, D.; WOODWARD, B. America's chaotic road to war. *Washingtonpost.com*. Washington, 27 Jan. 2002, p. A 01. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wpdyn/articles/A42754-2002Jan26.html?referrer=emailarticle>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BOFF, L. Extremismo Mundial. *JB Online*. São Paulo, 09 jan. 2004. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/boff/2004/01/08/jorcolbof20040108001a.html>>. Acesso em: 22 nov. 2005.

BURKE, J.; VULLIAMY, E. Bush knew of terrorist plot to hijack. *The Observer*, New York, 19 May 2002. Disponível em: <<http://observer.guardian.co.uk/bush/story/0,8224,718311,00.html>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH anuncia novo Departamento de Segurança Nacional. *Folha Online*, São Paulo, 06 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u42148.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

BUSH anuncia retirada dos EUA de Tratado de Antimísseis Balísticos. *Folha Online*, São Paulo, 13 dez. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34680.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH apresenta proposta de aumento de gastos com armamentos. *Folha Online*, São Paulo, 04 fev. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u11502.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

BUSH aprova orçamento de US\$ 318 bilhões para Defesa em 2002. *Folha Online*, São Paulo, 10 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u35755.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

BUSH completará 6 meses de mandato com 57% de popularidade. *Folha Online*, São Paulo, 13 jul. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u26478.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH enfrenta duros desafios nos primeiros dias de seu governo. *Folha Online*, São Paulo, 22 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18045.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH inicia última etapa de sua maratona eleitoral. *Folha Online*, São Paulo, 02 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47275.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

BUSH oficializa pré-candidatura à reeleição nos EUA. *Folha Online*, São Paulo, 16 maio 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u56946.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

BUSH perde popularidade e metade dos americanos reprovam atuação na economia. *Folha Online*, São Paulo, 11 jun. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u68570.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

BUSH planeja ajuda para desempregados e mães necessitadas. *Folha Online*, São Paulo, 12 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u10591.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

BUSH pretende aumentar gastos em programas de abstinência sexual. *Folha Online*, São Paulo, 31 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u36574.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

BUSH promete não impor suas concepções religiosas. *Folha Online*, São Paulo, 01 fev. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18835.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH quer contratar organizações religiosas para assistência social. *Folha Online*, São Paulo, 29 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18557.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH quer dobrar orçamento para segurança interna. *Folha Online*, São Paulo, 24 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u36290.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005

BUSH reafirma que atacará o terrorismo em todos os países. *Folha Online*, São Paulo, 16 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29328.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH reza e estabelece agenda no primeiro dia como presidente. *Folha Online*, São Paulo, 21 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17983.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

BUSH veste smoking com bota de cowboy em festa da posse. *Folha Online*, São Paulo, 21 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17977.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

CÂMARA dos Deputados dos EUA dá aval para Bush atacar o Iraque. *Folha Online*, São Paulo, 10 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46254.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

CÂMARA dos EUA aprova orçamento militar de US\$ 355 bi. *Folha Online*, São Paulo, 10 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46279.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

CERCA de 2.000 manifestantes recebem Bush com vaias em Oregon. *Folha Online*, São Paulo, 21 ago. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u32235.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

COELHO, L. Baixas no Iraque ameaçam reeleição de Bush, dizem analistas. *Folha Online*, São Paulo, 11 jul. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

COMEÇA a cerimônia de posse de Bush, vice já fez juramento. *Folha Online*, São Paulo, 20 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17933.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

CONGRESSO dos EUA encerra mandato marcado por vitórias de Bush. *Folha Online*, São Paulo, 15 nov. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u23027.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

CRAIN, C. The Puritan dilemma. *The New York Times*. New York, 21 Sept. 2003. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9C06E2D6103BF932A1575AC0A9659C8B63&pagewanted=1>>. Acesso em: 29 jan. 2005.

ENTENDA a votação indireta norte-americana. *Folha Online*, São Paulo, 18 dez. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u15245.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

ENTENDA o impasse das eleições nos EUA. *Folha Online*, São Paulo, 06 dez. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u14359.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

ESCOLAS dos EUA poderão exigir exame antidoping. *Folha Online*, São Paulo, 27 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u17834.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

EUA criam comando militar unificado para defesa interna. *Folha Online*, São Paulo, 17 abr. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u40161.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

EUA espera que economia seja prioridade do novo governo, diz pesquisa. *Folha Online*, São Paulo, 18 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17739.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

EUA tentam fugir da ação do Tribunal Penal Internacional. *Folha Online*, São Paulo, 17 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u17281.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

FOLHA ONLINE. Mundo online. *Governo Bush (2001)*. São Paulo. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/governo\\_bush-noticias.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/governo_bush-noticias.shtml)>. Acesso em: 01 nov. 2005.

GEORGE W. Bush obtém maior aprovação da história. *Folha Online*, São Paulo, 23 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29812.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

GONZALEZ, J. Disaster used as political payoff. *Daily News*, [S.I.], 06 Sept. 2005. Disponível em: <[http://www.nydailynews.com/news/wn\\_report/story/343712p-293471c.html](http://www.nydailynews.com/news/wn_report/story/343712p-293471c.html)>. Acesso em: 07 set. 2005.

HOW I create the axis of evil. *The Guardian*, Manchester, 28 Jan. 2003. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/iran/story/0,12858,890310,00.html>>. Acesso em: 10 jun. 2004.

IRAQUE tem toneladas de armas químicas, dizem especialistas à CNN. *Folha Online*, São Paulo, 02 set. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44896.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

JORNAL dos EUA pede voto contra John Ashcroft para justiça. *Folha Online*, São Paulo, 23 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u18144.shl>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

KIRKPATRICK, D. D. Conservatives pick soft target: a cartoon sponge. *The New York Times*, New York, 20 Jan. 2005. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2005/01/20/politics/20sponge.html?ex=1263877200&en=a1bb427c064b38bd&ei=5088>>. Acesso em: 10 out. 2005.

LANGLEY, W. Revealed: what really went during Bush's 'missing hours'. *News.telegraphy*, [S.I], 12 Dec. 2001. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/main.jhtml?xml=/news/2001/12/16/wbush16.xml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

LAURA Bush quer que jovens dos EUA pratiquem abstinência sexual. *Folha Online*, São Paulo, 19 jan. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u17839.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

MAIORIA dos americanos acha que a vida voltou ao normal. *Folha Online*, São Paulo, 08 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u35644.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

MARSH, C. Wayward Christian soldiers. *The New York Times*, New York, 20 Jan. 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/01/20/opinion/20marsh.html?ex=1295413200&en=9609bfe3755d0c4d&ei=5088&partner=rssnyt&emc=rss>>. Acesso em: 20 Jan. 2006.

NOVOS planos de segurança dos EUA suavizam críticas, diz jornal. *Folha Online*, São Paulo, 06 jun. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u42141.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

PESQUISA revela tendência de queda na popularidade de Bush. *Folha Online*, São Paulo, 03 jul. 2001. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94\\_u26130.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94_u26130.shtml)>. Acesso em: 01 nov. 2005.

POPULARIDADE de Bush cai seis pontos e vai a 56%. *Folha Online*, São Paulo, 01 ago. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u60937.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

POPULARIDADE de Bush se mantém em níveis altos. *Folha Online*, São Paulo, 29 jan. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u36475.shl>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

PROTESTO contra Bush reúne centenas de pessoas em Seattle. *Folha Online*, São Paulo, 22 ago. 2003. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94\\_u62057.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94_u62057.shtml)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

REDUÇÕES de impostos nos EUA excluem 12 milhões de crianças. *Folha Online*, São Paulo, 30 maio 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u57721.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

REVISITING Watergate. *Washingtonpost.com*, Washington, 31 May. 2005. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/watergate/front.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

SAI pacote de medidas de combate ao terrorismo. *Agência Estado*, São Paulo, 24 set. 2001. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2001/set/24/259.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

SAIBA mais sobre a crise nuclear da Coréia do Norte. *Folha Online*, São Paulo, 10 fev. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u80759.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

SENADO autoriza Bush a usar força militar e convocar reservistas. *Folha Online*, São Paulo, 14 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29014.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

SENADO dos EUA aprova orçamento anual da Defesa de US\$ 400 bi. *Folha Online*, São Paulo, 22 maio 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u57307.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

SENADO dos EUA aprova US\$ 368 bi para Forças Armadas. *Folha Online*, São Paulo, 18 jul. 2003. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94\\_u60212.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94_u60212.shtml)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

STERNBERG, S. AIDS approaches grim anniversary. *USA Today*, McLean, 28 May 2001. Disponível em: <<http://www.usatoday.com/news/health/aids/2001-05-29-aids-anniversaryhtm#mor>>. Acesso em: 07 set. 2005.

TILL, F. Muddling SpongeBob: gay or straight? *The National Business Review*, Auckland, 24 Jan. 2005. Disponível em: <[http://www.nbr.co.nz/home/column\\_article.asp?id=11140&cid=1&cname=Media](http://www.nbr.co.nz/home/column_article.asp?id=11140&cid=1&cname=Media)>. Acesso em: 10 out. 2005.

### **Rádio e TV:**

KOLE - News Radio Fox 1340 & 1380 am. *Dr. Charles Stanley*. Disponível em: <[http://www.newsradiofox.com/host\\_bio.asp?id=10](http://www.newsradiofox.com/host_bio.asp?id=10)>. Acesso em: 15 out. 2005.

1978: TV evangelist quits over sex scandal. *BBC News*, London, 21 Feb. 1988. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/21/newsid\\_2565000/2565197.shtml](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/21/newsid_2565000/2565197.shtml)>. Acesso em: 07 set. 2005.

BUSH has cash edge for stretch run. *CBS News*. Washington, 21 Sept. 2004. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/stories/2004/07/08/politics/main628153.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

BUSH, Blair: time running out for Saddam. *CNN.com*, Washington, 31 Jan. 2003. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2003/US/01/31/sprj.irq.bush.blair.topics/>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

CONGRESSO aprova corte de impostos de Bush nos EUA. *BBC Brasil.com*, [S.I.], 23 maio 2003. Disponível em: <[http://www0.bbc.co.uk/portuguese/economia/030523\\_bush1dtl.shtml](http://www0.bbc.co.uk/portuguese/economia/030523_bush1dtl.shtml)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

EX-ASSESSOR de Reagan critica opção de Bush pelo Iraque. *BBC Brasil.com*, Nova York, 17 fev. 2003. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030217\\_angelars.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030217_angelars.shtml)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

LIVINGSTON bows out of the speakership. *CNN.com*, Washington, 19 Dec. 1998. Disponível em: <[http://www.cnn.com/ALLPOLITICS/stories/1998/12/19/livingston\\_quits/](http://www.cnn.com/ALLPOLITICS/stories/1998/12/19/livingston_quits/)>. Acesso em: 25 out. 2005.



PLANES crash into World Trade Center. *ABC News' Special Report*, Sarasota, 11 Sept. 2001. Disponível em: <<http://emperor.vwh.net/9-11backups/abc911.htm#mybust>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

POTENTIAL child welfare head draws fire from liberals; creationism advocates go on the offensive; are civil liberties disappearing since 9/11? *CNN.com*, Washington, 23 Aug. 2002. Disponível em: <<http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/0208/23/asb.00.html>>. Acesso em: 07 set. 2005.

PROFILE: Pat Robertson. *BBC News*, London, 25 Aug. 2005. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/4182962.stm>>. Acesso em: 26 ago. 2005.

WHAT Bush knew before Sept. 11. *CBS News*. Washington, 17 May 2002. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/stories/2002/05/16/attack/main509294.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

### **Revistas:**

BLOOM, H. Heroes & Icons: Billy Graham. *Time Magazine*. New York, 14 June 1999. Disponível em: <<http://www.time.com/time/time100/heroes/profile/graham01.html>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

GOUVÊA, R. Q. A morte e a morte da modernidade: quão pós-moderno é o posmodernismo? *Revista Fides Reformata*, São Paulo, v. 1, n. 2, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/teologia/fides/vol01/Ricardo.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2005.

## **ANEXO A** – Discursos do Presidente George W. Bush que compuseram o objeto deste estudo.

### **1. Discurso de posse em 20 de janeiro de 2001<sup>440</sup>**

President Clinton, distinguished guests and my fellow citizens, the peaceful transfer of authority is rare in history, yet common in our country. With a simple oath, we affirm old traditions and make new beginnings.

As I begin, I thank President Clinton for his service to our nation.

And I thank Vice President Gore for a contest conducted with spirit and ended with grace.

I am honored and humbled to stand here, where so many of America's leaders have come before me, and so many will follow.

We have a place, all of us, in a long story--a story we continue, but whose end we will not see. It is the story of a new world that became a friend and liberator of the old, a story of a slave-holding society that became a servant of freedom, the story of a power that went into the world to protect but not possess, to defend but not to conquer.

It is the American story--a story of flawed and fallible people, united across the generations by grand and enduring ideals.

The grandest of these ideals is an unfolding American promise that everyone belongs, that everyone deserves a chance, that no insignificant person was ever born.

Americans are called to enact this promise in our lives and in our laws. And though our nation has sometimes halted, and sometimes delayed, we must follow no other course.

Through much of the last century, America's faith in freedom and democracy was a rock in a raging sea. Now it is a seed upon the wind, taking root in many nations.

Our democratic faith is more than the creed of our country, it is the inborn hope of our humanity, an ideal we carry but do not own, a trust we bear and pass along. And even after nearly 225 years, we have a long way yet to travel.

While many of our citizens prosper, others doubt the promise, even the justice, of our own country. The ambitions of some Americans are limited by failing schools and hidden prejudice and the circumstances of their birth. And sometimes our differences run so deep, it seems we share a continent, but not a country.

We do not accept this, and we will not allow it. Our unity, our union, is the serious work of leaders and citizens in every generation. And this is my solemn pledge: I will work to build a single nation of justice and opportunity.

I know this is in our reach because we are guided by a power larger than ourselves who creates us equal in His image.

And we are confident in principles that unite and lead us onward.

America has never been united by blood or birth or soil. We are bound by ideals that move us beyond our backgrounds, lift us above our interests and teach us what it means to be citizens. Every child must be taught

---

<sup>440</sup> Não foi possível encontrar qualquer tradução deste discurso.

these principles. Every citizen must uphold them. And every immigrant, by embracing these ideals, makes our country more, not less, American.

Today, we affirm a new commitment to live out our nation's promise through civility, courage, compassion and character.

America, at its best, matches a commitment to principle with a concern for civility. A civil society demands from each of us good will and respect, fair dealing and forgiveness.

Some seem to believe that our politics can afford to be petty because, in a time of peace, the stakes of our debates appear small.

But the stakes for America are never small. If our country does not lead the cause of freedom, it will not be led. If we do not turn the hearts of children toward knowledge and character, we will lose their gifts and undermine their idealism. If we permit our economy to drift and decline, the vulnerable will suffer most.

We must live up to the calling we share. Civility is not a tactic or a sentiment. It is the determined choice of trust over cynicism, of community over chaos. And this commitment, if we keep it, is a way to shared accomplishment.

America, at its best, is also courageous.

Our national courage has been clear in times of depression and war, when defending common dangers defined our common good. Now we must choose if the example of our fathers and mothers will inspire us or condemn us. We must show courage in a time of blessing by confronting problems instead of passing them on to future generations.

Together, we will reclaim America's schools, before ignorance and apathy claim more young lives.

We will reform Social Security and Medicare, sparing our children from struggles we have the power to prevent. And we will reduce taxes, to recover the momentum of our economy and reward the effort and enterprise of working Americans.

We will build our defenses beyond challenge, lest weakness invite challenge.

We will confront weapons of mass destruction, so that a new century is spared new horrors.

The enemies of liberty and our country should make no mistake: America remains engaged in the world by history and by choice, shaping a balance of power that favors freedom. We will defend our allies and our interests. We will show purpose without arrogance. We will meet aggression and bad faith with resolve and strength. And to all nations, we will speak for the values that gave our nation birth.

America, at its best, is compassionate. In the quiet of American conscience, we know that deep, persistent poverty is unworthy of our nation's promise.

And whatever our views of its cause, we can agree that children at risk are not at fault. Abandonment and abuse are not acts of God, they are failures of love.

And the proliferation of prisons, however necessary, is no substitute for hope and order in our souls.

Where there is suffering, there is duty. Americans in need are not strangers, they are citizens, not problems, but priorities. And all of us are diminished when any are hopeless.

Government has great responsibilities for public safety and public health, for civil rights and common schools. Yet compassion is the work of a nation, not just a government.

And some needs and hurts are so deep they will only respond to a mentor's touch or a pastor's prayer. Church and charity, synagogue and mosque lend our communities their humanity, and they will have an honored place in our plans and in our laws.

Many in our country do not know the pain of poverty, but we can listen to those who do.

And I can pledge our nation to a goal: When we see that wounded traveler on the road to Jericho, we will not pass to the other side.

America, at its best, is a place where personal responsibility is valued and expected.

Encouraging responsibility is not a search for scapegoats, it is a call to conscience. And though it requires sacrifice, it brings a deeper fulfillment. We find the fullness of life not only in options, but in commitments. And we find that children and community are the commitments that set us free.

Our public interest depends on private character, on civic duty and family bonds and basic fairness, on uncounted, unhonored acts of decency which give direction to our freedom.

Sometimes in life we are called to do great things. But as a saint of our times has said, every day we are called to do small things with great love. The most important tasks of a democracy are done by everyone.

I will live and lead by these principles: to advance my convictions with civility, to pursue the public interest with courage, to speak for greater justice and compassion, to call for responsibility and try to live it as well.

In all these ways, I will bring the values of our history to the care of our times.

What you do is as important as anything government does. I ask you to seek a common good beyond your comfort; to defend needed reforms against easy attacks; to serve your nation, beginning with your neighbor. I ask you to be citizens: citizens, not spectators; citizens, not subjects; responsible citizens, building communities of service and a nation of character.

Americans are generous and strong and decent, not because we believe in ourselves, but because we hold beliefs beyond ourselves. When this spirit of citizenship is missing, no government program can replace it. When this spirit is present, no wrong can stand against it.

After the Declaration of Independence was signed, Virginia statesman John Page wrote to Thomas Jefferson: "We know the race is not to the swift nor the battle to the strong. Do you not think an angel rides in the whirlwind and directs this storm?"

Much time has passed since Jefferson arrived for his inauguration. The years and changes accumulate. But the themes of this day he would know: our nation's grand story of courage and its simple dream of dignity.

We are not this story's author, who fills time and eternity with his purpose. Yet his purpose is achieved in our duty, and our duty is fulfilled in service to one another.

Never tiring, never yielding, never finishing, we renew that purpose today, to make our country more just and generous, to affirm the dignity of our lives and every life.

This work continues. This story goes on. And an angel still rides in the whirlwind and directs this storm. God bless you all, and God bless America.

## 2. Declaração na noite de 11 de setembro de 2001

Boa noite, Hoje, nossos cidadãos, nosso modo de vida, nossa própria liberdade sofreram uma série de deliberados e mortíferos atos terroristas. As vítimas estavam em aviões ou em seus escritórios – secretárias, empresários e empresárias, funcionários militares e federais. Mães e pais. Amigos e vizinhos.

Milhares de vidas acabaram repentinamente por causa de diabólicos e desprezíveis atos de terror.

As fotos dos aviões voando contra os prédios, as chamas, as estruturas gigantescas desabando nos encheram de descrença, uma profunda tristeza e uma silenciosa e persistente cólera.

Esses atos de assassinato em massa pretendiam amedrontar a nossa nação até o caos e a fuga. Mas eles fracassaram. Nosso país é forte. Um grande povo está determinado a defender uma grande nação.

Ataques terroristas podem abalar as fundações de nossos maiores prédios, mas eles não podem tocar a fundação da América. Esses atos romperam aços, mas eles não podem dobrar O aço da determinação americana.

A América foi o alvo do ataque, pois nós somos o mais brilhante farol da liberdade e oportunidade para o mundo. E ninguém impedirá essa luz de brilhar.

Hoje, nossa nação viu o mal, o pior lado da natureza humana, e nós respondemos com o melhor da América, com a coragem dos nossos socorristas, com a preocupação de estranhos e vizinhos que doaram sangue e ajudaram como puderam.

Imediatamente após o primeiro ataque, eu determinei a aplicação dos planos de emergência do governo. Nossas militares são poderosas e preparados. Nossas equipes de emergência estão trabalhando em Nova York e em Washington para ajudar nos esforços locais de resgate.

Nossa prioridade é ajudar os que foram feridos e tomar todas as precauções para proteger nossos cidadãos em casa e tem todo o mundo de outros ataques.

O trabalho de nosso governo continua sem interrupção. Agências federais em Washington, que tiveram que ser esvaziadas hoje, serão reabertas para funcionários essenciais esta noite e serão abertas para negócios amanhã.

Nossas instituições financeiras permanecem fortes e a economia americana está aberta aos negócios como sempre.

As buscas dos que cometeram esses atos diabólicos estão em andamento. Mobilizei todos os recursos para nossos serviços de inteligência e de aplicação da lei para encontrar os responsáveis e levá-los à justiça. Não faremos distinção entre os terroristas que cometeram esses atos e os que lhes deram abrigo.

Agradeço muito aos membros do Congresso que se uniram a mim condenando duramente esses ataques. E em nome do povo americano, agradeço aos muitos líderes mundiais que ofereceram suas condolências e assistência.

América, nossos amigos e aliados juntem-se aos que querem a paz e a segurança no mundo e poderemos juntos vencer a guerra contra o terrorismo.

Esta noite peço uma oração para os que sofrem, pelas crianças cujos mundos foram destruídos, por todos cujo senso de segurança e confiança foram ameaçados. Rezo para que eles sejam confortados por um poder maior do que qualquer um de nós manifestado através das eras pelo salmo 23: “Mesmo que eu ande pelo vale das sombras e da morte, não sentirei medo porque o Senhor está comigo.”

Este é um dia quando todos os americanos de todas as condições estão unidos em nossa determinação de justiça e paz. A América derrubou inimigos antes e faremos isso agora.

Nenhum de nós irá esquecer este dia e iremos em frente na defesa de nossa liberdade e de tudo que é bom e justo em nosso mundo.

Obrigado. Boa noite e Deus abençoe a América.

### **3. Discurso sobre o Estado da União em 29 de janeiro de 2002**

Muito obrigado. Senhor presidente da Câmara, vice-presidente Cheney, membros do Congresso, distintos convidados, concidadãos: Ao nos reunirmos esta noite, nossa nação está em guerra, nossa economia, em recessão, e o mundo civilizado vê-se diante de perigos sem precedentes. No entanto, o estado de nossa União nunca esteve tão forte. (Aplausos.)

Encontramo-nos pela última vez em momento de choque e sofrimento. Em apenas quatro meses, nossa nação confortou as vítimas, começou a reconstruir Nova York e o Pentágono, articulou uma grande coalizão, capturou, prendeu e livrou o mundo de milhares de terroristas, destruiu os campos de treinamento terroristas do Afeganistão, impediu que um povo morresse de fome e libertou um país de brutal opressão. (Aplausos.)

A bandeira norte-americana tremula novamente em nossa embaixada em Cabul. Terroristas que outrora ocupavam o Afeganistão agora ocupam celas na Baía de Guantánamo. (Aplausos.) E os líderes terroristas que exortavam seus seguidores a sacrificar a vida estão fugindo para salvar a deles. (Aplausos.)

Os Estados Unidos e o Afeganistão são agora aliados contra o terror. Seremos parceiros na reconstrução desse país. E esta noite, saudamos o ilustre líder interino de um Afeganistão liberto: o presidente Hamid Karzai. (Aplausos.)

A última vez que nos encontramos nesta câmara, as mães e filhas afegãs estavam cativas em suas casas, proibidas de sair para o trabalho ou para a escola. Hoje as mulheres estão livres e fazem parte do novo governo do Afeganistão. E recebemos com prazer a nova ministra de Assuntos da Mulher, dra. Sima Samar. (Aplausos.)

Nosso progresso representa um tributo ao espírito do povo afegão, à determinação de nossa coalizão e ao poder dos militares norte-americanos. (Aplausos.) Quando pus nossas tropas em ação, o fiz com toda a confiança em sua coragem e capacidade. E nesta noite, graças a elas, estamos vencendo a guerra contra o terror. (Aplausos.) Os homens e as mulheres de nossas Forças Armadas transmitiram uma mensagem agora clara a todos os inimigos dos Estados Unidos. Mesmo a 11.000 km de distância, pelos oceanos e continentes, nos topos das montanhas e nas cavernas – vocês não escaparão da justiça deste país. (Aplausos.)

Para muitos norte-americanos, esses quatro meses trouxeram tristeza e dor que jamais irão embora por completo. Todos os dias um bombeiro aposentado volta ao Marco Zero, o local onde se erguiam as torres atingidas, para se sentir mais perto de seus dois filhos que ali morreram. Em um memorial de Nova York, um garotinho deixou sua bola com um bilhete ao finado pai: Querido papai, por favor, leve isto para o céu. Só quero jogar futebol quando puder jogar com você novamente algum dia.

No mês passado, no túmulo de seu marido Michael, fuzileiro naval e funcionário da CIA que morreu em Mazur-e-Sharif, Shannon Spann proferiu estas palavras de adeus: "Sempre fiel, meu amor". Shannon está conosco esta noite. (Aplausos.)

Shannon, garanto a você e a todos os que perderam uma pessoa amada: nossa causa é justa e nosso país nunca se esquecerá da dívida que temos com Michael e com todos os que deram a vida pela liberdade.

Nossa causa é justa e continua. As descobertas no Afeganistão confirmaram nossos piores medos e nos mostraram o verdadeiro escopo da tarefa à nossa frente. Vimos a profundidade do ódio de nossos inimigos nos vídeos em que eles riem da perda de vidas inocentes. E a profundidade de seu ódio iguala-se à loucura da destruição por eles planejada. Encontramos diagramas de usinas nucleares e de instalações públicas de água dos EUA, instruções detalhadas para a fabricação de armas químicas, mapas de vigilância de cidades norte-americanas e descrições completas de marcos de nosso país e de outros lugares do mundo.

O que encontramos no Afeganistão confirma que, longe de estar terminando, nossa guerra contra o terrorismo está apenas começando. A maioria dos 19 homens que seqüestraram os aviões em 11 de setembro foi treinada em campos do Afeganistão, assim como dezenas de milhares de outros. Milhares de assassinos perigosos, treinados em métodos de homicídio, geralmente respaldados por regimes ilegais, encontram-se agora espalhados pelo mundo como bombas-relógio, armadas para explodir sem advertência.

Graças ao trabalho de nossas autoridades policiais e aos parceiros da coalizão, centenas de terroristas foram presos. Contudo, dezenas de milhares de terroristas treinados ainda continuam soltos. Esses inimigos disputam o mundo inteiro como campo de batalha, e nós devemos persegui-los onde quer que estejam. (Aplausos.) Enquanto operarem os campos de treinamento, enquanto as nações abrigarem terroristas, a liberdade estará correndo risco. E os Estados Unidos junto com nossos aliados não devem permitir, e não permitirão, isso. (Aplausos.)

Nossa nação continuará a ser firme, paciente e persistente na busca destes dois importantes objetivos. Primeiro, fecharemos os campos terroristas, destruiremos os planos terroristas e levaremos os terroristas à justiça. E, em segundo lugar, devemos impedir que os terroristas e os regimes à busca de armas químicas, biológicas ou nucleares ameacem os Estados Unidos e o mundo. (Aplausos.)

Nossos militares acabaram com os campos de treinamento terroristas do Afeganistão, mas ainda existem campos pelo menos em doze países. Um submundo terrorista – que inclui grupos como Hamas, Hezbollah, Jihad islâmica, Jaish-i-Mohammed –, opera nas selvas e desertos remotos e esconde-se nos centros das cidades grandes.

Embora a ação militar mais visível seja no Afeganistão, os Estados Unidos estão agindo em outros lugares. No momento temos tropas nas Filipinas, ajudando a treinar as forças armadas daquele país para irem ao encaço de células terroristas que executaram um norte-americano e ainda mantêm reféns. Nossos soldados, trabalhando com o governo da Bósnia, capturaram terroristas que planejavam explodir nossa embaixada. Nossa Marinha está patrulhando a costa da África para bloquear remessas de armas e o estabelecimento de campos terroristas na Somália.

Minha esperança é que todas as nações atendam ao nosso chamado e eliminem os parasitas terroristas que ameaçam seus países e o nosso. Muitas nações estão agindo com vigor. O Paquistão está reprimindo o terror, e eu admiro a forte liderança do presidente Musharraf. (Aplausos.)

Entretanto, alguns governos se revelarão medrosos diante do terror. Mas vocês podem ter certeza: se eles não agirem, os EUA agirão. (Aplausos.)

Nosso segundo objetivo é impedir que regimes patrocinadores do terror ameacem os EUA ou nossos amigos e aliados com armas de destruição em massa. Alguns desses regimes vêm se mantendo bastante quietos

desde 11 de setembro. Mas conhecemos sua verdadeira natureza. A Coreia do Norte está sob um regime que se mune de mísseis e armas de destruição em massa enquanto seus cidadãos morrem de fome.

O Irã busca essas armas e exporta o terror com agressividade enquanto algumas pessoas não eleitas reprimem a esperança de liberdade do povo iraniano. O Iraque continua a ostentar sua hostilidade contra os Estados Unidos e a apoiar o terror. O regime iraquiano planeja desenvolver antraz e gás asfíxiante, bem como armas nucleares, há mais de uma década. Trata-se de um regime que já utilizou gás tóxico para assassinar milhares de seus cidadãos – deixando os corpos das mães debruçados sobre os filhos mortos. É um regime que concordou com as inspeções internacionais – e depois expulsou os inspetores. É um regime que tem algo a esconder do mundo civilizado.

Estados como esses e seus aliados terroristas constituem um eixo do mal, armando-se para ameaçar a paz no mundo. Ao buscarem armas de destruição em massa, esses regimes representam perigo sério e crescente. Podem fornecer armas a terroristas, propiciando-lhes os meios para dar vazão a seu ódio. Podem atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer desses casos, o preço da indiferença poderá ser catastrófico.

Trabalharemos diretamente com nossa coalizão para não fornecer aos terroristas nem a seus Estados patrocinadores os materiais, a tecnologia e os conhecimentos especializados para fabricarem e distribuírem armas de destruição em massa. Desenvolveremos e utilizaremos defesas antimísseis eficazes para proteger os EUA e nossos aliados de ataques repentinos. (Aplausos.) E todas as nações devem saber: os EUA farão o que for necessário para garantir a segurança de nossa nação.

Seremos decididos, porém o tempo não está a nosso favor. "Não continuarei aguardando os acontecimentos enquanto os perigos se avolumam. Não ficarei apenas olhando, à medida que o perigo se aproxima cada vez mais." Os Estados Unidos da América não permitirão que os regimes mais perigosos do mundo nos ameacem com as armas mais destrutivas do mundo. (Aplausos.)

Nossa guerra contra o terror começou bem, mas apenas começou. Esta campanha talvez não termine sob nossa guarda – entretanto, deve ser, e será, mantida sob nossa guarda.

Não podemos parar repentinamente. Se parássemos agora – deixando os campos terroristas intactos e os Estados terroristas incontidos – nossa sensação de segurança seria falsa e temporária. A história convocou os Estados Unidos e seus aliados a agirem, e é nossa responsabilidade, assim como um privilégio, travar a batalha da liberdade. (Aplausos.)

Nossa primeira prioridade sempre deve ser a segurança da nação, e isso estará refletido na proposta orçamentária que enviarei ao Congresso. Minha proposta respalda três importantes objetivos para os EUA: venceremos esta guerra; protegeremos nossa pátria; e reativaremos nossa economia.

Os eventos de 11 de setembro trouxeram à luz o que há de melhor nos EUA e neste Congresso. E unome ao povo norte-americano para aplaudir sua unidade e determinação. (Aplausos.) Agora os norte-americanos merecem contar com esse mesmo espírito para a abordagem de problemas internos. Orgulho-me de pertencer ao meu partido – mas quando agimos para vencer a guerra, proteger nosso povo e criar empregos nos Estados Unidos, devemos atuar, não como republicanos nem como democratas, mas, acima de tudo, como norte-americanos. (Aplausos.)

Custa caro manter esta guerra. Gastamos mais de 1 bilhão de dólares por mês – mais de US\$ 30 milhões por dia – e devemos estar preparados para futuras operações. A luta no Afeganistão comprovou que dispendiosas



armas de alta precisão derrotam o inimigo e poupam a vida de inocentes; e mais delas são necessárias. Precisamos substituir aeronaves já envelhecidas e tornar nossas Forças Armadas mais ágeis para colocar tropas em qualquer lugar do mundo com rapidez e segurança. Nossos militares, homens e mulheres, merecem as melhores armas, os melhores equipamentos, o melhor treinamento – e também fazem jus a outro aumento de salário. (Aplausos.)

Minha proposta orçamentária inclui o maior aumento nos gastos com defesa em duas décadas -- porque embora o preço da liberdade e da segurança seja alto, nunca é alto demais. Pagaremos para defender nosso país, custe o quanto custar. (Aplausos.)

A prioridade seguinte da minha proposta orçamentária visa fazer todo o possível para proteger nossos cidadãos e fortalecer nossa nação contra a ameaça contínua de um novo ataque. O tempo e a distância dos acontecimentos de 11 de setembro não nos tornarão mais seguros, a não ser que atuemos conforme as lições aprendidas. Os EUA não estão mais protegidos pelos vastos oceanos. Só nos protegeremos contra ataques com ação externa vigorosa e redobrada vigilância interna.

Minha proposta orçamentária quase dobra os recursos para uma estratégia permanente de segurança nacional, enfocando quatro áreas principais: bioterrorismo, resposta a emergências, segurança de fronteiras e aeroportos e aperfeiçoamento do serviço de inteligência. Desenvolveremos vacinas para nos defendermos do antraz e de outras doenças letais. Elevaremos os recursos destinados aos estados e comunidades para treinamento e aparelhamento de nossa heróica polícia e corpo de bombeiros. (Aplausos.) Aperfeiçoaremos a coleta e compartilhamento das informações do serviço de inteligência, espalharemos patrulhas em nossas fronteiras, aumentaremos a segurança das viagens aéreas e usaremos a tecnologia para rastrear a chegada e saída de visitantes aos Estados Unidos. (Aplausos.)

A segurança interna tornará os Estados Unidos não apenas mais forte, mas, em muitos aspectos, melhor. O conhecimento advindo da pesquisa contra o bioterrorismo melhorará a saúde pública. Polícia e corpo de bombeiros mais fortes significarão maior segurança nos bairros. A aplicação mais rigorosa das leis de fronteira ajudará a combater as drogas ilegais. (Aplausos.) E enquanto o governo trabalha para melhorar a segurança interna, os EUA continuarão a depender dos olhos e ouvidos de cidadãos atentos.

Alguns dias antes do Natal, um comissário de bordo de uma linha aérea flagrou um passageiro acendendo um fósforo. A tripulação e os passageiros rapidamente subjugaram o homem, que havia sido treinado pela Al-Qaeda e estava armado com explosivos. As pessoas naquele avião estavam alertas, e o resultado foi terem salvado, possivelmente, quase 200 vidas. E nesta noite damos as boas-vindas e agradecemos aos comissários Hermis Moutardier e Christina Jones. (Aplausos.)

Uma vez que tenhamos fornecido recursos para a segurança nacional e a segurança interna, a grande prioridade final do orçamento será a segurança econômica do povo norte-americano. (Aplausos.) Para alcançar esses grandes objetivos nacionais – ganhar a guerra, proteger nossa pátria e reativar nossa economia – incorreremos em um déficit orçamentário pequeno e de curta duração, desde que o Congresso restrinja gastos e tenha uma conduta fiscal responsável. (Aplausos.) Temos prioridades claras e devemos agir em casa com a mesma decisão e obstinação que mostramos além mar: triunfaremos na guerra e derrotaremos a recessão. (Aplausos.)

Os norte-americanos que perderam seus empregos precisam de nossa ajuda e eu apóio a ampliação dos benefícios aos desempregados e o auxílio direto para cobertura à assistência médica. (Aplausos.) Entretanto, os

trabalhadores norte-americanos desejam mais do que auxílio-desemprego -- desejam um pagamento regular por seu trabalho. (Aplausos.) Quando os norte-americanos trabalham, os EUA prosperam, portanto meu plano de segurança econômica pode ser resumido em uma palavra: empregos. (Aplausos.)

Bons empregos começam com boas escolas, e nesse particular obtivemos um belo começo. (Aplausos.) Republicanos e democratas trabalharam em conjunto para conseguir uma reforma educacional histórica a fim de que nenhuma criança seja deixada de fora. Tive orgulho em trabalhar com membros dos dois partidos: o presidente John Boehner e o congressista George Miller. (Aplausos.) Senador Judd Gregg. (Aplausos.) E tive tanto orgulho de nosso trabalho que até encontrei palavras elogiosas para falar de meu amigo, Ted Kennedy. (Risos e aplausos.) Sei que aquele pessoal do Café Crawford jamais acreditaria que eu pudesse dizer tal coisa -- (risos) -- mas nosso trabalho nesse projeto de lei mostra o que é possível fazer se deixarmos de lado nossas posições e nos concentrarmos nos resultados. (Aplausos.)

Há muito a ser feito. Precisamos preparar nossas crianças para lerem e progredirem na escola aperfeiçoando o programa Head Start (serviços educacionais e sociais para crianças pré-escolares e suas famílias) e o de desenvolvimento infantil nos primeiros cinco anos. (Aplausos.) Precisamos melhorar as faculdades que formam nossos professores e o treinamento deles e lançar uma imensa campanha de recrutamento com uma grande meta para os EUA: um professor bastante capacitado em cada sala de aula. (Aplausos.)

Bons empregos dependem também de energia disponível e viável. Este Congresso precisa atuar no sentido de encorajar a conservação do meio ambiente, fomentar a tecnologia, desenvolver a infra-estrutura, assim como no sentido de aumentar a produção de energia em nossa terra para que os EUA se tornem menos dependentes do petróleo estrangeiro. (Aplausos.)

Bons empregos dependem da expansão do comércio. Quando se vende para novos mercados, criam-se novos empregos, por isso peço ao Congresso que finalmente aprove a autoridade de promoção comercial. (Aplausos.) Nessas duas questões fundamentais, comércio e energia, a Câmara dos Deputados apresentou projetos para a criação de empregos, e eu conclamo o Senado a aprovar essa legislação. (Aplausos.)

Bons empregos dependem de uma política fiscal consistente. (Aplausos.) No ano passado, algumas das pessoas aqui presentes consideraram meu plano de redução fiscal muito acanhado; outros muito abrangente. (Aplausos.) Mas quando os cheques foram entregues pelo correio, a maioria dos norte-americanos achou que a redução fiscal ficara na medida certa. (Aplausos.) O Congresso ouviu o povo e respondeu reduzindo as alíquotas de impostos, dobrando o valor do crédito tributário por filho dependente e extinguindo o imposto sobre herança. Em favor de um desenvolvimento a longo prazo e para ajudar os norte-americanos a planejarem o futuro, tornemos os cortes nos impostos permanentes. (Aplausos.)

A saída dessa recessão, a forma de criar empregos, é fazer com que a economia cresça, encorajando os investimentos em indústrias e equipamentos e acelerando a redução fiscal de maneira que as pessoas tenham mais dinheiro para gastar. Em favor dos trabalhadores norte-americanos, aprovemos um pacote de estímulo. (Aplausos.)

Bons empregos, este deve ser o objetivo das reformas para o bem-estar social. Ao reautorizarmos essas importantes reformas, devemos nos lembrar sempre de que a meta é reduzir a dependência em relação ao governo e oferecer a cada norte-americano a dignidade de um trabalho. (Aplausos.)

Os norte-americanos sabem que a segurança econômica pode esvanecer-se num instante na ausência de um seguro-saúde. Peço ao Congresso que se una a mim este ano para promulgarmos uma lei de direitos dos

pacientes – (aplausos) – a fim de oferecer crédito aos trabalhadores não segurados para ajudá-los a contratar um seguro-saúde – (aplausos) – para aprovarmos um aumento histórico nos gastos com a saúde dos veteranos – (aplausos) -- e para oferecermos aos idosos um programa de assistência médica (Medicare) consistente e moderno que inclua cobertura da medicação prescrita. (Aplausos.)

Um bom emprego deveria levar à segurança na aposentadoria. Peço ao Congresso que aprove novas salvaguardas para o plano 401K e planos de aposentadoria. (Aplausos.) Empregados que trabalharam duro e economizaram durante toda a vida não deveriam ter de correr o risco de perder tudo caso a empresa deles fracasse. (Aplausos.) Por meio de normas contábeis mais rígidas e exigências mais rigorosas de divulgação de informações, deve-se obrigar as empresas norte-americanas a prestarem contas de forma mais objetiva aos empregados e acionistas e a manterem conduta irreprovável. (Aplausos.)

A segurança da aposentadoria depende também de serem mantidos os compromissos da Previdência Social, e nós os manteremos. Devemos tornar a Previdência Social financeiramente estável e permitir contas de aposentadoria pessoais para os trabalhadores mais jovens que assim preferirem. (Aplausos.)

Membros do Congresso, vocês e eu trabalharemos juntos em outras questões nos próximos meses -- (aplausos) -- meio ambiente mais limpo – (aplausos) – mais oportunidades para aquisição de casa própria, especialmente entre as minorias -- (aplausos) – e formas de encorajamento do bom trabalho das instituições de caridade e dos grupos religiosos. (Aplausos.) Peço que se juntem a mim nessas importantes questões de interesse nacional com o mesmo espírito de cooperação com que tratamos a guerra contra o terrorismo. (Aplausos.)

Nestes últimos meses, me senti mais humilde e tive o privilégio de conhecer a verdadeira índole deste país em um momento de teste. Nossos inimigos acreditavam que os Estados Unidos eram um país fraco e materialista, que seríamos destroçados pelo medo e pelo egoísmo. Estavam tão errados quanto são maldosos. (Aplausos.)

O povo norte-americano respondeu de forma magnífica, com coragem e compaixão, força e obstinação. Quando me encontrei com os heróis, abracei as famílias e olhei os rostos cansados dos que trabalhavam no resgate, eu tive grande respeito pelo povo norte-americano.

E espero que vocês se unam a mim – espero que se unam a mim ao expressar meu agradecimento a uma norte-americana pela força, tranquilidade e consolo que ela traz para nossa nação em crise, nossa primeira dama, Laura Bush. (Aplausos.)

Nenhum de nós jamais desejaria o mal que foi praticado em 11 de setembro. No entanto, depois que os EUA foram atacados, foi como se todo o país se olhasse no espelho e enxergasse o melhor de si mesmo. Fizeram que lembrássemos que somos cidadãos, com obrigações uns para com os outros, com o nosso país e com a história. Começamos a pensar menos nos bens que podemos acumular e mais no bem que podemos fazer.

Por tempo demasiado longo nossa cultura apregoava, "Se lhe dá prazer, faça". Agora os EUA estão adotando uma nova ética e um novo credo: "Vamos começar a agir". (Aplausos.) No sacrifício dos soldados, na solidariedade ardente dos bombeiros e na bravura e generosidade dos cidadãos comuns, nós vislumbramos a forma de uma nova cultura de responsabilidade. Queremos ser uma nação a serviço de propósitos maiores do que ela própria. Foi-nos oferecida uma oportunidade ímpar e não devemos deixar que esse momento passe. (Aplausos.)

Meu apelo nesta noite é para que cada norte-americano dedique pelo menos dois anos – 4.000 horas de sua vida – a serviço dos vizinhos e da nação. (Aplausos.) Muitos já estão servindo, e eu lhes agradeço. Se não

estiverem certos de como podem ajudar, indico um bom lugar para começar. Para manter e expandir o que de melhor surgiu nos EUA, convido-os a se alistarem no novo USA Freedom Corps. O Freedom Corps enfocará três áreas: resposta em caso de crise no território nacional, reconstrução de nossas comunidades e difusão da compaixão norte-americana em todo o mundo.

Um dos objetivos do USA Freedom Corps será nossa segurança interna. Os EUA precisam de enfermeiros e médicos aposentados que possam ser mobilizados em caso de grandes emergências; voluntários que ajudem a polícia e o corpo de bombeiros; trabalhadores de empresas de serviço público e transporte, bem-treinados na identificação de perigo.

Nosso país precisa também de cidadãos que trabalhem na reconstrução de nossas comunidades. Há necessidade de mentores para amar as crianças, principalmente aquelas cujos pais estão presos. E precisamos de professores mais talentosos em escolas problemáticas. O USA Freedom Corps ampliará e aperfeiçoará os esforços positivos do AmeriCorps e Senior Corps para recrutar mais do que 200.000 novos voluntários.

E os EUA necessitam de cidadãos que espalhem a compaixão de nosso país para todas as partes do mundo. Desta forma, renovaremos a promessa do Peace Corps, dobraremos o número de voluntários nos próximos cinco anos – (aplausos) – e pediremos que se unam a um novo esforço para encorajar o desenvolvimento, a educação e a criação de oportunidades no mundo islâmico. (Aplausos.)

Este tempo de adversidade oferece a oportunidade de um momento ímpar – momento que precisamos agarrar para mudar nossa cultura. Com a força conjunta de milhões de atos de ajuda, decência e bondade, sei que poderemos suplantar o mal com um bem maior. (Aplausos.) E, nesta época de guerra, temos uma grande oportunidade de conduzir o mundo para os valores que trarão paz duradoura.

Todos os pais e mães, em todas as sociedades, desejam que seus filhos sejam educados e vivam livres da violência e pobreza. Nenhum povo no mundo anseia ser oprimido, ou aspira à servidão, ou espera impacientemente a batida da meia-noite pela polícia secreta.

Se alguém ainda tiver alguma dúvida, que se volte para o Afeganistão onde as "ruas" islâmicas receberam a queda da tirania com cantos e comemorações. Deixem que os cétricos voltem a atenção para a rica história do próprio Islã, com seus séculos de aprendizagem, tolerância e progresso. Os EUA se manterão na liderança, defendendo a liberdade e a justiça, porque esses valores são corretos, verdadeiros e imutáveis para todas as pessoas em toda parte. (Aplausos.)

Nenhuma nação é dona de tais aspirações e nenhuma nação está isenta delas. Não temos intenção de impor nossa cultura. Mas os Estados Unidos sempre apoiarão com firmeza as exigências inegociáveis da dignidade humana: estado de direito; limites ao poder do Estado; respeito pelas mulheres; propriedade privada; liberdade de expressão; justiça imparcial; e tolerância religiosa. (Aplausos.)

"Os EUA ficarão ao lado dos homens e mulheres corajosos que defendem esses valores em todo o mundo, inclusive no mundo islâmico, porque temos um objetivo mais importante do que eliminar ameaças e conter ressentimentos. Buscamos um mundo justo e pacífico transcendente à guerra contra o terror."

Neste momento oportuno, um perigo comum está aplacando antigas rivalidades. Os EUA estão trabalhando com a Rússia, a China e a Índia, como nunca ocorrera antes, para alcançar paz e prosperidade. Em todas as regiões, os livres mercados, o livre comércio e as sociedades livres estão oferecendo seu poder para elevar vidas. Ao lado de amigos e aliados da Europa à Ásia, assim como da África à América Latina, demonstraremos que as forças do terror não lograrão interromper a força da liberdade. (Aplausos.)

Na última vez em que aqui falei, manifestei a esperança de que a vida voltaria ao normal. Em certos aspectos, voltou. Em outros, nunca voltará. Nós que vivemos esses tempos desafiadores fomos por eles transformados. Passamos a conhecer verdades que nunca questionaremos: o mal é real e deve ser combatido. (Aplausos.) Acima de todas as diferenças de raça e credo, somos um país; juntos choramos nossos mortos e juntos enfrentamos o perigo. No fundo da índole do norte-americano há honra; e esta é mais forte que o ceticismo. E muitas pessoas descobriram outra vez que mesmo na tragédia -- especialmente na tragédia -- Deus está próximo. (Aplausos.)

Em um só instante, percebemos que esta será uma década decisiva na história da liberdade; que fomos chamados para desempenhar um papel exclusivo nos eventos humanos. Raras vezes o mundo se defrontou com uma escolha mais clara e influente. Nossos inimigos enviam os filhos dos outros em missões suicidas e homicidas. Eles abraçam a tirania e a morte como uma causa e uma crença. Nós representamos uma escolha diferente, feita muito tempo atrás, no dia da nossa fundação. Hoje a confirmamos novamente. Nós escolhemos a liberdade e a dignidade de todas as vidas. (Aplausos.)

Firmes em nosso propósito, agora avançamos com determinação. Conhecemos o preço da liberdade. Demonstramos o poder da liberdade. E nesse grande conflito, meus concidadãos norte-americanos, testemunharemos a vitória da liberdade.

Obrigado a todos. Que Deus nos abençoe.

#### **4. Pronunciamento à nação após um ano do 11 de setembro<sup>441</sup>**

Good evening. A long year has passed since enemies attacked our country. We've seen the images so many times they are seared on our souls, and remembering the horror, reliving the anguish, re-imagining the terror, is hard -- and painful.

For those who lost loved ones, it's been a year of sorrow, of empty places, of newborn children who will never know their fathers here on earth. For members of our military, it's been a year of sacrifice and service far from home. For all Americans, it has been a year of adjustment, of coming to terms with the difficult knowledge that our nation has determined enemies, and that we are not invulnerable to their attacks.

Yet, in the events that have challenged us, we have also seen the character that will deliver us. We have seen the greatness of America in airline passengers who defied their hijackers and ran a plane into the ground to spare the lives of others. We've seen the greatness of America in rescuers who rushed up flights of stairs toward peril. And we continue to see the greatness of America in the care and compassion our citizens show to each other.

September 11, 2001 will always be a fixed point in the life of America. The loss of so many lives left us to examine our own. Each of us was reminded that we are here only for a time, and these counted days should be filled with things that last and matter: love for our families, love for our neighbors, and for our country; gratitude for life and to the Giver of life.

We resolved a year ago to honor every last person lost. We owe them remembrance and we owe them more. We owe them, and their children, and our own, the most enduring monument we can build: a world of liberty and security made possible by the way America leads, and by the way Americans lead our lives.

---

<sup>441</sup> Não foi possível encontrar qualquer tradução deste discurso.

The attack on our nation was also attack on the ideals that make us a nation. Our deepest national conviction is that every life is precious, because every life is the gift of a Creator who intended us to live in liberty and equality. More than anything else, this separates us from the enemy we fight. We value every life; our enemies value none -- not even the innocent, not even their own. And we seek the freedom and opportunity that give meaning and value to life.

There is a line in our time, and in every time, between those who believe all men are created equal, and those who believe that some men and women and children are expendable in the pursuit of power. There is a line in our time, and in every time, between the defenders of human liberty and those who seek to master the minds and souls of others. Our generation has now heard history's call, and we will answer it.

America has entered a great struggle that tests our strength, and even more our resolve. Our nation is patient and steadfast. We continue to pursue the terrorists in cities and camps and caves across the earth. We are joined by a great coalition of nations to rid the world of terror. And we will not allow any terrorist or tyrant to threaten civilization with weapons of mass murder. Now and in the future, Americans will live as free people, not in fear, and never at the mercy of any foreign plot or power.

This nation has defeated tyrants and liberated death camps, raised this lamp of liberty to every captive land. We have no intention of ignoring or appeasing history's latest gang of fanatics trying to murder their way to power. They are discovering, as others before them, the resolve of a great country and a great democracy. In the ruins of two towers, under a flag unfurled at the Pentagon, at the funerals of the lost, we have made a sacred promise to ourselves and to the world: we will not relent until justice is done and our nation is secure. What our enemies have begun, we will finish.

I believe there is a reason that history has matched this nation with this time. America strives to be tolerant and just. We respect the faith of Islam, even as we fight those whose actions defile that faith. We fight, not to impose our will, but to defend ourselves and extend the blessings of freedom.

We cannot know all that lies ahead. Yet, we do know that God had placed us together in this moment, to grieve together, to stand together, to serve each other and our country. And the duty we have been given -- defending America and our freedom -- is also a privilege we share.

We're prepared for this journey. And our prayer tonight is that God will see us through, and keep us worthy.

Tomorrow is September the 12th. A milestone is passed, and a mission goes on. Be confident. Our country is strong. And our cause is even larger than our country. Ours is the cause of human dignity; freedom guided by conscience and guarded by peace. This ideal of America is the hope of all mankind. That hope drew millions to this harbor. That hope still lights our way. And the light shines in the darkness. And the darkness will not overcome it.

May God bless America.

## 5. Discurso sobre o Estado da União em 28 de janeiro de 2003

Senhor presidente do Congresso, vice-presidente Cheney, congressistas, distintos cidadãos e concidadãos: todos os anos, por lei e por tradição, nos reunimos aqui para fazer um balanço o Estado da União. Neste ano, nos reunimos neste recinto profundamente conscientes dos dias decisivos que estão por vir.

Os senhores e eu servimos nosso país em um momento de grande importância. Durante esta sessão do Congresso, temos o dever de reformar programas domésticos vitais para o nosso país; temos a oportunidade de salvar milhões de vidas no exterior de uma doença terrível. Vamos trabalhar em prol de uma prosperidade que seja amplamente compartilhada e vamos responder a cada perigo e a cada inimigo que ameaçar o povo dos Estados Unidos. (Aplausos.)

Nestes dias de promessas e de ajustes de contas, podemos estar confiantes. Em um redemoinho de mudanças, esperanças e perigos, nossa crença é certa, nossa determinação é firme e nossa união é forte. (Aplausos.)

Este país tem muitos desafios. Não negaremos, não ignoraremos, não deixaremos nossos problemas para outros congressos, outros presidentes e outras gerações. (Aplausos.) Nós os enfrentaremos com foco, clareza e coragem.

Nos últimos dois anos, vimos o que pode ser realizado quando trabalhamos juntos. Para elevar os padrões das nossas escolas públicas, realizamos uma reforma histórica do ensino, que agora deve ser levada a cada escola e a cada sala de aula, de modo que todas as crianças dos Estados Unidos saibam ler, escrever e ter sucesso na vida. (Aplausos.) Para proteger nosso país, reorganizamos o governo e criamos o Departamento de Segurança Interna, que está se mobilizando contra as ameaças de uma nova era. Para tirar nossa economia da recessão, concedemos a maior redução de impostos em uma geração. (Aplausos.) Para insistir na integridade das empresas dos Estados Unidos, aprovamos reformas duras e estamos fazendo com que os crimes corporativos sejam esclarecidos. (Aplausos.)

Alguns podem chamar isso de um bom histórico; eu chamo de um bom início. Esta noite, peço à Câmara e ao Senado que se juntem a mim nas próximas medidas corajosas a serem tomadas para beneficiar nossos concidadãos.

Nossa primeira meta é clara: precisamos ter uma economia que cresça rápido o suficiente para empregar todos os homens e mulheres em busca de emprego. (Aplausos.) Depois de recessão, atentados terroristas, escândalos corporativos e quedas nas bolsas de valores, nossa economia está se recuperando – embora ainda não esteja crescendo rápido o suficiente ou com a força suficiente. Com o desemprego crescendo, nossa nação precisa que mais empresas de pequeno porte sejam abertas, mais empresas invistam e cresçam, mais empregadores coloquem a placa que diz: “Precisa-se de...”. (Aplausos.)

Empregos são criados quando a economia cresce; a economia cresce quando os norte-americanos têm mais dinheiro para gastar e investir; e a melhor e mais justa maneira de garantir que os norte-americanos tenham esse dinheiro é, em primeiro lugar, não tributá-los. (Aplausos.)

Estou propondo que todas as reduções de imposto de renda estipuladas para 2004 e 2006 se tornem permanentes e entrem em vigor este ano. (Aplausos.) E, de acordo com meu plano, tão logo eu sancione a lei, esse dinheiro extra começará a aparecer nos salários dos trabalhadores. Em vez de reduzir gradualmente a tributação de casais, devemos fazer isso já. (Aplausos.) Em vez de aumentar lentamente para US\$ 1.000 o

auxílio financeiro a famílias com filhos, devemos enviar os cheques para as famílias norte-americanas agora. (Aplausos.)

A redução fiscal é para todos que pagam imposto de renda – e ajudará nossa economia de imediato: 92 milhões de norte-americanos guardarão, este ano, uma média de quase US\$ 1.000 a mais de seu próprio dinheiro. Uma família de quatro pessoas com uma renda de US\$ 40.000 verá seu imposto de renda cair de US\$ 1.178 para US\$ 45 por ano. (Aplausos.) Nosso plano aumentará o lucro de mais de 23 milhões de empresas de pequeno porte.

Vocês, no Congresso, já aprovaram todas essas reduções e as prometeram para os próximos anos. Se essa redução fiscal é boa para os norte-americanos daqui a três, cinco ou sete anos, é ainda melhor para os norte-americanos hoje. (Aplausos.)

Também devemos fortalecer nossa economia, proporcionando aos investidores o mesmo tratamento por meio de nossa legislação fiscal. É justo tributar os lucros de uma empresa. Não é justo tributar novamente o acionista sobre os mesmos lucros. (Aplausos.) Para impulsionar a confiança do investidor e ajudar os quase 10 milhões de idosos que recebem renda de dividendos, peço a vocês que acabem com a injusta dupla tributação dos dividendos. (Aplausos.)

Impostos menores e maiores investimentos contribuirão para a expansão da economia. Mais empregos significam mais contribuintes e receitas mais altas para o governo. A melhor maneira de enfrentar o déficit e evoluir para um orçamento equilibrado é estimular o crescimento econômico e mostrar certa disciplina fiscal em Washington, D.C. (Aplausos.)

Precisamos trabalhar juntos para financiar apenas nossas prioridades mais importantes. Enviarei a vocês um orçamento que aumenta os gastos discricionários em 4% no próximo ano – aproximadamente a mesma porcentagem que se espera que a renda da família média cresça. E esse é um bom indicador para nós. Os gastos federais não deveriam aumentar mais rápido do que os salários das famílias norte-americanas. (Aplausos.)

Uma economia em crescimento e um enfoque nas prioridades essenciais também serão cruciais para o futuro da Previdência Social. À medida que continuamos a trabalhar juntos para manter a Previdência Social sólida e confiável, precisamos oferecer aos trabalhadores mais jovens uma chance para investir em contas de aposentadoria sobre as quais possam manter controle e posse. (Aplausos.)

Nossa segunda meta é assistência médica de alta qualidade, que possa ser paga por todos os norte-americanos. (Aplausos.) O sistema médico dos EUA é um modelo de qualificação e inovação, com um ritmo de descobertas que está acrescentando bons anos à nossa vida. Porém, para muitas pessoas os custos médicos são bastante altos – e muitas delas não têm nenhuma cobertura. Esses problemas não serão solucionados com um sistema nacionalizado de saúde que estipula a cobertura e restringe a assistência. (Aplausos.)

Em vez disso, precisamos trabalhar na direção de um sistema no qual todos os norte-americanos tenham uma boa apólice de seguro, escolham seus próprios médicos, e os idosos e as pessoas de baixa renda recebam a ajuda de que necessitam. (Aplausos.) Em vez de burocratas, advogados e HMOs [organizações para manutenção da saúde], precisamos recolocar médicos, enfermeiros e pacientes no comando da medicina dos Estados Unidos. (Aplausos.)

A reforma do sistema de assistência médica precisa começar com o Medicare [programa de seguro-saúde do governo voltado para os idosos]. O Medicare é o compromisso obrigatório de uma sociedade solidária.



(Aplausos.) Precisamos renovar esse compromisso, dando aos idosos acesso à medicina preventiva e a novos medicamentos, que estão transformando a assistência médica nos Estados Unidos.

Os idosos que estiverem satisfeitos com o atual sistema do Medicare devem ter a possibilidade de manter sua cobertura exatamente como está. (Aplausos.) E assim como vocês – congressistas, suas equipes e outros funcionários federais – todos os idosos devem poder optar por um plano de saúde que forneça remédios prescritos. (Aplausos.)

Meu orçamento destinará US\$ 400 bilhões adicionais ao longo da próxima década para reformar e fortalecer o Medicare. Líderes dos dois partidos políticos falaram durante anos sobre o fortalecimento do Medicare. Conclamo os membros deste novo Congresso a agir este ano. (Aplausos.)

Para melhorar nosso sistema de assistência médica, devemos tratar de uma das principais causas dos altos custos: a ameaça constante de que médicos e hospitais sejam processados injustamente. (Aplausos.) Devido ao excesso de litígios, todos pagam mais pela assistência médica, e muitos locais dos Estados Unidos estão perdendo excelentes médicos. Ninguém jamais foi curado por um processo insignificante. Conclamo o Congresso a aprovar a reforma sobre a responsabilidade médica. (Aplausos.)

Nossa terceira meta é promover a independência energética do nosso país e ao mesmo tempo melhorar o meio ambiente de forma significativa. (Aplausos.) Enviei a vocês um plano energético abrangente para fomentar a eficiência e a conservação energéticas, desenvolver tecnologia mais limpa e produzir mais energia internamente. (Aplausos.) Enviei a vocês a legislação “Clear Skies” [Céus mais limpos] que determina uma redução de 70% na poluição do ar causada por usinas de energia elétrica nos próximos 15 anos. (Aplausos.) Enviei a vocês a “Healthy Forests Initiative” [Iniciativa Florestas Saudáveis], para ajudar a prevenir os incêndios catastróficos que devastam comunidades, matam a vida selvagem e queimam milhões de alqueires de florestas preciosas. (Aplausos.)

Conclamo-os a aprovar essas medidas, para o bem tanto do nosso meio ambiente quanto da nossa economia. (Aplausos.) Mais do que isso, peço que dêem um passo crucial e protejam nosso meio ambiente de um modo que as gerações anteriores à nossa não poderiam ter imaginado.

Neste século, o maior progresso ambiental não se dará por meio de intermináveis processos judiciais ou de regulamentações do tipo de comando e controle, mas por meio de tecnologia e inovação. Estou propondo esta noite US\$ 1,2 bilhão em fundos de pesquisa para que os Estados Unidos possam liderar o mundo no desenvolvimento de automóveis não poluentes, movidos a hidrogênio. (Aplausos.)

Uma única reação química entre hidrogênio e oxigênio gera energia que pode ser utilizada para movimentar um carro – produzindo apenas água, sem fumaça. Com um novo compromisso nacional, nossos cientistas e engenheiros superarão os obstáculos para levar esses carros do laboratório para o salão de exposição, de modo que o primeiro carro dirigido por uma criança nascida hoje possa ser movido por hidrogênio e não polua. (Aplausos.)

Juntem-se a mim nesta importante inovação para tornar nosso ar significativamente mais limpo e nosso país muito menos dependente de fontes estrangeiras de energia. (Aplausos.)

Nossa quarta meta é aplicar a compaixão norte-americana aos problemas mais profundos dos Estados Unidos. Para muitos em nosso país – os sem-teto, os órfãos, os viciados - a necessidade é grande. No entanto, ainda há força, força com capacidade de agir, na bondade, no idealismo e na fé do povo norte-americano.

Os norte-americanos estão praticando a compaixão todos os dias – visitando prisioneiros, fornecendo abrigo a mulheres agredidas, levando companheirismo a idosos solitários. Essas boas ações merecem nosso elogio; merecem nosso apoio pessoal; e, quando apropriado, merecem assistência do governo federal. (Aplausos.)

Conclamo-os a aprovar tanto minha iniciativa baseada na fé quanto a “Citizen Service Act” [Lei do Serviço Cidadão], para estimular atos de compaixão que possam transformar os Estados Unidos, um coração e uma alma ao mesmo tempo. (Aplausos.)

No ano passado, convoquei meus concidadãos a participarem dos “USA Freedom Corps”, que estão alistando dezenas de milhares de novos voluntários em todo o país. Esta noite peço ao Congresso e ao povo norte-americano que concentrem o entusiasmo de seus préstimos e os recursos do governo nas necessidades de alguns de nossos cidadãos mais vulneráveis – meninos e meninas que tentam crescer sem orientação e cuidados e crianças que têm de passar por um portão de prisão para serem abraçados por seu pai ou sua mãe.

Proponho uma iniciativa de US\$ 450 milhões para levar mentores a mais de um milhão de alunos desfavorecidos dos últimos anos do ensino fundamental e a filhos de presidiários. O governo dará apoio ao treinamento e recrutamento dos mentores; porém serão os homens e mulheres dos Estados Unidos que atenderão a essa necessidade. Um mentor, uma pessoa, pode mudar uma vida para sempre. E eu os conclamo a ser essa pessoa. (Aplausos.)

Outra causa da desesperança é a dependência de drogas. O vício destrói amizades, a ambição, a convicção moral e reduz toda a riqueza da vida a um único desejo destrutivo. Como governo, estamos combatendo as drogas ilegais, eliminando o fornecimento e reduzindo a demanda por meio de programas educacionais antidrogas. No entanto, para aqueles que já estão viciados, a luta contra as drogas é uma luta pela própria vida. Muitos norte-americanos que buscam tratamento não conseguem obtê-lo. É por isso que esta noite proponho um novo programa de US\$ 600 milhões para ajudar mais 300 mil norte-americanos a receberem tratamento nos próximos três anos. (Aplausos.)

Nosso país tem a benção de contar com programas de recuperação que funcionam incrivelmente bem. Um deles é desenvolvido na Igreja Healing Place em Baton Rouge, Louisiana. Um homem que participa do programa disse: "Deus faz milagres na vida das pessoas, e você nunca acha que possa acontecer com você". Esta noite, enviemos esta mensagem de esperança a todos os norte-americanos que lutam contra o vício da droga: o milagre da recuperação é possível, e pode acontecer com você. (Aplausos).

Ao cuidarmos das crianças que precisam de mentores, e dos homens e mulheres viciados que precisam de tratamento, estamos construindo uma sociedade mais acolhedora – uma cultura que valoriza a vida. E neste trabalho não devemos deixar de lado os mais fracos. Peço a vocês que protejam as crianças desde a hora de seu nascimento e ponham um fim na prática do aborto por "nascimento parcial".(Aplausos.) E como nenhuma vida humana deve ser iniciada ou terminada como objeto de um experimento, peço a vocês que valorizem a humanidade e aprovelem uma lei contra a clonagem humana. (Aplausos).

As qualidades de coragem e compaixão pelas quais lutamos nos Estados Unidos também determinam nossa conduta no exterior. A bandeira dos Estados Unidos representa mais que nosso poder e nossos interesses. Nossos fundadores consagraram este país à causa da dignidade humana, aos direitos de cada pessoa e às possibilidades de cada vida. Esta convicção nos leva ao mundo para ajudar os aflitos, defender a paz e alterar os designios dos homens maus.

No Afeganistão, ajudamos a libertar um povo oprimido. E continuaremos a ajudá-lo a defender seu país, reconstruir sua sociedade e educar todas as crianças – meninos e meninas. (Aplausos.) No Oriente Médio, continuaremos a buscar paz entre um Israel seguro e uma Palestina democrática.(Aplausos) Em toda a Terra, os Estados Unidos estão alimentando os famintos – mais de 60% da ajuda alimentar internacional são um presente do povo norte-americano. Em um momento em que nossa nação movimenta tropas e constrói alianças para tornar nosso mundo mais seguro, devemos lembrar também que nossa missão como país abençoado é tornar este mundo melhor.

Hoje, no continente africano, quase 30 milhões de pessoas têm o vírus da Aids – inclusive 3 milhões de crianças com menos de 15 anos de idade. Há países inteiros na África onde mais de um terço da população adulta é portadora do vírus. Mais de 4 milhões precisam de tratamento imediato com medicamentos. No entanto, em todo o continente apenas 50 mil portadores do vírus da Aids – apenas 50 mil – estão recebendo os remédios necessários.

Como um diagnóstico de Aids é considerado uma sentença de morte, muitos não buscam tratamento. Quase todos que o fazem são dispensados. Um médico da área rural da África do Sul descreve sua frustração. Ele diz: "Não temos remédios. Muitos hospitais dizem às pessoas, você tem Aids, não podemos ajudá-lo. Vá para casa e morra". Em uma era de medicamentos miraculosos, nenhuma pessoa deveria ouvir essas palavras.(Aplausos).

A Aids pode ser prevenida. Medicamentos anti-retrovirais podem prolongar a vida por muitos anos. E o custo anual desses medicamentos caiu de US\$ 12 mil para menos de US\$ 300 – o que abre tremendas possibilidades para nós. Senhoras e senhores, raras vezes a história ofereceu uma oportunidade melhor de se fazer tanto para tantas pessoas.

Enfrentamos, e continuaremos a enfrentar, o HIV/Aids em nosso país. E para atender à grave crise no exterior, proponho nesta noite o Plano de Emergência para Combate à Aids, um trabalho de compaixão maior que todos os esforços internacionais atuais de ajuda ao povo africano. Esse plano abrangente prevenirá 7 milhões de novas contaminações, tratará de pelo menos 2 milhões de pessoas com medicamentos que prolongam o tempo de vida e fornecerá ajuda humanitária a milhões de pessoas que sofrem de Aids e às crianças órfãs da Aids. (Aplausos).

Peço ao Congresso que destine US\$ 15 bilhões para os próximos cinco anos, inclusive cerca de US\$ 10 bilhões em novos recursos, para combater a Aids nos países mais atingidos da África e do Caribe. (Aplausos).

Este país pode liderar o mundo para poupar pessoas inocentes de um flagelo da natureza. E este país está liderando o mundo para enfrentar e derrotar o mal criado pelo homem, o terrorismo internacional. (Aplausos).

Há dias em que nossos concidadãos não escutam notícias sobre a guerra ao terrorismo. Não há um só dia em que não fico sabendo de uma nova ameaça, ou recebo relatórios de operações em andamento, ou dou uma ordem nesta luta global contra uma rede dispersa de assassinos. A guerra continua, e estamos vencendo. (Aplausos).

Até o momento, prendemos ou demos um jeito em muitos comandantes importantes da Al Qaeda. Entre eles, um homem que administrou a logística e o financiamento para os atentados de 11 de setembro; o chefe de operações da Al Qaeda no Golfo Pérsico, que planejou os atentados às nossas embaixadas na África Oriental e ao USS Cole; um chefe de operações da Al Qaeda do Sudeste Asiático; um ex-diretor dos campos de

treinamento da Al Qaeda no Afeganistão; um membro importante da Al Qaeda na Europa; um importante líder da Al Qaeda no Iêmen. No total, mais de 3 mil suspeitos de atividades terroristas foram presos em muitos países. Muitos outros tiveram um destino diferente. Vamos colocar desta forma: eles não são mais um problema para os Estados Unidos nem para nossos amigos e aliados. (Aplausos).

Estamos trabalhando em parceria com outros países para prevenir mais ataques. Os EUA e países aliados descobriram e impediram conspirações terroristas que tinham como alvo a Embaixada dos EUA no Iêmen, a embaixada norte-americana em Cingapura, uma base militar saudita, navios no Estreito de Hormuz e no Estreito de Gibraltar. Desmantelamos células da Al Qaeda em Hamburgo, Milão, Madri, Londres, Paris, assim como em Buffalo, Nova York.

Os terroristas estão sendo perseguidos. Estamos mantendo a perseguição. Um por um, eles estão aprendendo o significado da justiça norte-americana. (Aplausos).

Ao promovermos esta guerra, nos lembraremos onde ela começou – aqui, em nosso país. O governo está tomando medidas sem precedentes para proteger nosso povo e defender nossa pátria. Intensificamos a segurança nas fronteiras e pontos de entrada, colocamos mais de 50 mil fiscais federais recém-treinados nos aeroportos, começamos a vacinar as tropas e os profissionais dos serviços de emergência contra a varíola e estamos implantando a primeira rede de sensores do país para detectar ataque biológico com antecedência. E neste ano, pela primeira vez, estamos começando a colocar em ação um sistema de defesa para proteger este país de ataques de mísseis balísticos. (Aplausos).

Agradeço ao Congresso por apoiar essas medidas. Peço a vocês esta noite que acrescentem à nossa segurança futura uma pesquisa importante e um esforço de produção para proteger nosso povo contra o bioterrorismo, o chamado Projeto Bioescudo. O orçamento que envio a vocês propõe que US\$ 6 bilhões sejam rapidamente disponibilizados para vacinas e tratamentos eficazes contra agentes como o antraz, a toxina botulínica, o vírus Ebola e a peste. Devemos assumir que nossos inimigos poderiam usar essas doenças como armas, e devemos agir antes que os perigos estejam à nossa frente. (Aplausos).

Desde o 11 de setembro, e mais do que nunca, nossas agências de inteligência e de polícia têm trabalhado em parceria para rastrear e desmantelar as atividades terroristas. O FBI está aprimorando sua capacidade de analisar informações da inteligência e está se transformando para enfrentar novas ameaças. Nesta noite, estou orientando os chefes do FBI, da CIA, da Segurança Interna e do Departamento de Defesa a criarem um Centro de Integração Contra a Ameaça Terrorista para reunir e analisar todas as informações sobre ameaças em um único local. Nosso governo deve ter a informação de melhor qualidade possível, e a usaremos para ter certeza de que as pessoas certas estejam nos lugares certos para proteger todos os nossos cidadãos. (Aplausos).

Nossa guerra contra o terror é uma disputa de vontades, na qual perseverança é poder. Nas ruínas das duas torres, no muro ocidental do Pentágono, em um campo na Pensilvânia, esta nação fez uma promessa, e renovamos essa promessa hoje: qualquer que seja a duração desta luta, e quaisquer que sejam as dificuldades, não permitiremos o triunfo da violência nos assuntos do homem – as pessoas livres determinarão o curso da história. (Aplausos).

Hoje, o perigo mais grave na guerra ao terror, o perigo mais grave que os Estados Unidos e o mundo enfrentam, são os regimes à margem da lei que buscam obter ou possuem armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes poderiam usar tais armas para chantagem, terror e massacres. Poderiam também dar ou vender essas armas para seus aliados terroristas, que as usariam sem a mínima hesitação.

Esta ameaça é nova; o dever dos EUA é conhecido. Ao longo do século 20, pequenos grupos de homens assumiram o controle de grandes nações, construíram exércitos e arsenais e se puseram a dominar os fracos e intimidar o mundo. Em cada caso, sua ambição por crueldade e assassinatos não teve limite. Em cada caso, a ambição do hitlerismo, do militarismo e do comunismo foi derrotada pela força de vontade de povos livres, pela força de grandes alianças e pelo poder dos Estados Unidos da América. (Aplausos).

Agora, neste século, a ideologia do poder e da dominação apareceu novamente e busca obter as armas mais avançadas do terror. Mais uma vez, esta nação e todos os nossos amigos são tudo aquilo que se ergue entre um mundo em paz e um mundo de caos e alerta constante. Mais uma vez, somos chamados para defender a segurança de nosso povo e as esperanças de toda a humanidade. E aceitamos esta responsabilidade. (Aplausos).

Os Estados Unidos estão fazendo um esforço amplo e determinado para enfrentar esses perigos. Conclamamos as Nações Unidas para que cumpra sua carta de direitos e mantenha sua exigência de que o Iraque se desarme. Estamos apoiando firmemente a Agência Internacional de Energia Atômica em sua missão de rastrear e controlar materiais nucleares no mundo inteiro. Estamos trabalhando com outros governos para manter em segurança materiais nucleares da antiga União Soviética e para fortalecer tratados internacionais de proibição da produção e remessa de tecnologias de mísseis e armas de destruição em massa.

Entretanto, em todos esses esforços, o propósito dos Estados Unidos é mais do que seguir um processo – é atingir um resultado: o fim das terríveis ameaças ao mundo civilizado. Todas as nações livres têm interesse em evitar um ataque repentino e catastrófico. E estamos pedindo-lhes que se juntem a nós, e muitas o estão fazendo. Contudo, a trajetória deste país não depende das decisões dos outros. (Aplausos) Qualquer que seja a ação exigida, quando qualquer ação for necessária, defenderei a liberdade e a segurança do povo norte-americano. (Aplausos.).

Ameaças diferentes exigem estratégias diferentes. No Irã, continuamos a ver um governo que reprime seu povo, busca obter armas de destruição em massa e apóia o terror. Também vemos cidadãos iranianos sofrendo intimidações e morte quando falam em liberdade, direitos humanos e democracia. Os iranianos, como todas as pessoas, têm o direito de escolher seu próprio governo e determinar seu próprio destino – e os Estados Unidos apóiam suas aspirações de viver em liberdade. (Aplausos).

Na Península da Coreia, um regime opressor governa um povo que vive com medo e passa fome. No curso dos anos 1990, os Estados Unidos confiaram em um acordo negociado para evitar que a Coreia do Norte obtivesse armas nucleares. Agora sabemos que esse regime estava enganando o mundo e desenvolvendo essas armas durante todo esse tempo. E hoje o regime norte-coreano está usando seu programa nuclear para incitar o medo e buscar concessões. Os Estados Unidos e o mundo não serão chantageados. (Aplausos).

Os Estados Unidos estão trabalhando com os países da região — Coreia do Sul, Japão, China e Rússia — para encontrar uma solução pacífica e mostrar ao governo norte-coreano que armas nucleares provocarão apenas isolamento, estagnação econômica e dificuldades contínuas. (Aplausos.) O regime norte-coreano terá o respeito do mundo e a revitalização de seu povo apenas quando abandonar suas ambições nucleares. (Aplausos.)

Nossa nação e o mundo devem aprender as lições da península coreana e não permitir o surgimento de uma ameaça ainda maior no Iraque. Não se pode permitir que um ditador cruel — com um histórico de agressões temerárias, com vínculos com o terrorismo, com grande riqueza potencial — domine uma região vital e ameace os Estados Unidos. (Aplausos.)

Há doze anos, Saddam Hussein viu-se diante da perspectiva de ser a última baixa de uma guerra que ele começara e perdera. Para poupar-se, concordou com a eliminação de todas as armas de destruição em massa. Nos 12 anos seguintes, violou sistematicamente esse acordo. Procurou fabricar armas químicas, biológicas e nucleares, até mesmo enquanto os inspetores estavam em seu país. Até agora, nada o deteve em sua busca por essas armas — nem sanções econômicas, nem o isolamento do mundo civilizado, nem mesmo ataques de mísseis de cruzeiro a suas instalações militares.

Quase três meses atrás, o Conselho de Segurança das Nações Unidas concedeu a Saddam Hussein sua última chance de desarmar-se. Em vez disso, ele demonstrou total desrespeito pela ONU e pela opinião mundial. Os 108 inspetores da ONU foram enviados para conduzir — não foram enviados para comandar uma caça, qual catadores de lixo, a materiais escondidos em um país do tamanho da Califórnia. O trabalho dos inspetores é verificar se o regime do Iraque está se desarmando. Compete ao Iraque mostrar exatamente onde esconde suas armas proibidas, apresentar essas armas para que o mundo possa vê-las e destruí-las conforme instrução. Nada disso aconteceu.

Os Estados Unidos concluíram em 1999 que Saddam Hussein tinha armas biológicas suficientes para produzir mais de 25.000 litros de antraz — doses suficientes para matar vários milhões de pessoas. Ele não prestou contas desse material. Nem apresentou nenhuma prova de que o destruiu.

As Nações Unidas concluíram que Saddam Hussein tinha material suficiente para produzir mais de 38.000 litros de toxina botulínica — o bastante para levar milhões de pessoas à morte por falência respiratória. Ele não prestou contas desse material. Nem apresentou nenhuma prova de que o destruiu.

Segundo autoridades do nosso serviço de inteligência, Saddam Hussein tinha material para produzir até 500 toneladas de gases sarin, mostarda e VX. Nessas quantidades, esses agentes químicos também poderiam matar milhares e milhares de pessoas. Ele não prestou contas desse material. Nem apresentou nenhuma prova de que o destruiu.

O serviço de inteligência dos EUA afirma que Saddam Hussein tinha mais de 30.000 ogivas capazes de transportar agentes químicos. Os inspetores encontraram recentemente 16 delas — apesar da recente declaração do Iraque negando sua existência. Saddam Hussein não prestou contas das outras 29.984 dessas munições proibidas. Nem apresentou nenhuma prova de que as destruiu.

Por meio de três desertores iraquianos, soubemos que o Iraque tinha vários laboratórios móveis de armas biológicas no fim da década de 1990. Destinavam-se a produzir agentes para guerra bacteriológica e podiam ser levados de um lugar para outro para fugir dos inspetores. Saddam Hussein não mostrou essas instalações. Nem apresentou nenhuma prova de que as destruiu.

A Agência Internacional de Energia Atômica confirmou nos anos 1990 que Saddam Hussein tinha um programa de desenvolvimento de armas nucleares avançadas, além de um projeto para uma arma nuclear, e estava trabalhando em cinco métodos diferentes de enriquecimento de urânio para uma bomba. O governo britânico apurou que, recentemente, Saddam Hussein procurou adquirir quantidades expressivas de urânio da África. E, conforme informações de fontes do nosso serviço de inteligência, tentou comprar tubos de alumínio de alta resistência próprios para produção de armas nucleares. Saddam Hussein não deu explicações convincentes sobre essas atividades. Sem dúvida, ele tem muito a esconder.

O ditador do Iraque não está se desarmando. Ao contrário, está enganando. Sabemos de fontes do serviço de inteligência, por exemplo, que milhares de funcionários da segurança iraquiana estão com a

incumbência de esconder documentos e materiais, limpando os locais das inspeções e monitorando os próprios inspetores. Autoridades iraquianas acompanham os inspetores a fim de intimidar as testemunhas.

O Iraque está bloqueando os vôos de vigilância dos aviões U-2 solicitados pelas Nações Unidas. Os agentes do serviço de inteligência iraquiana estão se fazendo passar pelos cientistas que os inspetores deveriam entrevistar. Os cientistas verdadeiros foram instruídos pelas autoridades iraquianas sobre o que dizer. Conforme informado por fontes do serviço de inteligência, Saddam Hussein determinou que os cientistas que cooperarem com os inspetores da ONU para o desarmamento do Iraque sejam mortos com suas famílias.

Ano após ano, Saddam Hussein fez planos meticulosos, gastou enormes somas de dinheiro, assumiu grandes riscos para construir e manter armas de destruição em massa. Mas por quê? A única explicação possível, o único uso possível que ele poderia fazer dessas armas seria para dominar, intimidar ou atacar.

Com armas nucleares ou um arsenal completo de armas químicas e biológicas, Saddam Hussein poderia retomar suas ambições de conquistas no Oriente Médio e criar um caos fatal na região. E este Congresso e o povo dos Estados Unidos precisam identificar outra ameaça. Provas obtidas de fontes do serviço de inteligência, comunicações secretas e depoimentos de pessoas que agora estão sob custódia revelam que Saddam Hussein ajuda e protege terroristas, inclusive membros da Al Qaeda. Secretamente e sem deixar marcas, ele pode fornecer uma de suas armas ocultas a terroristas ou ajudá-los a desenvolver armas próprias.

Antes do 11 de setembro, muitas pessoas no mundo acreditavam que Saddam Hussein poderia ser contido. Mas agentes químicos, vírus letais e redes invisíveis de terroristas não são contidos facilmente. Imaginem aqueles 19 seqüestradores com outras armas e outros planos — desta vez, armados por Saddam Hussein. Bastaria um frasco ou uma caixa introduzida neste país para causar um dia de horrores como jamais vimos. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para garantir que nunca chegue esse dia. (Aplausos.)

Segundo algumas pessoas, só deveremos agir quando a ameaça for iminente. Desde quando terroristas e tiranos anunciam sua intenção, avisando-nos educadamente antes de atacar? Se permitirmos que essa ameaça se concretize de forma repentina, todas as ações, todas as palavras e todas as recriminações chegariam tarde demais. Acreditar na sanidade e na moderação de Saddam Hussein não é uma estratégia nem uma opção. (Aplausos.)

O ditador, que está reunindo as armas mais perigosas do mundo, já as usou contra aldeias inteiras — deixando milhares de seus próprios cidadãos mortos, cegos ou desfigurados. Os refugiados iraquianos nos contam como são obtidas confissões forçadas — torturando crianças obrigando seus pais a presenciar. Grupos internacionais de direitos humanos catalogaram outros métodos utilizados na sala de torturas do Iraque: dar choque elétrico, queimar com ferros quentes, derramar ácido na pele, mutilar com furadeiras elétricas, cortar a língua e estuprar. Se isso não for maldade, então não sei o que é maldade. (Aplausos.)

E nesta noite tenho uma mensagem para o corajoso e oprimido povo do Iraque: seu inimigo não está cercando seu país — seu inimigo está governando seu país. (Aplausos.) E o dia em que ele e seu regime forem destituídos do poder será o dia de sua libertação. (Aplausos.)

O mundo esperou 12 anos para o Iraque se desarmar. Os Estados Unidos não aceitarão uma ameaça grave e crescente ao nosso país e aos nossos amigos e aliados. Os Estados Unidos pediram que o Conselho de Segurança da ONU se reúna em 5 de fevereiro para analisar os fatos sobre relativos ao desafio ao mundo manifestado pelo Iraque. O secretário de Estado, Colin Powell, apresentará as informações e apurações do serviço de inteligência sobre os programas de armas ilegais do Iraque, sua tentativa de esconder essas armas dos inspetores e seus vínculos com grupos terroristas.

Vamos fazer consultas. Mas, que fique bem claro: se Saddam Hussein não se desarmar por completo, para a segurança de nosso povo e para a paz mundial, lideraremos uma coalizão para desarmá-lo. (Aplausos.)

Esta noite, tenho uma mensagem para os homens e mulheres que vão manter a paz, membros das Forças Armadas dos EUA: muitos de vocês estão se instalando no Oriente Médio ou próximo dali, e algumas horas cruciais podem vir pela frente. Nessas horas, o sucesso de nossa causa dependerá de vocês. Seu treinamento os preparou. Sua honra os guiará. Vocês acreditam nos Estados Unidos, e os Estados Unidos acreditam em vocês. (Aplausos.)

Enviar norte-americanos ao campo de batalha é a decisão mais extrema que um presidente pode tomar. As tecnologias de guerra mudaram; os riscos e o sofrimento da guerra, não. Para os corajosos norte-americanos que correm o risco, nenhuma vitória está livre de dor. Esta nação entra na luta com relutância, porque conhecemos seu custo e tememos os dias de luto que sempre chegam.

Buscamos a paz. Lutamos pela paz. E, às vezes, a paz deve ser defendida. Um futuro vivido à mercê de ameaças terríveis não tem paz alguma. – poupando os inocentes de toda forma possível. E se a guerra nos for imposta, lutaremos com toda a força e poder dos militares dos Estados Unidos – e triunfaremos. (Aplausos.)

E como nós e nossos parceiros da coalizão estamos fazendo no Afeganistão, levaremos ao povo iraquiano alimentos, medicamentos e suprimentos – e liberdade. (Aplausos.)

Muitos desafios, no exterior e internos, chegaram em uma única temporada. Em dois anos os Estados Unidos passaram de uma sensação de invulnerabilidade para uma consciência do perigo; de amargas divergências em pequenos problemas para uma união tranquila em torno de grandes causas. E seguimos em frente com confiança, porque esse chamado da história chegou ao país certo.

Os norte-americanos são um povo decidido que vem crescendo a cada teste de nossos tempos. A adversidade revelou o caráter de nosso país para o mundo e para nós mesmos. Os Estados Unidos são uma nação forte e honesta no uso de nossa força. Exercemos o poder sem conquistas e nos sacrificamos pela liberdade de estranhos.

Os cidadãos dos Estados Unidos são um povo livre que sabe que a liberdade é um direito de todos e o futuro de todas as nações. A liberdade que prezamos não é um presente dos Estados Unidos para o mundo, é um presente de Deus para a humanidade. (Aplausos.)

Nós dos Estados Unidos temos fé em nós mesmos, mas não apenas em nós mesmos. Não conhecemos — nem alegamos conhecer todos os caminhos da Providência, embora possamos neles confiar, colocando nossa confiança no Deus amoroso que está por trás de tudo na vida e na história.

Que Ele nos guie agora. E que Deus continue a abençoar os Estados Unidos da América. (Aplausos.)

## **6. Discurso sobre o Estado da União em 20 de janeiro 2004**

Senhor presidente do Congresso, vice-presidente Cheney, congressistas e concidadãos: os Estados Unidos nesta noite são uma nação chamada a grandes responsabilidades. E estamos nos esforçando para cumpri-las.

Enquanto nos reunimos nesta noite, centenas de milhares de militares norte-americanos, homens e mulheres, estão distribuídos ao redor do mundo na guerra contra o terror. Levando esperança aos oprimidos e justiça aos violentos, eles estão tornando os Estados Unidos mais seguros. (Aplausos.)



Todos os dias, agentes policiais e investigadores do serviço de inteligência estão investigando ameaças terroristas; analistas estão examinando listas de passageiros das companhias aéreas; os homens e mulheres do nosso novo Departamento de Segurança Interna estão patrulhando nossos litorais e fronteiras. E a vigilância de todos eles está protegendo os Estados Unidos. (Aplausos.)

Os norte-americanos estão provando mais uma vez ser o povo que trabalha com mais afinco no mundo. A economia norte-americana está crescendo mais forte. Os benefícios fiscais que os senhores aprovaram estão funcionando. (Aplausos.)

Esta noite os congressistas podem se orgulhar dos grandes trabalhos de solidariedade e reforma que os céticos pensavam ser impossível. Os senhores estão elevando os padrões das nossas escolas públicas e estão dando aos nossos cidadãos de terceira idade cobertura para a prescrição de medicamentos no Programa de Assistência Médica (Medicare). (Aplausos.)

Enfrentamos sérios desafios juntos e agora temos uma escolha a fazer: podemos avançar com confiança e determinação ou podemos voltar para a ilusão perigosa de que os terroristas não estão conspirando e os regimes ilegais não são uma ameaça para nós. Podemos perseverar com crescimento econômico e reformas na educação e no Medicare ou podemos voltar para velhas políticas e velhas divisões.

Não percorremos todo esse caminho – acompanhados de tragédia, sofrimento e guerra – apenas para vacilar e deixar nosso trabalho inacabado. Os norte-americanos estão se mostrando à altura das tarefas da história e eles esperam o mesmo de nós. Em seus esforços, em seus empreendimentos e em seu caráter, o povo norte-americano está mostrando que o Estado da nossa União é confiante e forte. (Aplausos.)

Nossa maior responsabilidade é a defesa ativa do povo norte-americano. Vinte e oito meses se passaram desde 11 de setembro de 2001 – mais de dois anos sem um ataque em solo norte-americano. E é tentador acreditar que o perigo ficou para trás. Essa esperança é compreensível, reconfortante – porém falsa. A matança continuou em Bali, Jacarta, Casablanca, Riad, Mombasa, Jerusalém, Istambul e Bagdá. Os terroristas continuam a conspirar contra os Estados Unidos e o mundo civilizado. E por nossa vontade e coragem, esse perigo será derrotado. (Aplausos.)

Dentro dos Estados Unidos, onde a guerra começou, precisamos continuar a dar ao nosso pessoal da segurança interna e da polícia todas as ferramentas que necessitam para nos defender. E uma dessas ferramentas essenciais é a Lei Patriota, que permite que a polícia federal compartilhe informações, investigue terroristas, desmantele suas células e apodere-se de seus bens. Durante anos, usamos disposições similares para capturar fraudadores e traficantes de drogas. Se esses métodos são bons para caçar criminosos, são ainda mais importantes para caçar terroristas. (Aplausos.) Disposições importantes da Lei Patriota estão previstas para expirar no próximo ano. (Aplausos.) A ameaça terrorista não expirará nessa data. (Aplausos.) Nossa polícia precisa dessa legislação vital para proteger nossos cidadãos. Os senhores precisam renovar a Lei Patriota. (Aplausos.)

Os Estados Unidos estão na ofensiva contra os terroristas que iniciaram essa guerra. Em março passado, Khalid Shaikh Mohammed, um dos mentores do 11 de setembro, viu-se de repente sob a custódia das autoridades dos EUA e do Paquistão. Em 11 de agosto conseguimos capturar o terrorista Hambali, um dos principais participantes no atentado da Indonésia, que causou a morte de mais de 200 pessoas. Estamos nas pegadas da Al Qaeda no mundo todo e quase dois terços de seus líderes conhecidos já estão presos ou mortos. Milhares de militares bem treinados e determinados participam dessa caçada humana, perseguindo os matadores

remanescentes que buscam esconderijo em cidades e cavernas e, um a um, levaremos esses terroristas à justiça. (Aplausos.)

Como parte da ofensiva contra o terror, estamos também confrontando os regimes que abrigam e dão respaldo a terroristas e que poderiam supri-los com armas nucleares, químicas ou biológicas. Os Estados Unidos e nossos aliados estão determinados: recusamo-nos a viver à sombra deste enorme perigo. (Aplausos.)

Os primeiros a sentirem nossa determinação foram os talebans, que fizeram do Afeganistão a base principal de treinamento dos assassinos da Al Qaeda. A partir deste mês, esse país tem uma nova constituição, garantindo eleições livres e total participação das mulheres. Empresas estão sendo abertas, centros de saúde estão sendo instalados e os meninos e meninas do Afeganistão estão de volta à escola. Com a ajuda do novo exército afegão, nossa coalizão está liderando ataques enérgicos contra os membros sobreviventes do Taleban e da Al Qaeda. Os homens e mulheres do Afeganistão estão construindo uma nação livre e orgulhosa e estão combatendo o terror — e os Estados Unidos têm a honra de serem seus amigos. (Aplausos.)

Desde que nos encontramos pela última vez nesta neste recinto, as forças de combate dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Austrália, da Polônia e de outros países cumpriram as exigências das Nações Unidas, puseram fim ao governo de Saddam Hussein e o povo do Iraque está livre. (Aplausos.)

Derrubado o regime baathista, enfrentamos ainda os remanescentes violentos partidários de Saddam. Os homens que fugiram das nossas tropas em combate estão agora dispersos e atacam das sombras. Esses matadores, que receberam reforço de terroristas estrangeiros, são um perigo sério e contínuo. Ainda assim estamos fazendo progressos contra eles. O outrora todo-poderoso governante do Iraque foi encontrado em um buraco e agora se encontra uma cela de prisão. (Aplausos.) Das 55 principais autoridades do antigo regime, capturamos ou matamos 45. Nossas forças estão na ofensiva, liderando mais de 1.600 patrulhas por dia e realizando uma média de 180 ataques por semana. Estamos lidando com esses criminosos no Iraque da mesma forma como lidamos com o regime maligno de Saddam Hussein. (Aplausos.)

O trabalho de construção de um novo Iraque é difícil e é o correto. E os Estados Unidos sempre estão dispostos a fazer o que é correto. Até janeiro do ano passado, a única lei do Iraque era o chicote de um homem violento. Atualmente nossa coalizão está trabalhando com o Conselho de Governo iraquiano para esboçar uma lei básica, com um projeto de declaração de direitos. Estamos trabalhando com os iraquianos e com as Nações Unidas para preparar uma transição para a completa soberania do Iraque até o final de junho.

À medida que a democracia se instala no Iraque, os inimigos da liberdade farão tudo que estiver ao seu alcance para espalhar a violência e o temor. Estão tentando abalar a disposição do nosso país e dos nossos amigos, mas os Estados Unidos da América jamais se deixarão intimidar por criminosos e assassinos. (Aplausos.) Os assassinos fracassarão e o povo do Iraque viverá em liberdade. (Aplausos.)

Mês a mês os iraquianos estão assumindo mais responsabilidade por sua própria segurança e seu futuro. E esta noite temos a honra de dar as boas-vindas a um dos mais respeitáveis líderes do Iraque: o atual presidente do Conselho de Governo do Iraque, Adnan Pachachi. Caro senhor, os Estados Unidos estão do seu lado e do lado do povo iraquiano na construção de uma nação livre e pacífica. (Aplausos.)

Devido à liderança e à determinação dos Estados Unidos, o mundo está mudando para melhor. No mês passado, o líder da Líbia voluntariamente prometeu divulgar e dismantelar todos os programas de armas de destruição em massa do regime, inclusive um projeto de enriquecimento de urânio para armas nucleares. O

coronel Khadafi decidiu corretamente que seu país estaria em melhores condições e muito mais seguro sem armas de destruição em massa. (Aplausos.)

Nove meses de intensas negociações envolvendo os Estados Unidos e a Grã-Bretanha deram bons resultados com a Líbia, ao passo que 12 anos de diplomacia com o Iraque não conseguiram o mesmo. E uma razão é clara: para que a diplomacia vigore, as palavras devem ser confiáveis, e ninguém agora pode duvidar da palavra dos Estados Unidos. (Aplausos.)

Ameaças diferentes exigem estratégias diferentes. Juntamente com outras nações da região, insistimos para que a Coreia do Norte elimine seu programa nuclear. Os Estados Unidos e a comunidade internacional estão exigindo que o Irã cumpra seus compromissos e não desenvolva armas nucleares. Os Estados Unidos se comprometeram a manter as armas mais perigosas do mundo fora das mãos dos regimes mais perigosos. (Aplausos.)

Quando compareci a esta tribuna em 20 de setembro de 2001, trouxe a insígnia de um policial morto, como lembrança das vidas que se foram e de uma tarefa que não termina. Manifestei aos senhores e a todos os norte-americanos meu total compromisso com a segurança do nosso país e com a derrota dos nossos inimigos. E essa promessa, feita por um, foi cumprida por muitos.

Os senhores no Congresso forneceram os recursos para a nossa defesa e tomaram a difícil decisão de votar entre guerra e paz. Nossos aliados mais próximos não hesitaram. Os investigadores do serviço de inteligência e os diplomatas norte-americanos foram hábeis e incansáveis. E sobre os homens e as mulheres das forças armadas dos Estados Unidos recaiu a tarefa mais árdua. Assistimos à sua eficiência e coragem em investidas blindadas e ataques noturnos e nas horas solitárias de vigilância fiel. Assistimos à alegria de seu retorno e sentimos pesar quando um deles se perde. Tive a honra de encontrar nossos militares, homens e mulheres, em muitos postos, desde o convés de uma embarcação no Pacífico até um refeitório em Bagdá.

Muitas de nossas tropas estão nos ouvindo esta noite. E eu quero que vocês e suas famílias saibam: os Estados Unidos estão orgulhosos de vocês. E meu governo e este Congresso lhes darão os recursos de que necessitam para combater e vencer a guerra contra o terror. (Aplausos.)

Sei que algumas pessoas questionam se os Estados Unidos estão realmente em guerra. Elas vêem o terrorismo mais como um crime, um problema a ser resolvido principalmente mediante o cumprimento da lei e indiciamentos. Depois que o World Trade Center foi atacado pela primeira vez em 1993, alguns dos culpados foram indiciados, julgados, condenados e enviados para a prisão. Mas o assunto não foi resolvido. Os terroristas estavam ainda treinando e conspirando em outros países e projetando planos mais ambiciosos. Após o caos e a carnificina do 11 de setembro, não é suficiente tratar nossos inimigos utilizando a letra da lei. Os terroristas e seus patrocinadores declararam guerra aos Estados Unidos, e foi guerra o que conseguiram. (Aplausos.)

Alguns nesta Casa e em nosso país não apoiaram a liberação do Iraque. Objeções à guerra muitas vezes decorrem de razões de princípios. Mas vamos ser honestos sobre as conseqüências de deixar Saddam Hussein no poder. O Relatório Kay já identificou várias atividades de programas relacionados com armas de destruição em massa e quantidades significativas de equipamentos que o Iraque escondeu das Nações Unidas. Se não tivéssemos agido, os programas de armas de destruição em massa do ditador teriam continuado até os dias de hoje. Se não tivéssemos agido, as resoluções do Conselho de Segurança sobre o Iraque teriam se revelado ameaças vazias, enfraquecendo as Nações Unidas e encorajando a afronta dos ditadores em todo o mundo. As câmaras de tortura do Iraque ainda estariam cheias de vítimas, aterrorizadas e inocentes. Os campos de matança

do Iraque — onde centenas de milhares de homens e mulheres e crianças desapareceram nas areias — ainda seriam conhecidos somente pelos matadores. Para todos que amam a liberdade e a paz, o mundo sem o regime de Saddam Hussein é um lugar melhor e mais seguro. (Aplausos.)

Alguns críticos afirmaram que nossos deveres no Iraque devem ser internacionalizados. Essa crítica em particular é difícil de ser explicada para nossos parceiros na Grã-Bretanha, na Austrália, no Japão, na Coreia do Sul, nas Filipinas, na Tailândia, na Itália, na Espanha, na Polônia, na Dinamarca, na Hungria, na Bulgária, na Ucrânia, na Romênia, na Holanda — (aplausos) — na Noruega, em El Salvador e em 17 outros países que enviaram tropas ao Iraque. (Aplausos.) Quando discutimos isso em nosso país não devemos nunca ignorar as contribuições vitais de nossos parceiros internacionais ou desconsiderar seus sacrifícios.

Desde o início, os Estados Unidos procuraram o apoio internacional para nossas operações no Afeganistão e no Iraque e conseguimos bastante. Há uma diferença, contudo, entre liderar uma coalizão de muitas nações e submeter-se às objeções de uns poucos. Os Estados Unidos nunca dependerão de permissão para defender a segurança de nosso país. (Aplausos.)

Também tomamos conhecimento das dúvidas sobre a democracia ser uma meta realista para o Grande Oriente Médio, onde a liberdade é coisa rara. No entanto, trata-se de uma atitude errada e arrogante supor que culturas inteiras e grandes religiões são incompatíveis com liberdade e autonomia. Acredito que Deus plantou em cada coração humano o desejo de viver em liberdade. E mesmo quando esse desejo é esmagado por décadas de tirania, ele surgirá novamente. (Aplausos.)

Enquanto houver tirania, desespero e ódio no Oriente Médio, a região continuará a produzir homens e movimentos que ameaçam a segurança dos Estados Unidos e de nossos amigos. Por isso os EUA buscam uma estratégia avançada de liberdade na região do Grande Oriente Médio. Desafiaremos os inimigos das mudanças, confrontaremos os aliados do terror e esperamos critérios mais elevados de nossos amigos. Para eliminar as barreiras da propaganda do ódio, a Voz da América e outros serviços de radiodifusão estão expandindo sua programação para o árabe e o persa — e, em breve, um novo serviço de televisão passará a fornecer notícias e informações confiáveis em toda a região. Enviarei aos senhores uma proposta para dobrar o orçamento da Fundação Nacional para a Democracia e focar o novo trabalho dessa instituição no desenvolvimento de eleições livres, imprensa livre e sindicatos livres no Oriente Médio. Acima de tudo, encerraremos o trabalho histórico de democracia no Afeganistão e no Iraque, de forma que essas nações possam abrir caminho para as demais e ajudar a transformar uma parte conturbada do mundo. (Aplausos.)

Os Estados Unidos têm uma missão, e essa missão tem origem em nossas crenças mais básicas. Não temos nenhum desejo de dominar, não temos nenhuma ambição de domínio. Nosso objetivo é a paz democrática — uma paz fundamentada na dignidade e nos direitos de todo homem e mulher. Os Estados Unidos atuam em prol dessa causa juntamente com amigos e aliados, mas também compreendemos nossa vocação especial: esta grande república conduzirá a causa da liberdade. (Aplausos.)

Nos últimos três anos, a adversidade revelou também os pontos fortes da economia norte-americana. Enfrentamos recessão, ataques terroristas, escândalos corporativos e incertezas de guerra. E, como os senhores estimularam nossa economia com benefícios fiscais, ela se fortaleceu e está ficando cada vez mais sólida. (Aplausos.)

Os senhores aumentaram de US\$ 500 para US\$ 1.000 a dedução por filho dependente na declaração de rendimentos, reduziram o imposto pago na declaração conjunta de rendimentos, iniciaram a redução gradual do

imposto sobre herança, reduziram impostos sobre ganhos de capital e dividendos de ações, cortaram impostos das pequenas empresas e reduziram impostos para todo norte-americano que paga imposto de renda.

Os norte-americanos puseram esses dólares para trabalhar, levando essa economia adiante. O ritmo do crescimento econômico no terceiro trimestre de 2003 foi o mais rápido nos últimos 20 anos; os índices de construção civil foram os mais altos nos últimos 20 anos; os índices de aquisição da casa própria, os mais altos já registrados. A atividade industrial está crescendo. A inflação está baixa. As taxas de juros estão baixas. As exportações estão crescendo. A produtividade está alta, e os índices de emprego crescem. (Aplausos.)

Esses números confirmam que o povo norte-americano está usando seu dinheiro muito melhor do que o governo usaria - e os senhores agiram corretamente em devolvê-lo. (Aplausos.)

A crescente economia dos EUA é também uma economia em mudança. À medida que a tecnologia transforma a maneira de gerar empregos, os Estados Unidos tornam-se mais produtivos, e os trabalhadores precisam adquirir novas aptidões. Muito do crescimento nas taxas de emprego se dará em áreas de alta qualificação, como saúde e biotecnologia. Dessa forma, devemos responder ajudando mais norte-americanos a conquistar a capacitação de que precisam para encontrar bons empregos em nossa nova economia. O primeiro passo para adquirir qualquer habilidade é saber ler e conhecer as operações matemáticas elementares, que devem ser aprendidas nos primeiros anos escolares. No entanto, por muito tempo - e por muitas crianças - essas habilidades nunca foram conquistadas. Ao aprovar a lei Nenhuma Criança Fora da Escola, os senhores transformaram a alfabetização em lei no país. Estamos fornecendo mais verbas às nossas escolas - um aumento de 36% desde 2001. Estamos exigindo uma elevação nos padrões de ensino. Todas as crianças são submetidas a testes periódicos sobre as habilidades básicas. Estamos enviando relatórios aos pais e nos certificando de que eles tenham melhores opções quando as escolas não atingem o desempenho esperado. Estamos progredindo para que cada criança dos EUA conquiste um padrão de excelência. (Aplausos.)

Mas o status quo sempre tem defensores. Alguns querem prejudicar a Lei Nenhuma Criança Fora da Escola enfraquecendo padrões e transparência. No entanto, os resultados esperados são de fato uma questão de senso comum: esperamos que os alunos da terceira série sejam capazes de ler e saibam matemática de terceira série — e isso não é pedir muito. As provas são a única forma de identificar e ajudar os alunos atrasados. Este país não vai retroceder aos dias em que se arrastava a criança de série em série sem que ela aprendesse o básico. Recuso-me a desistir das crianças - e a lei Nenhuma Criança Fora da Escola está abrindo as portas para todas as crianças norte-americanas. (Aplausos.)

Ao mesmo tempo, devemos garantir que alunos mais velhos e adultos possam conquistar a capacitação necessária para encontrar emprego nos dias de hoje. Muitas das ocupações que registram os maiores índices de crescimento exigem sólidos conhecimentos em matemática e ciências, além de preparação superior ao ensino médio. Por isso, proponho esta noite uma série de medidas que chamei de Empregos para o Século 21. Esse programa fornecerá ajuda extra a alunos do ensino fundamental e médio que têm dificuldades em leitura e matemática, ampliará os programas de colocação em escolas para famílias de baixa renda, convidará profissionais da área matemática e científica do setor privado para lecionar em regime de meio-período em nossos colégios. Proponho bolsas de estudo Pell mais amplas a estudantes em fase de preparação para a faculdade, por meio de cursos mais exigentes no ensino médio. (Aplausos.) Proponho aumentar nosso apoio às faculdades comunitárias dos Estados Unidos, de forma que — (aplausos) — de forma que possam treinar trabalhadores para os setores que geram a maior parte dos empregos. Com todas essas medidas, ajudaremos mais

e mais norte-americanos a participar da crescente prosperidade de nosso país. O treinamento profissional é importante, e a geração de empregos também.

Devemos continuar nos empenhando para conseguir uma agenda dinâmica, pró-crescimento econômico. (Aplausos.) O Congresso tem alguns assuntos não concluídos sobre a questão dos impostos. A vigência das reduções fiscais em breve expirará. A menos que os senhores ajam — (aplausos) —, a menos que os senhores ajam, a injusta tributação paga na declaração conjunta de rendimentos voltará. Se nada for feito, milhões de famílias serão taxadas em US\$ 300 a mais por criança. Se nada for feito, as pequenas empresas pagarão impostos mais altos. Se nada for feito, o imposto sobre herança voltará. Se nada for feito, os norte-americanos enfrentarão um aumento fiscal. O Congresso não deve tomar de volta o que já deu. Para manter o aumento da oferta de empregos, os cortes fiscais que os senhores aprovaram devem ser permanentes. (Aplausos.)

Nossa agenda por empregos e crescimento deve ajudar os empresários e funcionários de pequenas empresas, isentando-os da regulamentação federal desnecessária e protegendo-os de ações judiciais frívolas e abusivas. (Aplausos.)

Consumidores e empresários precisam de fontes de energia confiáveis para fazer nossa economia avançar — portanto, peço aos senhores que aprovem a legislação para modernizar nosso sistema de fornecimento de energia, promover sua economia e fazer os Estados Unidos menos dependentes de fontes externas de energia. (Aplausos.) Meu governo promove o comércio livre e justo para abrir novos mercados a empresários, fabricantes e agricultores dos EUA — para criar empregos aos trabalhadores do país. Trabalhadores mais jovens devem ter a oportunidade de iniciar uma poupança guardando parte dos impostos da previdência social numa conta pessoal de aposentadoria. (Aplausos.) Devemos fazer com que o sistema de previdência social contribua para que o norte-americano possa ter sua propriedade. (Aplausos.) E devemos limitar os encargos do governo sobre essa poupança agindo como bom guardião dos dólares dos contribuintes. (Aplausos.)

Em duas semanas enviarei aos senhores um orçamento com os recursos necessários para financiar a guerra, proteger o país e atender às importantes necessidades internas, ao mesmo tempo que limita o crescimento de gastos discricionários para menos de 4%. (Aplausos.) Isso exigirá que o Congresso se concentre nas prioridades, corte gastos desnecessários e faça bom uso do dinheiro do povo. Fazendo isso, nos próximos cinco anos conseguiremos cortar o déficit pela metade. (Aplausos.)

Hoje também lhes peço que mudem nossas leis de imigração, de forma que reflitam nossos valores e beneficiem nossa economia. Proponho um novo programa de trabalho temporário que atenda aos interesses de estrangeiros interessados em trabalhar e aos de empregadores com postos de trabalho a oferecer, desde que não haja norte-americanos para preencher as vagas. Essa reforma será positiva para nossa economia, pois os empregadores encontrarão os trabalhadores que de precisam por meio de um sistema honesto e ordenado. Um programa de trabalho temporário ajudará a proteger nosso país, permitindo que a Polícia das Fronteiras e a segurança pública se concentrem nas verdadeiras ameaças à nossa segurança nacional.

Sou contra a anistia, pois isso encoraja mais imigração ilegal e premia injustamente os infratores. Meu programa de trabalho temporário preservará o caminho da cidadania àqueles que respeitam a lei, enquanto resgata das sombras milhões de homens e mulheres que trabalham duro. (Aplausos.)

Nosso sistema de saúde, assim como nossa economia, também passa por um período de transformação. Tecnologias médicas fabulosas estão melhorando e salvando vidas. Esse enorme progresso representa um desafio por aumentar os custos da assistência médica e do seguro-saúde. Membros do Congresso, precisamos

trabalhar juntos para ajudar no controle desses custos e ampliar os benefícios da medicina moderna para todo o país. (Aplausos.)

Alcançar esses objetivos exige esforço bipartidário e, há dois meses, os senhores mostraram como fazê-lo. Ao fortalecer o sistema Medicare e ampliar a cobertura para medicamentos sob prescrição médica, os senhores assumiram um compromisso com nossos idosos: estamos dando a eles a medicina moderna que merecem. (Aplausos.)

A partir deste ano, segundo a lei que os senhores aprovaram, os idosos poderão optar por receber um cartão de desconto de medicamentos, o que significa uma economia de 10% a 25% sobre os preços de varejo da maioria dos medicamentos - e milhões de idosos de baixa renda poderão obter um adicional de US\$600 para comprar remédios. A partir do próximo ano, os idosos terão direito a exames preventivos para detectar diabetes e doenças cardíacas. Ao ingressar no sistema Medicare, os idosos passarão por check-up.

A partir de 2006, o sistema Medicare passará a cobrir os medicamentos prescritos para cidadãos idosos. Por um prêmio mensal de aproximadamente US\$ 35, a maior parte dos idosos, que hoje não conta com essa cobertura, terá suas despesas com medicamentos reduzidas quase à metade. Depois dessa reforma, os idosos poderão manter seu plano Medicare atual ou poderão escolher o plano Medicare que melhor lhes convier – da mesma forma que os senhores, membros do Congresso, podem escolher um plano de seguro-saúde que atenda às suas necessidades. E, a partir deste ano, milhões de norte-americanos poderão economizar dinheiro, com isenção de impostos, em uma conta “poupança-saúde” para suas despesas médicas. (Aplausos.)

Assinei essa medida com muito orgulho e qualquer tentativa de limitar as escolhas de nossos idosos, ou de retirar a cobertura para medicamentos prescritos de acordo com o plano Medicare, será vetada por mim. (Aplausos.)

Quanto à crucial questão da assistência médica, nossa meta é garantir que os norte-americanos possam escolher e ter direito à cobertura de assistência médica particular que melhor atenda às suas necessidades individuais. Para tornar o seguro mais acessível, o Congresso precisa agir para tratar rapidamente dos custos crescentes da assistência médica. As pequenas empresas devem ser capazes de se reunir e negociar para obter taxas menores e poder estender a cobertura do seguro-saúde a um maior número de trabalhadores. Conclamo-os a aprovarem a lei sobre planos de saúde em grupo. (Aplausos.) Peço que concedam aos norte-americanos de baixa renda um crédito fiscal reembolsável, medida que permitiria a milhões de pessoas adquirir seus próprios seguros-saúde básicos. (Aplausos.)

Adotando prontuários médicos computadorizados, podemos evitar temíveis erros médicos, reduzir custos e aperfeiçoar o atendimento médico. Para proteger a relação médico-paciente e manter bons médicos fazendo uma boa medicina, precisamos eliminar as ações judiciais inúteis e frívolas impetradas contra médicos e instituições de saúde. (Aplausos.) E esta noite eu proponho que, como parte de nosso novo projeto para contas de poupança-saúde, as pessoas que adquirem cobertura de péssima qualidade possam deduzir 100% do valor dos prêmios de seus impostos. (Aplausos.)

Um sistema de assistência médica administrado pelo governo é a prescrição errada. (Aplausos.) Mantendo os custos sob controle, ampliando o acesso e ajudando um maior número de norte-americanos a adquirir um seguro-saúde, preservaremos o sistema de medicina particular que faz da assistência médica dos Estados Unidos a melhor do mundo. (Aplausos.)

Estamos vivendo em uma era de grandes mudanças – em nosso mundo, em nossa economia, na ciência e na medicina. Ainda assim, algumas coisas persistem - coragem e solidariedade, reverência e integridade, respeito pelas diferenças de crenças e raças. Os valores segundo os quais tentamos viver nunca mudam. E eles são instilados em nós por instituições fundamentais como a família, a escola e as congregações religiosas. Essas instituições, esses invisíveis pilares da civilização, devem continuar inabaláveis nos Estados Unidos e ser por nós defendidos. Devemos preservar a vida em família para criar filhos saudáveis e responsáveis. Quando se trata de ajudar os filhos a tomar as decisões acertadas, esta é uma tarefa que cabe a todos nós.

Uma das piores decisões que nossos filhos podem tomar é arriscar sua vida e futuro nas drogas. Nosso governo está ajudando os pais a enfrentar esse problema por meio de educação, tratamento e aplicação da lei. O uso de drogas nas escolas de ensino médio diminuiu 11% nos dois últimos anos. Em relação ao ano de 2001, o número de jovens que usam drogas ilícitas diminuiu em 400 mil. (Aplausos.) No meu orçamento, proponho continuar nossa dinâmica estratégica baseada na comunidade, para reduzir a procura por drogas ilícitas. Os testes para detecção de uso de drogas em nossas escolas comprovaram ser uma parte eficaz desse esforço. Por isso, esta noite, proponho uma verba de US\$ 23 milhões para as escolas que desejem adotar os testes para detecção de uso de drogas, como um instrumento para salvar a vida de nossos filhos. O objetivo aqui não é punir os jovens, mas sim enviar-lhes esta mensagem: amamos vocês e não queremos perdê-los. (Aplausos.)

Para ajudar nossos filhos a fazer as escolhas certas, é preciso que eles tenham bons exemplos. Os esportes desempenham um papel muito importante em nossa sociedade, mas, infelizmente, alguns atletas profissionais não podem ser tomados como exemplos. O uso de drogas que melhoram o desempenho esportivo, como os esteróides anabolizantes, no beisebol, futebol americano e outros esportes é perigoso e envia a mensagem errada – que existem atalhos para a realização e que o desempenho é mais importante que o caráter. Portanto, esta noite, conclamo os clubes das equipes, os representantes de sindicatos, treinadores e jogadores a tomar a iniciativa e enviar o sinal correto, ser duros e abandonar o uso de esteróides imediatamente. (Aplausos.)

Para estimular nossos filhos a fazer as escolhas certas, precisamos estar dispostos a enfrentar os perigos com que os jovens se deparam – mesmo que seja difícil falar sobre esses assuntos. A cada ano, cerca de 3 milhões de adolescentes contraem doenças sexualmente transmissíveis que pode prejudicá-los, matá-los ou impedi-los de vir a procriar no futuro. Meu orçamento prevê uma campanha voltada para as camadas populares com o objetivo de ajudar a informar as famílias sobre esses riscos. Duplicaremos os recursos federais para os programas de abstinência, para que as escolas possam ensinar esse fato da vida: para os jovens, a abstinência é a única forma segura de evitar doenças sexualmente transmissíveis. (Aplausos.)

As decisões que os jovens tomam hoje podem afetar sua saúde e caráter para o resto de suas vidas. Todos nós – pais, escolas e governo – precisamos trabalhar juntos para neutralizar a influência negativa da cultura e para mandar as mensagens certas para nossos filhos.

Para ser um país forte, os Estados Unidos precisam também valorizar a instituição do casamento. Acredito que devemos respeitar os indivíduos, quando assumimos uma postura, baseada em princípios, por uma das mais importantes e duradouras instituições de nossa civilização. O Congresso já assumiu uma postura sobre essa questão, ao aprovar a Lei de Defesa do Casamento, assinada em 1996 pelo presidente Clinton. Essa lei protege o casamento de acordo com a legislação federal, como a união entre um homem e uma mulher, e declara que um Estado não pode redefinir o casamento para outros Estados.



Juízes ativistas, no entanto, começaram a redefinir o casamento por meio de decisões judiciais, sem levar em consideração aquilo que deseja o povo e seus representantes eleitos. Quando se trata de uma questão que pode gerar tamanhas conseqüências, é preciso ouvir a voz do povo. Se os juízes insistirem em impor seu desejo arbitrário sobre o povo, a única alternativa seria o povo recorrer ao processo constitucional. Nossa nação precisa defender a santidade do casamento. (Aplausos.)

O resultado deste debate é importante — assim como a forma que nós o conduzimos. A mesma tradição moral que define o casamento ensina também que cada indivíduo é digno e tem valor aos olhos de Deus. (Aplausos.)

É importante também reforçar nossas comunidades liberando a solidariedade das instituições religiosas dos Estados Unidos. As instituições de caridade religiosas, de todos os credos, estão fazendo um pouco do trabalho mais importante de nosso país — cuidando de crianças, alimentando os famintos, segurando a mão dos solitários. Ainda assim, o governo muitas vezes recusou-se a fornecer verbas e contratos de serviço social para esses grupos, só por eles terem uma cruz, uma estrela de Davi ou uma lua em quarto crescente na parede. Por ato do Executivo, concedi bilhões de dólares em verbas para concorrência que inclui instituições de caridade de cunho religioso. Esta noite peço-lhes que transformem isso em lei, de forma que as pessoas crentes saibam que a lei nunca os discriminará novamente. (Aplausos.)

No passado, trabalhamos juntos para conseguir mentores para os filhos de prisioneiros, tratamento para os dependentes químicos e ajuda para os sem-teto. Esta noite, peço que considerem outro grupo de norte-americanos que necessita de ajuda. Este ano, aproximadamente 600 mil reclusos serão libertados e passarão a viver em sociedade novamente. A longa experiência nos mostrou que se eles não conseguirem trabalho, ou um lar, ou ajuda, é muito provável que voltem a cometer crimes e retornem à prisão. Por isto, esta noite, proponho uma iniciativa de quatro anos de duração e verba de US\$ 300 milhões, para reinserir ex-detentos na sociedade, para ampliar os serviços de capacitação profissional e de colocação, providenciar alojamento temporário e ajudar ex-detentos recém-libertados a receber orientação, inclusive de grupos religiosos. (Aplausos.) Os Estados Unidos são a terra da segunda chance e quando os portões da prisão se abrem, o caminho à frente deve conduzir a uma vida melhor. (Aplausos.)

Para todos os americanos, os últimos três anos trouxeram provações não solicitadas e realizações compartilhadas por todos. Por meio de nossas ações, mostramos que tipo de nação somos. Na dor, descobrimos a graça para ir em frente. No desafio, redescobrimos a coragem e a ousadia de um povo livre. Na vitória, demonstramos os nobres objetivos e o bom coração dos Estados Unidos. E, tendo chegado até aqui, sentimos que vivemos em um tempo notável.

Tenho testemunhado o caráter do povo dos Estados Unidos, que se mostrou calmo em tempos de perigo, solidário uns com os outros e resistente nas longas jornadas. Temos sido todos parceiros em um grande empreendimento. E até mesmo os mais jovens entendem que estamos vivendo um tempo histórico. No mês passado, uma garota de Lincoln, Rhode Island, mandou-me uma carta, que começava assim: “Caro George W. Bush. Se você souber de qualquer coisa que eu, Ashley Pearson, 10 anos de idade, possa fazer para ajudar, favor enviar-me uma carta e dizer o que posso fazer para salvar nosso país”. Ela acrescentou esse P.S.: “Se você puder mandar uma carta para as tropas, favor escrever ‘Ashley Pearson acredita em vocês’.” (Aplausos.)

Esta noite, Ashley, sua mensagem acaba de ser transmitida para nossas tropas. E existem sim algumas tarefas para você. Estude bastante na escola, ouça aquilo que seus pais lhe dizem, ajude os necessitados e quando

você e seus amigos virem um homem ou mulher usando um uniforme, digam “obrigado”. (Aplausos.) E, Ashley, enquanto você estiver fazendo sua parte, todos nós aqui nesta grande Casa, faremos o melhor possível para manter você e o restante dos Estados Unidos em segurança e liberdade. (Aplausos.)

E agora, meus concidadãos, sigamos em frente com confiança e fé. Nossa nação é forte e inabalável. A causa que servimos é correta, pois é a causa de toda a humanidade. O ímpeto da liberdade em nosso mundo é inconfundível – e não é levado em frente somente pelo nosso poder. Podemos confiar no poder maior que orienta o desenrolar dos anos. E em tudo que está por vir, podemos confiar que Seus objetivos são justos e reais.

Que Deus continue a abençoar os Estados Unidos. (Aplausos.)

## **7. Discurso de posse em 20 de Janeiro de 2005 - (2º mandato)**

Vice-presidente Cheney, senhor presidente da Suprema Corte, presidente Carter, presidente Bush, presidente Clinton, membros do Congresso dos EUA, respeitáveis membros do clero, ilustres convidados, concidadãos:

(Aplausos.)

Neste dia previsto por lei e marcado por esta cerimônia, celebramos a sabedoria permanente de nossa Constituição e relembramos os profundos compromissos que unem nosso país. Agradeço a honra deste momento e, consciente da época importante em que vivemos, estou determinado a cumprir o juramento que fiz e que foi testemunhado por todos.

Neste segundo encontro, o que define nossos deveres não são as palavras por mim usadas, mas sim a história que juntos presenciamos. Durante meio século, defendemos nossa própria liberdade, mantendo a vigilância em fronteiras distantes. Após a derrocada do comunismo, decorreram anos de relativa calma, anos de tranqüilidade, anos sabáticos – e em seguida veio um dia de provação.

Percebemos nossa vulnerabilidade – e vimos sua fonte mais profunda. Isso porque, enquanto regiões inteiras do mundo estiverem mergulhadas em ressentimento e tirania – sujeitas a ideologias que nutrem o ódio e desculpam o assassinato –, a violência aumentará, multiplicando-se em poder destrutivo, e cruzará as fronteiras mais protegidas, impondo ameaça mortal. Há somente uma força na história que pode derrubar o império do ódio e do ressentimento, e expor as pretensões dos tiranos, e recompensar as esperanças das pessoas decentes e tolerantes: a força da liberdade humana. (Aplausos.)

Somos levados pelos acontecimentos e pelo bom senso a uma conclusão: a sobrevivência da liberdade em nossa terra depende cada vez mais do sucesso da liberdade em outras terras. (Aplausos.) A melhor esperança para a paz mundial é a expansão da liberdade em todo o mundo. (Aplausos.)

Os interesses vitais dos Estados Unidos e nossas crenças mais profundas agora são unos. Desde o dia de nossa fundação, temos proclamado que todos os homens e mulheres desta terra têm direitos, e dignidade, e valor inigualável, porque foram feitos à imagem do Criador do céu e da terra. (Aplausos.) Ao longo das gerações, temos proclamado o imperativo da autonomia, porque ninguém deve ser o amo e senhor, e ninguém merece ser escravo. (Aplausos.) A promoção desses ideais é a missão que criou nossa nação. É o feito meritório de nossos antepassados. Agora, é a necessidade inadiável de segurança de nossa nação e o chamado de nossa época.

Portanto, a política dos Estados Unidos é buscar e apoiar o crescimento dos movimentos e das instituições democráticas em todas as nações e culturas, com o objetivo final de acabar com a tirania em nosso mundo. (Aplausos.)

Essa não é fundamentalmente uma tarefa bélica, mas nós nos defenderemos – e aos nossos amigos – com a força das armas, quando necessário. A liberdade, por sua natureza, deve ser escolhida e defendida pelos cidadãos, sustentada pelo Estado de Direito e pela proteção das minorias. E, quando finalmente falar a alma de uma nação, as instituições que surgirem poderão refletir costumes e tradições muito diferentes dos nossos. Os Estados Unidos não vão impor nosso estilo de governo aos que não o desejem. Em vez disso, nossa meta é ajudar os outros a encontrar a própria voz, conseguir sua própria liberdade e abrir o próprio caminho.

O grande objetivo de pôr fim à tirania é o trabalho concentrado de gerações. A dificuldade da tarefa não é desculpa para evitá-la. A influência dos Estados Unidos não é ilimitada, mas, felizmente para os oprimidos, a influência dos Estados Unidos é considerável, e a usaremos com confiança para a causa da liberdade. (Aplausos.)

Meu dever mais solene é proteger esta nação e seu povo contra futuros ataques e novas ameaças. Alguns decidiram testar de maneira imprudente a determinação dos Estados Unidos e constataram que ela é firme. (Aplausos.)

Explicaremos com persistência a escolha que se apresenta a cada governante e a cada nação: a escolha moral entre a opressão, que está sempre errada, e a liberdade, que está eternamente certa. (Aplausos.) Os Estados Unidos não vão fingir que dissidentes presos preferem seus grilhões, nem que mulheres gostam de humilhação e servidão, nem que algum ser humano aspira viver à mercê de tiranos.

Estimularemos outros governos a realizar reformas, deixando claro para eles que o sucesso de nossas relações exige tratamento decente de seu povo. (Aplausos.) A fé dos Estados Unidos na dignidade humana orientará nossas políticas. Contudo, os direitos devem ser algo mais que concessões tacanhas de ditadores; eles são assegurados pela liberdade de divergir e pela participação dos governados. No longo prazo, não há justiça sem liberdade, e não pode haver direitos humanos sem a liberdade humana. (Aplausos.)

Sei que alguns têm questionado o apelo global por liberdade – embora esta época da história, quatro décadas marcadas pelo mais rápido avanço da liberdade já visto, não seja uma época para dúvidas. Os norte-americanos, entre todos os povos, nunca deveriam se surpreender com o poder de nossos ideais. No devido tempo, o chamado da liberdade chega a todas as mentes e a todas as almas. Não aceitamos a existência da tirania permanente porque não aceitamos a possibilidade da escravidão permanente. (Aplausos.) A liberdade chegará para os que a amam.

Hoje, os Estados Unidos falam novamente aos povos do mundo:

Saibam todos que vivem sob tirania e desesperança: os Estados Unidos não ignorarão sua opressão nem perdoarão seus opressores. Quando vocês lutarem por sua liberdade, lutaremos com vocês. (Aplausos.)

Saibam os reformadores democráticos que enfrentam repressão, prisão ou exílio: os Estados Unidos os vêem pelo que vocês são, ou seja, os futuros líderes de seu país livre.

Saibam os governantes de regimes proscritos que, como Abraham Lincoln, ainda acreditamos: “Aqueles que negam a liberdade aos outros não a merecem; e, sob o governo de um Deus justo, não mais conseguirão detê-la”.

Os chefes de governo com velhos hábitos de controle precisam saber: para servir a seu povo, vocês devem aprender a nele confiar. Iniciem esta jornada de progresso e justiça, e os Estados Unidos caminharão a seu lado. (Aplausos.)

E saibam todos os aliados dos Estados Unidos: honramos sua amizade, confiamos em seus conselhos e dependemos de sua ajuda. A dissidência entre nações livres é o principal objetivo dos inimigos da liberdade. O esforço conjunto das nações livres para promover a democracia é o prelúdio da derrota de nossos inimigos.

Hoje, falo novamente a meus concidadãos:

A todos vocês, pedi que fossem pacientes com relação à árdua tarefa de proteger a nação, e, essa paciência, vocês tiveram em boa medida. Nosso país assumiu obrigações que são difíceis de cumprir e seria desonroso abandoná-las. Entretanto, como agimos segundo a grande tradição libertadora desta nação, dezenas de milhões conseguiram a liberdade. (Aplausos.) E como a esperança gera a esperança, outros milhões a encontrarão. Com nossos esforços acendemos também uma chama – uma chama nas mentes dos homens. Ela aquece aqueles que sentem seu poder, ela queima aqueles que combatem seu progresso, e um dia essa chama incontrolável da liberdade chegará aos mais escuros recantos de nosso mundo. (Aplausos.)

Alguns norte-americanos aceitaram as mais árduas tarefas desta causa – o trabalho sereno da inteligência e da diplomacia ... o trabalho idealista de ajudar a construir governos livres... o trabalho perigoso e necessário de lutar contra nossos inimigos. Alguns demonstraram sua devoção ao nosso país em mortes que honraram suas vidas – e sempre honraremos seus nomes e seu sacrifício. (Aplausos.)

Todos os norte-americanos testemunharam esse idealismo e alguns, pela primeira vez. Peço aos nossos cidadãos mais jovens que acreditem no que seus olhos vêem. Vocês viram o dever e a lealdade nos rostos determinados de nossos soldados. Vocês viram que a vida é frágil, e o mal é real, e a coragem triunfa. Escolham servir a uma causa maior que seus desejos, maior que vocês mesmos – e em sua vida vocês contribuirão não apenas para a riqueza de nosso país, mas para seu caráter. (Aplausos.)

Os Estados Unidos precisam de idealismo e coragem porque temos um trabalho essencial a fazer: o trabalho inacabado da liberdade norte-americana. Em um mundo que caminha para a liberdade, estamos determinados a mostrar o significado e a promessa de liberdade.

No ideal de liberdade dos Estados Unidos, os cidadãos encontram a dignidade e a segurança da independência econômica, em vez de labutar no limite da subsistência. Essa é a definição mais ampla de liberdade que motivou a Lei de Concessão de Terras, a Lei da Previdência Social e a Lei de Direitos e Benefícios dos Veteranos de Guerra. E agora ampliaremos essa visão com a reforma de grandes instituições para servir às necessidades de nossa época. Para dar a cada norte-americano uma chance na promessa e futuro de nosso país, levaremos os melhores padrões às nossas escolas e construiremos uma sociedade de proprietários. (Aplausos.) Aumentaremos o número de proprietários de casas e empresas, de poupança para a aposentadoria e de seguro-saúde –, preparando nosso povo para os desafios da vida em uma sociedade livre. Ao tornar cada cidadão e cidadã um agente de seu destino, daremos aos norte-americanos maior liberdade da necessidade e do medo e tornaremos nossa sociedade mais próspera, e justa, e igualitária. (Aplausos.)

No ideal de liberdade norte-americano, o interesse público depende do caráter privado – da integridade e tolerância em relação aos outros e dos padrões de consciência de nossa própria vida. A autonomia depende, no final, da condução de si mesmo. Essa edificação de caráter é construída nas famílias, respaldada pelas comunidades que se pautam por regras e sustentada em nossa vida nacional pelas verdades do Sinai, do Sermão

da Montanha, das palavras do Alcorão e das diferentes crenças do nosso povo. Os norte-americanos avançam a cada geração, reafirmando todas as coisas boas e verdadeiras do passado – ideais de justiça e conduta que são os mesmos de ontem, hoje e sempre. (Aplausos.)

No ideal de liberdade norte-americano, a prática dos direitos é exaltada por serviço, e compaixão, e benevolência com os fracos. Liberdade para todos não significa independência um do outro. Nossa nação conta com homens e mulheres que se preocupam com os vizinhos e cercam de amor os que se sentem perdidos. Os norte-americanos, no que temos de melhor, valorizamos a vida que vemos uns nos outros e devemos sempre nos lembrar de que mesmo o indesejado tem valor. (Aplausos.) E o nosso país precisa se livrar de todos os hábitos de racismo porque não podemos levar a mensagem de liberdade e ao mesmo tempo o peso da intolerância. (Aplausos.)

Da perspectiva de um único dia, inclusive deste dia de posse, as questões e dúvidas perante nosso país são muitas. Do ponto de vista secular, as perguntas que nos chegam são restritas e poucas. Nossa geração fez progredir a causa da liberdade? E nosso caráter deu credibilidade a essa causa?

Essas perguntas, que nos julgam, também nos unem, porque os norte-americanos de todas as partes e origens, os norte-americanos por escolha ou nascimento, estão interligados na causa da liberdade. Como sabemos, há divisões que precisam ser sanadas para avançarmos em propósitos importantes – e lutarei de boa-fé para saná-las. Entretanto, essas divisões não definem os Estados Unidos. Sentimos a unidade e o companheirismo da nossa nação quando a liberdade foi atacada, e nossa resposta veio como uma única mão levada a um único peito. E podemos sentir a mesma unidade e orgulho sempre que os Estados Unidos agirem em nome do bem. Às vítimas de desastres naturais são dadas esperanças, e aos injustos é aplicada a justiça, e aos cativos é dada a liberdade. (Aplausos.)

Nós avançamos com plena confiança no triunfo final da liberdade. Não porque a história caminhe nas rodas da inevitabilidade; são as escolhas humanas que movem os acontecimentos. Não porque nos consideremos uma nação escolhida; Deus move e escolhe conforme sua vontade. Temos confiança porque a liberdade é a esperança permanente da raça humana, a luz na escuridão, a aspiração do espírito. Quando nossos fundadores declararam uma nova ordem dos tempos; quando soldados deram a própria vida em ondas incessantes por uma união calcada na liberdade, quando cidadãos marcharam em manifestação pacífica sob o estandarte "Liberdade já" – eles agiam movidos por uma antiga esperança de que a alcançariam. A história tem um fluxo e refluxo de justiça, mas a história também tem uma direção visível, determinada pela liberdade e pelo criador da liberdade. (Aplausos.)

Quando a Declaração da Independência foi lida pela primeira vez em público, e o Sino da Liberdade soou em celebração, uma testemunha disse: "O sino tocou como se tivesse um significado." Em nossa era seu toque ainda tem um significado. Os Estados Unidos, neste início de século, proclamam a liberdade pelo mundo todo e para todos os seus habitantes. Renovados em nossa força – testados, mas não esgotados – estamos prontos para as maiores conquistas na história da liberdade. (Aplausos.)

Que Deus os abençoe e zele pelos Estados Unidos da América. (Aplausos.)